GABRIEL D' ALMEIDA

DICCIONARIO Historico-geographico DOS AÇORES

Tip. DIARIO DOS AÇORES
Ponta Delgada
1893

GABRIEL D' ALMEIDA

DICCIONARIO
Historico-geographico
DOS
AÇORES

Tip. DIARIO DOS AÇORES
Ponta Delgada
1893

INTRODUCÇÃO

Data do seculo XV o conhecimento das ilhas que formam o archipelago açoriano.

O infante D. Henrique animado pelas empresas maritimas já então realisadas, mandou Fr. Gonçalo Velho Cabral, commendador d'Almourol, fidalgo da sua casa, navegar no oceano atlantico em procura de novas terras.

Escrevem os primeiros historiadores insulanos, que d'esta exploração foram descobertos em 1841 os ilhéus denominados *formigas*, e que voltando ao reino os argonáutas os tornou a mandar o infante em nova viagem, aportando então á ilha de Santa Maria no dia 15 de agosto de 1432.

Descoberta a ilha foi dada a capitania a Gonçalo Velho Cabral, e D. Henrique animou-se a proseguir nas explorações no mar atlantico.

Dizem ainda que o descobrimento da ilha de S. Miguel, foi obra do acaso, pois fôra vista por um escravo da visinha ilha de Santa Maria, então já povoada, o qual dando noticia d'ella, veiu de novo Gonçalo Velho Cabral, verificar a asserção.

N'esta viagem não atinou com a nova ilha e regressando a Sagres, o tornou a enviar o infante, e então em 1444, chegou a ilha a que pôz o nome de S. Miguel.

Esta versão do começo dos descobrimentos açorianos, pode ser acceita, se nos remontarmos aquella epoca e virmos que uns rochedos levantados sobre o mar e batidos pelas ondas, como são as *formigas*, e os espessos nevoeiros que cercavam a terra, seriam talvez bastante temerosos para navegantes pouco experimentados e embahidos em lendas difficeis de desarreigar, alimentadas com illusões relativas á amplião das aguas.

Em seguida a S. Miguel descobriu-se a Terceira a que no princi-

pio se pôz o nome de *Jesus Christo*. Este facto deu-se entre a data do descobrimento de S. Miguel e o anno de 1450 em que a 2 de março fora dada a capitania da Terceira ao flamengo, Jacome de Bruges.

Pouco depois seguiu-se o conhecimento de S. Jorge, Graciosa, Pico e Fayal.

Mais tarde Flores e Corvo.

Como se vê, a historia não pode ainde determinar a epoca dos descobrimentos açorianos.

As narrações dos historiadores são confusas.

O que é certo é que com o reconhecimento em 1432 da ilha de Santa Maria, animava-se a expedição maritima e por documentos existentes se sabe que em 1439, já eram conhecidas sete ilhas d'este archipelago.

D. Affonso V na seguinte carta de 2 de julho de 1439, concede licença a seu tio D. Henrique para as mandar povoar:

«D. Affonso, etc. A quantos esta carta virem fazemos saber que o infante D. Henrique meu tio nos enviou dizer que elle mandára lançar ovelhas nas sete ilhas dos Açores e que se nos aprovesse que as mandaria povoar. E porque a nós dello praz lhe damos logar e licença que as mande povoar. E porem mandamos aos vedores da fazenda, corregedores, juizes, e injustiças, e a outros quaesquer que esto houverem de ver que lhas leixem mandar povoar e lhe não ponham sobre ello embargo, e al não façades. Dada em a cidade de Lisboa 2 dias de julho. El-rei o mandou com autoridade da senhora rainha sua madre como sua tutor e curador que é, e com accordo do infante D. Pedro seu tio defensor por elle dos ditos reinos e senhorios. Pais Roiz a fez escrever e subscreveu por sua mão. Anno do nascimento de nosso Senhor Jesus Christo de mil IIIJᶜXXXIX, (1439) (*)»

As ilhas Flores e Corvo, que se acham afastadas para o occidente, não estavam ainda descobertas por aquella epoca.

O primeiro historiador açoriano, dr. Gaspar Fructuoso que deixou um trabalho inedito intitulado as *Saudades da terra*, assignala a data de 8 de maio de 1844, para o descobrimento da ilha de S. Miguel, accrescentando que este nome lhe fora posto por ser encontrada n'aquelle dia em que a egreja reza do archanjo.

Gomes Eannes de Azurára, na sua *Chronica do Descobrimento e conquista de Guiné*, indicando a data de 1445 para o povoamento de duas ilhas, diz que o infante D. Pedro puzera a uma d'ellas o nome de S. Miguel, pela *singular devoção que elle sempre houvera em aquelle santo*.

Comquanto fosse costume adoptado n'aquelle tempo pelos descobridores, o baptisarem as terras que encontravam com o nome do san-

(*) Archivo Nacional da Torre do Tombo, chancellaria de D. Affonso V, publicada no *Archivo dos Açores*, n.º 1.—1.º vol. 1884.

to do dia em que as reconheciam, não está bem assente a origem do nome e data do descobrimento, indicada pelo historiador Gaspar Fructuoso.

A data de 1445, deve, talvez, indicar o principio da colonisação da ilha de S. Miguel.

A colonisação n'aquelle tempo não era objecto de pequena monta, nem se podia realisar em curto espaço de tempo.

Os dizeres pouco uniformes dos primeiros historiadores, faz com que se não possa ainda determinar a epoca precisa do descobrimento das ilhas.

Apura-se apenas, que o reconhecimento das ilhas que formam o archipelago açoriano, data de 1432, pelo desembarque da expedição commandada por Gonçalo Velho Cabral na ilha de Santa Maria e que d'aqui partiu o trabalho do conhecimento das restantes, até ás Flores e Corvo, mais afastadas para o occidente.

Em 1453 já eram visitadas todas as 9 ilhas do archipelago.

De grande numero de aves de rapina, da especie milafre, que os descobridores viram nas terras açorianas e tomaram por *açores*, deriva este nome generico que deram ás ilhas.

*
* *

Para o povoamento das ilhas foi adoptado o systema já seguido na ilha da Madeira: creando-se capitanias e investindo n'ellas os navegadores que as descobriram e outros que pela sua posição social podiam cuidar do povoamento.

As sédes das capitanias foram a villa do Porto, na ilha de Santa Maria; Villa Franca do Campo, em S. Miguel; Praia e Angra, na Terceira; Santa Cruz, na Graciosa; Velas, em S. Jorge; Horta, no Fayal; Lages, no Pico e Santa Cruz, nas Flores.

Os donatarios desenvolveram com actividade a colonisação, que foi realisada com habitantes procedentes em grande parte do Algarve, Minho, Alemtejo, Traz-os-Montes e ilha da Madeira.

D. Henrique, empenhado pelo florescimento das ilhas indicara ao capitão donatorio da ilha Terceira gente do Algarve para povoar as ilhas.

Composeram tambem a colonisação açoriana, alguns escravos africanos que acompanharam varias familias, e flamengos.

As investigações geneologicas, linguisticas, e dos costumes açorianos e lendas, demonstram a hecterogeneidade da população colonisadora.

Os nomes dados aos diversos logares insulanos em que se estabeleciam os colonos, nomes dados a correr, os usos adoptados, os dialectos, tudo demonstra a procedencia dos povoadores.

Em Angra do Heroismo o hospital do Espirito Santo, creado a instancias do donatario Corte Real, a 15 de março de 1492, era alimentado com fundos da devoção do Espirito Santo, féstas que como veremos adiante tiveram a sua origem em Alemquer e foram estabelecidas nas ilhas no principio da colonisação, por legados e por *compromissos* dos mareantes. Este ultimo costume é muito generalisado no Algarve, e consiste em ser parte da pescaria dada pelos maritimos para a manutenção do hospital.

Nas outras ilhas formaram-se confrarias de invocação de S. Pedro Gonçalves, mantidas de igual forma.

Por aqui se vê que foram introduzidos com os primeiros casaes, os habitos e costumes da terra d'onde procediam.

Os povoadores das ilhas Fayal e Pico, eram de Flandres e foram levados pelo flamengo Joz Van Huerter, a quem foi dada a capitania de taes ilhas.

A colonia das Flores e Corvo foi composta de gente do continente e Madeira.

Estabelecidas as familias nobres e os diversos casaes no archipelago, começou a desenvolver-se a exploração agricola, a dividir-se, dilimitar-se e particularisar-se a propriedade, estabelecendo-se a propriedade allodial ao lado da emphyteutica, ainda hoje existente e que mostra o resultado da colonisação estabelecida.

A primeira epoca agricola foi a cerealifera e a vinhateira.

A amenidade do clima e a fertelidade do solo, deram garantias á vida açoriana, e esta alargando as suas relações inter-insulares, estabeleceu o commercio com a metropole.

E' que os rochedos açorianos já estavam cobertos de cultura.

*

Alguns auctores são de opinião que as ilhas que constituem o archipelago açoriano, são fragmentos da *Atlantida*, de que fallava Platão e outros, a qual sendo submergida deixou isolados os territorios que hoje formam o grupo das ilhas não só dos Açores mas da Madeira e Canarias. A critica moderna, porem, crê que aquella ilha celebre e maravilhosa, não é mais que uma invenção mythologica dos sacerdotes egypcios.

Outros escriptores, e esta é a opinião mais seguida, asseveram que as ilhas são productos de vulcões submarinos. De facto os Açores são de formação vulcanica, attestando esta affirmativa não só a sua constituição geologica, configuração, mas as erupções vulcanicas que ainda depois de povoadas as ilhas as assaltaram, formando ilheus no mar, e distruindo em terra algumas freguezias. Portanto estudada a

geologia do archipelago não admitte a menor duvida de que seja de formação de vulcões submarinos. Examinando as rochas das ilhas vê-se que são de natureza basaltica, trachytica ou lavica, deixando ver no meio d'estas rochas igneas, na phrase de um illustre escriptor como «por uma anomalia geologica difficil de explicar, em varios pontos da ilha de Santa Maria, ás vezes por cima de camadas vulcanicas, pedra calcarea de origem submarina contendo restos organicos com numerosas conchas de molluscos maritimos.»

Se não bastasse para caracterisar a constituição das ilhas o exame das suas rochas, teriamos a observação das crateras dos vulcões extinctos; os sitios em que a lava correndo formou penedos; as excavações gazosas que se conhece em varios pontos; as aguas thermaes e a historia do vulcanismo no archipelago.

O aspecto das ilhas é no geral alto, limitado por escarpados rochedos compostos de basalto, tufo, lava christalisada, sendo os terrenos na grande parte cobertos por montanhas accumuladas irregularmente deixando de permeio valles e planices com um solo uberrimo.

O clima é temperado; ar puro e saudavel. Todas as ilhas são salubres.

Sujeitas a furiosos vendavaes, teem as suas costas perigosas pela tempestuosidade quasi frequente do mar.

A temperatura no interior das ilhas apresenta differenças, o que é devido ás varias alturas e exposições. Não aparece gelo nas ilhas a não ser nas montanhas e ainda assim só se manifesta com frequencia no cume da grande montanha do Pico, na ilha d'este nome. Os ventos dominantes podem-se considerar durante o inverno : o noroeste, o oeste e o nordeste; e no verão o nordeste e leste. Algumas ilhas apresentam maior grau de humidade que outras. O clima é muito humido.

*

* *

Comprova a natureza vulcanica das ilhas a quantidade de picos que as povoam, as suas rochas, os terramotos que teem destruido montanhas e submergido povoações, as erupções, as abundantes aguas thermaes, isto alem d'outros signaes geologicos.

As ilhas de Santa Maria, Graciosa, Flores e Corvo, são as unicas que teem sido isemptas de erupções desde a epoca do seu povoamento.

O vulcão central do archipelago parece ser o da ilha do Pico.

As datas das erupções que se designam em 1522 na ilha de S. Miguel, em 1562 no Pico, em 1614 na Terceira, em 1672 no Fayal e em 1808 em S. Jorge, assignalam por forma horrorosa o quanto estes cataclysmos teem arruinado o progresso economico do archipelago.

*

O maior terramoto que houve na ilha de S. Miguel, depois de habitada, foi o de 1522 que submergio a populosa Villa Franca do Campo, matando cerca de cinco mil pessoas. Em 1563 na mesma ilha uma erupção no pico do Sapateiro, prejudicando as freguezias proximas com especialidade a Ribeira Grande. Em 1564, valentes tremores de terra, antecederam outra erupção nas proximidades do local onde se havia manifestado a do anno anterior. Em 1591 novos terramotos na ilha arruinaram muitas povoações. Em 1630 rebenta um vulcão no valle das Furnas, arruinando muitas arvores, gado, prejudicando duas aldeias e victimando perto de 200 pessoas. Em 1638 depois de frequentes tremores de terra, houve no mar a cerca de uma legua de distancia da ponta da Ferraria, uma erupção submarina, a qual formou um ilheu, que ficou por algum tempo, sendo por fim arrazado pela tempestade. Em 1652 abriram-se crateras vulcanicas em dois picos proximo do logar de Rosto de Cão : o pico Paio e o de João de Ramos. Durante dias correu lava abundante.

Depois deram-se terramotos nos annos 1656, 1682, 1713 e em 1755 que se deu o phenomeno de subir o mar pelas ruas de Ponta Delgada innundando a população. Segundo um auctor o mar sahiu fora do seu leito em todas as ilhas, alagando as povoações mais baixas, á hora em que se deu o notavel terramoto de Lisboa. Em 1810 sentiram-se terramotos na ilha, manifestando-se no anno immediato de 1811 uma erupção submarina em frente da Ponte da Ferraria onde se dera a de 1638. Formou o vulcão um ilheu quasi circular.

Ainda nos annos 1848, 1852 e 1881 foi a ilha sobresaltada com terramotos. No ultimo anno soffreu immenso com o cataclysmo a villa da Povoação.

A ilha Terceira tem tido tambem frequentes abalos de terra, conhecendo-se em quasi todos os pontos da ilha vestigios de algum vulcão extincto. Os terramotos de 1547, 1614, 1647, 1757, 1761, 1800 e 1841, prejudicaram immenso a ilha. Nos dois annos 1614, e 1841 foi por terramotos submergida a villa da Praia da Victoria. No dia 10 de outubro de 1720 a alguma distancia do mar, viu-se uma grande erupção, que deixou formada uma pequena ilha que desappareceu em 1723.

A ilha do Fayal tem tambem soffrido immenso.

Em 1538 sentiu-se um grande tremor na ilha.

Em 1672, rebentou um vulcão formando ribeiras de fogo e prejudicando as freguezias do Capello e Praia do Norte. Em 1759 foram de novo os fayalenses sobresaltados por tremores de terra que continuaram até 1760. Nos annos 1862 e 1863, soffreu tambem muito. Ainda em 1892 se sentiram ali ligeiros terramotos de terra.

A ilha de S. Jorge figura no numero das que mais tem soffrido.

Em 1562 tremores de terra e em 1580 uma valente erupção que lançando fogo por duas crateras produziu enormes estragos. Em 1757 numerosos terramotos arruinaram as povoações. Em 1808, novo vulcão rebentou na ilha demorando-se a fazer estragos por muito tempo.

A montanha da ilha do Pico que lhe dá o nome, é o vulcão central dos Açores, e esta ilha deixa ver facilmente os effeitos das erupções vulcanicas que tem soffrido.

Em 1562 abriu-se uma cratera no pico do Cavalleiro arruinando muitas propriedades. Em 1718 na falda da montanha do Pico, rebentou um vulcão correndo a lava para o mar. Em 1720 uma erupção manifestou-se no vulcão central. As lavas estenderam-se largamente.

*
* *

Em remotos annos foram as ilhas sobresaltadas por epidemias, que fizeram numerosas victimas e atrazaram consideravelmente o incremento que tomava a população.

Estas epidemias, porem, não depõem nunca contra a salubridade das terras açorianas que gosam na maior parte, de bons creditos sanitarios.

As epidemias febris que datam de longe, accommettem na generalidade a gente pobre, o que se explica por desleixo pela hygiene que as podia pôr ao abrigo de qualquer ataque.

A variola que frequentes vezes apparece nos Açores, está nos mesmos casos.

A vaccina introduziu-se em 1806, nas ilhas.

Nos tempos da colonisação notou-se a existencia da lepra e da morphêa.

A sua marcha, porem, não tomou proporções notaveis; ainda assim estabeleceram-se hospitaes especiaes, a que se chamavam *Gafarias*, localisados um em Agua d'Alto, na ilha de S. Miguel; dois na Terceira, sendo um em Angra e outro na Praia da Victoria; e um nas Velas, da ilha de S. Jorge.

Ha annos que a existencia da lepra não se tem verificado nos Açores.

Em 13 de setembro de 1768, o juiz de fóra de S. Jorge, escrevia a el-rei sobre a existencia de leprosos n'aquella ilha.

A 20 de outubro de 1769, baixou do poder central as necessarias providencias.

Quando findou o seculo XVI é que os habitantes das ilhas começaram a diligenciar a assistencia de medicos para o tratamento das doenças.

Até ali, limitava-se a medicina, talvez, ou a confiar na natureza ou a chamar o auxilio de *mesinhas*.

Em 6 de outubro de 1515 foi nomeado cirurgião na ilha Terceira,

Diogo Gonçalves e em 15 d'abril d'este mesmo anno, fôra nomeado outro para S. Miguel.

A 8 de maio de 1575 era nomeado o primeiro *fisico*, nome dado então aos medicos, para prestar serviços na villa da Praia, da ilha Terceira.

O anno de 1673 assignalou-se com uma notavel calamidade na ilha de S. Miguel, a ponto de ser denominado pelo povo: *o anno das doenças*.

Por essa epoca se fez um voto ao Espirito Santo.

Em 1717 desenvolveu-se no Fayal uma assustadora epidemia de febres.

Ainda assim a estatistica nosologica açoriana não apresenta nada de notavel e extraordinario.

*
* *

A população colonisadora do archipelago foi amiudadas vezes, abalada pela visita de corsarios.

Nos seculos XVI e XVII foram os Açores alvo da pirataria.

Em 1586 foi a ilha do Fayal atacada por alguns navios inglezes, que exigiram a quantia de dois mil crusados, somma consideravel n'aquella epoca. Em 1597 recebeu a ilha nova invasão de corsarios.

Na ilha das Flores desembarcaram tambem em 1587 e em 1672 tentaram novo ataque a que se oppôz uma grande tempestade que então reinava.

Em 13 de junho de 1616 os argelinos invadiram a ilha de Santa Maria saqueando-a e captivando alguns dos seus habitantes.

Esta mesma ilha foi de novo assaltada em 1676.

Em 1623 os argelinos entraram na ilha Graciosa mas foram repellidos com astucia pelos seus moradores.

Em 1691 recebeu ella porem, uma valente invasão.

O corsario *Mondragon* assaltava os navios que crusavam nos Açores, pelo que lhe rendeu uma vez o ser prisioneiro, como conta o sr. Bernardino José de Senna Freitas, na sua *Memoria historica sobre o descobrimento de uma supposta ilha ao norte da Terceira*, nos seguintes termos:

«No anno de 1508 havendo o corsario francez *Mondragon* roubado nos mares dos Açores a Job Queimado, commandante de um navio portuguez, que vinha da India, sobre a restituição d'aquella presa fez el-rei D. Manuel inuteis reclamações á corte de França; e sabendo-se depois, que o mesmo corsario armava de novo 4 navios para ir

esperar as naus da India na sua volta para Portugal, mandou el-rei em consequencia sahir de Lisboa a Duarte Pacheco Pereira com algumas embarcações para o interceptar na passagem pelos Açores; o que conseguio, encontrando-o n'este dia no cabo de Finis-terra; e depois de grande peleja o trouxe prisioneiro a Lisboa com 3 de seus navios, tendo mettido outro a pique. Foi posto em liberdade depois de se obrigar a não pelejar mais com os portuguezes.»

Este mesmo auctor conta-nos da seguinte forma, o que succedeu ao provedor da fazenda nos Açores, Francisco de Mariz:

«Em março de 1571 ausentando-se da ilha de S. Miguel para Lisboa, Francisco de Mariz, provedor da real fazenda nas ilhas dos Açores, e administrador da fabrica de *Pedra-hume*, que houve n'aquella ilha, levando sua numerosa familia, foram todos victimas de uns corsarios francezes que depois de roubarem o navio, em que iam, os assassinaram com crueldade. El-rei D. Sebastião escandalisado d'estes insultos, e barbaridades, escreveu ao seu embaixador João Gomes da Silva, para que da sua parte representasse a el-rei de França, emquanto não sahia a sua armada em perseguição dos piratas.»

Como se vê, era aterradora a infestação de corsarios no mar dos Açores.

As auctoridades administrativas das ilhas, adoptavam as providencias que podiam e o poder central não se descuidava de ordenar o que julgava mais conveniente.

Em 25 de junho de 1654, os capitães das ilhas Flores e Pico, recebiam cartas do governo, prevenindo-os de que se haviam lançado muitos navios para andarem á pilhagem entre as ilhas.

O animo valoroso dos portuguezes que habitavam no archipelago oppunha-se *mais do que permittia a força humana* a estes ataques dos corsarios.

*
* *

O movimento emigratorio das ilhas, data do desenvolvimento da população.

Na estatistica da emigração portugueza, as plagas açorianas figuram sempre com um numero elevado de habitantes que são arrojados continuadamente para fóra do paiz.

A emigração insular é determinada pela superabundancia da população em certos locaes, pelos acanhados limites que prendem as industrias nos Açores, e pela miseria.

Actua tambem o amor da aventura e a sequencia da tradição, mas isto em diminutos casos.

O açoriano que é prolifero, trabalhador, dedicado e amante da sua terra, não sae do solo que o vio nascer, senão instado pelas difficuldades da vida, pela falta absoluta de recursos.

Depois prepassando as columnas dos mappas da emigração não se vê só a sahida de homens, que nos poderia levar a acreditar no amor da aventura, nota-se a sahida de familias inteiras.

Despovoam-se casas pela miseria que as mina.

Succede que a volta de um açoriano com fortuna, move algum outro a aventurar-se, mas esses casos são poucos, a não ser que a idêa da expatriação com o fito n'um bom futuro, encontre nos elementos que a rodeiam, instigadores.

As condições dos habitantes das ilhas, aggravam-se continuadamente : a terra comquanto possua uma fertilidade immensa, recente-se de uma má organisação de propriedade.

Os arrendamentos, feitos na generalidade a prasos curtos e de renda elevada, só á custa de muito trabalho e fadiga dão para a parca alimentação do arrendatario e sua familia.

O resultado é o agricultor desanimado, rodeado de mulher e filhos sem futuro, sem economias para os dias do infortunio e ainda assim vexado com exigencias crescentes, abandonar o solo.

Observa-se ainda nos Açores uma corrente de emigração a que a estatistica não se refere, por que está fóra da sua alçada.

Referimo-nos á emigração clandestina.

Esta não se explica pela superabundancia de população, pela falta de desenvolvimento industrial, mas sim pelo odio intransigente que votam á vida militar.

Especialmente nas ilhas que formam os districtos de Angra do Heroismo e Horta, o numero é elevado.

Ora os manifestos não se referem a isto, e a conclusão é que a estatistica indica apenas o numero sahido legalmente do archipelago.

Quando a emigração açoriana era morosa, tinha, talvez, por guia o genio aventureiro que foi quasi que tradicional.

Sahiam alguns filhos de casas de boa apresentação e fortuna. Passados annos, appareciam outros, estabeleciam-se, adquiriam propriedades e favoreciam os seus.

Despertava isto emulação.

Mas essas esperanças eclipsaram-se em grande parte e deixaram de actuar na emigração.

Entrou a miseria nas familias e ellas começaram a abandonar a terra da sua naturalidade.

Em 1675 foram transportados á custa do governo para o Pará (Brazil) 50 casaes da ilha do Fayal. Motivou isto uma valente erupção que houve proximo da freguezia do Capello e que reduziu muitas familias á miseria. As proprias auctoridades locaes é que solicitaram do poder central auxilio para esta emigração, no intuito de suavisar a sorte dos pobres fayalenses.

De estatisticas dignas da maior fé, extrahimos os seguintes dados referentes á emigração açoriana, nos annos desde 1881 a 1885:

Districtos	Numero de emigrantes					
	1881	1882	1883	1884	1885	Total
Ponta Delgada	2:449	3:798	4:157	2:019	1:384	13:807
Angra do Heroismo	1:044	914	590	571	610	3:729
Horta	466	1:071	1:333	1:159	832	4:861
Total	3:959	5:783	6:080	3:749	2:826	22:397

*

A emigração açoriana deu um grande contingente para Demerara a ponto da Junta Geral de Ponta Delgada, se referir a ella na sua consulta dirigida ao governo em 1851.

Com a colonisação das ilhas de Sandwich animou-se tambem a sahida de habitantes dos Açores.

A 12 de outubro de 1879 largava de Ponta Delgada uma barca com 327 emigrantes para aquellas ilhas.

Parece datar d'aqui a emigração para Sandwich, a qual em cinco annos consecutivos representou-se na estatistica por 6:364 pessoas, só do districto de Ponta Delgada.

Os paizes para onde a emigração mira actualmente são o Brazil e os Estados Unidos da America.

O Brazil, onde se falla a mesma lingua, onde se acatam, quasi por assim dizer, os mesmos habitos e modos de vida, pelo grande numero de portuguezes ali estabelecidos, atrae muito a emigração açoriana.

*

* *

A agricultura nos Açores tem um caminhar moroso.

O capital patenteia-se ainda inacessivel aos melhoramentos agricolas lucrativos; a agricultura elementar não é considerada como devia na instrucção popular e os estimulos ao progresso não são o que mereciam ser.

Mas é bom pensar-se que nos districtos insulanos, se teem empregado algumas tentativas para o adiantamento agricola, havendo em certos pontos industriaes, occupado a vanguarda do paiz.

Os habitantes das ilhas açorianas não descuram de assignalar o

seu amor pelas coisas agricolas, dispensando meios e influencia para alcançarem o auge desejado.

Mas não se lance estas tentativas á conta unicamente do genio do povo insulano; militam tambem n'este campo : o clima, bem conhecido pela sua amenidade, e o solo.

As chuvas em geral amiudadas, são fracas e de pouca duração, superabundando os serenos nocturnos, que manteem no solo uma assidua humidade, animando a vegetação.

Os terrenos, de origem vulcanica, apresentam uma formação de solo bastante profunda, constituido por uma camada de terra negra e de grande fertilidade, que assenta sobre um subsolo muito variavel, onde se verifica a presença da pozzolana, pedra pómes, basalto, e ás vezes, a lava, escorias e tufos de diversa consistencia.

Como todos os terrenos de origem vulcanica, o solo das ilhas é sem duvida o maior motor para o desenvolvimento agricola.

Em activo movimento ainda se divisam pequenas crateras, d'onde brotam aguas mineraes, recommendadas pela medicina, como são as crateras do logar das Furnas e Caldeiras da Ribeira Grande, na ilha de S. Miguel, e as thermas do Carapacho, na Graciosa.

A estas condições naturaes, reune-se a pittoresca presença de montes e outeiros de fórma conica, que encantam. Subindo a uma d'estas elevações, d'onde se pode contemplar a vastidão do oceano, divisa-se algumas esplanadas pequenas, e nas encostas sovacos ou lombos, tendo nos intervallos, ou entre elles e a beira-mar, planicies e valles.

Na ilha de S. Miguel, verificam-se as revoluções por que ha passado o solo, avultando as extremidades, onde se encontram as grandes crateras Sete Cidades e Furnas, cujas concavidades são circumdadas por elevadas cristas de montanhas.

Existem tambem elevações, onde se vê uma camada de terra mais ou menos espessa, resultante da decomposição dos proprios productos vulcanicos e da accumulação dos despojos vegetaes.

Em algumas montanhas, cobertas de espaço a espaço de arbustos silvestres, se divisa a lava em bancos ou fragmentos irregularmente dispostos e por vezes alternados com extractos de tufo vulcanico. Vê-se tambem formarem camadas de terra arenosa e argilla, mais ou menos aspera, analoga á que predomina nos valles e campos das ilhas.

Em alguns d'estes picos reconhece-se as correntes de lava, e que formaram segundo o seu resfriamento, lava compacta e camadas de lava porosa, que se chama vulgarmente nas ilhas do grupo oriental *biscoutos* e nas do grupo occidental e central, *misterios*.

Conclue-se d'aqui as qualidades physicas e chimicas, na generalidade, dos terrenos açorianos.

A boa disposição do solo para a cultura concorreu para que os povoadores das ilhas encontrassem magestosas florestas, espesso e alto arvoredo, acobertando de verdura os terrenos até ás orlas maritimas.

Os unicos habitantes que viram, eram numerosos passaros de varias qualidades; não se divisando reptil algum ou insecto venenoso que podesse atacar o homem.

Sem discernimento cuidaram os povoadores de prostar as gigantescas arvores.

Carecia se de cultivar a terra.

E os argonautas lusitanos, não pensaram em dirigir convenientemente a devastação do arvoredo e a perseguição aos passaros.

*

As terras sendo divididas em pequenas porções teem os seus arrendamentos a prasos curtos.

A ilha Terceira e outras teem a superficie retalhada na pequena propriedade. A de S. Miguel apresenta a grande propriedade, mais condensada.

Os arrendamentos de terra nos Açores são, na generalidade, a dinheiro. A sua duração é, na grande parte, triennal.

Os processos culturaes e as praticas agricolas, pouco se teem aperfeiçoado.

Predomina a pequena cultura.

Na primeira phase da agricultura açoriana haviam as grandes lavouras, reunia-se em poucas mãos grande extensão de campos. As pessoas que os grangeavam, pela circumstancia de ser relativamente pouco o seu numero e ainda fortemente favorecido em haveres, usavam uns para outros de deferiencias e respeitos, a ponto de ser incompativel a livre concorrencia de um ao arrendamento por qualquer dos outros occupado.

Com a presença de diversas circumstancias, onde se nota o augmento da população, a elevação dos juros do dinheiro, a falta de trabalho, o aperfeiçoamento da cultura e o desenvolvimento do commercio,—appareceu o augmento da renda e da associação d'estas causas e outras que determinaram a elevação do preço dos terrenos, derivou-se a dissolução das grandes lavouras.

As exigencias da renda passou a exigir maior trabalho e a cultura careceu ser aperfeiçoada.

Assim, na maioria dos logares açorianos, a estrumação do solo é melhor, aproveita-se tudo, tudo se poupa e tudo rende, para satisfazer os encargos da propriedade.

Os prasos curtos do arrendamento, são a nosso vêr, perniciosos.

O colono, sempre não seguro no terreno que cultiva, sujeito a abandonal-o quando ao arrendatario apraz, circumscreve-se ás operações só indispensaveis ao grangeio que dê lucro, e não se preocupa com o tempo em melhorar a cultura, beneficiar o terreno e resguardal-o com amor.

Para quê ? Se de um momento para outro pode ver disputado o seu logar, tirada a terra e esquecidos os seus prestimos.

*

O enthusiasmo pela agricultura, que em differentes epocas se tem patenteado nas capitaes dos districtos insulanos, tem feito que parta dos Açores iniciativas importantes.

Assim cabe á ilha de S. Miguel a honra de estabelecer a primeira sociedade agricola de Portugal, e abrir a primeira exposição industrial que presenciaram as colonias portuguezas; isto além de outros melhoramentos agricolas.

Na noite de 11 de janeiro de 1843, estabelecia-se na cidade de Ponta Delgada uma sociedade agricola, que prestou grandes serviços ao archipelago, como veremos adiante, e a 25 de dezembro de 1848, abria-se na mesma cidade uma exposição de trabalhos da industria michaelense.

Promoveu este certamen a «Sociedade dos Amigos das Letras e Artes».

O progresso da agricultura nas ilhas é devido em grande parte á iniciativa particular.

E' certo, porem, que as reformas agricolas chegam até ás plagas açorianas e poderiam prestar grandes serviços se fossem convenientemente postas em pratica.

Por alvará de 18 de setembro de 1811 foi mandada crear a junta a que se refere a carta regia de 20 de julho de 1810, dirigida ao governador e capitão general da ilha da Madeira, e mandada installar outra nas ilhas dos Açores, com o fim de melhorar a agricultura.

Esta junta era composta do governador e capitão general, presidente e dos vogaes: corregedor da comarca d'Angra, provedor das Capellas e Residuos, e do juiz de fóra da dita cidade.

A despeito d'esta determinação só em 1817, se poude estabelecer a junta do melhoramento agricola dos Açores, em Angra do Heroismo, onde residia o governador general.

A primeira sessão foi em 8 de junho, e os serviços á causa agricola, foram limitadissimos e parece terem-se localisado na ilha Terceira.

O capitão general, Francisco Antonio d'Araujo, dedicado ao desenvolvimento agricola e que foi martyr na lucta civil de 1820, foi quem se empenhou pela fundação da junta e pelos seus serviços prestados ao archipelago.

Um dos pontos capitaes que mereceu a attenção da junta foi o arroteamento dos baldios, na ilha Terceira.

As municipalidades, porem, opposeram-se de forma que os bons desejos dos dedicados á agricultura tiveram de baquear.

A questão dos baldios parece que ainda encontra n'aquella ilha, declarada opposição.

Quando os proprietarios, para seu uso, tapam os baldios para os rotearem, a população destroe os tapumes, continuando assim os terterrenos improductivos.

E' invocado o interesse publico do logradouro commum, para ser prejudicado o interesse agricola.

*

Talvez que ainda nos Açores se encontrem extensos campos, varzeas, aptos para a cultura cerealifera e forraginosa. As suas baixas e encostas pouco declinosas e abundantemente regadas, as suas collinas e planuras, proprias para vinhedos e finalmente uma extensa região de serras e elevadas montanhas, appropriadas á cultura florestal, patenteiam elementos mais que sufficientes para melhorar a industria agricola e pecuaria.

A cultura capital nas ilhas é o *milho*, que serve de principal alimento ás classes pobres.

Entre a estrumação empregada nas ilhas, e com especialidade na ilha de S. Miguel, tem grande voga, o estrume vegetal, pelo emprego verde do tremoço (*Lupinus albus*, Lin.)

Os lavradores cultivam abundantemente o tremoço, por lhe reconhecerem praticamente, propriedades fertilisantes.

A cultura de cereaes praganosos tambem se faz em boa escala.

A alfaia agricola dos districtos açorianos, com pequenas variantes, é em geral, simples e só se recommenda pela sua antiguidade.

Os instrumentos oratorios mais usados, são o *arado*, o *sacho*, *grade*, *trilho* e *foice roçadora*, com o cabo comprido. Estas fouces em antigos tempos tinham desmarcada medida, o que as tornavam armas de defeza. Em 1705 o corregedor da ilha de S. Miguel, mandou lançar um pregão de que nenhuma pessoa trouxesse fouce com mais de cinco palmos de cabo, sob pena de 2 tostões, pagos na prisão.

Nas culturas *leguminosas* tem a fava, feijão, ervilha, etc.; nas *tuberculosas*, a batata de diversas qualidades, inhames, etc.; nas *hortenses*, o repolho, a couve etc.

Estas culturas teem tomado grande incremento, especialmente nas circumvisinhanças das cidades, onde a alimentação publica exige mais cuidados e extensão á horticultura.

Como agrestes, ha o agrião, perrexil e morangueiro.

Arthur Morelet, naturalista que visitou os Açores sob os auspicios de D. Pedro V, referindo-se á actividade agricola dos açorenses, escreveu o seguinte :

«Lê-se em muitas obras que a agricultura estava muito atrazada nos Açores, e os habitantes não sabiam tirar partido dos elementos

de prosperidade com que a Natureza dotou o seu paiz. E' possivel que não sigam o melhor systema agronomico, e pode crêr-se que os seus instrumentos agrarios deixem a desejar; mas o facto é que os campos apresentam um espectaculo admiravel, onde existe cultura. O vigor, a abundancia, a variedade dos productos e o excellente amanho das terras, dão aos campos a apparencia de jardins.

«Nas ilhas não se vêem grandes herdades; domina a pequena cultura. A terra arrenda-se em pequenos lotes, de modo que o rendeiro nem pensa em enriquecer-se: cuida sómente de viver e sustentar a sua familia, fazendo produzir ao seu quinhão o mais possivel. Por outro lado, os arrendamentos são a prazos muito curtos de um, dois e tres annos, quando muito; mas de ordinario renova se, sendo a contento das partes. Esta pratica, que não permitte ao rendeiro usofruir com segurança e contar com o futuro, é inteiramente contraria aos principios economicos: procede da fluctuação do preço dos cereaes, e de um mau systema de leis que forçam o proprietario a contribuir com ou sem vontade para qualquer melhoramento a introduzir na sua terra.

«Alguns exemplos darão uma idéa da fertilidade do paiz e de como os seus habitantes cuidam da cultura da terra com intelligencia.

«Visitando em junho um campo de solo pouco profundo e onde a rocha quasi afflorava, vi que promettia uma boa colheita de milho, graças ás chuvas abundantes que cahiram no principio da estação.

«Em novembro do anno anterior tinham-se plantado couves e semeado tremoço; colhendo as couves em fevereiro, semeou-se milho. Em março arrancou-se e interrou-se para adubo o tremoço, ficando uma parte para semente; em seguida plantaram-se nos intervallos batatas e aboboras. Em julho deveria ter logar a colheita das batatas; em agosto a do tremoço; em outubro, emfim, a das aboboras e do milho. E' assim, por esta pratica ingenhosa de cultivar a terra, que um campo, aliás de mediocre superficie, sustenta uma familia inteira, que paga a renda d'elle.

«Eis aqui um outro exemplo de cultura promiscua mui frequente nos Açores. Pelo Natal semeou-se de favas uma pequena courella, e ao mesmo tempo o tremoço em regos parallelos, distanciados a cinco metros. Em janeiro lançou-se cevada tambem em linhas parallelas, mas perpendiculares ás primeiras, e distando sómente dois metros. Em fevereiro, plantaram-se couves nos intervallos á sombra do tremoço. No mez de maio ceifou-se a cevada para forragem, e por meiados de junho semeou-se milho por entre o faval. Em fins do mesmo mez colheu-se o legume, em julho as couves, em agosto o tremoço, e por ultimo o milho. Tão prospera é a fertilidade do solo; produz sempre sem afolhamento, sem repouso, sem outro adubo, emfim, a não ser as hastes do faval e a rama do tremoceiro; comtudo ha quarenta annos, é pratica seguida na ilha de S. Migul usar de estrumes e adubos de qualquer natureza.»

Em diversos annos, teem-se occupado os municipios açorianos, com posturas e regulamentos para a extincção de passaros que nas ilhas se chamam *praga*, pelos prejuizos que fazem ás colheitas.

A crusada contra os passaros, era baseada em anniquilarem as searas. Allegava-se que as culturas eram destruidas, já quando se lançava á terra a semente, já na occasião da colheita.

E era sob estas bases que a guerra aos passaros tomou porporções gigantescas.

Mas em defeza d'elles veiu um intelligente cavalheiro, Thomaz Hickling, que não poude deixar de protestar, por não poder concordar com a perseguicão feita ás aves.

N'um bem elaborado artigo, publicado na ilha de S. Miguel, onde habitava, demonstrou como os passaros limpavam os campos da innumerabilidade de insectos e vermes que os infestavam, compensando d'esta forma o mal que por ventura fizessem nas culturas.

Segundo elle, o furor venatorio chegava a ponto de não deixar no ar as pombas mansas, nem raros e formosos passaros de arribada, que nos mattos e numerosas lagoas da ilha procuravam refugio.

A perseguição aos passaros data de longa data. Em um livro antigo das posturas da camara de villa Franca do Campo, que se julga ser de 1553, se viam grandes determinações sobre a destruição dos passaros.

Em 1834 o municipio de Ponta Delgada, arrecadou e comprou cerca de 248.295 cabeças de passaros, custando 154.969 d'estas cabeças 516$535 réis.

No anno seguinte continuou o municipio a comprar cabeças de passaros.

No Pico a camara promulgou tambem posturas sobre a perseguição da *praga*.

*

A agricultura açoriana tem sido visitada por crises violentas que só um animo generoso póde encarar com esperança.

As calamidades economicas assolam os logares e de um momento para outro, industrias promettedoras que apresentavam uma excellente perspectiva, esmorecem e morrem.

Mas n'isto vae o modo da evolução, ha a substituição de umas culturas por outras, e a agricultura caminha sempre, porque os seus recursos são inexgotaveis.

A primeira cultura dos Açores, foi a dos cereaes, por ser mais util e propria para os seus povoadores.

Esta cultura proferida logo depois do trabalho da roteação dos mattos das ilhas, pelos povoadores, por 1433, não só era recommendada pelas condições climatologicas do archipelago, mas mui principalmente por se alliar aos conhecimentos agricolas dos colonisadores.

A feracidade do solo produzia, com pouco trabalho, abundantes colheitas que, superabundando muito do consumo local, realisaram o primeiro ramo do commercio açorico, indo abastecer os mercados do paiz que denunciavam carencia.

Depois, com o andar dos tempos, foram sendo estabelecidas varias culturas e ensaiados varios ramos industriaes.

Os primeiros chronistas açorianos, apresentam interessantes noticias sobre a producção do trigo nos primeiros tempos da colonisação.

Segundo um trabalho publicado em 1844, e baseado em notas dignas de credito, podemos apurar os seguintes preços do trigo em S. Miguel, em diversos annos:

Annos	Preço por moio
1500	240
1507	300
1508	600
1509	400
1510	240
1514	1$400
1515	800
1516	1$000
1519	1$500
1520	2$000

D'este anno até 1574, oscillou o preço de 1$000 rs. o moio a 6$000 réis.

De 1575 a 1600, oscillou de 3$000 rs. a 18$000 rs. sendo a media de 6$000 rs.

De 1601 a 1701, foi de 4$200 a 12$000 rs.

Desde o ultimo anno começou a elevar-se a ponto de sustentar a média de 10$000 rs. até 1760, partindo d'ahi, de 12$000 rs. o minimo a 30$000 rs. no anno de 1800.

Regulando d'este preço até ao de 57$000 rs. no anno de 1811, começou depois a declinar em 1831, tornando a subir em 1834 a 30$000 réis.

De 1840 a 1870, o trigo variou entre 28$800 rs. e 46$800 réis. De 1871 a 1879, temos o minimo de 36$000 rs. e o maximo de réis 48$000.

*

Vejamos agora as phases por que tem passado a agricultura açoriana.

Pode-se dividir a historia agricola em quatro periodos de florescencia.

Primeiro periodo: industria do *assucar*;

Segundo periodo: a cultura do *pastel e linho*;

Terceiro periodo: a cultura do *trigo*;

Quarto periodo: a *laranja*.

Historiemos o progresso d'estas culturas na ilha de S. Miguel, que por via de regra actuou tambem no movimento agricola das mais ilhas do archipelago.

A fabricação do assucar reclamou a montagem de muitas fabricas, e a villa Franca do Campo, apresentou-se como um dos pontos capitaes d'esta laboração.

Com o regular funccionamento de taes fabricas tomou grandes proporções a cultura da canna d'assucar (*saccharium officinalis.*)

Por carta de D. Manuel, de 2 de junho de 1507, como quitação aos rendeiros das ilhas dos Açores, nos tres annos de 1502 a 1505, se declara entregarem elles, *15 mil arrobas de assucar de uma cozedura por todos os ditos tres annos, a razão de 5.000 arrobas de assucar por anno.*

Dentro em breve a industria saccharina que parece datar de 1474, viu-se a braços com numerosas doenças que affectaram a plantação da canna e bem assim com uma competencia que no Brazil se lhe fez.

Ainda por 1560 se apreciava esta industria.

Decahida de todo, tiveram os açorianos de recorrer a outra cultura.

Para substituir esta lida, appareceu uma planta tinctureira, que entre 1520 a 1530 se havia conhecido na ilha. Era o pastel (*Isatis tinctoria*), especie propria dos Açores e Madeira, que de 1580 até 1620, favoreceu o commercio com a quantidade annual de 600:000 quintaes.

Porém em breve começou a declinar o seu apreço pela presença do anil (*Indigofera anil, L.*) nos mercados para onde concorria este producto, e assim o pastel, que começou a resentir-se em 1620, decahiu de 1641 em diante. N'este anno sahiram ainda 16:367 quintaes no valor de réis 10:638$550.

Com esta cultura notou-se um periodo de florescencia no commercio insulano.

De um modo muito vago, referem os classicos do seculo XVII que os Açores, *davam pastel, tinta boa para tingir roupa.*

Julga-se até que nos seculos XVI a XVII, as ilhas foram o unico ponto d'onde a Europa se fornecia de pastel.

De 1620 a 1640 o *pastel granado*, era de tal importancia que o *quintal* valia 600 rs.

A utilidade d'esta cultura guiou em 1840 um cavalheiro michaelense a lembrar a conveniencia de a restaurar, por talvez ter actualidade.

Em setembro de 1822 a «Sociedade Promotora da Industria Nacional», estabelecida em Lisboa, accusava a offerta de uma sacca com sementes de pastel, enviada pelo sr. José Caetano Dias do Canto Medeiros, da ilha de S. Miguel, e a recepção de uma memoria escripta pelo sr. Francisco Affonso da Costa Chaves e Mello, sobre a cultura d'esta planta, sobre a Ruiva, bicho de seda, e sobre a escassez das

amoreiras, acompanhada de uma amostra de seda criada e fiada na ilha.

Prova isto o quanto era apreciado e que em epocas posteriores a 1641, em que decahiu, se cuidou da sua restauração.

Por contracto feito em Lisboa, em 22 de novembro de 1584, entre os Vedores da fazenda e Pero Borges de Souza, residente na ilha da Madeira, este tomou de arrendamento todos os direitos, rendas do *pastel*, trigo, cevada, centeio, vinho, assucar, bens proprios, hervagens, direitos de entrada e sahida das alfandegas, gados e lenhas em todas as ilhas dos Açores, por 6 annos a começar de 1 de janeiro de 1585 e findar em 31 de dezembro de 1591, pela quantia annual de 30:000$000 rs.

Em primeira linha figurava o pastel.

Tendo baqueado esta industria, foi ainda ao feracissimo solo que se recorreu. As aldeias açorianas sentiam um grande movimento com a cultura do linho.

O trafego produzido por esta cultura pode-se calcular, dizendo-se que houve epoca em que se exportaram 50:000 varas de panno de linho, regulando a vara por 1,^{m}10.

Esta industria facultava ás populacões ruraes uma encantadora alegria e garantia ao sexo feminino uma lida agradavel e á altura das suas forças physicas.

Quando se atravessava uma aldeia, um povoado qualquer, era adoravel presentir o labutar de tal industria, acompanhado pelas cantigas das formosas aldeans.

O divulgamento d'este trafego, inoculou tradições graciosas nas freguezias ruraes.

Ainda hoje ao atravessar o povoado da ilha de S. Miguel, as raparigas que se dedicam a esta industria, ao festejarem a chegada ou passagem de uma familia, costumam atar com uma estriga o braço da creança mais sympathica que acompanha a familia, e d'ahi resulta a praxe do pae corresponder a este acto que representa submissão e profundo respeito da parte de quem trabalha na manufacturação do linho, dando uma offerta pecuniaria.

Depois, quando se historia qualquer facto em que ao personagem cabe o papel de martyr, é sempre graciosa a interrupção do aldeão, com o seu axioma : *Teve os trabalhos do linho* !

O commercio para o Brazil que foi extenso, prejudicou-se com a invasão do algodão, e assim a industria fabril, nas ilhas, resentiu-se abalando os campos onde era o trabalho constante a que o sexo feminino se dedicava com especialidade.

Em 1620 effectuou-se a primeira exportação de linho produzido e preparado na ilha de S. Miguel, que montou a 827 varas de panno. Cresceu por essa epoca o maior enthusiasmo pela cultura e em 1640 accusava-se a exportação de 2.150 varas e em 1700 cresceu a 227:000 varas.

Desta data declinou a ponto de em 1750 a 1764 se exportarem

142:950 varas annualmente, e de 1801 a 1803 a media annual de 6:362 varas.

Em 1840, o michaelense sr. João Silverio Vaz Pacheco de Castro, no seu folheto: «Ensaio sobre a cultura preferivel para substituir os cereaes na ilha de S. Miguel e os meios de a promover», inclina-se para a conveniencia de restaurar a cultura do linho. E n'este sentido lembrou a utilidade de organisar uma companhia que tivesse por fim estabelecer fabricas normaes de lanificios, onde a população industrial podesse ir aprender e aperfeiçoar os methodos seguidos.

Era sympathica esta idéa, mas não se realisou.

Decahida esta industria, abraçou-se a cultura de cereaes.

O trigo, cuja exploração floresceu no seculo XVII, apresentou uma elevada exportação de moios.

A sua cultura foi a primeira operação agricola dos colonisadores da ilha e parece-nos que foi com este producto que se inaugurou o commercio açorico com a metropole.

Em 1520 fora comprado trigo para o continente, na ilha Terceira, estipulando-se o preço a 1.000 rs. o moio e o de cevada a 260 rs.

Apresentamos em seguida algumas notas sobre o valor da sua exportação:

Annos	Moios	Valor
1835	2.834	95.220$000
1840	1.742	64.152$000
1845	1.116	33.480$000
1850	1.894	56.174$000
1855	2.883	120.130$000
1860	1.179	48.460$000
1865	1.051	50.448$000
1870	762	26.280$000
1875	587	18.153$000

O valor do trigo, que decahiu depois na exportação, explica-se pela concorrencia das farinhas da America.

A exportação de milho da ilha de S. Miguel, no espaço de 20 annos, a datar de 1858, oscillou entre 2.000 a 8.000 moios por anno.

Entre os legumes exportados, figurava a fava e o feijão. A fava tem tido muito apreço; em 1856-57, foi de 2:344 moios e até 1866-67, oscillou entre 2:344 a 5:737 moios por anno.

Parece que o começo da exportação da fava e feijão, se marca em 1847.

A exportação de cereaes de Ponta Delgada, nos annos de 1850-51

foi de 226:672$707 réis; de 1860-61, de 346:131$262, e de 1870-71, de 254:238$954 rs.

Como perseguidor dos favaes tem os Açores, desde muito tempo, um pulgão denominado vulgarmente *piolho*. Este insecto que é o *Aphis fabae*, ataca tambem a cultura do feijão e outras. Sabe-se que se reproduz muito e o seu ataque é muitas vezes de funestas circumstancias.

Muitos insectos carnivoras e parasitas perseguem-n'o, o que attenua de alguma fórma os estragos que produz. O processo que é geralmente seguido na ilha de S. Miguel, para o perseguir, consiste em supprimir logo que o insecto se manifesta, as folhas terminaes das faveiras, queimando-as em seguida.

Este insecto comquanto pertença á mesma familia *Aphis*, divide-se em tres generos distinctos.

A vinha que enriqueceu tambem a vida agricola dos Açores, foi atacada pelo *oidium tuckeri*, que destruiu os vinhedos, e ultimamente experimenta a presença do *phylloxera*, *anthracnose*, *erminose*, etc.

Antes da invasão d'estas doenças a producção vinaria do archipelago, era calculada em 50:000 pipas annuaes, com a seguinte distribuição pelas ilhas :

Pico	25:000	pipas
S. Miguel	20:000	»
Graciosa e S. Jorge	4.000	»
Terceira e Santa Maria	1.000	»

Grande parte d'esta producção era utilisada no consumo local, e sacrificada á distillação d'aguardente, para ser exportada.

Uma memoria sobre a agricultura em Portugal e suas conquistas, por Domingos Vandelli, diz :

«Nas ilhas dos Açores e da Madeira cuidão principalmente na cultivação das *vinhas*, deixando incultos grandes extensões de terreno, que poderiam servir para grãos, oliveiras, amoreiras e pastos artificiaes.»

A cultura viticola teve pois grande desenvolvimento no archipelago.

O *oidium* manifestou-se na ilha do Pico em 1853, e tomou desde logo tal incremento que em pouco ficou consideravelmente reduzida a producção.

A ilha do Pico foi o principal centro da producção vinaria nos Açores, e a ilha do Fayal o ponto onde ella se aperfeiçoava e exportava.

As videiras plantaram-se desde o principio da cultura nas lavas porosas, que chamam *biscoutos*; nas fendas das rochas e tambem nas quebradas dos terrenos.

A pratica viticola obedece a certos e determinados costumes nas diversas ilhas.

No Pico e Fayal, a cultura é feita nas localidades dos *biscoutos* ou *mysterios*.

Fazem-se covas mais ou menos fundas conforme a natureza do terreno, e ahi plantam barbados de dois ou tres annos, enchendo depois as covas com terra de outro logar. Depois construem abrigos contra o vento e nevoeiros do mar por meio de filas de muros de um metro d'altura, em diversas direcções e que servem tambem para a divisão de propriedades. Estes muros fazem-se de pedras soltas sobrepostas em uma só ordem.

Nos tempos em que reinava a abundancia, o preço do vinho nas ilhas de maior producção, era em S. Miguel ao abrir da adéga a réis 8$000 a pipa, e no Pico a 10$000 réis.

O vinho designava-se por nomes derivados do methodo seguido no fabrico; assim indicavam-se quatro, a saber : *canteiro*, *estufado*, *doce* e *passado*.

Entre a grande variedade de vinhas cultivadas, indicam-se as uvas pretas : *Bastardo*, *João de Santarem*, *Negra moio*, *Trincadeira Rei*, *Tinta muscosa e Sobrainho moreto*, e as brancas : *Verdelho*, *Malvasia*, *Moscatel*, *Gallego*, *Boal*, *D. Branca*, *Cerceal*, *etc.*

No anno de 1884, a producção vinicola nos Açores foi de 1.120:999 hectolitros, divididos pelos seguintes districtos :

Ponta Delgada	657:600
Angra do Heroismo	323:560
Horta	139:839

A vinha americana, *Vitis labrusca*, qualidade *Isabella*, foi introduzida nos Açores por 1853, quando o *oidium* assaltava os vinhedos.

Esta vinha dando-se bem no solo açoriano, tem hoje grande cultura.

Em 1886, uma commissão de proprietarios da ilha de S. Miguel, procuraram melhorar o fabrico do vinho d'esta uva.

A 8 de agosto chegou um operario francez, mr. Alphonse Chaume, que logo a 15 ensaiou o trabalho de fabricação.

Este vinho apresenta-se com abundancia no mercado açoriano e mantem um preço modico.

A apreciação do jury na exposição agricola de Lisboa, em 1884, diz que : «Apesar de bem preparados, de modo que o gosto de *foxé* é quasi nullo, os vinhos de *Isabella* são fracos, frios, delgados e acidos, aparentando-se um pouco com os vinhos verdes.»

Um agronomo illustrado, é de opinião que o vinho se assemelha ao vinho de *Médoc*.

*

Vejamos agora a cultura e importancia da larangeira (*Citrus aurantium*) introduzida em 1580 na ilha de S. Miguel.

A sua cultura a principio limitada aos pomares dos abastados, começou a generalisar-se profusamente, com a exportação de laranjas para a Inglaterra.

Consideravelmente cresceu tambem depois de 1821, motivado pela liberdade legal dos aforamentos dos bens vinculados.

Desenvolveu-se uma grande lida em constituir os terrenos pedregosos, producto de lavas vulcanicas, na adaptação dos laranjaes.

D'este energico trabalho resultou um beneficio á classe operaria, uma opulencia á população e a iniciativa de um grande commercio.

Levadas pelo enthusiasmo muitas familias empregaram todos os seus meios pecuniarios em tal cultura, divulgando-se assim os pomares, conhecidos vulgarmente por *quintas*.

Estes pomares na ilha de S. Miguel, são divididos em quarteis approximadamente de 14 aras, e abrigados por filas de Fayas e Pittosporum.

Em 8 de janeiro de 1852, n'uma representação dirigida ao governo sobre os laranjaes, declara-se que mais de 2:000 pessoas eram n'aquella epoca proprietarias de pomares, e que por mais de 20 contos de réis annuaes andava o dizimo da laranja.

Nas *quintas*, tambem são cultivadas muitas arvores fructiferas, além da larangeira.

Temos n'este caso a nespereira do Japão (*Eryobotria Jabonica*), importada por cerca de 1819, como arvore de ornato a que vulgarmente se chama *monica*.

A molestia que appareceu nos Açores, atacando os laranjaes, arruinou poderosamente a sua cultura.

A ilha do Fayal exportava annualmente de seus pomares cerca de 30 cargas de laranja, e sendo em 1838 visitada pelo *cocus hesperidum*, exportou em 1844 apenas 6 cargas.

Comquanto de ha muito existisse na ilha de S. Miguel, só em 1843 se patenteou o insecto. A *lagrima* já era conhecida e fazia os seus estragos.

Ora de 1823 até esta data é que se tinham feito as maiores plantações de laranjaes, e por isso era importante o numero de pomares.

Em fins de 1843, achavam-se apenas algumas arvores na cidade de Ponta Delgada, atacadas da molestia; porém decorridos 7 annos, notava-se já a sua presença em todos os concelhos da ilha.

Sobre a molestia dos laranjaes, no programma da Academia Real das Sciencias, de Lisboa, para 1849, figura como objecto premiavel com uma medalha, a descripção da molestia que destruia as larangeiras nas ilhas Fayal e Pico, e que se ia propagando no reino; sua causa, natureza e meios preventivos convenientes.

Em sesão de 6 de abril de 1844, publicou a camara municipal de Ponta Delgada uma legislação sobre o que se devia fazer contra o insecto dos laranjaes.

Por lei de 13 e instrucções de 26 de fevereiro de 1845, foi mandada crear uma receita para a perseguição do insecto, cobravel na exportação da laranja.

A 20 de maio d'aquelle anno foi nomeada na ilha de S. Miguel, u-

ma commissão para administrar aquella receita, a qual foi muito auxiliada pelo illustrado proprietario sr. Barão de Fonte Bella.

Sendo conveniente, foi por lei de 11 de julho de 1849, prorogado por mais tres annos os effeitos da lei de 1845.

A *lagrima*, observada em 1834, consistia em fender a base do tronco da larangeira, dando sahida a um liquido gommoso, inutilisando assim as arvores. A sua marcha em S. Miguel, tomou proporções epidemicas.

As larangeiras renderam-se ao ataque de tão valentes inimigos.

Ora os pomares constituiam, como temos visto, o melhor quadro da agricultura açoriana.

Em 1860 foi creado um imposto de 200 rs. em caixa de laranja exportada da ilha de S. Miguel, para as obras do porto artificial da cidade. N'este anno cobrou-se d'este imposto 41:931$113 rs.

De 1860 a 1870 o imposto deu para a doca 432:068$741 rs.

A Junta Geral do districto pediu a abolição d'este imposto decretado por lei de 9 d'agosto de 1860.

N'aquelle anno o producto medio da laranja era de 2$735 rs. por caixa, liquido para o proprietario, de toda e qualquer despesa.

Reputava-se a producção media da laranja em 10 caixas por um alqueire (13 aras e 93 centearas) de terra.

Os impostos locaes, teem tambem affectado muito a industria, aggravando o seu florescimento.

Em 1873, por lei de 18 de abril, é ordenado que das receitas tiradas para as obras do porto artificial, se edificará uma alfandega na cidade.

Ora pela execução das leis de 9 de agosto de 1860 e 18 de abril de 1873, em presença de dados officiaes, nos annos de 1870 a 75, apresentou as seguintes medias, a receita para as obras da doca:

1 1/2 por cento sobre a importação	12:635$453
1 1/2 por cento sobre a exportação	4.681$986
200 rs. sobre caixa de laranja exportada	50.806$306
Rendimento do porto	2.895$354
10 por centos dos direitos da alfandega	18.939$256
Total	89:958$355

Como se vê a laranja esteve muito sobrecarregada e isto na epoca em que ella declinava já pelos ataques das doenças, já pela concorrencia da laranja de Valencia nos mercados da Inglaterra.

A existencia de maior numero de pomares nos Açores verifica-se nas ilhas S. Miguel e Terceira, mormente n'aquella.

O naturalista Fouqué, na sua viagem aos Açores em 1876, descreve assim o aspecto da ilha:

«S. Miguel, hoje a rainha do archipelago, apresenta nas terras bai-

xas uma serie quasi ininterrompida de quintas verdejantes, onde se colhem todos os annos esses milhões de laranjas que são no inverno objecto de um commercio immenso com a Inglaterra. Um pouco mais acima, nas incostas, ha mattas novas de arvores variadas, oriundas de todas as regiões temperadas do globo; mas são os pontos culminantes da ilha, aquelles a que a natureza parece haver reservado seus mais esplendidos ornatos».

A larangeira nos Açores é multiplicada por enxerto ou mergulhia, com processos peculiares.

Como as auranciaceas soffrem no archipelago dos ventos e da humidade salina: os pomares eram convenientemente resguardados para não comprometterem a cultura.

Os pomares entram na generalidade em maturação em novembro; e em fins de maio está terminada a colheita.

A exportação que foi gigantesca, datá de 1751 com pouco mais de 3 caixas. Em 1859 elevou-se a 261:772 caixas, partindo d'ahi a media annual de 240:000 caixas, até que começou a declinar.

De 1870 a 1874 o consul portuguez em Londres, attribuiu á laranja das ilhas, importada pela Inglaterra, os seguintes valores :

1870	281:502	libras esterlinas
1871	338:278	» »
1872	329:342	» »
1873	257:674	» »
1874	322:334	» »

A exportação da laranja que é em caixas, é conhecida por *caixas grandes*, *caixas chatas* ou *meias caixas*, *terços* e *quartos de caixas* ou *caixas pequenas*.

No catalogo da secção portugueza na exposição de Paris de 1878, a producção da laranja com referencia ao anno de 1873, foi computada da seguinte forma :

Ilhas	Quantidade da laranja (Milheiros)
S. Miguel	164:586
Santa Maria	520
Terceira	43:261
Graciosa	50
S. Jorge	6:360
Fayal	7:400
Pico	445
Flores	78
Corvo	5
Total	222:705

A exportação do limão que data de 1747 com 4 caixas, figurou tambem no commercio até ao anno de 1832, havendo anno de se contar com 3:800 caixas. Em 1838 a exportação limitava-se a 8 caixas.

A laranja azeda começou a ser exportada em 1785, com 132 caixas. Não alcançou porem, grande apreço.

Nos Açores existe a cidreira ou *Citrus medica*, a limeira ou *Citrus Limetta*, com duas variedades, o limoeiro ou *Citrus Limonum*, com quatro variedades, a larangeira azeda *Citrus Bigaradia*, e a zamboeira *Citrus decumana*. Superior a todas as especies está pela sua cultura e apreço de producção, a laranjeira doce, *Citrus Aurantium L.*, com as suas cinco variedades principaes e importantes, indicadas pelos nomes populares : *branca*, *umbigo*, *comprida*, *selecta e tangerina.*

Com a falta de exportação da laranja, resentiram-se as mattas, cuja madeira era utilisada em grande parte na construcção da caixaria que conduzia o fructo ao mercado inglez.

Na ilha de S. Miguel teve grande extensão a cultura dos pinheiros maritimos.

A introducção d'esta arvore foi devida aos padres da companhia de Jesus, os quaes pelos annos de 1750, pouco mais ou menos, fizeram as primeiras plantações nas Furnas e no Charco da Madeira, logar este que recebeu o nome popular da *matta dos padres*.

Nas Furnas prosperaram muito, contando-se desde 1790 até 1800 pinheiros de 12 a 15 palmos de circumferencia, e dos quaes alguns foram empregados em mastreação naval. A *matta dos padres* não progrediu muito, sendo quasi toda destruida por um furacão, em 25 de agosto de 1779.

Depois o governo mandou uma porção de pinisco para S. Miguel, a Nicolau Maria Raposo, e a Francisco Jeronymo Pacheco de Castro, então governador interino na ilha.

Perderam-se muitas sementes, medrando apenas as sementeiras feitas por estes dois proprietarios, sendo a do primeiro no logar dos Ginetes, e a do segundo no valle das Furnas.

De 1820 a 1830 multiplicaram-se muito as plantações.

Como já escrevemos aqui, com a diminuição da exportação da laranja, perderam grande valor as mattas, especialmente as da villa da Ribeira Grande, que por muitos annos quasi que tiveram o exclusivo do fornecimento de madeira para caixaria.

O unico trafego activo com que ficou esta villa, foi a moagem de uma grande parte de cereaes, consumidos na parte occidental da ilha.

Com uma carta datada de 18 de julho de 1825, recebeu o desembargador Vicente José Ferreira Cardoso, para a ilha, sementes de pinheiro e varias instrucções sobre a sua cultura.

Este esclarecido cavalheiro fôra encarregado superiormente de estudar as necessidades agricolas da ilha.

Quando os mercados inglezes procuravam e consumiam em larga

escala o ananaz (*Ananassa sativa*), os agricultores michaelenses dedicavam-se desvelladamente á sua cultura.

Em uma obra ingleza, *Tropical Agriculture*, impressa em Londres em 1877, vem o seguinte referente ao ananaz das ilhas:

«O ananaz está sendo cultivado com energia em S. Miguel. A producção d'esta cultura recente obtem grandes lucros no mercado inglez, e a qualidade do fructo é considerada superior aos ananazes importados de outros paizes; pelo que se construiram grandes armazens para os guardar. O ananaz grande e de primeira qualidade vende-se por 16 a 20 schelings, donde o agricultor tira um lucro de 35 a 40 por cento; os escolhidos e superiores teem sido vendidos até por 60 schelings (13$500 reis fortes) cada um.

«Os ananazes de S. Miguel são maiores do que os das Indias occidentaes; alguns ha que tem o peso de 12 a 13 arrateis. No embarque do fructo tem-se grandes cuidados para os remetter para Inglaterra em boas condições. Apanha-se os ananazes com algumas pollegadas do pé ou eixo de fructificação; de ordinario enche-se um vaso de flores com moinha, e colloca-se o fructo, de modo, á primeira vista, parece que foi ahi creado. Cada vaso com o seu ananaz é mettido n'uma grade de pau feita á medida das dimensões do todo, o fructo é envolvido de papel e seguro a ir direito sem risco de se tocar e menos ainda de se amolgar.»

Por aqui se pode calcular o apreço que o fructo obteve na Inglaterra.

A exportação que parece datar de 1867 com 427 fructos, elevou-se no espaço de dez annos a 34:524 fructos.

A cultura do tabaco (*Nicotiana tabacum e N. rustica*) tem sustentado uma fabricação muito apreciavel e que recebe um favoravel consumo.

O inicio da sua cultura coincidiu com a do ananaz, pela abolição do monopolio do tabaco.

Antes, tinha já a sociedade agricola de S. Miguel, feito altas diligencias para desenvolver esta cultura, chegando em 30 de dezembro de 1848 a pedir aos contractadores do tabaco, permissão para ensaiar a cultura da planta na ilha, o que lhes foi negado.

O desembargador Vicente José Ferreira Cardoso, assim que em 1812 chegou á ilha, começou a cuidar da generalisação de tal cultura, por antever excellentes resultados.

Os ensaios que realisou communicou ao governo em 1825, como desempenho da commissão de que fôra encarregado em 30 de outubro de 1824.

Em 22 de novembro de 1824, teve licença dos contractadores do tabaco, para ensaiar a cultura e em 12 d'agosto de 1825 enviou-lhes amostras do producto. Em 21 de setembro de 1825 os contractadores communicaram ao desembargador o apreço em que haviam tido o tabaco da ilha, offerecendo o preço de 2$000 rs. por arroba.

O desembargador Cardoso, via na nova cultura um recurso preventivo de crises economicas-agricolas na ilha.

Em 25 de abril de 1835 fora promulgada uma lei permittindo a cultura e commercio do tabaco nas ilhas, mas a sua existencia nunca foi conhecida. Em 13 de maio de 1864, foi promulgada então a lei sobre a liberdade da cultura, fabrico e commercio do tabaco nas ilhas.

Data d'aqui o seu desenvolvimento.

Em 1875 a Junta Geral de Ponta Delgada, representava ao governo pedindo um direito protector para esta industria agricola.

Com o decorrer do tempo estabeleceram-se fabricas em Ponta Delgada e Angra do Heroismo, para a manipulação da folha.

Nos annos de 1883, 1884 e 1885, consumiu-se no districto de Ponta Delgada, 187:770 kilos de tabaco de cultura e fabricação local.

O tabaco cultivado em S. Miguel, tem facultado uma exportação para as outras ilhas dos Açores e Madeira. Assim desde 1878 a 1885 exportaram-se 646:681 kilos.

*

Para consumo local figuram nos mercados açorianos fructos muito apreciaveis e abundantes.

A cultura que nos ultimos annos tem tomado grande desenvolvimento, especialmente na ilha de S. Miguel, é a da batata doce (*convolvulus batatas*).

Muitos terrenos foram destinados a esta cultura, attento o consumo que recebe a batata nas fabricas de distillação em Ponta Delgada e Lagoa.

*
* *

O commercio dos Açores no seculo XVII com o Brazil, teve uns limites estreitos.

Por lei de 20 de março de 1736 foi prohibida a sahida para o Brazil de navios de porte superior a quinhentas caixas, e sob graves penas limitou-se a sahida de navios de qualquer lotação inferior tanto da ilha da Madeira como dos Açores, da seguinte forma: da Madeira, 2; da Terceira, 2; de S. Miguel, 1 apenas.

A exportação principal para o Brazil, era então em pannos de linho, linha fina e estopa, pedras para moinhos, carnes de porco salgada, algum vinho e vinagre, grandes porções de aguardente, etc.

Em retorno, traziam os navios diversos generos carecidos para o consumo açoriano.

*
* *

Em alguns annos tem sido abalado o archipelago com graves crises alimenticias, proveniente do excesso da exportação ou da escassez das colheitas.

Estas crises teem feito algumas vezes levantar as populações, impellindo-as a commetterem violencias.

Quando se trata, porem, das crises provenientes da exportação, denuncia-se sempre uma lucta de interesses, que aggrava as condições economicas das localidades.

Em officio de 2 de março de 1807, o juiz de fóra da cidade de Ponta Delgada, participou ao general das ilhas dos Açores o valor da producção do trigo e milho no districto da sua jurisdicção na ultima colheita, e depois de informal-o da população approximada da ilha, conspirava-se contra o excesso de exportação pelo qual, acreditava, tinha vindo grandes males aos habitantes.

Comprovando esta asserção traçava um quadro lamentavel: havia roubos, epidemias e uma emigração extraordinaria. Ao concluir proponha que, em presença de tal estado de coisas, não fosse permittido a exportação de milho antes do mez de março.

Esta participação veio sobresaltar os interessados na exportação, e assim em 19 de novembro de 1807 foi expedida uma representação subscripta por trinta e cinco proprietarios da ilha ao general dos Açores, ácerca do alludido officio, destruindo tudo que o juiz avançava.

No mez de março, diziam elles, é quando nenhuma conta faz aos portos do reino e da Madeira, o embarque do milho.

Depois, diziam que o que alimentava a emigração era a tradicção, a ambição da fortuna e não a miseria por que ella não existia.

Em auxilio dos proprietarios vieram os negociantes da ilha.

Afinavam pelo mesmo parecer.

E' falso, opinavam elles, o estado calamitoso da ilha, apresentado pelo juiz de fóra.

Em tal attitude, o general resolve recolher dados que o habilitem a dirigir convenientemente este estado de coisas: decerto o melhor expediente a tomar no embaraço em que se encontrava, tendo de um lado o juiz de fóra a affirmar a carestia publica, e do outro lado os proprietarios lavradores e os negociantes a teimarem valentemente em asseverar o contrario.

No dia 1 de julho de 1817, por alvará do general, é declarada livre a exportação do grão e legumes d'umas para outras ilhas e de todas para o continente do reino e Madeira.

Depois appareceu um diluvio de ordens emanadas do poder central, afim de regularem a exportação.

Os governadores administrativos receberam por fim, a faculdade de dirigirem este ramo de commercio, consoante as exigencias locaes.

Ainda ultimamente se enumeram alguns movimentos revolucionarios antre a populaça, motivados pela escassez de cereaes.

*

* *

Vamos agora vêr os desejos progressivos de melhorar a industria agricola, impellindo-a a caminhar.

N'este campo tem honroso logar a sociedade Agricola de S. Miguel.

As conferencias que promoveu, o jornal que publicou e a actividade que desenvolveu apóz a sua fundação, é altamente importante e occupa na historia agricola açoriana, uma pagina brilhante.

Olhando para o passado, notamos as industrias comprimidas, afogueadas e rachiticas; encarando a epoca em que a sociedade floresceu, vemos rasgados largos horisontes para onde seguiu a passo firme a agricultura açorica.

Assim relanceando a influencia que exerceu a associação em varias epocas, poderemos historiar periodos de florescencia agricola.

Com a destruição dos laranjaes, aventou-se que a industria sericicola, podia manter a prosperidade açoriana.

Ora, pensando-se na actividade que se desenvolve nas aldeias ruraes com tal exploração e o trabalho que faculta ás mulheres, era de reconhecida utilidade qualquer impulso no intuito de a fazer progredir.

Em 1849 actuava este pensamento no seio da sociedade agricola, em Ponta Delgada.

Anterior, em 1840, já um amante da agricultura, Carlos G. Dabney, recebia para a ilha do Fayal, onde residia, cerca de 2:000 plantas de *morus multicaules*. Cuidando desveladamente da sua cultura pôde distribuir gratuitamente umas 15.000 plantas e occupar grande porção de terreno na sua cultura.

Em 1842 encetou os trabalhos da criação dos sirgos, repetindo-os no anno immediato com 80:000 bichos. Animou-o muito estes ensaios e manifestou a idea de que os Açores lucrariam com tal exploração.

Em 1849 a sociedade agricola michaelense, recebeu remessa de sementes de sirgos, para ensaios, mas quasi na sua totalidade perderam-se.

Por portaria de 14 de setembro de 1850, recebeu a sociedade um pacote com uma porção de semente de amoreira *multicaules* para ser tratada na ilha.

Por essa occasião a sociedade impetrou do governo o auxilio de a coadjuvar na idéa que tinha de mandar vir de Italia, por via dos nossos representantes, uma porção de sementes dos sirgos, e poz á disposição do poder central umas 6 a 8:000 plantas d'amoreira, caso o governo as desejasse distribuir pelas provincias.

Em resultado d'este offerecimento, baixou em 29 de novembro de 1850 uma portaria, ordenando que os governadores civis do Funchal e de Angra do Heroismo, mandasse cada um buscar á sociedade, 4.000 pés da dita planta. Respeitante á semente de sirgos, affirmava ter expedido as convenientes ordens.

Em 25 de março de 1851, chegou á ilha uma pequena caixa de lata com a semente. Esta, porem, achava-se em grande parte arruinada.

Em principios de abril existiam approximadamente 4:000 sirgos.

Os ensaios continuaram com regular marcha até que, pelos annos de 1873 a 1877, tomaram melhores proporções.

Em sessão de 3 de maio de 1876, o então presidente da sociedade agricola, conde da Praia da Victoria, apresentou uma proposta altamente apreciavel, tendo por fim promover a distribuição d'amoreiras, instando com as camaras municipaes para proteger a sua cultura; e estabelecer premios pecuniarios para distribuir annualmente ao productor da melhor seda.

Esta proposta não obteve, porem, a devida consideração.

A idéa de estabelecer esta industria nos Açores, parece datar de 1680. N'este anno o corregedor de Angra do Heroismo empenhou-se muito para que se désse execução a anteriores disposições, que determinavam ás municipalidades procedessem ao plantio de amoreiras para a criação de bichos de seda. Apezar das altas diligencias que fez este funccionario, pouco ou nada conseguiu.

Depois de tentativas para a exploração de diversas industrias, ensaiou-se em 1878 a fabricação da planta do chá (*Thea viridis*.)

A cultura d'esta planta na ilha de S. Miguel, julga-se ter tomado desenvolvimento em 1833, anno em que foi importada do jardim botanico do Rio de Janeiro.

E' provavel que muito antes já se cultivasse na ilha. Pelo menos nos Açores a sua cultura era já conhecida em 1801. N'este anno, em carta de 11 de junho, o conde de Almada, governador das ilhas com séde em Angra, enviou ao governo dois caixotes com plantas de chá, cuja vegetação, dizia, era muito facil na ilha Terceira.

A historia dos ensaios de fabricação na ilha de S. Miguel, merece grande attenção.

A idéa desabrochada na sociedade agricola em 1873, encontrava serios embaraços pelo lado dos meios pecuniarios.

Mas como o amor patrio acode sempre a cortar estas difficuldades, enthusiasmou tanto os associados que o illustre michaelense e dedicado ao progresso das ilhas, sr. barão de Fonte Bella, chegou a aventar a lembrança de abrir uma subscripção que fizesse face a taes ensaios.

Com o decorrer do tempo, tomou proporções louvaveis a idéa, e no dia 13 de novembro de 1877, eram contractados em Macau dois chinas para virem aos Açores ensaiar a fabricação e cultura do chá.

Enviados para Lisboa no transporte portuguez *Africa*, passaram d'ali no paquete da empresa insulana, para S. Miguel, desembarcando em março de 1878.

A sociedade tinha ja montado convenientemente uma fabrica, para se não demorarem os ensaios.

Os dois operarios Lau-a-Pan, mestre manipulador do chá e Lau-a-Teng, interprete e coadjuctor, apresentavam todos os defeitos inherentes á sua raça.

No dia 15 do indicado mez e anno foram inaugurados os ensaios de fabricação, sendo encarregado de os estudar, Raphael d'Almeida, empregado da sociedade. Para dirigir os trabalhos foi eleita uma commissão presidida pelo esclarecido proprietario e distincto cavalheiro, sr. dr. Caetano d'Andrade Albuquerque.

Alem do processo de manipulação seguido pelo mestre, ensaiaram-se methodos descriptos por diversos auctores.

Fabricaram chá *preto*, que foi o que mereceu mais apreço; *verde*, que nunca foi perfeito; algum *ponta branca* e chá que denominavam do *povo*, por não ser do commercio mas sim supportado para consumo local das classes pobres.

Do melhor chá fabricado foi enviada uma amostra para Paris, a qual foi analysada por mr. Schutzenberger, professor de collegio e director do laboratorio de chimica mineral, que concluiu que o chá é de excellente qualidade.

Archivamos aqui o resultado d'esta analyse :

«O chá contém por 100—o seguinte :

Parte lenhosa insoluvel(cellulose, resina, albumina, gordura, etc.)	64,3 0/0
Parte soluvel (extracto secco)	35,8
Cafeina ou theina	4,2
Tannino	1,1
Materia gommosa	30,5

A' vista d'este resultado, o chá é de excellente qualidade, o que o gosto confirmará.»

Actualmente manipula-se na ilha de S. Miguel grande porção de kilos de chá que se expõe á venda, obtendo um favoravel consumo.

O interesse pela protecção que carece esta industria tem de alguma forma prendido a attenção de todos que ambicionam o progresso agricola do archipelago. O illustrado cavalheiro sr. dr. Caetano d'Andrade Albuquerque, sendo deputado ás cortes em 1881, pelo circulo de Ponta Delgada, apresentou um projecto de lei para auxiliar o desenvolvimento d'esta industria. Seria muito util que fosse renovada aquella iniciativa.

Em sessão da camara dos deputados em 9 de julho de 1887, teve segunda leitura uma nota assignada por tres deputados açorianos, renovando a iniciativa d'esta proposta.

Infelizmente não foi tomada resolução alguma a tal respeito e a industria deixou de merecer a protecção official a que tinha jús.

O café (*coffea arabica*) tambem se trata em pequena porção na ilha de S. Miguel.

N'esta mesma ilha foi em 1880 ensaiado o processo da extracção

da resinha com o intuito de aproveitar as mattas de pinheiros existentes.

Como cultura auspiciosa ha tambem nos Açores o *Phormium Tenax* (linho da Nova Zelandia), conhecido no archipelago por *Espadana*, por se parecer as folhas com uma espada.

Esta planta vegeta vigorosamente no solo açoriano e é utilisada com vantagem e em grande parte na construcção de cordas de diversas grossuras e que teem varias applicações nos trabalhos do campo.

A variedade cultivada nas ilhas parece ser a *Paretaninha* (linho amarello das elevações).

O *Phormium* produz bem nos Açores, com especialidade nas encostas das rochas á beira mar.

A sua cultura tem tomado desenvolvimento não só pela utilidade da sua folha, como pelo consumo que recebe na ilha Terceira onde ha annos existe uma fabrica de papel pardo.

Entre muitos outros ensaios de exploração de culturas temos ainda a do arroz (*Orisa sativa*,) ensaiada em 1843 em S. Miguel; o algodão, e a luzerna commum.

*

A industria pecuaria conserva-se estacionaria.

Em alguns annos tem-se procurado melhorar as raças, o que demonstra que se reconhece que esta industria é a base fundamental do progresso agricola açoriano.

Seria muito louvavel que se cuidasse da producção de uma raça de trabalho, em harmonia com as exigencias da cultura.

O gado cavallar tem tido algumas tentativas de melhoramento; o muar recente-se do trabalho prematuro e defeitos resultantes da sua má alimentação, muito apreciado para tiro; e o gado asinino ultimamente tem decrescido de apreço e é só utilisado em misteres de pequena monta.

Nas especies alimentares tem o archipelago em primeira linha o gado bovino, tambem muito util nos trabalhos campestres.

Em diversas epocas teem sido importados animaes reproductores das raças *Durham*, *Ayrshire*, *Jersey*, *Salers* e outros, que tem crusado na ilha de S. Miguel.

Em todas as ilhas se cria d'este gado para exportação.

S. Jorge, tem uma raça de vaccas de leite com boas disposições lacticinas. A Graciosa cria uma especie bovina para ser empregada em grande parte nos trabalhos agrarios.

A Terceira possue gado de trabalho e vaccas para producção de leite.

A manutenção d'esta especie pecuaria é ainda, com poucas excepções nas ilhas, o systema puramente pastoril.

Desde 1871 a Terceira exporta gado para a metropole.

Não se conhece grande cuidado no tratamento dos animaes de va-

rias raças e não se observam preceitos zootechnicos para o seu crusamento.

A fabricação de lacticinios é de grande importancia especialmente nas ilhas de S. Jorge, Graciosa, Terceira e S. Miguel.

O *gado ovino* tem merecido algum cuidado nas ilhas e despertado muito interesse pelo seu melhoramento.

Em S. Miguel importaram-se carneiros das raças *Merina*, *Santhdonn*, e outras; nota-se, porem, que o seu concurso de melhoramento foi pouco para modificar a antiga raça que é de lã pontuada, direita, grossa, pouco elastica e dotada de limitada aptidão cevatriz.

O producto do gado lanar é destinado para a manufacturação de diversas casemiras grosseiras, que teem applicação no vestuario dos aldeãos. Em Santa Maria fabricam-se com o leite de ovelha queijos apreciadissimos e que teem facil consumo no archipelago.

O *gado caprino* é muito apreciado pelas condições especiaes das ilhas.

A alimentação de tal gado é baratissima attendendo a que a colhem dos terrenos improprios para uma cultura util.

Apreciam a silva (*Rubus fructicons*), que dá abundantemente nos mattos e serve de tapumes e divisão ás pequenas propriedades, e ainda entre outras plantas teem a urze (*Erica azorica*) a queiró (*Calluna vulgaris*) e a camarinha (*Corena albus*).

Em S. Miguel ha rebanhos numerosos d'este gado e o seu leite tem facil consumo na cidade, e é ainda empregado com agrado na fabricação de queijos que têm um bom acolhimento no mercado.

N'este gado, attenta a sua conveniencia nas ilhas, tem-se feito alguma importação de raças recommendadas pela producção do leite.

Alguns chibatos são para córte e tambem a cabra entra no commercio.

O regimen da creação é em geral, formado por rebanhos que vagueam pelos mattos sob as vistas dos conductores.

O *gado suino* tem grande importancia nas ilhas e parece terem sido de grande utilidade os crusamentos que se teem realisado n'esta raça.

Este gado, é similhante aos grandes porcos da Beira, Traz-os-Montes e Minho; teem o corpo comprido, o dorso arcado, as pernas grossas e altas e as orelhas grandes e pendentes, conforme descreveu um escriptor michaelense.

Diversas raças estrangeiras teem chegado para melhorar este typo, e n'este numero figuram as da Chimera, Siameza, e as de Grignon, Berkshire e a do Alemtejo.

Este gado é muito generalisado pelas freguezias ruraes, em que todos os habitantes aspiram á sua creação, cevando-os convenientemente até ao dia desejado da festa, em que são abatidos com grande alegria da familia. As epocas das *matanças* são do Natal, dia de Reis, e festas locaes.

Apparecem n'este gado muitos mestiços provenientes do cruzamento com individuos de raça ingleza. Estes mestiços são recommendados pela sua aptidão para a engorda.

A engorda é feita em curraes, *chiqueiros*, em geral em más condições, a ponto de muitas vezes se servirem d'elles para montureira.

A sua alimentação é limitada em muitos casos aos residuos da hortaliça, lavagens da cosinha, tocas de milho, inhame (*Colocasia antiquorum*), serpentina (*Arum italicum*), raizes de differentes fetos, residuos de batata doce, mogangueiros, etc. Para a perfeita engorda usam o milho e a farinha.

Nos districtos insulares grassam algumas doenças, que se aggravam com a má direcção da alimentação do gado, escassez de pastagens e resfriamentos, resultantes de neves e geadas no inverno, victimando alguns animaes.

Apparecem algumas vezes a variola, (vulgo *gafeira*), a febre carbunculosa (vulgo *perneira*), a gastro-interite verminosa, a splenite, (vulgo *baceira*), etc.

Grassam, porem, na generalidade estas enzootias e epizootias, com pequena intensidade.

A nosologia veterinaria não apresenta, portanto, notas assustadoras nos Açores.

*
* *

Pela sua posição, os Açores, sendo faceis na acclimação de plantas da zona torrida, apresentam uma preciosa e avultada collecção de flores.

Pouco se tem escripto sobre a flora do archipelago e muito menos sobre qualquer das ilhas em particular.

Desde os fins do seculo XVIII, a geologia, a fauna e flora açorica são, porem, conhecidas, devido ás visitas de estrangeiros illustres.

Como estudos, apontam-se o livro de Hartung : *Zie Açoren in ihren ausseren Evsheinung, und nach ihrer geognotischen Natur geschildert*, Leipzig, 1866; *Notice sur l'histoire naturelle des Açores*, por Arthur Morelet, *Natural history*, de Frederick du Cane Godman; e as *Floras* de Senbert, Roma, 1844, e de H. Drouet, Paris, 1866; etc.

Este ultimo author apresentou a D. Pedro um relatorio da sua viagem aos Açores, depois publicou a *Fauna açorca*, que o governo francez favoreceu, e o *Catalogue de la Flore des Iles des Açores*.

Segundo este catalogo a vegetação do archipelago, póde-se resumir nas seguintes especies :

Dicotylias	428
Monocotylias	124
Acotylias	180

Depois de Hartung que estudou o solo açoriano e de Drouet que deu a mais completa noticia da sua vegetação, é indicado o viajante Arthur Morelet que se dedicou a estudar a fauna açorica, apresentando por entre aves, peixes e molluscos terrestres a feição agricola dos vegetaes dos Açores.

Morelet visitou os Açores como já escrevemos sob os auspicios de D. Pedro V, bem como o naturalista H. Drouet.

Entre as especies que são proprias á flora dos Açores, um illustrado auctor cita as seguintes que teem uma feição local.

Entre as dicotylias, indica :

«CUBRES (*Solidago açorica*, Hochst.) : é uma asteracea ou composta, que habita nas praias e nas costas de todo o archipelago açoriano, por entre os rochedos e nos areaes; especie abundante domina sobretudo na ilha das Flores; é notavel pelo seu brilho, e diz-se na tradicção que contribuiu por isso a dar o nome á ilha.

URZE (*Eirca açorica*, Hochst.) e QUEIRO (*Calluna vulgaris*, Salisb.) : são ericaceas ou estevas notaveis pelo seu porte arboreo e por viverem até 6:000 e 7:000 pés acima do nivel do mar. O urze chega a ter quinze pés de altura nas pequenas altitudes, mas o seu porte decresce com a elevação acima das aguas; é uma das especies dominantes e caracteristicas dos Açores. O queiro é mais proprio das montanhas. Ambas as especies constituem excellente combustivel.

LOURO (*Persea açor ca*, Seub.) : é uma laurinea arborea dos bosques de todo o archipelago; o fructo é oleoso, e o oleo passa por excellente remedio para curar as feridas do gado : dá uma madeira leve mas resistente; é com ella que os carpinteiros de carros fazem as charruas e as cangas para juntas de bois.

FAYA (*Myrica faya*, Ait.) : esta especie, a chamada *faya das ilhas*, é uma myricacea arborea, sempre verde. Tem uma reputação historica : conta-se que era esta arvore que abundava no Fayal, quando aqui aportaram os seus descobridores, e que até deu o nome á ilha; ao presente quasi não existe n'ella. A faya e uma variedade de zimbro de folha miuda constituem as especies da região silvatica dos Açores : aquella é a arvore de abrigo nos pomares contra os ventos reinantes; esta chamada *cedro das ilhas*, é a principal essencia dos bosques do archipelago açoriano; os melhores exemplares de zimbro ou cedro existem na ilha das Flores : «infelizmente, escreveu Drouet, a imprevidencia dos habitantes e a negligencia dos silvicultores officiaes (se existem) tendem a privar o archipelago d'este recurso.»

Entre as monocotylias :

«INHAME (*Collocasia Antiquorum*, Sch.) : é uma aroidéa, quasi espontanea nas planicies, e muito cultivada nos montes das ilhas. Pode-se dizer que é planta a dois fins, nutriente para o homem pela sua raiz tuberculosa e para o gado suino, por esta e pela sua ramada. Figura

no numero das especies cultivadas, muito productiva e muito prospera, mas para o consumo interno.»

Entre as acotylias:

«CABELLINHO (*Dicksonia culcita*, L'Her.): é um feto arboreo, que chega a ter dois metros de altura, considerado por isso como um dos mais bellos vegetaes da sua ordem nos Açores; as raizes do rhizoma são escuras, sedosas, brilhantes e muito leves, e por isso mui proprias para almofadar ou enchimento de coxins. O *Cabellinho* ou raizes da *Dicksonia* constitue artigo de commercio para Portugal e Brazil: a perseguição que por este motivo se faz á especie, dá logar a que se vá tornando rara sem querer ver-se, que por este caminho se extinguirá nas ilhas n'um futuro proximo uma das suas mais formosas plantas.

SARGASSO (*Fucus natans*, De Cand.): esta é a alga maritima, que abunda de tal sorte nas proximidades das Flores e Corvo, que os navegantes designam o facto por *mar do sargasso*, expressão generica pela qual se nomeia não a especie, mas o conjuncto de algas (*Fucus e sargassum*) que parecem cobrir o mar das ilhas açorianas e atapetar as praias.»

Relativamente ás especies cultivadas, Drouet enumerou setenta e duas especies agricolas, excluindo as silvaticas. N'este numero comprehendem-se as que pertencem ás gramineas, leguminosas e auranciaceas.

No numero das especies fructiferas, indicam-se: a *bananeira*, que forma regimens com cerca de cem bananas e das quaes ha duas variedades, uma grande e outra pequena; o *damasqueiro*, que produz abundantemente, especialmente na ilha do Pico, e prospera bem; a *figueira*, de que se conta grande numero de variedades, muitas das quaes importantes; a *goyabeira*, algumas variedades; o *jambo*, cultivado desde a sua importação das Antilhas; e a *Nespereira do Japão*, arvore de fructo agradavel e que é conhecida vulgarmente nas ilhas por *monica*, sendo a sua producção na ilha de S. Miguel, abundante.

No grupo das especies que offerecem singularidade, ha a *aveleira*, não fructifera; a *oliveira*, pouco conhecida no archipelago e a *tamareira*, que não fructifica.

As especies silvaticas e que se dividem entre expontaneas e cultivadas, teem tambem grande numero. Grande parte são arvores de abrigo contra os ventos reinantes. Assim generalisa-se o *Pittosporum undulatum*, *Ait.* ou arvore *de incenso*.

Arthur Morelet, na sua *Notice sur l'histoire naturelle des Açores*, Paris, 1860, referindo-se ás plantas indigenas susceptiveis de offerecer recursos ao homem, apresenta uma lista numerosa de herbaceas e arborescentes.

D'este trabalho se póde colher os seguintes dados:

Plantas herbaceas:

CANICA (*Holchus rigidus*, Hochstg.) E' uma forragem substancial, empregada para o gado asinino, antes de ter endurecido pela maturação.

JUNÇA (*Cyperus esculentus*, Lin.) A raiz tuberculosa d'esta planta come-se crua ou cosida. Tem algum cultivo no Nordeste da ilha de S. Miguel, para cevar porcos.

SERPENTINA (*Arum italicum*, Lamk.) Foi naturalisada nos Açores. Extrae-se fecula da raiz d'esta planta que é empregada geralmente no sustento dos animaes.

JARRO (*Arum vulgare*). Cresce abundantemente nas terras cultivadas e serve para sustentar porcos.

ALFACINHA (*Microderis umbellata*, Hochst.) Excellente forragem de que muito gosta o gado.

RUIVO (*Rubia splendens*, Hoffm.) e RAPA LINGUA (*Rubia tubercens*, Hoffst.) As raizes d'esta planta, bem como as de muitas outras rubiaceas, são empregadas na tinturaria.

CAPUCHO (*Phisalis pube scens*, Lin.) Fructo édulo; fazem-se com elle estimaveis especies de doce; planta evidentemente introduzida, mas que cresce hoje espontaneamente.

PERREJIL DO MAR (*Crithmum maritimum*, Lin.) As carnudas folhas d'esta umbelifera, postas em conserva de vinagre, empregam-se como condimento.

Entre as plantas arborescentes:

ZIMBRO (*Juniperos oxycedrus*, Lin.) A sua madeira é estimada para a construcção de barcos.

TEIXO (*Taxus baccata*, Lin.) Madeira apreciavel.

CAMARINHA (*Corema alba*, Don.) Fructo édulo, utilisado na ilha do Pico.

FOLHADO (*Viburno tinus*, Lin.) A madeira serve para forquilhas, manguaes, etc., utensilios agricolas.

PAU BRANCO (*Picconia excelsa*, Cand.) Madeira muito solida e propria para carros.

TAMUJO (*Myrcine retusa*, Ait.) Bom combustivel.

UVA DA SERRA, ROMANIA (*Vaccinium cylendracens*, Sm.)—(*V. Longiflorum*, *Wickster*; *Maderenss*, Link.) Madeira molle de que se faz carvão. Os fructos são agradaveis, principalmente em doce.

AZEVINHO (*Hexperado*, Ait.) Empregado em obras de mercenaria.

SANGUINHO (*Rhamuns tatifolius*, Hert.) Madeira dura e avermelhada.

GINGEIRA DO MATTO, (*Serasus*, Spc.) Madeira apreciada pelos marceneiros.

Fouqué, que visitou o archipelago, escreveu nas suas *Viagens Geologicas dos Açores*:

«Um dos caracteres mais pronunciados da vegetação dos Açores

é a verdura constante com que embelleza os campos. Os fetos e os musgos são abundantes. As gramineas, entre os phanerogamos, constituem a familia mais rica em especies. As plantas annuaes que murcham e morrem durante o inverno, não conservando vitalidade senão ás suas sementes, são raras. A vegetação herbacea é principalmente representada, por especies vivaces cujas folhas conservam todo o anno a sua frescura. Os logares incultos da ilha, que conservam ainda o seu aspecto primitivo, são revestidos d'uma especie de rede inextrincavel d'arbustos e sarças constantemente verdes, a myrsine, os loureiros, o vaccinium, o tojo frutescente, a murta, o azevinho, o vime, a picconia, a hera, a faya, ali desenvolvem em todas as estações a sua folhagem viridente. Sobre os altos pincaros de S. Miguel, um zimbreiro (*juniperus oxycedrus*) estende horisontalmente a uma pequena elevação do solo os seus ramos d'um verde mar estreitamente enterlaçados.»

Folheando os estudos dos naturalistas estrangeiros que teem visitado os Açores, podemos ainda apresentar mais uma nota sobre a flora açorica.

URZELLA (*Rocella tinctoria* do Arch.) Este notavel lichen tinctorial teve grande importancia logo depois da colonisação açorica.

PASTEL (*Isatis tinctoria*, Lin.) A especie do *isatis tinctoria*, que vegeta nas ilhas é propria do archipelago. Os classicos do seculo XVII referem de modo vago que os Açores *davam pastel, tinta boa para tingir pannos*. Tem quasi a altura de um metro, e nas suas folhas d'um verde mar, lanceoladas, prolongadas em duas auriculas é que existe a materia corante. Esta planta aclimatou-se em Portugal em cuja flora os botanicos dizem existe a especie proxima, *Isatis lusitanica*, Brot, ou *Pastel de Traz os Montes*. Esta planta foi conhecida nas ilhas entre 1520 a 1530. A sua exportação para o Brazil foi importante chegando á quantidade annual de 600:000 quintaes.

RUIVA (*Rubia tintorum*, Lin.) A raiz d'esta planta tem propriedades tinctoriaes, produzindo um vermelho solido.

ESPADANA (*Phormium tenax*, Lin) Esta planta filamentosa começa a ser convenientemente explorada nas ilhas, especialmente em S. Miguel e Terceira.

DEDALEIRA. (*Digitalis purpera*, Lin.) A medicina recommenda o seu uso para as molestias do coração.

VERBASCO. (*Verbascum tapsus* Lin.) E' tambem planta medicinal.

ALAMO (*Populus alba*, Lin.) Serve de divisão a muitas propriedades, e é utilisado para diversas construcções.

BUXO (*Buxus supervirens*, Lin.) Madeira rara e de pouco desenvolvimento.

PINHEIRO MANSO (*Pinus pinea*.) Madeira de alguma utilidade para construcção de instrumentos agricolas.

POEJO (*Mentha pulegium*.) Herva medicinal.

SABUGUEIRO. (*Sambucus nigra*). Recommendado pela medicina.

ICUTA. (*Conium maculatum.*) E' utilisada pela medicina.

MEIMENDRO. (*Hyoscyamus*). Perigoso veneno, utilisado pela medicina, bem como a *cicuta*.

PEPINO DE S. GREGORIO. (*Momordica elaterium*). Planta medicinal.

PAPOULA. (*Papaver somniferum*). D'esta planta se extrae o opio.

MURTA. (*Myrtus communis*) Planta muito apreciada pela fragancia das suas flores. E' utilisada pela medicina.

MORANGUEIRO. (*Fragaria vesca*). Produz muito nos logares ermos.

AGRIÃO. (*Masturtium officinale*). Planta de grandes vantagens medicinaes.

SUMAGRE. (*Rhus coriaria*, Lin). Serve para curtir pelles.

CASTANHEIRO. (*Castanea vesca*, Gartn). Arvore de apreciado fructo. Ha freguezias nas ilhas que a cultivam com esmero.

CARVALHO. (*Quercus pedunculata*, Lin.) Madeira muito apreciada e rara.

*
* *

A fauna açoriana tem sido estudada por naturalistas estrangeiros, occupando-se largamente d'ella mr. Arthur Morelet (*Notice sur l'histoire Naturelle des Açores*, Paris, 1860.)

Quando foram encontradas as ilhas do archipelago, não se viu habitantes de especie alguma, segundo o testemunho dos argonautas, a não ser os passaros que dotados de faculdades locomotivas especiaes mudam de residencia. Havia portanto falta total de mammiferos indigenas e só depois de promovido o povoamento é que começaram a ter procreação diversos animaes da ordem dos roedores introduzidos pelo homem e outros que furtivamente se foram installando nas ilhas, taes como o rato e a doninha.

A divulgação e introducção dos vertebrados fez-se rapida, com as viagens dos primeiros povoadores.

Com o andar do tempo alguns dos animaes que prestam serviço ao homem, teem recebido modificações caracteristicas de certas localidades. Temos assim a raça bovina das ilhas Flores e Corvo. Os seus traços principaes mostram a especie muito reduzida. O gado é bem feito, pouco roliço, couro macio, pello fino, côr uniforme, docil, fecundo, de bom leite, sobrio e apresenta boa constituição. A vacca, tem a altura regularmente de um metro. Affirmam que estes animaes mudados para melhores pastagens dão productos mais desenvolvidos, ficando ainda assim o seu talhe abaixo de medio. Julga-se que o boi do Corvo é oriundo do Algarve. Em S. Miguel aparece no gado ca-

brum algumas particularidades. O bode, apresenta cornos compridos, pello ruivo carregado, tomando a côr negra sobre as espaduas e por cima do pescoço, e é de talhe medio.

Parece que o coelho, é dos animaes roedores o de mais antiga existencia nos Açores. Desenvolvendo-se muito começou a fazer estragos nas culturas, o que sem duvida determinou a introducção do furão que actualmente vive no estado selvagem em alguns sitios da ilha de S. Jorge.

E' calculada em trinta especies as dos passaros que se aninham nos Açores, ou que fazem residencia. A gallinhola, e especialmente a perdiz vermelha é vulgar na ilha de Santa Maria, a codorniz é abundante em S. Miguel, o pombo, e alguns palmipedes, multiplicam-se de forma que fornecem boa alimentação ás ilhas Fayal, Terceira e outras. São muito abundantes os passaros pequenos, em especial as especies granivoras, chegando a arruinar muitas cearas, tal é a sua quantidade.

Mr. Morelet, o illustrado naturalista que temos seguido, ao apresentar a nota que em seguida reproduzimos diz: «A muitos passaros, que só conhecemos imperfeitamente, falta determinação especifica; outros, entre as especies pelagianas, ficaram-nos totalmente desconhecidos.»

AVES E PASSAROS MAIS GERAES NOS AÇORES

Aves de rapina

Nomes portuguezes	Nomes latinos
Milhafre	Falco butes, Lin.
Coruja	Strix flammea, Lin.

Passaros

Nomes portuguezes	Nomes latinos
Melro	Turolus merula, Lin.
Alveola	Mutacilla Boarula, Lin.
Vinagreira	Mutacilla Rubecula, Lin.
Papinho	» ?
Toutinegro	Sylvia Atricapilla, Lath.
Estrellinha	Regulus Cristatus, Br.
Tintilhão	Fringilla Moreleti, Puch.
Canario	» Serinus, Lin.
Priólo	Pyrrula Coccinea de Sel.
Esturninho	Sturnus vulgaris, Lin.

Trepadores

Nomes portuguezes	Nomes latinos
Pica-pau	Picus major, Lin.

NOMES PORTUGUEZES		NOMES LATINOS
	Gallinaceos	
Perdiz		Predix rubra, Br.
Codorniz		Predix cothurnix, Lath.
Pomba da rocha		Columba livia, Br. ?
Pomba torcaz		Columba trocaz, Hein.
Rola		Columba turtur, Lin.
	Pernaltas	
Gallinhola		Scolopax rusticola, Lin.
Narceja		Scolopax gallinago, Lin.
Garça real		Ardea purpurea, Lin.
Maçarico real		Totanus fuscus, Bechs.
	Palmipedes	
Alma de mestre		Thalassidroma Bulwerii, Jard. ?
Cagarra		Procellaria pufinus, Lin.
Gaivota		Larus argentatus, Brot.
Garça		Larus tridactylus, Lath. ?
Garajau		Sterna hirundo, Lin.
Maçarico		» »
Galeirão		Colimbus
Marreca brava		Anas nigra, Lin.

*

* *

Vejamos agora o movimento da agricultura nos ultimos tempos, e o que offerece de novidade a sua exploração no archipelago.

No concelho de Ponta Delgada, continua a predominar em grande escala a cultura da batata doce, que occupa tambem terreno nas villas mais proximas. Impulsou-se o desenvolvimento da exploração de lacticinios, fundando-se fabricas na villa da Ribeira Grande e freguezia dos Ginetes. A industria do chá começou a tomar incremento, dedicando-se os proprietarios com interesse á sua cultura e fabricação.

Em Santa Maria continuam estacionarias as praticas agricolas. Exporta gado e manteiga.

No districto de Angra do Heroismo continuam a ser culturas predominantes o milho, trigo, cevada, batata doce, vinha, favas e tremoço.

Ultimamente fizeram-se algumas tentativas para a exploração industrial do sorgho saccharino (*holcus saccaratus*, Lin.) para distillação. Pela sua cultura viu-se que se dá bem, produzindo bom rendimento em alcool.

Actualmente a cultura dominante no concelho de Angra do Heroismo é a da batata doce, que é utilisada na fabricação do alcool; na Praia da Victoria é a do milho, que abastece toda a ilha Terceira; no de Santa Cruz da Graciosa é a vinha, pois que ali ainda se produz o melhor vinho do archipelago; e no das Calhetas e Velas de S. Jorge

é a cultura do milho, e dedicam-se largamente á criação de gado vaccum para a producção de leite, porquanto a industria de lacticinios tem ali o ponto de laboração mais importante do archipelago.

No districto da Horta ensaiou-se nos ultimos tempos a plantação de vinhas resistentes, destinadas a auxiliar a existencia da vinha indigena (verdelho), e o esclarecido agronomo do districto procedeu tambem a ensaios da cultura do Sorgho saccharino.

No concelho da Horta, onde abundam os solos araveis, prodomina quasi exclusivamente a cultura cerealifera.

Nas freguezias do Capello e Praia do Norte cultiva-se a vinha.

Na ilha do Pico domina a cultura viticula. O concelho da Magdalena é o mais vinhateiro da ilha. Produz tambem algum cereal que não chega para o consumo local.

Os concelhos de S. Roque e Lages, dedicam-se á cultura de cereaes, vinha e batata. Produzem muita lenha, que é quasi por assim dizer o producto agricola mais importante de taes concelhos, pela exportação que d'ella fazem para o Fayal. Criam tambem gados que exportam. A producção dos cereaes nos tres concelhos não chega para o consumo da ilha, a qual é abastecida pela Horta.

Os concelhos de S. Roque e Magdalena produzem muita fructa que exportam para os mercados da Horta e Ponta Delgada. Alguns dos fructos são na ilha do Fayal transformados em agua ardente e vinagre.

Nas ilhas Flores e Corvo predominam as pastagens, sendo a exportação do gado o ponto agricola mais importante. Ultimamente o concelho das Lages, das Flores, dedicou-se á fabricação de queijo e manteiga que envia para o continente.

Por esta resenha, baseada em dados seguros, vê-se o actual movimento da industria agricola nos Açores.

*

* *

A instrucção popular no archipelago açoriano está ainda atrelada a estreitos limites.

No começo da colonisação açorica a instrucção era ministrada pelos religiosos franciscanos por casas particulares e depois em aulas abertas ao publico, onde se leccionava portuguez, latim, logica, oratoria e theologia. Sendo, porem, estabelecida a ordem jesuitica nas sédes dos districtos açorianos, foi-lhe concedido o previlegio da instrucção publica, ficando os franciscanos limitados a instruir nos seus conventos os alumnos da sua ordem.

D. Sebastião, por alvará de 19 de fevereiro de 1570 confiou o ensino da mocidade á companhia de Jesus, mandando-lhe fazer um collegio na ilha Terceira, á custa do estado. Logo no 1.º de junho d'a-

quelle anno, desembarcaram em Angra do Heroismo, onze padres da companhia de Jesus, para estabelecerem o collegio, o que realisaram em pouco tempo, passando então d'esta cidade, a ir fundar estabelecimentos identicos nas ilhas de S. Miguel e Fayal. Por alvará de 10 de janeiro de 1575, receberam a faculdade de poder embarcar livremente todo o genero de cereaes, e ainda por alvará de 25 de outubro de 1577, foi-lhes concedido o poder de mandar prender nas cadeias da cidade, os estudantes delinquentes, os quaes só podiam ser soltos por ordem do reitor.

Em 4 de julho de 1760, foi promulgada, porem, a carta regia de D. José, que ordenava ao governador general da ilha Terceira a expulsão dos jesuitas do archipelago.

Já em 1759, segundo um escripto de auctor considerado, por alvará de 28 de junho, era tirado aos jesuitas o monopolio dos estudos e estabelecido o ensino official. Em 6 de novembro de 1772, são criadas no reino 400 escolas de primeiras lettras e 15 nas ilhas, sendo 6 na ilha da Madeira e 9 nos Açores, a saber :

Ilha Terceira .... 6 escolas
Ilha de S. Miguel .... 3 escolas

As cortes de 1820 animaram mais a instrucção publica.

Por decretos de 29 de junho de 1821 e 6 de agosto de 1822, prescreve-se a liberdade do ensino sem dependencia de exame ou de alguma licença, garante-se o ordenado aos professores e é augmentado o numero de escolas.

A lei da liberdade de ensino soffre revogação por alvarás de 18 de dezembro de 1823 e 24 de julho de 1824, sendo diminuido o numero de escolas existentes.

Em 1826 é garantida a instrucção primaria e gratuita a todos os cidadãos.

A liberdade, porem, do ensino e o seu desenvolvimento data da implantação do regimen liberal no paiz. E assim como na ilha Terceira se arvorou e defendeu corajosamente a bandeira azul e branca, assim ali se escreveu e promulgou os primeiros decretos dando a carta de alforria ao ensino.

Em 29 de março de 1832, o marquez de Palmella, ministro então do reino, no relatorio ao duque de Bragança, escrevia : ... «restituindo magnanimamente aos Portuguezes seus fóros e liberdades antigas e assegurando-as por meio da Carta Constitucional, elevou nossas instituições ao par das que possuem as nações mais livres e mais civilisadas; mas para que estas se consolidem é necessario que sejam devidamente apreciadas pela mocidade actual e pelas gerações vindouras, é necessario, n'uma palavra, que se propaguem as luzes e os conhecimentos uteis, e que a civilisação social se ponha em harmonia com as instituições politicas.»

E continuava :

«Para conseguir esse fim, parece que o primeiro passo deve ser o remover os estorvos que uma Legislação mesquinha e uma errada politica tem posto em Portugal ao livre desenvolvimento da instrucção publica, dando *uma plena liberdade para a abertura de aulas*, em que se ensinem quaesquer sciencias ou artes honestas, e facultando o mesmo ensino em casas particulares, na certeza de que a salutar concorrencia, que por esse modo virá a estabelecer-se, terá por effeito o aperfeiçoar os methodos de ensino, e tornar mais dignos do seu ministerio os professores, que se propozerem a exercel-o, os quaes em todo o caso ficarão sujeitos a responder perante os juizes competentes, quando sejam accusados de ensinar cousa contraria á religião, aos bons costumes ou á segurança publica.»

O decreto dizia entre outras coisas :

«E' livre a todos abrir aulas publicas, ou ensinar por casas particulares quaesquer sciencias ou artes.

«As camaras podem estabelecer os professores que lhes convierem, e fixar-lhes ordenado por meio de fintas impostas em forma legal.»

E como demostração do interesse que um dos primeiros ministros constitucionaes tinha pela instrucção, temos o decreto de 24 de abril de 1832 em que se desenvolve a instrucção na ilha Terceira.

No relatorio d'este decreto escrevia o ministro :

«Sendo a intensão de V. M. I. emquanto se não fixa o systema geral, que deverá adoptar para o estabelecimento das escolas mantidas á custa do governo, o providenciar interinamente á instrucção da mocidade nos territorios da monarchia, que já felizmente se acham debaixo do legitimo governo, cumpre-me fazer presente a V. M. I. pelo que diz respeito á ilha Terceira, que as cadeiras de ensino publico, que haviam sido creadas na mesma ilha desde o anno de 1774, eram cinco de primeiras lettras, tres de grammatica latina e duas de rhetorica e philosophia, ás quaes se deve accrescentar a Academia creada em 1810 para os estudos mathematicos e de fortificacão; a academia creada pela regencia em nome da senhora D. Maria II, em 1830, para os cadetes, academicos e voluntarios emigrados n'esta ilha; e duas escolas de primeiras lettras, instituidas no castello de S. João Baptista, para as creanças de um e outro sexo, e destinadas principalmente para os filhos e filhas dos benemeritos militares aquartellados no dito castello.

«D'entre estas cadeiras muitas se acham vagas pela negligencia, que tem havido em as promover successivamente, outras deixaram de ser frequentadas pela má escolha de professores. A academia de fortificação acha-se ha muito tempo extincta; e a academia creada pela regencia vae tambem extinguir-se com a sahida da divisão, que se achava estacionada n'esta ilha.»

Os municipios começaram depois de 1844, em virtude da promul-

gação de disposições regulamentares a desenvolver a instrucção do povo.

Nos Açores existem actualmente tres lyceus com séde em cada um dos districtos, e um seminario diocesano, alem do numero de escolas publicas e particulares de instrucção primaria. Existem tambem bons collegios de ensino nas cidades de Ponta Delgada, Angra do Heroismo e Horta.

Em 1839, a misericordia de Ponta Delgada aproveitando-se do decreto de 29 de dezembro de 1836, que permittia a creação de escolas para a habilitação de licenceados menores, ou cirurgiões ministrantes, abriu em 31 de outubro, uma escola denominada — «Medico-cirurgica,» que prestou bons serviços ao archipelago, espalhando licenceados pelas localidades ruraes que deixaram de si boas recordações. Esta escola durou até fins de 1844. Em 28 de novembro d'aquelle anno, o governador civil, participava ao corpo docente que por decretos de 26 de agosto e 20 de setembro se havia supprimido a escola.

Ainda nos ultimos annos, a imprensa michaelense tem advogado a idea de estabelecer de novo um curso para a habilitação de licenciados menores.

No anno lectivo de 1886-1887, o estado da instrucção primaria, representada por escolas publicas e particulares, fornecia os seguintes dados estatisticos:

Districtos	Ilhas	Escolas publicas	Escolas particulares
Ponta Delgada	S. Miguel	82	34
	Santa Maria	6	—
Angra do Heroismo	Terceira	49	22
	S. Jorge	25	5
	Graciosa	7	5
Horta	Fayal	28	12
	Pico	26	5
	Flores	10	2
	Corvo	2	—
	Total	235	85

Ha a notar que, no numero indicado das escolas particulares em Ponta Delgada, falta o das existentes no concelho, séde do districto, e que será decerto superior a 16.

A frequencia média das escolas officiaes em todos os tres districtos foi de 7:714, e a matricula de 11:989 alumnos.

Das escolas de ensino livre não tem a estatistica dados sufficientes que a possam habilitar a, com verdade, determinar o seu numero.

Das escolas publicas, apenas 6 são de ensino complementar, — o que é deveras limitadissimo para os 19 concelhos de que se compõe a circumscripção açoriana.

Ainda como movimento escolar temos a apresentar a nota da existencia dos cursos nocturnos de instrucção primaria, que se distribuem pelos districtos na seguinte fórma:

Ponta Delgada	8
Angra do Heroismo	5
Horta	10
Total	23

Estes cursos tinham a matricula de 243 menores e 336 adultos. Contribuiram para a sua sustentação os municipios com 492$000 réis, as juntas de parochia com 115$200 réis, e os particulares com 256$800 réis, em moeda insulana.

No districto de Ponta Delgada, ainda temos a mencionar a falta da existencia dos cursos regidos por professores particulares no concelho, séde do districto.

*

Ao obsequio de cavalheiros dignos da maior respeitabilidade devemos umas notas estatisticas que acompanham estas linhas e que dão logar a se ajuizar do estado actual da instrucção publica n'estas terras.

Assim, respeitante ao districto de Ponta Delgada, temos os seguintes dados:

Concelhos	Numero de escolas	Despezas com a instrucção
Ponta Delgada	44	10:521$450
Ribeira Grande	19	4:445$103
Villa Franca	8	1:945$500
Lagoa	7	1:670$480
Povoação	9	1:419$500
Nordeste	7	1:701$500
Villa do Porto	6	1:111$935
Total		22:815$468

As camaras da Povoação, Nordeste e Villa do Porto, reclamam subsidio da junta geral e do estado.

O districto d'Angra do Heroismo fornece os seguintes dados :

Concelhos	Numero de escolas	Despezas com a instrucção
Angra	40	7:401$055
Praia da Victoria	14	2:565$000
Graciosa	7	1:410$000
Vellas	13	1:934$750
Calheta	11	1:454$080
Total		14:764$885

Os concelhos das Vellas e Calheta são subsidiados pela Junta Geral respectiva.

Horta, onde a instrucção publica tem tomado um bom desenvolvimento, apresenta a nota que se segue :

Concelhos	Numero de escolas	Despeza com a instrucção
Horta	39	6:455$700
Magdalena	8	1:625$500
S. Roque	11	2:009$535
Lages	9	1:764$666
Santa Cruz	12	1:234$750
Lages	5	944$824
Corvo	2	464$000
Total		14:498$975

Todas as camaras d'este districto pedem subsidio ao estado e á Junta Geral.

Estas notas referem-se ao anno de 1890.

*

Apesar das necessidades da instrucção estarem reclamando não existem no archipelago escolas dominicaes, que podiam utilisar ás classes do campo.

Felizmente, em grande parte das ilhas enumeram-se cursos nocturnos que muito aproveitam ao bom exito do ensino popular.

A Horta, por exemplo, tinha n'aquelle anno 10 cursos nocturnos, que apresentavam uma boa frequencia.

Quanto ás escolas complementares, existem duas na cidade de Angra do Heroismo e uma no concelho da Calheta, da ilha de S. Jorge.

Na Terceira, o nosso amigo sr. Aniceto Antonio dos Santos, um professor esclarecido e devotado ao florescimento da instrucção, abriu um curso de habilitação de pessoal para o magisterio, curso que regido proficientemente tem apresentado bons resultados.

Como se vê, nos tres districtos açorianos dispendem as camaras municipaes com a instrucção publica 52:079$328 rs. nos quaes entram 3:560$640 rs. subsidio com que concorreram as juntas geraes, e réis 5:805$942, que pedem ao estado as municipalidades, em conformidade com a lei.

Alem d'esta despeza dos municipios açorianos, devem figurar n'uma estatistica completa quantias com que concorrem os particulares para a sustentação de cursos nocturnos em diversas localidades.

*

O alcance do valor da instrucção ainda não é perfeitamente comprehendido, nem por algumas auctoridades locaes das ilhas, nem pelo povo.

Aquellas patenteiam um certo abandono na presença das necessidades urgentes do ensino, este recusa o pouco que lhe é facultado.

Merecem no entanto absolvição os ultimos, porque se justificam; outro tanto não succede aos primeiros.

Se elles comprehendessem o quanto vale a instrucção, não volveriam as costas ao chamamento que se lhes faz: e por isso o principal não é só abrir aulas, é procurar captar as sympathias do povo para as frequentar, é desenvolver o amor pela instrucção. E isto sempre se conquista com trabalho.

N'uma conferencia pedagogica feita em Ponta Delgada, a que assistimos, cremos que em 1887, parte do professorado official alli representado, tratando das vantagens do ensino, notou a falta regular da comparencia dos alumnos ás aulas.

E isto é uma verdade.

Especialmente nas freguezias ruraes açorianas, a frequencia é na generalidade irregularissima, o horario é poucas ou nenhumas vezes observado, com o que soffre muito o methodo da distribuição das disciplinas pelas horas do estudo.

Isto prejudica o ensino, torna-o irregular.

Era preciso que a familia dispensasse o filho de quaesquer cuidados, e o obrigasse a comparecer impreterivelmente á aula; e isto alcança-se perfeitamente com a existencia de premios e outros incentivos, taes como as festas escolares.

*

A instrucção popular dos Açores tem lucrado tambem com o methodo de ensino do grande poeta João de Deus, e seria muito para apreciar se se divulgassem as missões escolares pelas aldeias ruraes onde, em boa consciencia, ainda se vê o abandono pela instrucção do povo.

A nota que vamos aqui apresentar dá conta das missões escolares realisadas n'este archipelago:

Missões escolares pelo methodo do dr. João de Deus, realisadas nos Açores

Numero de ordem	Ilhas	Localidades	Data da inauguração das missões	Alumnos matriculados	Media das lições	Data dos exames	Alumnos examinados
1	S. Miguel.	Villa Franca	22 de junho de 1887	90	83	23 de outubro de 1887	27
2		Ponta Delgada	4 de novembro de 1887	119	74	11 de março de 1888	42
3		» »	24 de abril de 1886	55	72	26 de agosto de 1888	20
4	Graciosa .	Villa da Praia	17 de setembro de 1888	242	67	13 de janeiro de 1889	127
				506	296		216

As corporações administrativas teem procurado elevar sempre a instrucção popular e algumas auctoridades que teem estado nos Açores, não se poupam a fazel-a florescer. N'este campo temos o nosso bom amigo o sr. visconde de Castilho (Julio), filho do dr. Antonio Feliciano de Castilho, a quem a historia da instrucção açoriana deve muito. Como Castilho pae, se immortalisou em S. Miguel, Castilho filho, deixou o seu nome nos annaes da ilha do Fayal. Nomeado governador civil para ali, chegou á ilha a 24 de novembro de 1877, merecendo-lhe desde logo attenção o estado da instrucção popular. Visitou as escolas, animou os professores, despertou nas creanças o amor pelo estudo, estabeleceu premios para as aulas officiaes e no proprio palacio da sua residencia creou uma escola para adultos por elle dirigida. Foi limitada, porem, a estada do illustre cavalheiro na ilha, pois a deixou a 9 de fevereiro de 1878. Em tão pouco tempo conquistou um largo quinhão na historia da instrucção publica.

Annos antes, a 27 de agosto de 1847, desembarcava em Ponta Delgada o dr. Antonio Feliciano de Castilho, sahindo da cidade com toda a sua familia tres annos depois, a 9 de julho de 1850. E' longa a lista de serviços prestados á causa da instrucção publica nos Açores, serviços que lhe dão hoje direito a ter o seu nome abençoado por todos que amam o florescimento do archipelago.

Em S. Miguel, ensaiou Castilho e publicou o *Methodo portuguez de leitura*, reuniu na sua residencia os amantes das sciencias e artes, despertou estimulos intellectuaes, redigiu com o saber que o caracterisava o *Agricultor Michaelense*, jornal da sociedade agricola; publicou as *Felicidades pela agricultura*; fundou a 9 de setembro de 1848, a *Sociedade dos Amigos das Letras e Artes*, que fez milagres, abrindo escolas, confraternisando o litterato com o artista, criando o espirito de sociabilidade e realisando exposições; fez grande numero de propostas á sociedade agricola, todas tendentes ao engrandecimento da terra; compoz *hymnos*; desenvolveu o gosto pela arte musical, etc. etc.

O sabio pedagogista ao deixar a terra onde havia immortalisado o seu nome, recapitulou assim os serviços que tinha feito :

«Mas as minhas diligencias não pararam em alvitramentos; até onde se podia sem os grandes meios externos, fui. Confederámo-nos os solicitos; fundou-se e prosperou uma Sociedade d'Amigos das Lettras e Artes, fóco e excitamento de convivencia, de trabalho, de instrucção : d'ella brotaram escolas variadas, festas, exposições, tres fontinhas, todas preciosas, de ulteriores progressos e que até como exemplo teem já sido proveitosas. A vossa Villa da Ribeira Grande lá está com brilhantes serões musicos, e escolas primarias gratuitas. Ha-as na Villa da Lagoa; ha-as nascidas n'outras partes; e em quasi todas estão despontando. Na vossa terra organisei um novo systema de leitura facilima, já approvado para todo o Reino; n'ella compuz um novo tratado

de versificação e poetica, tambem já approvado para o mesmo fim; n'ella um de monemonica: tres livros elementares não sem prestimo. Da poesia, abri curso de que sairam dois Poetas lyricos de esperanças, e outro curso do mesmo haveriam as damas tido, se o quizessem: offereci-lh'o. Offereci-me tambem ao ensino rapido do latim e portuguez ao mesmo tempo; se não acudiram alumnos, não foi minha a culpa. Como invite ao foragido espirito de sociabilidade, espancado pelas ruins politicas, tentei um jornal litterario e poetico para os domingos e para as salas: *A Serea*; tambem lhe não deram a mão e ahi se malogrou. Introduzi a gravura em madeira. Tentei a lythographia. Fiz dar, talvez, um passo de adiantamento á typographia. Espertei em alguns mancebos d'alma, o amor do bello e do bom; por onde espero que as novas escolas que vos elles regem com fervor exemplar, e fanatismo santo, se hão-de arraigar e permanecer. Commetti o que ainda em terras portuguezas se não commettêra, applicar a poesia e a musica, d'antes só desbaratadas em amores e vaidades, a concitar os espiritos para coisas serias e uteis; d'ahi o *Hymno do trabalho*, o da *Infancia nos estudos*, e o dos *Lavradores*. Obtive da amisade de um dos nossos primeiros medicos, um excellente curso popular de hygiene. Provoquei a erecção d'um conselho industrial, que acudisse com o fructo dos seus estudos, ás consultas dos mechanicos indoutos. Solicitei a formação, ainda pendente, de um estabelecimento mixto de caixa economica, banco industrial, e monte-pio. Acceitei o commissariado dos estudos, n'esta ilha, sem interesse, antes com dispendio de fazenda e tempo, pelo mero empenho de appressar a instrucção, antepondo aos methodos e praxes tradicionaes, methodos e praxes mais do seculo; agra tarefa, de que eu não houvera aberto mão, se barbara e ingratamente m'a não houvessem pago logo ao principio, com desgostos. Finalmente, puz peito, a que a verdadeira mola real de todos os desejaveis e possiveis beneficios, a nobre Sociedade dos Amigos das Lettras e Artes, assegurasse a sua duração. Requereu-se chão nacional, onde por generosos donativos da Sociedade e ilha, se edificasse e dotasse um magnifico solar d'artes e lettras; requerimento, que eu acompanhei incansavel, e em cujo favor da civilisação, invoquei, e continuo a invocar, Ceos e terra; oxalá o defiram antes que as vontades aqui descorçoem e se percam totalmente! mais tarde...poderão semear n'esse chão avêa ou luzerna, ou deixarem-no, para escalracho e cardos; dará tudo, menos instrucção. Felizmente, deixei-lhe na Côrte protectores intelligentes, zelosos, e de valimento; ainda restam esperanças. Com esse palacio, se se chega a lavantar, espaçoso, commodo, claro, ridente, pintado, ornado, ajardinado, alegre por todas as janellas; convidativo por todas as portas; bondoso e dadivoso em todos os recantos; com aulas de religião e moral, d'escripta, de leitura, de contas, de geometria, de desenho, de pintura, de linguas, de historia, de geographia, de musica, de danca, de hygiene, de civilidade; com theatro para declamação, baile e opera; com sala para

saráos; com bazar para productos artisticos; com vergel e sombras para passeio e exercicios gymnasticos; com museu e bibliotheca para estudiosos... ¿ quem não vê que haverá alli uma irresistivel attracção para todos os Socios, a qual junta á idéa do proveito commum e publico e á diminuição ou cessão de prestações continuas, pela preexistencia de um capital seguro e sufficiente, os trará perennemente reunidos e gostosos ? E' por isso, que se hoje nos chegasse a boa nova de se nos haver outhorgado. aquelle solo, hoje mesmo começariamos a mendigar, como religiosos, para as obras da nossa terra santa; ámanhã lhe estariamos por nossas proprias mãos uns cavando os alicerces, outros acarretando as achegas, outros cortando as madeiras, outros serrando ao som do hymno do trabalho; o prelado, nosso consocio, cedendo ao nosso convite, e ao de sua consciencia, viria ao primeiro alvor da madrugada, abençoar o chão, as auctoridades lançar nos fundamentos as primeiras pedras, as damas e os meninos; flores. Com taes estreias a edificação pularia per entre cantos todo o dia á luz do sol, toda a noite á dos archotes; S. Miguel em poucos mezes teria para mostrar a todo o mundo, um monumento; teria, e ha-de ter; ou de todo é morta já a alma nas terras de Portugal. Orae, meus amigos, orae para que não caia mais essa vergonha em nossa idade.

E agora que vos hei deixado tudo quanto me restava, que eram votos e preces pela vossa prosperidade, a que eu já não hei-de assistir, senão em espirito, agora vos abraço; e com a fronte inclinada sob as trevas do destino, quando eram bem horas de repoisar, recomeço a peregrinação.»

Durante a sua estada na ilha, publicou : *Methodo de leitura*, *Noções Rudimentares para uso das escolas*, a *Felicidade pela agricultura*, o *Estudo Historico-poetico Camões*, etc.

Até ao anno de 1858, manteve a sociedade 15 escolas onde se instruiu grande numero de crianças e adultos. D'esta epoca passou a manter apenas uma aula central em Ponta Delgada e outra no pittoresco valle das Sete Cidades.

Difficuldades que militam ainda contra a causa da instrucção publica, favoreceram o encerramento de tão util estabelecimento.

Foi mais uma vez abandonada a pobre instrucção popular.

*
* *

Uma das occupações açorianas desde o estabelecimento definitivo das populações, foi a industria da pesca, que infelizmente é ainda hoje pouco desenvolvida e sem methodo seguro de exploração. A maior parte das freguezias insulanas accessiveis de porto de mar, teem numerosos individuos que se dedicam á pescaria.

O pescador açoriano que sente já no berço o rugir da tempestade e a furia do oceano que arrogante investe pelos penhascos das ilhas, é atrevido e na historia dos benemeritos do mar, d'essa legião de heroes, que jogam a vida para salvar a do seu similhante, figuram como exemplo a seguir pelo seu arrojo e admiravel coragem. E é tão grande a confiança que teem no mar, estão tão familiarisados com as suas investidas, que tendo habitações faceis de assalto e ataque, levantaram a fronte e luctaram valentemente com as esquadras que advogavam o despotismo.

Vamos trasladar para aqui alguns periodos que escrevemos no folheto «Os Açores e a Industria Piscatoria 1432-1892» :

Como todos os individuos d'esta classe, o maritimo açoriano é crente e tem a sua devoção poetisada por factos recolhidos tradicionalmente dos avós. Formam pequenas colonias, bairros, estabelecem-se e vivem sem maiores aspirações. Cada pescador em geral é chefe de numerosa familia. Habita em casas summamente pobres e apinhadas de gente, do que vem sem duvida a denominação *tarraçada* com que a população designa os seus bairros e d'ahi o termo *tarraço*, com que o conhece. Desleixados pela educação dos filhos, só aspiram a idade precisa para os levar, no leito do barco, á assistirem ás grandes scenas da natureza e aos trabalhos do pae. Egualmente descuram da hygiene; debaixo das camas, ao canto das casas; trouxas de roupa, molhos de corda, caniços, rede, cestos e outros aprestes de pesca e em grande quantidade o engodo para isca do peixe.

Os rapazes, como os bairros são sempre á beira mar, sahem para a rua semi-nus e na generalidade todos rotos e esbandalhados.

Quando são contrariados nos seus interesses, empregam epithetos ultrajantes mas essas altercações duram pouco, continuando todos nas mesmas relações. A taberna fal-os então reconciliar.

Nas suas questões não empregam o uso da faca, batem-se sempre ao pugilato, ou então utilisam a primeira arma que o acaso lhes depara.

Uma unica coisa lhes mette medo. E' o serviço militar. *Cada pedra é um caes*, exclamam elles á auctoridade. E assim, evadem-se na idade do recenseamento ficando apenas os velhos e os com impossibilidade physica que os tornam imcapazes do serviço.

Especialmente nas ilhas dos grupos central e occidental dos Açores, o recrutamento é cousa difficil de fazer. E caso notavel, diante das investigações da auctoridade sobre buscas de mancebos, os pescadores não conhecem inimigos, são todos protegidos.

As frequentes scenas da miseria presenceiam-se ali sempre. Quando regressam da pesca. os barcos são varados na areia á força dos braços, a uma grande distancia da linha da maré, conforme consente o espaço do varadouro. O peixe é vendido pelos pescadores velhos que não pódem já ir para o mar. De cabellos brancos, cahidos desleixadamente sobre a testa, a camisa aberta deixando vêr o peito quei-

mado pelo sol, olham com arrogancia conscios de que a elles se deve o bom resultado da pescaria. O vestuario d'esta gente denuncia a sua grande miseria.

Vestem cotim, e casacos de panno crú. Alguns trajam camisas de lã e roupas de mais agasalho. Na pesca arregaçam as mangas da camisa e as calças até ao joelho. Assim procedem aos seus trabalhos. A pesca nos Açores é perigosa. Na costa, escarpada em grande parte pelas altas montanhas, a sahida de um barco, desviando-se dos pontos de abrigo, é sempre arrojo pelo imminente perigo a que se sujeitam porque o mar ao encrespar-se difficulta a retirada aos pontos de abrigo.

De historia, sabem os pescadores açorianos, que um principe portuguez veiu aos Açores, tomou os seus avós, limpou o archipelago de todas as joias que havia, e levou tudo : homens e dinheiro para uma guerra da liberdade, acabando assim com os caceteiros. Lembram-se de ouvir dizer aos seus antepassados : Nós somos liberaes, somos malhados ! De instrucção, conhecem o que viam fazer aos paes, que são as rotineiras operações da pesca, e a manufacturação dos aprestes empregados no serviço piscatorio.

Como se vê o caracter, usos e costumes do pescador açoriano, são os genuinos do pescador portuguez. Carregado pelas exigencias do fisco, vive, pescando e pagando.

Pouco se importa com a organisação politica do paiz; o que elle quer é encontrar consumidor para lhe pagar a pesca.

Divide-se em dois grupos a pesca nos Açores : a grande pesca que é a da baleia; e a pequena pesca que é de pedra com tarrafa e canna, feita sem barco nas margens maritimas e bem assim a costeira que se pratica nos mares territoriaes das ilhas. Foram os americanos que exploraram a aptidão dos marinheiros açorianos fazendo cruzar annualmente no archipelago grande numero de navios balieiros que se empregaram na pesca. Em 1767 já era explorada a pesca das baleias e o governador das ilhas, em carta official para a metropole, communicava em 1768, que haviam abundantes baleias *em todas as costas* e que a Inglaterra no anno anterior havia mandado para aquella pesca 70 navios que haviam colhido *muito azeite e algum ambar*. Ultimamente a iniciativa particular tomou a serio a exploração da pesca da baleia e estabeleceu postos de piscaria nos locaes mais susceptiveis da pesca, em quasi todas as ilhas do archipelago. O pessoal balieiro das ilhas é atrevido. Uma canôa de pesca persegue os cetaceos a grande distancia de terra.

Os pescadores balieiros são contratados por soldadas variaveis.

Alem do recrutamento que annualmente se faz para esta pesca, temos tambem outro que é o da matricula para a pesca do bacalhau.

Navios nacionaes aportam ás ilhas e recebem ali os pescadores bacalhoeiros. Em 1892, foram contratados em Ponta Delgada, ilha de S. Miguel, 108 pescadores, ganhando o total de 18:435$000 rs. insu-

lanos, o que mostra o quanto a pesca rende ao districto. O illustrado secretario perpetuo da benemerita sociedade de Geographia de Lisboa, sr. Luciano Cordeiro, é de opinião n'um seu illustrado trabalho que foram os pescadores de Vienna, Aveiro e ilha Terceira, que iniciaram a pesca do bacalhau nos bancos pelos annos de 1500 a 1501. Portanto os Açores já n'aquelles tempos davam o seu contingente para a exploração d'aquella pesca.

A pequena pesca nas ilhas, a de pedra com tarrafa e canna é exercida por um diminuto numero de pescadores e muitos curiosos que se entregam a ella por passatempo.

Ha pesqueiros nas ilhas onde vão os pescadores da costa, especialmente quando o mau tempo impede os barcos de sahirem para os seus habituaes trabalhos.

Os nomes vulgares dos peixes existentes nos mares dos Açores, segundo um author, são os seguintes :

Agulha, Agulhão, Albafar, Alferes, Alvacor, Atum, Abrotea, Alfoucim, Arraia, Arraião.

Bicuda, Bagre ou Bocca negra, Badéjo, Bonito, Besugo, Bodeão, Boto, Breta, Boqueirão, Boga.

Cação, Congro, Cavalla, Castanheta, Cabra, Cachorra, Clerigo ou Caiado, Chicharro, Cherne, Cornuda, Carapau, Cão, Cantaro, Choupana.

Dourado, Dorminhoca.

Escolar, Enxova, Encharéo, Espada ou Espadarte.

Folião, Formosura, Frade.

Garoupa, Goraz, Gallo, Gata

Iró, Imperador.

Juliana, (a que chamam Bacalhau.)

Lagarto, Lagosta, Liro, Lula.

Mero, Moreâ, Moreão, Mamona, Marracho.

Official, Ortiga, Orelhão.

Pachão, Pargo, Prombeta, Polvo, Pescada.

Quelma.

Rocaz, Rei ou Realengo, Rainha, Rato.

Sargo, Sardinha, Salema, Serra, Solha, Sapo.

Tintureira, Toninha, Tainha do mar alto, Tutia, Tartaruga.

Veja, Viuva, Voador.

Ha os seguintes mariscos nas costas : Aranha, Busio, Cavaco, Caranguejo, Caranguejola, Craca, Caramujo, Camarão, Lapa.

Dos peixes mencionados acima empregam-se na alimentação os seguintes : agulha, agulhão, alvacor, atum, abrotea, alfoucim, arraia,—bicuda, bagre, boga, badejo, bonito, besugo, bodeão, breta,—cação, congro, cavalla, carapau, castanheta, cabra, cachorra, clerigo, chicharro, cherne, cornuda, cantaro, choupa, cavaco,—dourado, dorminhoca,—escolar, enxova, encharéo, espada, garoupa, goraz, gallo,—iró, im-

perador,—juliana,—liro, lagosta,—mero, morêa, moreão,— official, ortiga, orelhão,—pachão, pargo, prombeta, polvo,—rei, rainha, rocaz,—sargo sardinha, salema, serra, solha,—tainha, tartaruga,— veja, viuva.

Os mais estimados d'entre estes, são agulha, alfoucim, abrotea, badejo, bicuda, besugo, bagre, bodeão, cherne, cavalla, chicharro, dourado, escolar, espada, garoupa, goraz, gallo, iró, liro, morêa, official, pargo, pescada, rei, rocaz, salema, sardinha, tainha, tartaruga.

Pescam-se exclusivamente para dar azeite os seguintes peixes : albafar (dos figados), arraia (dos figados), bote (da pelle), gata (dos figados, a pelle serve para lixa), mamona (dos figados), marracho (dos figados), quelma (dos figados,) toninha (da pelle), tutia (dos figados).—A tartaruga é um bello peixe para a alimentação, e dá muito oleo.

Os mais procurados para dar azeite são : quelma, toninha, albafar, boto, gata e tutia.

Os pescadores da costa, desviam-se muitas vezes de uma ilha, indo pescar á sombra de outra.

No periodo da colonisação, como a construcção de um barco, fosse despesa avultada, as casas ricas mandavam fazer bateis de pesca para os pescadores que os tomavam com a condição de fornecerem o melhor peixe ao proprietario.

Hoje a primeira ambição do maritimo é a compra de um barco para a exploração da pesca.

*

Por cerca de 1840, a industria do azeite de peixe foi bem explorarada na ilha de S. Miguel, tomando grandes proporções, por ser utilisado na illuminação publica e particular. Os portos onde esta industria se centralisou eram : Ponta Delgada, Lagoa, Villa Franca, Rabo de Peixe e Capellas.

Calculava-se em 1865 cerca de 2:000 barris, de quatro almudes cada um, a quantidade de azeite alcançado pela pesca. Eram pescadas as *quelmas* e *toninhas*. Os maritimos começavam na pesca das quelmas em maio e acabavam em fins d'agosto, demorando-se de cada vez de 24 a 36 horas, conforme permittia o tempo.

Era feita esta pesca a 8 leguas distantes da costa, sendo pelo lado do sul, quasi a meio canal da ilha de Santa Maria. A pesca das *toninhas*, começava em dezembro e terminava em maio. A pesca era feita e é ainda a arpão. Os residuos d'este peixe era utilisado para adubo ajudando á fertilidade do solo.

Nos tempos da colonisação e ainda hoje o peixe gosa de virtudes therapeuticas entre o povo.

Vamos vêr agora a estatistica maritima do archipelago, que devemos á amabilidade de cavalheiros illustrados:

Nota da população maritima e piscatoria do archipelago no anno de 1892, segundo dados estatisticos das capitanias do porto.

Districtos	Ilhas	Numero de maritimos	Numero de pescadores	Total por districtos
Ponta Delgada	Santa Maria	—	76	1.600
	S. Miguel	234	1.290	
Angra do Heroismo	Terceira	33	647	1.054
	Graciosa	58	61	
	S. Jorge	—	255	
Horta	Fayal	—	245	1.563
	Pico	174	881	
	Flores	—	228	
	Corvo	—	35	
		499	3.718	4.217

Nota do numero dos navios mercantes, de recreio, barcos de cabotagem e de pesca, existentes no archipelago em 1892.

Districtos	Ilhas	Navios mercantes	Navios de recreio	Barcos de recreio	Barcos de cabotagem, carga e catraiar	Barcos de pesca
Ponta Delgada	Santa Maria	—	—	—	—	17
	S. Miguel	1	(a) 2	43	10	261
Angra do Heroismo	Terceira	1	(b) —	17	23	116
	Graciosa	—	—	—	13	15
	S. Jorge	—	—	—	6	55
Horta	Fayal	—	1	(c) —	—	39
	Pico	—	—	—	26	130
	Flores	—	—	—	—	39
	Corvo	—	—	—	—	4
		2	3	60	78	676

(*a*) Na ilha de S. Miguel o navio mercante denomina-se *Santo Antonio*, e faz viagem entre as ilhas. Os dois de recreio pertencem ao fidalgo michaelense sr. conde de Fonte Bella. Um é o hiate *Aquila*, um dos melhores do paiz e o primeiro dos Açores, luxuosamente aparelhado e que muito honra a terra. S. ex.ª que é membro distincto do club naval de Lisboa e um amante da navegação, apresenta o seu navio de recreio a par dos melhores do estrangeiro. O outro é o vaporsinho *Cachalote*, com bons aprestes e que faz viagens de recreio entre os portos da ilha. Alem d'estes navios, tem a ilha maior numero de barcos de recreio do que os indicados na estatistica. Muitos estão recolhidos em armazens no inverno, e só nos mezes de verão apparecem. A matricula destes barcos ainda não está feita.

(*b*) A Terceira tem um navio mercante o *Principe da Beira*.

(*c*) A ilha do Fayal deve ter alem do hiate de recreio *Baydere*, barcos de recreio.

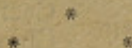
Podemos pois asseverar que nas tres ilhas S. Miguel, Terceira e Fayal, existem barcos de recreio que a estatistica não pôde precisar.

A industria piscatoria está pouco desenvolvida no archipelago. Não tem mesmo methodo de exploração, não existem companhias que animem a venda do pescado escalado e de salmoura e estabelecimentos de fabricas de conserva. O peixe salgado vende-se de uma ilha para outra não passando dos mercados açorianos.

A nosso vêr as circumstancias piscatorias estão exigindo que se olhe com seriedade para esta industria, que se empreguem os modernos processos technicos da arte de pescar e que seja encaminhada para um rumo seguro a sua exploração. O fisco vexa muito os pobres pescadores. E' certo que desde os tempos da colonisação tinham a *dizima* do pescado para os senhores donatarios das ilhas e por isso se habituaram de ha muito a retirar do seu arriscado trabalho parte para a tributação.

O que seria aproveitavel e necessario era que o producto d'estes impostos revertessem em auxilio d'elles: empregando-se na creação de centros piscatorios nas ilhas, educando os filhos da classe maritima e desenvolvendo-a conforme as exigencias da vida.

*

* *

Os costumes populares do archipelago, dão um tom caracteristico dos habitantes das ilhas. As festas principaes são os *Imperios do Espirito Santo*, que tiveram principio na villa de Alemquer e que foram introduzidas com os colonisadores.

Em 1492 existia este festejo na Terceira e já antes o tinha Santa Maria, a primeira povoada. Em 1753 o padre Alberto Pereira Rey, publicou um pequeno livro intitulado *Breve Noticia das festas do Imperador e Vodo, que em honra, e louvor do Divino Espirito Santo, costumam fazer muitas cidades, villas e logares deste Reyno de Portugal, e ilhas adjacentes e do principio da sua Divindade*, que cremos ser o primeiro trabalho historico referente a estes festejos.

No decurso do Diccionario vão dessiminadas noticias sobre as festas, o que nos dispensa portanto de o fazer aqui.

*

Depois das festas do Espirito Santo tão populares e tão queridas no archipelago temos as touradas na ilha Terceira, e em S. Miguel as representações dramaticas.

Antes diremos que em todas as ilhas são frequentes nas festas religiosas e romarias, os bailes populares a que nas ilhas do districto da Horta se chama *folga*, e nas de Ponta Delgada e Angra do Heroismo, *charamba*.

Este divertimento, ou exercicios chorographicos, realisam-se n'um quarto separado d'aquelle em que está depositada a corôa, emblema do Espirito Santo, quando se trata d'estas festas, ou nas ruas e praças publicas quando se realisam as romarias.

Vamos dar uma amostra dos invariaveis numeros de danças, com as suas denominações :

Chamarita :
Anda minha chamarita
Minha chamaritinha dona
Trago terra n'algibeira
Para dispor mangerona.

*

Pésinho :
Lá te vae o meu pésinho
Oh ! vida laró cá soube,
Soube que amavas a outro
Retirei-me quanto poude.

*

Sapateia :
Sapatos que me não servem
A' borda d'agua os deixei,
Não se me dá que outros logrem
Amores que eu engeitei.

*

Saudade :
Oh ! tirana saudade
Chega a mim tira-me a vida
Que a prenda que mais amava
Já de mim está suspendida.

*

Aurora :
Aurora meu bem aurora
Aurora por isso digo
Claro sol, neve divina
Quem me dera amores comtigo.

*

Mangericão :
Mangericão na serra
Não sei como não tem medo,
Faz a cama dorme só
Debaixo de um arvoredo.

*

Batuque :
Batuque, Batuque,
Deixal-o batucar,
Ainda sou muito criança
Não posso casar.

*

Trelico (ou Praia) :
Trelico bate, bate,
Trelico já bateu,
Quem gosta de mim é ella,
Quem gosta della sou eu.

*

Canninha verde :
Canninha verde
Enterrada na areia,
Quem a fôr desenterrar
Tem cem annos de cadeia

*

Preto :
Arrenega do preto
Que vem da maré,
Cachimbo na boca
Chinélo no pé.

*

Murcianna :
Murcianna, minha amiga
Vae fiar teu algodão,
Que estes rapazes d'agora
Promettem saias, não dão.

*

Siranda :
Oh ! Siranda ó Sirandinha
Vamos nós assim andar,
Vamos dar a meia volta
Meia volta vamos dar.

*

Machadinha :
Ai ai minha machadinha
Quem te offendeu,
Sabendo que és minha.
  Sabendo que és minha
  Que eu sou todo teu.
Ai ai minha machadinha
Quem te offendeu.
  Sabendo que és minha,
  Que eu sou todo teu.

*

A Viuvinha :
Sou viuvinha da banda d'alem

Quero casar não tenho com quem.
Todos me querem
Eu quero alguem.
Só te quero
A ti meu bem.

(*Abraçam-se*).

Din, glin, dim,
glin, din, glin, din,
Dan, glan, dão,
glan, dão, glão dão.

*
* *

Devemos agora falar das representações populares, realisadas em S. Miguel, nas freguezias ruraes do concelho de Ponta Delgada. Para isto servimo-nos de um escripto que fizemos em tempo.

A poesia popular esmera-se na construcção d'estes *entremezes* e comedias.

Um enredo por inverosimil que seja, uma historieta mesmo com falta de senso, presta-se á versificação e a ser recitada n'uma formosa tarde de verão.

Mas estes espectaculos teem o seu programma, e a escolha das peças recáe n'um longo reportorio. Teem geral preferencia, entre muitas, as populares historias :—*Ignez de Castro*, e *Princeza Magalona.*

O cancioneiro açoriano é muito longo; a historia das fadas, tão generalizadas em Portugal, tem tambem nas ilhas desenvolvimento, e n'isto encorpora-se a poesia dramatica popular.

Assente isto, diremos que gosa de particular predilecção entre os habitantes das aldeias michaelenses o uso das representações ao ar livre.

O dia designado para a representação é um dia de completa festa para o logar e um alvo de distracção que attráe muitos curiosos das freguezias proximas.

Um illustrado auctor, falando dos espectaculos de Athenas, disse :

«O theatro antigo não era uma sala incerrada e sombria, allumiada pelo clarão dos candieiros, aonde vamos passar á noite uma ou duas horas em pequenos nichos de madeira : onde o heroe tragico quando fala do sol levanta os olhos para um lustre mais ou menos illuminado, e, quando invoca a Divindade, contempla um tecto de madeira pintada, ou então, abaixo d'esse tecto, a ultima galeria chèia de espectadores inquietos e desdenhosos. O theatro antigo achava-se collocado no declive de um outeiro; o ceu fazia-lhe as vezes de tecto; as montanhas e o mar serviam-lhe de bastidores.»

Quadra-se perfeitamente esta descripção do theatro antigo atheniense com o palco para as representações populares em S. Miguel.

Estabelecido um tablado singelo n'um logar conveniente, alto, geralmente no largo em frente da egreja da freguezia, tendo nos lados as scenas da Natureza, uma grande quantidade de terra povoada de

montes e outeiros de forma cónica, – eis o theatro improvisado para as representações.

Nos arredores figuram alguns pavilhões, construidos por curiosos para suas familias e para uma philarmonica que está encarregada de ir intermediando o espectaculo com algumas peças de musica.

E' singelissima a construcção do theatro, como vimos, e pouco exigente

A ordem do espectaculo é que é curiosa, porque começa muito antes da representação. Começa pelo *aviso*. Isto, segundo esclarecimentos obtidos e que nos levam a historiar este costume popular, é a participação do espectaculo, e em regra tem logar oito dias antes. Suppre o programma. E' o *aviso* desempenhado por uns poucos dos interessados no festejo, que trajam de cavalleiros, e que á porta da egreja annunciam em verso a representação que se prepara.

Passada esta introducção, esperam todos com anciedade o dia designado para a *comedia* ou *mourisca*.

N'este dia acha-se concluido o tablado e na mesma hora e local em que houve o *aviso*, é novamente communicada a festa; a este acto chamam *embaixada*.

O pôvo regosija-se e sauda os cavalleiros, que veem, segundo dizem, pedir venia ao orago da freguezia para a realisação do espectaculo. Segue-se o tempo marcado para a *comedia*.

A *mourisca* ou *comedia*, é na phrase de um auctor, qualquer das velhas novellas de cordel, dramatisada em verso pela musa popular.

Esta começa pela *lôa*, que é a designação circumstanciada do que é a peça. E' já no tablado. Isto substitue ainda o programma, porque o declamante se encarrega de explicar ao publico as partes capitaes do enredo da composição que vae ser representada, tirando as conclusões que se lhe affiguram melhores, e que são sempre disparatadas.

Concluido isto, não segue ainda a peça, porque ha o *villão*.

O *villão* faz lembrar uma «revista do anno», já pela maneira como é elaborado, já pela chronica humoristica que apresenta dos acontecimentos. Tomam n'elle parte, em geral, tres individuos, um dos quaes trata só de provocar a gargalhada dos espectadores.

No decurso d'estas lôas, apparece implicitamente uma critica severa aos actos de varias povoações, porque é conveniete dizer que esta revista abrange todos os logares da ilha, despertando muitas vezes melindres a mais de um espectador, que regressa á sua aldeia maguado, ou pela censura que mereceu algum procedimento que teve, ou pela má apreciação com que foi mimoseada a sua freguezia.

Para estes actos e seu desempenho usam-se, alem do vestuario requisitado de algum guarda-roupa theatral, mascaras. Estas, porem, raras vezes são utilisadas para a *comedia*.

Na execução do *villão* os personagens não estacionam senão para pronunciarem o verso, andando portanto continuadamente a passo, de

extremo a extremo do tablado, com grande e dezusado enthusiasmo.

Convem dizer que estas representações teem dependencia da approvação do administrador do concelho onde se executam, o qual, como auctoridade policial, revê a peça e por intermedio do regedor parochial é que permitte a sua representação.

Para se ajuizar do merito d'estes espectaculos, apresentaremos alguns extractos.

Do *villão* (que, segundo já dissémos, é desempenhado por tres homens) offerecemos o seguinte specimen :

O primeiro:
—Chego a este logar,
Onde se faz a funcção,
Em falta d'outro falar,
Para poder espalhar
Um gracioso *villão*.

*

O segundo:
—Em todas as freguezias
Tu deves fazer leilão.

*

O terceiro :
—Que sejam ricos e pobres,
Ninguem fique sem quinhão.

*

—Pelo sul vou começar
A deitar minhas espias,
Para ao poente chegar,
Norte e nascente ajuntar,
Falando das freguezias.
—Se vais a falar de todas,
Gastas mais de quinze dias.

—Vamo-nos para a cidade
Contar suas maravilhas.

*

—Cidade, centro da ilha,
Da nossa bolsa fiel,
Que o vintem que nos pilha,
Até nos dentes o rilha,
Que lhe sabe mais que mel.
—Não fales mal da cidade,
Que nos serve de painel.
—Ha lá homens que mer'ciam
Deital-os p'ra lá d'Arnel.

*

—Eu cá não falo assim,
Porque gosto da nobreza;
E se a cidade é ruim,
Nunca o foi nem é p'ra mim,
Antes me dá fortaleza.
—Só se é com algum petisco
No canto d'alguma mesa.
—Elles querem por a gente
Co'o bico de vela accesa.

Depois de continuarem d'esta fórma, de freguezia em freguezia, concluem :

—Senhores, quero acabar
O *villão* que comecei,
Para mais não infadar;
Pois me haveis de desculpar
De vos dar como vos dei.
—Ainda não déste tudo;
Mais coisas são as que eu sei.
—Não vamos com *alembranças*,
Que eu ainda não jantei.

—Quem n'este meu falar pensa,
Bem pouco tem a notar;
Agora quero licença,
Porque da vossa presença
Eu me quero retirar.
—Vou-me n'um pé, venho n'outro;
Eu não hei de aqui tardar.
—Esp'rae mais um poucochinho,
A obra vae começar.

A representação propriamente dita segue-se logo a esta parte do espectaculo. Tomam parte n'ella os rapazes mais distinctos da freguezia.

Como specimen da comedia, offerecemos o trecho seguinte (da *Princeza Magalona*) com a competente rubrica :

(*Aqui apparece Pierres a falar com os cavalleiros, dizendo* :

Deus vos salve, cavalleiros,
Senhores de saber subido,
Da guerra grandes monteiros !
Deizei-me : pelos Mosteiros
O que é que tendes ouvido ?

*

Como homens que correis
Os campos, e guerreais,
E inimigos venceis,
Se algumas novas sabeis,
Espero que m'as digais.

*

(*Diz um cavalleiro* :)
Senhor nobre e valoroso
Homem de grande poder,
Como sois tão corajoso
E cavalleiro forçoso...
Pois tudo podeis saber.

Muitos espectadores não chegam a notar a monotonia inseparavel de similhantes composições. O povo geralmente incara com interesse os personagens, segue-os, e ao regressar ás suas casas commenta o merito da peça, fazendo sempre votos pela repetição.

Os fastidiosos monologos teem só como attenuantes as scenas humoristicas, violentas e altamente caricatas. A paixão predominante é a apresentação de soberanos e cavalleiros : parece dominál-os a ambição da grandeza.

O genio prazenteiro e folgazão do povo rural encontra expansão no *villão*, havendo a notar que ouve attento e saúda os representantes, não podendo calar um rugido de indignação quando alguma atrocidade inaudita dos grandes, que elle gosta de vêr, vem motivar scenas lugubres no tablado.

*
* *

O archipelago açoriano tem feitos gloriosos na sua historia. Como veremos nas noticias apresentadas na discripção dos diversos logares, defendeu valentemente a independencia nacional e firmou as bazes da liberdade.

A lucta sustentada com Filippe II a favor de D. Antonio, prior do Crato, nobilita a ilha Terceira.

D. Antonio, prior do Crato, foi reconhecido com direito ao throno portuguez pelos açorianos e por tal forma que tendo-se apossado D. Filippe do reino e perseguido D. Antonio, o archipelago negou-se a reconhecel-o. Isto custou muitos sacrificios á heroica ilha Terceira, que pela sua posição e especiaes recursos resistiu valentemente ás in-

vestidas dos Filippes. Só depois de muitas tentativas, em julho de 1583, conseguiram as forças hespanholas dominar a ilha.

A ilha Terceira foi o ultimo ponto portuguez a submetter-se á força castelhana.

Em 1640 apressou-se a ilha a reconhecer D. João IV, acclamando a restauração, mas teve de luctar ainda com os castelhanos que apossados do castello da heroica cidade, só o entregaram a 16 de março de 1642. Foi a ultima parte da nação em que se arriou o estandarte de Castella.

Epoca de lucta foi tambem a que implantou no paiz o actual systema representativo.

A ilha Terceira, que então dava leis ao archipelago, chegou a ser a unica parte do territorio portuguez onde se refugiavam os liberaes.

E caso digno de mensão : foi n'aquella ilha a parte onde por ultimo se arriou a bandeira de Castella e foi ali a primeira vez em que se arvorou a bandeira azul e branca.

A lucta incarniçada que sustentou contra o governo de D. Miguel, está descripta na historia como uma pagina de louvor.

Passamos em claro os pormenores que poderiamos aggrupar n'este capitulo, bem como a referencia á epoca em que ella serviu de baluarte á liberdade, sacrificando os seus interesses e os seus recursos pelo estabelecimento da causa que tanto a havia captivado.

*

* *

Os açorianos são no geral doceis, timidos, muito hospitaleiros, phylantropicos, crentes e dados a divertimentos.

As mulheres são laboriosas e em grande parte das localidades, trabalham como os homens. Teem trato agradavel. Os habitos na vida domestica não differem muito de freguezia para freguezia. Os habitantes das cidades acompanham no vestuario as ultimas determinações da moda; nas aldeias ruraes, vê-se ainda, porem, usos antigos e trajos diversos de umas para outras. Assim, são curiosas as *carapuças* que usam os homens de campo de S. Miguel; os da Terceira, pequenas e as dos do Pico, de forma piramidal.

São trajos pittorescos e de certo caracteristico da localidade. As mulheres em S. Miguel e Fayal, usam o *capello*, differente porem na forma; a Terceira o *manto*, que é elegante. As outras ilhas não offerecem costumes excepcionaes. Em grande parte são os ordinarios chapeus de *palha* de trigo, que usam com mais frequencia.

As carapuças de S. Miguel, que eram no principio grosseiras, de abas com grandes pontas enroscadas, teem soffrido modificação e o seu uso não está já tão generalisado.

Os açorianos são trabalhadores.

De tempera rija, são faceis de se apaixonarem por uma idéa, de se sacrificarem por uma causa. Attesta isto a sua historia.

Vendo de perto o camponez açoriano, avalia-se o que seriam aquelles braços se os dirigisse uma intelligencia esclarecida pelo estudo. Mourejam com o *sacho* (enxada com um cabo curto) na mão, de cabeça baixa, curvados sobre os joelhos, desde o romper da aurora até se esconder o sol. Recebem por este fatigante trabalho, uma medida de milho, pequena, equivalente a 160 réis insulanos, por cada dia.

Isto fóra das cidades, porque n'estas são os trabalhos pagos a dinheiro. Nas aldeias ainda ha o costume da troca dos generos, assim para pagamento dos homens de trabalho ha o milho e para a compra nos estabelecimentos ha tambem o milho, a fava, os ovos, etc.

O vendeiro permutta por qualquer dos generos, o sal, o sabão, tabaco, o assucar, o chá, o vinho, o vinagre, emfim tudo que vende e é necessario para a economia domestica.

Assim quem entra nas lojas aldeãs vê, especialmente em S. Miguel, um reservatorio para receber os generos em troca dos que vende. Está claro que recebem por um determinado preço. O dinheiro é que é pouco pelas povoações.

Os proprios vendilhões ambulantes, os peixeiros, recebem milho.

O aspecto dos campos açorianos, é no geral poetico. Casebres de pedras nuas, cobertos de palha de trigo, com duas ou tres divisões internas, com uma porta e um pequeno postigo para um pateo, é a apparencia das habitações das familias pobres.

No geral as casas teem a impena para a rua, a fim de não serem devassadas pelos curiosos. Algumas teem na frente uma pocilga, *pateo* onde criam o animal suino, para a matança.

A matança dos suinos é essencial para a gente do campo, tanto que é raro, ainda o mais pobre, não matar o seu porco, e isto pela razão de que a panella é temperada pela banha. Resulta d'isto a necessidade da criação dos porcos.

As casas dos pobres camponezes, são terreas, apparecendo nos dias das festas do Senhor Espirito Santo, e da localidade, juncadas de ramos de pinheiro.

A mobilia que apparece n'estas palhoças são dois ou tres *tamboretes*, bancos de madeira, uma barra de pau, uma tosca mesa, uma caixa e um moinho de pedra. O moinho é indispensavel para reduzir o milho a farinha.

Pelo aspecto dos casebres se avalia o que será a alimentação d'esta pobre gente, que consiste no geral : em pão ou bolo de milho, pimenta ou peixe salgado, como sardinha, chicharro ou bonito, para o almoço e jantar, no trabalho, tendo á noute quando regressam a casa uma ceia que consta de caldo de couves, ou outra hortaliça, simplesmente temperado com banha (*manteiga de porco*) e pão.

E com esta alimentação vivem felizes, sem ambições, sadios e luctando pela existencia.

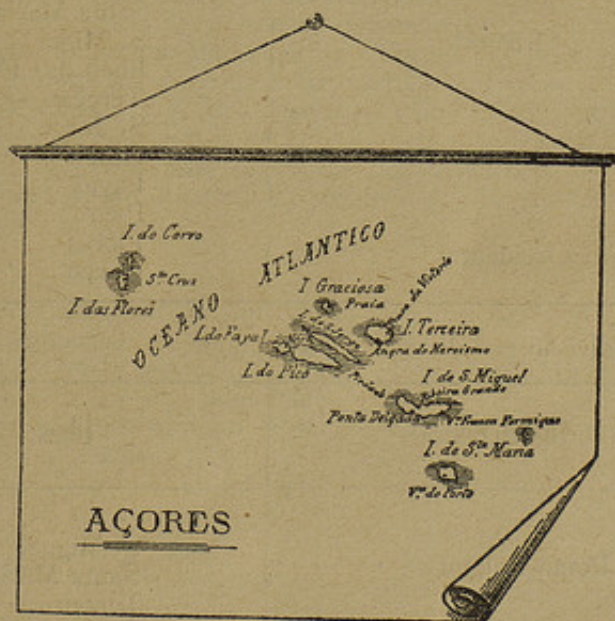
Dedicados ao trabalho, amoraveis para a familia, nenhum vicio os fáz arredar d'este caminho. Abençoada gente.

O domingo é dia de descanço, e poucos vão ás terras fazer serviço. Na maior parte das aldeias, depois da missa conventual, a que concorrem embora distem da egreja alguns kilometros, reunem-se e questionam sobre praticas agricolas. E é bom presenciar então a intimidade do proprietario com o jornaleiro, conservando, porém, sempre este o maior respeito e acatamento pelo seu modo de pensar.

Na verdade um povo de tal ordem bem merece de quem o encaminhe convenientemente.

*

* *

Daremos agora alguns traços da chorographia physica geral e politica do archipelago.

O archipelago açoriano está situado no oceano Atlantico, em frente da costa occidental de Portugal, entre as latitudes boreaes de 36° 57' e 39° 41', e entre as longitudes de 15° 50' e 22° 10' ao occidente de Lisboa.

Contando-se do meridiano Greenwich, as longitudes são occidentaes e expressas pelos numeros 25° e 31° 15', segundo o importante trabalho do sr. dr. João Cesario de Lacerda, intitulado: *As ilhas adjacentes.*

O archipelago tomou o nome de *Açores*, conforme vimos já, por terem os primeiros descobridores confundido as aves de rapina que viram (*falco buteo*) com o açor. Os descobrimentos das ilhas datam de 1432.

Acham-se espalhadas na direcção de ENE para OSO, tendo entre si grandes intervallos.

As nove ilhas formam tres grupos a saber o *oriental* que fica mais ao sul, o *central* que está intermedio a este e o *occidental* que demora ao norte, compondo-se das seguintes ilhas:

Grupos	Ilhas
Oriental	Santa Maria S. Miguel Ilheu das Formigas
Central	Terceira S. Jorge Graciosa Fayal Pico
Occidental	Flores Corvo

A sua divisão por districtos é a seguinte:

Districtos	Ilhas
Ponta Delgada	S. Miguel Santa Maria
Angra do Heroismo	Terceira S. Jorge Graciosa
Horta	Fayal Pico Flores Corvo

O archipelago, segundo um auctor, tem o comprimento desde a ponta do Castello na ilha de Santa Maria, até á do Baixio, na das Flores de 336 milhas e a sua maior largura desde a ponte de S. João, ilha do Pico, até á do Barro Vermelho na ilha Graciosa é de 48 milhas.

O aspecto do archipelago é montanhoso e vulcanico.

O seu clima temperado, mas um pouco humido.

As ilhas estão sujeitas a violentos vendavaes que tornam os seus mares tempestuosos. No interior dos campos nota-se differenças e variações de temperatura. No geral os ventos dominantes são durante o verão, o nordeste e leste; no inverno o noroeste, oeste e nordeste.

Fouqué, escreveu :

«Um clima temperado, um solo fertil, uma posição geographica eminentemente favoravel ao desenvolvimento das relações commerciaes, povo intelligente e activo, e uma administração liberal e benigna, são elementos indubitaveis de prosperidade, uns dependentes da vontade humana, outros inherentes ao proprio paiz. A estas vantagens, juntam os Açores maravilhosas bellezas naturaes. («*Viagens Geologicas aos Açores*»)

N'esta nossa introducção historica já nos occupámos das producções do reino animal e vegetal do archipelago.

Quanto ao reino mineral as mais importantes que se notam são as variadas aguas mineraes das ilhas : S. Miguel, Terceira, Graciosa e Flores, de grande merecimento e virtudes therapeuticas.

Em Santa Maria nas suas rochas ha calcareos de que se faz exportação. Não se tem feito pesquizas de minas onde se poderia aproveitar alguns dos productos vulcanicos tão variados.

As principaes producções do archipelago são cereaes, legumes, fructos, vinhos e gados.

*

Os Açores estão actualmente divididos em 3 districtos, 19 concelhos e 124 freguezias.

A sua população segundo o ultimo recenseamento de 1 de dezembro de 1890 é de 256.296 habitantes.

Pelos mappas que seguem vê-se a população por districtos, ilhas, concelhos e freguezias :

Districto de Ponta Delgada

ILHA DE S. MIGUEL

Concelho de Ponta Delgada

Freguezias	População
Matriz (S. Sebastião)	5.075
S. Pedro	4.780
S. José	7.224
Arrifes	5.348
Relva	2.521
Feteiras	2.096
Candelaria	1.181
Ginetes	2.297
Mosteiros	1.485
Bretanha	3.053
Santo Antonio	2.339
Capellas	2.851
S. Vicente	1.574
Fenaes da Luz	1.968
Fajã de Cima	2.459
Fajã de Baixo	1.026
S. Roque (Rosto de Cão)	2.166
Livramento » » »	1.516
	50.959

Concelho da villa da Lagoa

Santa Cruz	3.462
Rosario	4.248
Nossa Senhora dos Anjos (Agua de Pau)	3.835
	11.545

Concelho de Villa Franca do Campo

S. Miguel	5.080
S. Pedro	2.594
Nossa Senhora da Piedade (Ponta Garça)	2.800
	10.474

Concelho da Povoação

Freguezias	População
Nossa Senhora Mãe de Deus	6.494
Santa Anna	2.039
Nossa Senhora da Graça	1.350
Nossa Senhora da Penha de França	1.103
	10.986

Concelho do Nordeste

Freguezias	População
S. Jorge	4.178
S. Pedro (Nordestino)	1.992
Annunciação (Achada)	1.850
Rosario (Achadinha)	1.988
	10.008

Concelho da Ribeira Grande

Freguezias	População
Fenaes da Vera Cruz	1.919
Maia	3.462
Porto Formoso	1.596
Nossa Senhora da Estrella	6.087
Nossa Senhora da Conceição	2.385
S. Pedro (Ribeira Secca)	3.481
Rabo de Peixe	3.977
Pico da Pedra	2.300
	25.207

ILHA DE SANTA MARIA

Concelho da Villa do Porto

Freguezias	População
Matriz	2.507
S. Pedro	820
Nossa Senhora da Purificação (Santo Espirito)	1.848
Santa Barbara	1.057
	6.232

Districto de Angra do Heroismo

ILHA TERCEIRA

Concelho de Angra do Heroismo

Freguezias	População
Sé (S. S. Salvador)	3.108
Nossa Senhora da Conceição	3.424
Santa Luzia	2.565
S. Pedro	1.970
Nossa Senhora de Belem (Terra Chã)	1.350
S. Matheus	2.090
S. Bartholomeu	1.998
Nossa Senhora do Pilar	1.020
Santa Barbara	2.060
Doze Ribeiras	1.326
Nossa Senhora dos Milagres (Loreto)	801
Raminho	1.264
Altares	1.651
S. Bento	1.313
Ribeirinha	2.812
Porto Judeu	1.611
S. Sebastião	1.826
	32.189

Concelho da Praia da Victoria

Freguezias	População
Santa Cruz	3.104
Cabo da Praia	944
Fonte do Bastardo	651
Fontinhas	1.290
Lagens	2.556
Villa Nova	1.695
Agualva	1.661
Quatro Ribeiras	671
Biscoutos	1.980
	14.552

ILHA DE S. JORGE

Concelho das Vellas

Freguezias	População
Santo Amaro	1.063
Santa Barbara (Manadas)	1.038
S. Jorge	2.030
S. Matheus (Urselina)	1.294
Nossa Senhora das Neves (Norte Grande)	1.953
Nossa Senhora do Rosario (Rosaes)	1.552
	8.930

Concelho da Calheta

Freguezias	População
Santa Catharina (Calheta)	1.714
S. Lazaro (Norte Pequeno)	507
S. Thiago (Ribeira Secca)	3.131
Nossa Senhora do Rosario (Topo)	2.842
	8.194

ILHA GRACIOSA

Concelho de Santa Cruz

Freguezias	População
Santa Cruz	2.232
Nossa Senhora do Guadalupe (Guadalupe)	2.674
Nossa Senhora da Luz (Luz)	1.770
S. Matheus (Praia)	1.734
	8.410

Districto da Horta

ILHA DO FAYAL

Concelho da Horta

Freguezias	População
Matriz (SS. Salvador)	2.998
Conceição	1.633
Angustias	2.159
Feteira	2.218

(*Segue*)

Freguezias	População
(Vem da pagina 75)	
Castello Branco	2.059
Capello	1.413
Praia do Norte	646
Cedros	3.396
Salão	1.121
Ribeirinha	1.111
Pedro Miguel	1.663
Praia do Almoxarife	1.061
Flamengos	2.043
	23.521

ILHA DO PICO

Concelho da Magdalena

Matriz (Magdalena)	2.218
Bandeiras	994
Creação Velha	958
Candelaria	1.674
S. Matheus	1.478
S. Caetano (Prainha do Galeão)	1.380
	8.702

Concelho de S. Roque

Matriz (S. Roque)	1.789
Santo Antonio	1.417
Santa Luzia	1.016
Prainha	1.599
Santo Amaro	809
	6.630

Concelho das Lages

Matriz (Lagens)	3.226
Ponta da Piedade	2.250
Calheta de Nesquim	1.139
Ribeiras	2.262
S. João.	1.227
	10.104

ILHA DAS FLORES

Concelho de Santa Cruz

Freguezias	População
Matriz (Santa Cruz)	2.397
Cedros	337
Caveira	197
Ponta Delgada	907
	3.838

Concelho das Lages

Freguezias	População
Matriz (Lages)	1.954
Lomba	687
Lagedo	336
Mosteiros	225
Fajanzinha	710
Faján Grande	1.097
	5.009

ILHA DO CORVO

Concelho do Corvo

Freguezias	População
Matriz	806
	806

As principaes povoações do archipelago são na ilha de Santa Maria a villa do Porto; na de S. Miguel, a cidade de Ponta Delgada e as villas da Ribeira Grande, Villa Franca do Campo, Povoação e Lagoa; na Terceira, a cidade de Angra do Heroismo, as villas da Praia da Victoria e de S. Sebastião; em S. Jorge, as villas das Vellas, Calheta e Topo; na Graciosa, Santa Cruz e Praia; no Fayal a cidade da Horta, e as freguezias dos Cedros e Flamengos; no Pico as villas das Lages, Magdalena e S. Roque; nas Flores a villa de Santa Cruz; e no Corvo a villa do Corvo.

O archipelago divide-se em tres circulos plurinominaes para a eleição de deputados, a saber :

Circulo n.º 98—districto de Ponta Delgada, elege 4 deputados, sendo um representante da minoria, e 2 pares electivos.

Circulo n.º 99—districto de Angra do Heroismo, elege 3 deputados, sendo 1 pela minoria e 2 pares electivos.

Circulo n.º 100—districto da Horta, elege 3 deputados, sendo um da minoria, e 2 pares electivos.

Judicialmente o archipelago constitue um districto judicial do reino, a Relação dos Açores, dividido em 12 comarcas a saber:

Comarcas de 1.ª classe: Ponta Delgada, Angra do Heroismo e Horta.

Comarcas de 2.ª classe: Ribeira Grande.

Comarcas de 3.ª classe: Villa Franca do Campo, Povoação, ilha de Santa Maria, Villa da Praia da Victoria, ilha de S. Jorge, ilha Graciosa, ilha do Pico, ilha das Flores.

A relação tem o quadro de oito juizes com séde em Ponta Delgada, ilha de S. Miguel.

O archipelago na divisão ecclesiastica, constitue a diocese de Angra, que tem a cathegoria de bispado, suffraganeo ao patriarchado de Lisboa, com séde em Angra do Heroismo, ilha Terceira. Está dividida a diocese em 125 freguezias.

Militarmente considerado o archipelago constitue tres commandos a saber:

Commando oriental: comprehende as ilhas de S. Miguel e Santa Maria e as ilhotas das Formigas. Na cidade de Ponta Delgada da ilha de S. Miguel é a séde do commando, e quartel do regimento de caçadores n.º 11 e companhia de artilheria de guarnição n.º 2.

Commando central: comprehende as ilhas Terceira, Graciosa e S. Jorge. A séde é em Angra do Heroismo ilha Terceira. Quartel do regimento de caçadores n.º 10 e de uma companhia de artilheria de guarnição.

Commando occidental: comprehende as ilhas Fayal, Pico, Flores e Corvo. Séde na cidade da Horta, ilha do Fayal.

As principaes praças e fortalezas existentes nos Açores são:

Em Angra do Heroismo, o castello, considerado praça de guerra de 1.ª classe.

Em Ponta Delgada, a fortaleza de S. Braz, de 2.ª classe.

Na Horta, a fortaleza de Santa Cruz, de 2.ª classe.

A força militar do archipelago é formada por dois regimentos de caçadores n.ºs 10 e 11, e por duas companhias de guarnição de artilheria.

No archipelago existem tres alfandegas com séde nas tres capitaes de districto, e com delegações nas villas mais importantes. O archipelago tem secções da guarda fiscal.

Os tres districtos formam tres capitanias do Porto, com séde nas diversas ilhas.

O archipelago tem um importante commercio com a metropole, Inglaterra e America. A sua principal exportação é—gado, pelles,

manteiga, queijo, azeite de peixe, milho, legumes, tuberculos, farinaceos, laranjas, ananazes, vinho, etc.

Entre as ilhas ha sempre um rasoavel movimento commercial.

A instrucção no archipelago está representada por escolas de ensino primario, elementares e complementares, um lyceu em cada capital do districto, um seminario para o ensino ecclesiastico em Angra do Heroismo e escolas de desenho industrial em Ponta Delgada e Angra.

As escolas de ensino elementar e complementar são em numero de 7 em todo o archipelago.

*

A moeda dos Açores é 25 por cento mais fraca do que a do continente do reino, assim cada 1$000 rs. fortes equivalem a 1$250 rs. insulanos.

DICCIONARIO

Historico-geographico

DOS

AÇORES

A

Abilheira, pequeno logar pertencente á freguezia de Nossa Senhora dos Anjos, da Fajã de Baixo, ilha de S. Miguel, districto administrativo de Ponta Delgada. E' estação de verão para muitas familias michaelenses.

Achada, freguezia de Nossa Senhora da Annunciação, concelho do Nordeste, priorado de S. Jorge, districto administrativo de Ponta Delgada, comarca da villa da Povoação, ilha de S. Miguel. Está situada sobre uma rocha á beira-mar. Tem 438 fogos e 1.850 habitantes. A sua industria principal é a cultura de cereaes, legumes e criação de gados. O nome Achada na opinião do nosso amigo sr. Visconde de Castilho (Julio), *Bibliotheca do Povo*, n.º 137, deve provir do substantivo *achada* (syncope de *achanada* ou *aplanada*), terreno raso, planura, chan. Tem uma escola official do sexo masculino. A sua população maritima é de 11 pescadores e tem matriculados dois barcos para a exploração da pesca. Tem posto fiscal.

Achada, logar da freguezia de S. Bento, na ilha Terceira. E' humido e desabrigado, pelo que é pouco habitado.

Achada das Furnas, loga-

rejo proximo do valle das Furnas, pertencente á freguezia de Santa Anna, na ilha de S. Miguel.

Achadinha, freguezia de Nossa Senhora do Rosario, concelho do Nordeste, priorado de S. Jorge, districto administrativo de Ponta Delgada, comarca da villa da Povoação, ilha de S. Miguel. Dista pouco da Achada, e é situada n'uma rocha á beira-mar. Achadinha é o diminutivo de Achada, que como vimos já, significa nos Açores, terra chã. Nos recifes d'esta freguezia desembarcou no 1.º de agosto de 1831 a expedição que veiu estabelecer na ilha os principios liberaes, sob o commando do conde de villa Flor, depois duque da Terceira. No dia 2 houve a batalha da Ladeira da Velha. O castello de S. Braz, na cidade de Ponta Delgada, salva n'este dia 2. —O desembarque das tropas foi no sitio denominado o *pesqueiro*, que na phrase de um soldado do batalhão voluntario academico, «só examinado com os nossos proprios olhos é que formaremos idéa exacta de qual foi o arrojo da valente divisão.» Tem uma escola official de instrucção primaria para o sexo masculino. Tem 421 fogos e 1.988 habitantes. Ao esclarecido professor official d'este logar sr. José Alves do Couto, devemos umas curiosas informações que vamos apresentar aqui. A povoação começou mais ao sul do sitio por onde se desenvolve actualmente. Antes de construida a egreja parochial os primitivos habitantes edificaram uma ermida dedicada a S. Bento, a qual se desmoronou de velha. As aguas potaveis do logar não são encanadas, correm ao ar livre em regos abertos no solo. O governo creou, cremos que em 1875, escolas officiaes para ambos os sexos, mas só em 1885 começou a funcionar a que unicamente existe que é para o sexo masculino. Os habitantes occupam-se na agricultura. Como industria typica, exercem a da creação do gado suino indo vendel-o ás povoações proximas. O logar é pittoresco, offerecendo agradavel panorama. Desde a Ribeirinha até ao Nordeste, não ha em toda a costa do norte da ilha, logar melhor situado, mais ameno e com maior largura de terreno aravel e plano. A par d'isto, é dos povoados de S. Miguel, na opinião do nosso informador, o que tem peores ruas e edificios. A belleza está nos campos em que elle está situado.

Açores, denominação dada ao archipelago, no oceano Atlantico, pelos descobridores, por terem visto muitas aves de rapina, (*falco-buteo*) que tomaram por Açores. No principio do seu povoamento tiveram tambem as ilhas o nome de *Terceiras*, em consequencia de darem obediencia á ilha Terceira. Este archipelago está situado a oeste de Portugal. E' formado por nove ilhas: Santa Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa, S. Jorge, Pico, Fayal, Flores e Corvo. Estas ilhas formam tres grupos, o oriental composto das ilhas Santa Maria e S. Miguel e dos ilheus denominados *Formigas*; o central das ilhas Terceira, S. Jorge, Graciosa Fayal e Pico, e o occidental comprehendendo as ilhas Flores e Corvo. O seu clima é temperado e suave, porem um pouco humido, e o seu aspecto é montanhoso e

vulcanico. As principaes producções são cereaes, legumes, fructos, vinho e gado. O archipelago divide-se em tres districtos administrativos: Ponta Delgada, séde na ilha de S. Miguel; Angra do Heroismo, séde na ilha Terceira; Horta, séde no Fayal. Estes districtos formam um districto judicial que é a Relação dos Açores creada em 1835. Militarmente está dividido tambem em tres grupos, o grupo oriental, central e occidental, composto das ilhas que já indicámos. A população do archipelago é segundo o recenseamento de 1890 de 256:296 habitantes. Em 26 de fevereiro de 1771 foram elevados os Açores á cathegoria de provincia de Portugal. Não está apurada ao certo a data do descobrimento d'este archipelago. Sabe-se porem que já em 1439 se conheciam 7 ilhas á excepção das Flores e Corvo e que a primeira ilha povoada foi a de Santa Maria, encontrada em 1432, por Gonçalo Velho Cabral. As armas dos Açores são: um açor cercado de nove estrellas que representam as ilhas do archipelago. A superficie total é calculada em 2.597 kilometros quadrados. (Vid. elementos de *Geographia e corographia por José Maria da Costa e Silva*, e *Introducção deste livro*.)

Agrião, logarejo pertencente á Ribeira Quente, concelho da Povoação, ilha de S. Miguel. E' situado á beira-mar em terreno fertil e abundante na producção de castanhas. E' provavel que o nome lhe viesse da existencia da planta herbacea o *agrião (masturtium officinale)* que expontaneamente cresce em muitos logares da ilha.

Agua de Alto, povoação pertencente á freguezia de S. Pedro, da villa Franca do Campo, ilha de S. Miguel. E' localisada nas proximidades da villa. Tem um cura d'almas e uma ermida com a invocação de S. Lazaro.

Agua de Pau, freguezia de Nossa Senhora dos Anjos, do priorado de S. Sebastião de Ponta Delgada, concelho da Lagoa, comarca de Villa Franca do Campo, districto administrativo de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel. Foi erecta villa em 28 de julho de 1515, por D. Manuel. E' situada sobre a costa occidental da ilha. Tem um porto de mar denominado Valle de Cabacos. Tem 3.835 habitantes e 901 fogos. Os seus habitantes empregam-se na cultura de cereaes, legumes e na pesca. O nome d'esta villa, na opinião de um chronista açoriano, foi-lhe dado pelos primeiros povoadores, os quaes vendo correr uma ribeira de um alto a prumo, pareceu-lhes ser um grande pau que debaixo chegava ao alto e assim denominaram ao local *Agua de Pau*. Tem duas escolas officiaes, uma para cada sexo. Tem um posto fiscal por decreto de 3 de dezembro de 1891. N'esta villa no 1.º de outubro de 1782, nasceu o padre João José d'Amaral, que foi sacerdote distincto e illustrado, e o primeiro commissario dos estudos em Ponta Delgada, onde prestou bons serviços á instrucção. Deixou alguns escriptos notaveis e fez traducções das linguas latina, franceza e outras. Morreu em 19 de julho de 1853.

Quando foi nomeado commissario dos estudos na ilha, o governador civil em sessão da abertura da Junta Geral no 1.º de dezembro de 1851, diz: «A instrucção publica acaba de receber um poderoso auxilio com a nomeação que o Governo de S. Magestade ultimamente se dignou fazer de commissario dos estudos do districto, na pessoa do abalisado professor o revd.º Padre Mestre João José d'Amaral -- este nome de per si só é uma garantia—a organisação do lyceu d'esta cidade, incumbe especialmente aquelle distincto cavalheiro, e de combinação com elle farei o possivel para que quanto antes se leve a effeito, tão proficua quão justamente desejada obra.»

Agualva, freguezia de Nossa Senhora de Guadalupe, concelho e comarca da villa da Praia da Victoria, districto administrativo de Angra do Heroismo, ilha Terceira. Tem 444 fogos e 1:661 habitantes. O nome Agualva parece ser derivado da denominação popular de alguma ribeira *agua alva* (*Agu'alva*), pela limpidez da sua apresentação. E' situada sobre uma rocha á beira-mar. Cria muitos gados. Tem uma escola official para o sexo masculino.

Agua Retorta, freguezia de Nossa Senhora da Penha de França, concelho e comarca da Povoação, districto administrativo de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel. Tem 240 fogos e 1.103 habitantes.

Alagoa,—vid. *Lagoa.*

Além da Ribeira, povoado pertencente á freguezia Matriz da villa de Santa Cruz, ilha das Flores.

Algarvia, povoado pertencente á freguezia do Nordestinho, ilha de S. Miguel. E' situado proximo ao pico da Vara. O seu nome parece derivado da sua primeira população ser oriunda do Algarve.

Almagreira, povoado pertencente á freguezia da villa do Porto, ilha de Santa Maria. Os seus habitantes dedicam-se á cultura de cereaes. Tem um cura e uma ermida de invocação de Nossa Senhora do Bom Despacho. Tem uma escola official para o sexo masculino.

Almagreira de Baixo, povoação pertencente á freguezia e concelho das Lages, ilha do Pico.

Almagreira de Cima, povoação pertencente á freguezia e concelho das Lages, ilha do Pico.

Almances, logar pertencente á freguezia de Castello Branco, ilha do Fayal.

Almas, povoação pertencente á freguezia do Guadalupe, concelho de Santa Cruz, ilha Graciosa.

Almas, povoação pertencente á freguezia de Santo Antonio, concelho de S. Roque, ilha do Pico.

Almas, logarejo pertencente á freguezia da Fajã de Baixo, ilha de S. Miguel. E' estação de verão para muitas familias.

Almoxarife,—Vid. *Praia do Almoxarife.*

Altares, freguezia de S. Roque, concelho, comarca, e districto administrativo de Angra do Heroismo, ilha Terceira. Assenta em terreno alto sobre uma rocha á beira-mar, proximo da ponte do O. da ilha. Tem 437 fogos e 1.651 habitantes. Os seus habitantes empregam-se na cultura de cereaes e pastoriação de gados. Têm esta

freguezia nove ribeiras e fontes d'agua nativa. —A sua denominação, segundo um illustrado author na opinião de um chronista açoriano, é derivada da figura de um altar que o pico de Martim Simão, ali existente, representa, visto do mar; mas é mais provavel, que seja uma contracção das duas palavras *Altos ares*, nome dado tambem a esta freguezia em documentos antigos. E accrescenta-se :(*Topographia da ilha Terceira*, etc.) «Justifica além d'isto, esta segunda denominação, o facto de ser esta freguezia muito varrida pelos ventos e ser limitada pelo mar, por uma rocha escarpada e muito alta.» Produz cereaes legumes e vinho. E' estação balnear muito apreciada, na occasião das vindimas. Os seus habitantes são enthusiasticos pelas touradas, que se fazem em praças.

Alto Mor, povoação pertencente á Freguezia da Piedade, concelho das Lages, ilha do Pico.

Angra, assim se denominou a cidade de Angra do Heroismo, até 12 de janeiro de 1837 em que por decreto referendado por Manuel da Silva Passos, passou a usar de novo brazão e titulo. Vid. *Angra do Heroismo*.

Angra do Heroismo, cidade, capital da ilha Terceira e do districto administrativo de Angra do Heroismo, comprehendendo as ilhas Terceira, S. Jorge e Graciosa. A cidade estende-se ao longo de uma bahia ou *angra* que lhe deu o nome, e assenta em terreno um pouco levantado. E' rodeada de terrenos cultivados até ao remate das montanhas, offerecendo um bom aspecto ao visitante. O ancoradouro é perigoso quando reinam os ventos sul e sueste. O seu principal commercio é a exportação de cereaes e fructa, e producção das fabricas de alcool, lacticinios, tabaco, louças, moagem e fundição de pregos. Foi a primeira cidade do archipelago, creada por carta de mercê de 21 de agosto de 1534. E' comarca antiga de 1.ª classe. Séde do bispado dos Açores, creado por bulla de 3 de novembro de 1534, a instancias de D. João III e n'essa mesma data confirmada a eleição do bispo D. Agostinho Ribeiro, que tinha sido o primeiro vigario da pequena ilha do Corvo. E' actual bispo d'esta diocese o illustrado sr. D. Francisco José Ribeiro Vieira e Brito, que deu entrada solemne no dia 11 de abril de 1892. Tem quatro freguezias a saber: a Sé, com 3:108 habitantes; Nossa Senhora da Conceição, com 3:424; Santa Luzia, com 2:565; e S. Pedro, com 1:970, conforme o recenseamento da população no primeiro de dezembro de 1890. E' delegação de primeira classe da alfandega de Ponta Delgada, conforme a tabella de 3 de dezembro de 1891.—Tem capitania do porto, estação de saude, secção da guarda fiscal e posto metereologico creado em outubro de 1862, começando com os seus regulares trabalhos no 1.º d'aquelle mez.— A cidade de Angra, tem encantador aspecto, ruas direitas, largas, bem calçadas, com passeios lateraes de lagedo.—Vê-se que foi desde logo talhada para capital do archipelago.—O povo terceirense é, das ilhas, o que mais se diverte. Estão generalisadas as touradas,

que se suppõe terem sido introduzidas no tempo em que estiveram ali os hespanhoes. Não ha festa de vulto, em que não appareçam as touradas. No dia 22 de junho de 1830, pelas 4 horas da tarde, para commemorar a acclamação do dia 22 de junho de 1828, houve na praça do castello de S. João Baptista uma corrida de touros. Desde a segunda-feira de *pentecostes* até principios de outubro é grande o numero de touradas que se realisam. Em 1889, por exemplo, anno de grande movimento thauromathico, houve na ilha 10 corridas de praça, onde appareceram 77 touros: e 47 corridas á corda, costume especial da terra, onde se correram 225 touros; ao todo 302. Os bois são delgados, bem armados, de muito pé e bravos. As muitas pastagens e o gosto pronunciado por estes divertimentos deu logar ao desenvolvimento da creação do gado. Em 1891 picaram-se na ilha 129 touros. As touradas á corda, que é costume exclusivo da ilha, consiste em amarrarem um touro pelos galhos com uma corda comprida, á extremidade da qual se agarram alguns homens; o boi é assim solto n'uma rua, correndo furioso e arrastando comsigo os homens que o aguentam. No sitio, agglomera-se a população, ruidosa, batendo palmas e gritando com toda a força dos pulmões. O touro investe com as massas, no meio do maior alarido, havendo algumas pegas. E' um delirio. Ha annos faziam-se em Angra touradas denominadas de *fidalgos*, em uma praça publica preparada para tal fim e que esquadrada pelos edificios particulares, ostentando cortinas de damasco e colchas, tendo palanques e tribunas, tudo ornamentado com luxo, dava uma boa aparencia. O centro da praça era a arena e os bandarilheiros e picadores os rapazes da melhor sociedade. Com este divertimento popular teem tambem os festejos ao Espirito Santo de que damos noticia na introducção historica. Dizem que já em 1492 haviam estas festas em Angra. A cidade tem bons pontos de vista, taes como o *monte do facho*, e a *praça de D. Pedro IV*, onde está o monumento. Esta pequena praça era anterior ao começo das obras, o castello de S. Luiz, o primeiro da ilha, construido em 1495. Em 20 de maio de 1844, começaram os trabalhos para o monumento. A primeira pedra foi lançada a 3 de março de 1845. Esta pedra fôra a primeira em que dizem, o duque de Bragança, pusera os pés no seu desembarque na ilha. O monumento é uma columna com datas allusivas á vida do imperador. São bons, e de fino gosto, tanto antigo como moderno, os edificios de Angra. A sé Cathedral, erecta em 1618 é um bello templo. A primeira pedra para os seus alicerces foi collocada em 18 de novembro de 1570, ficando as obras completas em 1618. Dispendeu-se a quantia de 46.448$673 rs. n'aquelle tempo importante. E' templo espaçoso e na casa destinada ás sessões do cabido, existem os retratos dos bispos da diocese. A construcção foi ordenada por alvará regio de 10 de janeiro de 1568. O castello de S. João Baptista, é uma consi-

derada fortaleza que occupa o Monte Brazil, cône vulcanico de grandes dimensões, amostra da natureza plutonica da ilha. A montanha tem quatro montes que apresentam, terreno de cultura e de pastagem tendo no centro uma caldeira com terra lavradia. E' de agradavel aspecto. Os tres montes que se avistam do mar levaram dois estudiosos açorianos o padre Jeronymo Emiliano de Andrade e o dr. Antonio Moniz Barreto Corte Real (*Archivo dos Açores*, vol. III, n.º XIII, pag. 49) a applicarem os seguintes versos de Luiz de Camões, nos *Lusiadas*, na descripção que faz da ilha dos Amores, querendo suppor que o notavel epico passasse pela Terceira no seu regresso da India :

> Tres *formosos outeiros* se mostravam,
> Erguidos com soberba graciosa,
> Que de gramines esmalte se adornavam,
> Na formosa ilha alegre e deleitosa

O cume do pico do *Facho*, um dos montes, é um bom ponto de vista, como já tivemos occasião de dizer. Este monte eleva-se uns 202 metros acima do nivel do mar. A fortaleza, militarmente considerada no paiz, tem uma bonita historia. Na guerra da independencia em 1640, as forças castelhanas que a guarneciam, conservaram-lh'a occupada desde 25 de março de 1641 a 6 de março de 1642, sendo a ultima parte em que se arriou a bandeira de Castella. Finalmente em 1828, a 22 de junho, a sua guarnição composta de caçadores 5 que para ali fôra em 1823, sob o commando do capitão José Quintino Dias, depois Barão do Monte Brazil, acclamou o governo constitucional, ficando sendo d'esde então o ponto de reunião dos emigrados e onde se condensou a divisão que occupou as ilhas do archipelago, indo depois de reunida em Ponta Delgada, desembarcar a 8 de julho de 1832, na enseada que tomou o nome de praia do Mindello. — N'esta fortaleza residiu cinco annos o infeliz Affonso VI, entrando a 21 de junho de 1669 e sahindo a 30 de agosto de 1674. O castello foi mandado construir por Filippe 2.º que encarregou de levantar a planta um engenheiro hespanhol. A 29 de maio de 1590, deu-se começo á obra, denominando-se : *castello de S. Filippe*. Os materiaes vieram do reino. Depois foi denominado por D. João IV, *castello de S. João Baptista*. A praça do castello é extensa, plana e tem grandes edificios, uma egreja de S. João Baptista, mandada construir por alvará de 1 de abril de 1643 e quarteis para os officiaes e praças dos corpos ali estacionados. N'esta praça foi assassinado pela contra-revolução absoluta de 3 de abril de 1821, o general Francisco Antonio de Araujo e Azevedo, que havia conseguido fazer a primeira revolução constitucional na ilha a 2 de abril d'aquelle anno. N'este castello se arvorou em 19 de outubro de 1830, a bandeira azul e branca, creada por decreto da regencia com séde em Angra. O regimen liberal do paiz, que como vemos teve ali os seus primeiros dias, estabeleceu os cofres publicos e repartições do primeiro ministerio constitucional. Em 1863 foi elevado este castello á categoria de praça de primeira classe. A actual guarnição é feita pelo regimento

de caçadores 10 e companhia de artilheria n.º 1. Uma nota curiosa: n'esta fortaleza foi a parte portugueza onde por ultimo se arriou a bandeira de Castella e a primeira em que se arvorou a da liberdade. A junta provisoria que governava na Terceira em nome de D. Maria, estabeleceu uma casa de moeda onde se fundiram os sinos dos conventos, aproveitando-se o cobre em moedas que se denominavam *malucos*. Em 27 de junho de 1830 a regencia determinou a continuação do trabalho da moeda. Já em 1582, por alvará de 1.º de abril, de D. Antonio, foi estabelecida n'esta cidade, uma casa de moeda de prata e cobre, batendo-se umas e contra-cunhando-se outras com augmento de valor. As moedas cunhadas tinham de um lado as armas reaes portuguezas e a legenda *Antonius I Dei gratia Portugalioe et Algarbiorum rex*, e do outro uma cruz e a legenda *In hoc signo vinces*, notando-se junto ás armas a divisa do Açor d'uma parte e a inicial A da outra. D. Filippe 2.º por alvará de 4 de fevereiro de 1582 prohibiu o curso das moedas. Esta cidade durante tres annos, de 1580 a 1583, resistiu ao governo de Filippe II, sendo a unica parte em Portugal que mais defendeu os direitos de D. Antonio, prior do Crato. Por decreto de 4 de junho de 1832, foi conferida a Angra a categoria de capital da provincia dos Açores. O sub titulo de Heroismo foi-lhe conferido em 1837, por decreto de 12 de janeiro, como galardão pelos serviços prestados á causa liberal, desde que aclamou a Rainha em 22 de junho de 1828. O governo conferiu-lhe um brasão de armas nobilissimo, que é: escudo esquartelado, no primeiro quartel, em campo vermelho, um braço de prata armado com uma espada na mão, no segundo em campo de prata, um Açor de sua côr, e assim os contrarios, em cima de tudo um escudete com as quinas de Portugal rematando com uma corôa mural. Como timbre, o braço das armas e em volta uma fita azul ferrete com as lettras de ouro: *Valor, Lealdade e Merito*, e a insignia da Grã Cruz da ordem de Torre e Espada. No mesmo decreto concede-se-lhe o titulo de *Muito Nobre, Leal e Sempre constante cidade de Angra do Heroismo*, de que ella usa. No extincto convento de S. Francisco, estabelecido em 1452, estão installados o lyceu nacional e seminario diocesano. O seminario foi mandado criar por alvará de 18 de junho de 1568, porém só em fins de 1862 é que se inauguraram os seus cursos. O seminario abriu-se a 9 de novembro de 1862. Em 1887-88, teve a matricula de 106 alumnos, dos quaes 8 perderam o anno, 134 foram approvados, 33 tiveram distincção no exame e 10 foram reprovados. Na egreja d'este seminario está sepultado Paulo da Gama, irmão mais velho de Vasco da Gama, que pertenceu á esquadrilha da India. Vasco da Gama, o almirante do mar das Indias, fretou uma caravella a fim de navegar mais rapidamente para trazer á patria o irmão que estava doente. Foi forçado a arribar á ilha Terceira onde o sepultou em julho de 1499. Quando em 1666 se reedificou o convento, não

se cuidou dos restos mortaes de Paulo da Gama. Em vista d'isto um governador de Angra, o conselheiro Santa Rita, querendo deixar signal de que ali se sepultara o irmão do grande navegador, o capitão que na empresa do descobrimento do mar das Ind as dirigia a nau *S. Raphael*, que pertencia á esquadrilha que saiu do Tejo a 8 de julho de 1497, deixando a familia dos navegantes lamentando a temeridade da empresa, como tão poeticamente reproduz a falla do velho de aspecto venerando, imaginado por Camões, —mandou por na egreja ao lado da capella mór, uma pedra com a seguinte inscripção :— «A' memoria—do irmão de Vasco da Gama —o illustre capitão—Paulo da Gama—sepultado—n'este convento— Anno 1499 — Erigio-lhe esta lapide—o governador civil— A. J. V. Santa Rita—em janeiro 28 —1849.» Tem a cidade dois hospitaes um civil, denominado de Santo Espirito, creado por alvará regio de 15 de março de 1492 a instancias do capitão donatorio João Vaz Corte Real que assigna com outros o auto da fundação; o outro militar n'um só pavimento com boas enfermarias. Tem um asylo de infancia Desvalida, installado a 16 de abril de 1853, e um de Mendicidade inaugurado a 14 de abril de 1860. A caixa economica fundada em 3 de março de 1845, presta excellentes serviços á cidade. A bibliotheca publica aberta em 1 de outubro de 1860, tem mais de 4.000 volumes, dos quaes a maior parte pertenceram aos extinctos conventos da ilha, sendo por portaria de 24 de janeiro de 1835, mandados reunir na bibliotheca. Existem ainda as bibliothecas da camara municipal de Angra, que lhe foi legada pelo jurisconsulto terceirense dr. Francisco Jeronymo da Silva, fallecido a 2 de novembro de 1871 em Lisboa; e a do Seminario diocesano, em que se conta grande numero de obras theologicas. A imprensa foi estabelecida n'esta cidade, primeiro que em outra parte do archipelago. Em 14 de fevereiro de 1829, chegou a Angra a galera americana *James-Cropper*, vindo de Plymouth, trazendo a seu bordo praças para o batalhão de voluntarios da rainha e os pertences (typos, prelo, etc.) para a montagem de uma typographia. Estes materiaes foram comprados em Plymouth em um leilão, por ordem do marquez de Palmella, para uso da Junta Provisoria que em Angra constituia o governo liberal de D. Maria. A imprensa estabeleceu-se no castello de S. João Baptista, sendo nomeado director o alferes Pedro Alexandrino da Cunha, que morreu no posto de capitão de mar e guerra e sub-director Simão José da Luz, que falleceu a 18 de agosto de 1891. Foram estes os primeiros typographos. Imprimiu folhas avulso e em 6 de maio de 1829 começou a imprimir as resoluções da junta provisoria, e no dia 17 de abril de 1830 publicou o primeiro n.º da *Chronica da Terceira*. Em 23 de abril de 1832, passou esta typographia para a ilha de S. Miguel, d'onde tornou a voltar para Angra. Actualmente publicam-se em Angra do Heroismo segundo as informações que temos, 11 jornaes a saber : *O Angrense*.

Boletim do Governo Ecclesiastico dos Açores, O Districto d'Angra, A Evolução, Gazeta de Noticias, O Imparcial, O Luctador, O Peregrino de Lourdes, O Progresso, A Terceira e A União. O theatro *Angrense*, fundado por uma sociedade de accionistas, e construido por artistas da ilha, teve a sua abertura solemne a 22 de novembro de 1860. As obras haviam começado a 2 de outubro de 1855. Na cidade de Angra nasceu em 1582 o martyr João Baptista Machado. Começou a sua carreira evangelica no collegio dos Jesuitas de Coimbra em 1597, onde permaneceu até 1601 em que foi para a India com outros missionarios. No collegio de Macau, completou a sua instrucção canonica, entrando em 1609 no Japão. Quando em 1614 foram todos os missionarios desterrados para a cidade de Nangazaqui, João Baptista ficou occulto nas ilhas de Gotto. Descoberto em 1617 foi preso e decapitado no dia 27 de maio de 1617. O papa Pio IX beatificou o bemaventurado João Baptista a 7 de julho de 1867. No calendario da diocese Açoriana, para 1876 foi fixado o dia 15 de fevereiro para a egreja festejar o martyr terceirense. N'este anno, a 30 d'abril, foi collocada uma imagem em vulto do Beato, na egreja do collegio d'Angra, com grande solemnidade, proclamando-o o bispo protector da cidade de Angra e de toda a diocese.—A 30 de novembro de 1789, nasceu n'esta cidade o erudito açoriano Jeronymo Emiliano de Andrade. Abandonado ao primeiro sorriso no berço, encontrou amparo n'um respeitavel sacerdote o padre José d'Andrade, que o educou com carinho e amor. Proximo dos 16 annos, deu entrada no convento da ordem de S. Francisco, cursando as suas aulas com distincção. Impondo-se pelo seu talento e saber, regeu algumas cadeiras de instrucção e publicou um grande numero de livros escolares, que o tornaram um pedagogista eminente do seu tempo. Perseguido pelas suas ideas liberaes percorreu o Fayal e Graciosa. A 3 de dezembro de 1845, foi despachado commissario de estudos, reitor do lyceu de Angra e lente de duas cadeiras. O padre Jeronymo, deixou uma grande lista de livros de instrucção taes como: «*Cathecismo religioso.* — *Compendio de moral e civilidade.* — *Grammatica portugueza.* — *Grammatica latina.*—*Arithmetica.* — *Geometria.* — *Geographia.* — *Historia patria, universal e philosophia.*—*Logica.*—*Metaphisica.* —*Ethica.*—*Litteratura.*—*Poetica.* *Rhetorica.* — *Theologia dogmatica e moral.* — *Topographia, ou descripção phisica, civil, ecclesiastica e historica da ilha Terceira, dos Açores, etc.* Este ultimo trabalho está sendo publicado sob a sabia direcção do revd.º sr. José Alves da Silva, um sacerdote esclarecido e distincto. O padre Jeronymo falleceu a 11 de dezembro de 1847. —A cidade de Angra tem bons collegios particulares e escolas officiaes, superiormente dirigidos. A instrucção está confiada a um pessoal digno e competente a todos os respeitos. Em 1890 o concelho de Angra tinha 40 escolas publicas. Tem o porto da cidade um navio mercante, 15 botes de

recreio, 23 para carga, 22 para pesca e a população de 31 maritimos e 102 pescadores. Está ligada com a metropole pelo cabo submarino.

Areal, povoação pertencente á freguezia de Santo Antonio, concelho de S. Roque, ilha do Pico.

Areal Grande, pequeno logar pertencente á freguezia de S. Pedro, concelho de villa Franca do Campo, ilha de S. Miguel.

Areal Pequeno, logarejo pertencente á freguezia de S. Pedro, concelho de villa Franca do Campo, ilha de S. Miguel.

Areia, povoação pertencente á freguezia da Prainha, concelho de S. Roque, ilha do Pico.

Areia funda, logarejo pertencente á freguezia e ao concelho da Magdalena, ilha do Pico.

Areia larga, logarejo da freguezia e concelho da Magdalena, ilha do Pico.

Arraial, vid. *Arraiado.*

Arraiado, povoação pertencente á freguezia e concelho do Nordeste, ilha de S. Miguel. E' situada nos arredores d'aquella villa.

Arrife, povoação pertencente á freguezia das Ribeiras, ilha do Pico.

Arrifes, freguezia de Nossa Senhora da Saude, pertencente ao priorado de S. Sebastião de Ponta Delgada, concelho, comarca e districto administrativo de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel. Tem 1.490 fogos e 5.348 habitantes. O sr. visconde de Castilho, diz: (*O archipelago dos Açores, Bibliotheca do Povo*, n.º 137.) «Os *Arrifes*, em S. Miguel e Santa Maria, isto é, os recifes, mostam baixio na costa.» Tem esta freguezia dois logares suffraganeos: Piedade e Milagres, com egrejas e curas. São 5 as escolas officiaes que possue, distinguindo-se como uma das melhores do districto a do sexo feminino da Saude, séde da freguezia, que é regida por professora distincta.

Arrifes, povoação da freguezia e concelho da villa do Porto, ilha de Santa Maria.

Arrochella, povoação pertencente ás freguezias dos Biscoitos e Altares, concelho de Angra do Heroismo, ilha Terceira. E' situado entre as duas freguezias.

Atafoneiro, povoação da freguezia dos Flamengos, concelho da Horta, ilha do Fayal.

Atalhada, povoação pertencente á freguezia de Nossa Senhora do Rosario, concelho da villa da Lagoa, ilha de S. Miguel. N'este logar nasceu a 21 de outubro de 1797, o benemerito João do Rego Borges, que indo pelos annos de 1820 a 1824 procurar fortuna no Brazil, regressou d'ali em 1876, fundando na villa da Lagoa no dia 13 de setembro de 1883, um instituto a que deu o seu nome, ao qual doou o capital de 3 contos de reis e todos os seus bens, direitos e acções que possuia. Falleceu a 11 de agosto de 1884. Calcula-se em 20 contos de reis a sua fortuna. O instituto tem por fim o exercicio da caridade em domicilio, applicando todo o rendimento do seu fundo em quotas mensaes a pessoas necessitadas do concelho.

Aveiro, pequeno logar pertencente á freguezia de Nossa Senhora do Rosario, da villa da Lagoa, ilha de S. Miguel.

B

Bairro, povoação pertencente á freguezia e concelho de Santa Cruz, ilha Graciosa.

Bandeiras, freguezia de Nossa Senhora da Boa Nova, concelho da Magdalena, districto administrativo da Horta, comarca do Pico, ilha do Pico. Tem 248 fogos e 994 habitantes. O seu nome parece denunciar estandartes arvorados para signal de jurisdição, ou para telegrapho primitivo entre feitorias afastadas, diz o sr. visconde de Castilho, (N.° 137 da *Bibliotheca do Povo.— Archipelago dos Açores.*) E' situada em terreno pedregoso. Os seus habitantes occupam-se na cultura de cereaes, vinhas, e creação de gados. Tem estação postal.

Barca, logarejo pertencente á freguezia e concelho da Magdalena, ilha do Pico.

Becco, povoação pertencente á freguezia da Luz, concelho de Santa Cruz, ilha Graciosa.

Beira, povoação considerada da freguezia e concelho das Vellas, ilha de S. Jorge. Tem uma ermida dedicada a Santa Anna, com um cura. Existe ali uma fabrica de lacticinios dando o nome de — *Queijo da Beira*, ao producto que exporta para o continente do reino. E' situada em terreno levantado. Os seus habitantes dedicam-se á cultura de cereaes e creação de gados.

Bella vista, sitio da ilha Graciosa, quatro kilometros distante da villa da Praia. E' de amenissimo aspecto. O seu nome dado pelo povo é justamente justificado. Offerece á vista do viajante um excellente panorama. Encontra-se ali a melhor casa do campo da ilha.

Bella vista, pittoresco sitio pertencente á Fajã de Baixo, ilha de S. Miguel. Ali n'uma casa na quinta do estimavel consul inglez William Harding Read, de quem descende o sr. William Read, bemquisto e illustre cavalheiro, primorosamente educado, actual consul de Sua Magestade Britannica em S. Miguel, estiveram refugiados Bernardo de Sá Nogueira, depois marquez de Sá da Bandeira e seu irmão José de Sá Nogueira, que haviam sido victimas do bloqueio que estava posto á ilha Terceira pelas forças realistas. Vamos historiar este facto que é uma boa pagina da historia d'estas ilhas, entre 1828 a 34. Estabelecidos os principios liberaes em Angra do Heroismo, foi nomeado o conde de Villa Flor, depois duque da Terceira, para governador d'aquella ilha, e sendo-lhe dado como chefe do estado maior o major de engenheiros, Bernardo de Sá Nogueira, tratava em maio de 1829 o marquez de Palmella, que se achava em Londres, de alcançar um navio que o conduzisse a Angra. Ora o cuidado em tal epoca, era que o navio offerecesse meio de escapar ao bloqueio, que os navios de D. Miguel faziam á Terceira para impedir a entrada dos

emigrados. Bernardo de Sá, vendo a demora na acquisição do navio, e desejando apressar a sua viagem á ilha, lembrou-se de aproveitar uma escuna ingleza que estava carregando tabaco e outros generos com destino a Angra, para os descarregar, caso escapasse ao bloqueio; para o que tinha alcançado papeis que lhe davão como destino Nova Orleans. Assim, instou com o marquez de Palmella para lhe permittir a viagem, o que alcançou, embarcando na companhia de seu irmão José de Sá Nogueira, alferes de cavallaria. As eventualidades e soffrimentos que lhe causou esta deligente viagem, mereceu uma descripção feita pelo seu proprio punho. Chegada a escuna perto da ilha, aproximou-se d'ella uma fragata que crusava na altura da villa da Praia da Victoria, e dirigiu-se á fala. Os dois passageiros, refugiaram-se n'um logar indicado pelo capitão do navio, d'onde sahiram pouco depois, porque o official da fragata não vendo nada de notavel a abandonou mandando-lhe apenas que seguisse o seu rumo. Passadas poucas horas, estava á frente a nau «D. João IV», que chamou a escuna á fala. Os passageiros tornaram-se a esconder. Passadas horas, procurou-os o capitão, informando-os de que o navio fora considerado aprezado; e tinha já a bordo um official de marinha portugueza, marinheiros e soldados, e navegava para a ilha de S. Miguel. Como alimento deixou-lhes um sacco com bolacha e duas botijas de agua. O logar onde se haviam refugiado os dois passageiros era de grandes soffrimentos. Uma especie de caverna perfeitamente escura, não permittindo o acanhado espaço que era limitado pelo costado do navio, por uma porção de carvão de pedra e por barricas de tabaco, o não poderem estar senão deitados ou sentados e n'este ultimo caso haviam de permanecer com a cabeça curvada. D'este logar ouviam a vozeria dos marinheiros intrujos. D'esta forma estiveram cerca de 8 ou 9 dias, sendo mui raras as vezes que o capitão ou piloto os visitava. Pelo lançamento da ancora, conheceram que o navio havia fundeado. Depois sentiam um grande tumulto e o som de uma verruma que fazia um furo para ser sondado o porão. Aberto o furo, viram elles pela primeira vez a luz, que durante aquelles dias não penetrava no esconderijo: e para evitarem alguma denuncia, encheram de carvão um chapeu e ajustaram-n'o no furo, o que produziu bom resultado por que d'ahi a pouco sentiram a sonda que foi logo retirada. Na noute seguinte o capitão foi ter com elles e preveni-os de que a escuna estava considerada como boa presa e que no dia immediato proceder se-hia á descarga, mas que elle ia fallar com o consul inglez para ver como haviam escapar. Quando o capitão os deixou, José de Sá, affirmou ao irmão que se fosse descoberto pelos miguelistas se lançaria ao mar, ao que Bernardo de Sá objectou, que o que lhe podia acontecer era ser enforcado, e que não era preciso poupar aos executores o trabalho da operação. Em tal noute, passaram do logar onde se haviam refugiado, para a cama-

ra de rê do navio, onde se envolveram em algumas velas da escuna que estavam lá em deposito, para evitar o serem vistos no acto da descarga. No dia seguinte confidenciaram com o consul inglez e este combinou a maneira do desembarque. A' hora indicada, 11 da noute, abriram as janellas da camara e por ellas passaram, com grande embaraço, para o barco que os havia conduzir, sendo levados a desembarcar nas rochas proximas do sitio de Rosto de Cão na cidade de Ponta Delgada, onde os esperava o vice-consul inglez. Depois de os armar, no caso de algum máu encontro, dirigio-os para a referida casa na quinta do consul William Harding Read, na Bella Vista. Passadas algumas semanas este cavalheiro que os tratava com a maxima affabilidade, alcançou transportal-os n'uma corveta ingleza, para a Inglaterra. Não deixa de ser curiosissima esta aventura motivada pelo bloqueio nos Açores. Bernardo de Sá voltou á ilha Terceira, escapando então ao bloqueio que ainda existia. Tomou parte na conquista do archipelago.

Bello, pequeno povoado pertencente ao concelho da Calheta, ilha de S. Jorge. Está situado á beira-mar, na costa N.

Bello Jardim, logar pertencente ao concelho da villa da Praia da Victoria, ilha Terceira.

Bicas, logarejo pertencente á freguezia de S. Pedro, concelho de Angra do Heroismo, ilha Terceira. E' situado nos arredores da cidade, no caminho da Terra Chã, e é muito agradavel pela sua arborisação, destacando-se em tempo a sua boa apresentação pelos pomares que possuia. Deve o seu nome ás largas bicas de um chafariz que tem.

Biscoitos, freguezia de S. Pedro, concelho e comarca da villa da Praia da Victoria, districto administrativo de Angra do Heroismo, ilha Terceira. Tem 1.980 habitantes e 512 fogos. Assenta sobre uma rocha á beira-mar. Os nomes *biscoitos* e *misterios*, empregados no archipelago, na opinião geral, são dados aos terrenos que as lavas vulcanicas deixam na sua passagem, prejudicados em parte ou na totalidade para qualquer cultura. Os seus habitantes cultivam cereaes, e criam gados. Segundo a estatistica maritima do archipelago tem 7 barcos de pesca e 48 pescadores. Tem um posto fiscal que cobra imposto de pescado.

Biscoitos, povoação pertencente á freguezia e concelho da Calheta, ilha de S. Jorge. Tem um cura e uma ermida dedicada á Senhora do Soccorro.

Biscoitos, povoação pertencente á freguezia e concelho da Magdalena, ilha do Pico.

Biscoitos, logar pertencente á freguezia da Candelaria, ilha do Pico.

Bom Despacho, logarejo pertencente á freguezia de S. José, concelho de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel. E' situado ao norte da cidade de Ponta Delgada.

Bom Jesus, povoação pertencente á freguezia e concelho de Santa Cruz, ilha Graciosa.

Botelho, logar pertencente á freguezia do Livramento de Rosto

de Cão, ilha de S. Miguel. N'este sitio tem um palacete o ex.mo sr. Conde de Fonte Bella. S. ex.a franqueia este jardim nos domingos do mez de setembro a umas populares romarias que ali concorrem de toda a ilha. Em frente do predio e em propriedade do ex.mo titular, no fundo de uma matta, distante da estrada, está uma pequena gruta com uma imagem deitada, a que o povo chama a Senhora da Lapinha. Aureolada por lendas, o povo explica que aquella imagem foi ali encontrada não se sabe como. Alguem lembrou-se de a mudar para uma egreja, mas qual foi o assombro ao ver-se que tornou a apparecer no seu primitivo logar, para receber a adoração dos fieis. Prestada homenagem á lapinha, os romeiros percorrem o formoso jardim do nobre conde, com descantes e danças populares, onde se manifesta o espirito folgasão dos habitantes da ilha. O jardim que é de boa apresentação, tem nomeada na nossa historia da campanha liberal. Quando regressou a Ponta Delgada a divisão liberal que havia dado a batalha da Ladeira da Velha, em 2 de agosto de 1831, foi n'aquella propriedade que descançou, e se refez de forças, partindo d'ali a entrar em ordem na cidade. Nos dias das romarias despovoam-se, quasi por assim dizer, os logares proximos do local, improvisam-se estabelecimentos, e as carruagens da cidade chegam a ser poucas. São dias de alegria em que o povo esquece as privações da vida, e os dissabores da sorte. Devemos crer que quem se diverte assim, quem ao lado de tudo manifesta o sentimento religioso, é bom por indole e facil de acompanhar as grandes manifestações civicas. Ha doçura e ingenuidade n'estes costumes, e o que é mais ainda, ha sempre em todas as lendas que constituem a crendice popular, um fundo moral, conclusões consoladoras. O espirito do povo educado assim desde o berço, não é refractario a receber as boas doutrinas e a seguir o melhor caminho. De Ponta Delgada ao Botelho, custa uma carruagem, ida e volta, com 2 pessoas, 1$250 rs.; com 4, 1$875 rs. moeda insulana.

Brazileira, logar pertencente á freguezia de Guadalupe, concelho de Santa Cruz, ilha Graciosa.

Bretanha, freguezia de Nossa Senhora da Ajuda, priorado de Nossa Senhora da Apresentação das Capellas, concelho, comarca e districto administrativo de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel. Tem dois logares suffraganeos: os Remedios e o Pilar. E' situada sobre uma pequena rocha á beira-mar. Seus habitantes são activos e cultivam: linho, cereaes, legumes e criam gados. Tem 686 fogos e 5.053 habitantes. O nome *Bretanha* é derivado na opinião de um chronista cuevo, ou por chamarem assim os antigos a qualquer terra alta, ou por ali ter uma fazenda um Bretão. N'esta freguezia nasceu entre 1786 e 1790, Manuel Antonio de Vasconcellos, que falleceu a 10 de outubro de 1844. Foi deputado ás cortes constituintes em 1835, dando provas de altas virtudes civicas. Como jornalista redigiu os n.os 1 a 16 do

Açoriano Oriental, collaborou no periodico politico de Lisboa o *Tempo* e na *Revista dos Açores*. Deixou algumas poesias e traduziu com a collaboração de André do Quental os *Elementos de direito politico* de M. L. A. Macarel. N'esta mesma freguezia falleceu a 20 de fevereiro de 1877, o padre Joaquim Silvestre Serrão, o qual, comquanto não seja açoriano, pois nasceu em Setubal, a 16 de agosto de 1801, foi na ilha de S. Miguel que manisfestou o seu talento musico, desenvolvendo o gosto pela arte musical e elevando a a um apogeu a que só um homem de intelligencia e de estudo podia como elle fazer. A historia insulana deve portanto occupar-se d'elle. Veiu em 1841 para Ponta Delgada, pelo seu mau estado de saude e estabelecendo-se começou desde logo a trabalhar. Foi na Bretanha que elle se estreou n'um mau piano, no acompanhamento das endoenças. Provido no logar de organista da egreja Matriz, da cidade, exerceu este cargo até 1868 em que a doença o impossibilitou. Era um compositor distincto, mencionando se as *matinas* de *S. Sebastião*, officios da Semana Santa, *matinas* da Senhora da Conceição, dos Sagrados Espinhos, do Espirito Santo, os *motetos* de Santa Philomena, de Santa Cecilia, do Sacramento, de S.José, *Tota Pulchra*, e outras. Como musica profana, deixou o concerto a dois pianos intitulado *Os alliados da Criméa*. Uma paralysia impossibilitou-o da mão direita, continuando porem sempre a trabalhar com a mão esquerda até fallecer. O Padre Serrão fez em 1850, construir um orgão de calibre doze, aberto, com grande perspectiva em grupos, baterias dobradas, etc. O exito foi tão bom, que sob a sua direcção foram feitos muitos orgãos para a ilha, indo até um para a Sé de Angra do Heroismo. — O porto tem 3 barcos de pesca com 9 maritimos. E' situada na costa do N. á beira-mar. Tem correio ás segundas, quartas e sabbados.

Burguete, logar pertencente á freguezia da Maia, concelho da Ribeira Grande, ilha de S. Miguel. E' estação para veranear.

C

Cabeço Chão, logarejo da freguezia das Bandeiras, ilha do Pico.

Cabo Branco, povoação pertencente á freguezia e concelho da Magdalena, ilha do Pico.

Cabo da Praia, freguezia de Santa Catharina, concelho e comarca da villa da Praia da Victoria, districto administrativo de Angra do Heroismo, ilha Terceira. E' situada á beira-mar, em terreno um pouco alto, distante 5 kilometros da villa da Praia. Tem 273 fogos e 944 habitantes.

Cabouco, povoação pertencente á freguezia do Rosario, concelho da Lagoa, ilha de S. Miguel. Tem uma ermida dedicada a Nossa Senhora da Misericordia.

Cabras, denominação dada a dois ilheus que distam 5 kilometros para leste da cidade de Angra do Heroismo, ilha Terceira. Cria-se ali algum gado caprino, pelo que lhe vem o nome de ilheu das cabras.

Cabrito, sitio pertencente á freguezia e concelho de S. Roque, ilha do Pico. E' considerado como um dos logares que produz melhor vinho na ilha.

Cachorro, pequeno logar pertencente á freguezia das Bandeiras, ilha do Pico.

Caes do Pico, logar da freguezia e concelho de S. Roque, ilha do Pico. Está ali localisada a séde do respectivo concelho e comarca do Pico.

Caldeira, logarejo da freguezia da Ribeira Secca, ilha de S. Jorge. Tambem se chama *Caldeira do Santo Christo*, por uma ermida que sob aquella invocação ali existe. Vid. *Fajã da caldeira*.

Caldeira, logar da freguezia da Fajãsinha, ilha das Flores.

Caldeira, pittoresco logar na ilha do Fayal. E' a cratera de um extincto vulcão, tendo approximadamente uns 5 kilometros de circumferencia, e situada na montanha mais alta da ilha, elevando-se acima do nivel das aguas mais de 1:000 metros. No fundo da cratera, a uns 300 metros abaixo do nivel superior, está uma lagoa. Os lados cobertos de verdejantes arbustos, servem para pastagens. E' de agradavel aspecto, e como diversão campestre é a melhor da ilha.

Caldeira da Praia, sitio da ilha Graciosa. A sua cumiada mede na extensão da sua circumferencia 3.870 metros. Da entrada, onde estão uns marcos de pedra denominados *Courão da Praia*, ao cume do pico, tem a extensão de 610 metros. (Vid. *Furna do enxofre*).

Caldeiras da Ribeira Grande, agradavel logar que demora a poucos kilometros da villa da Ribeira Grande, ilha de S. Miguel. Existem ali algumas caldeiras de aguas quentes e casas para moradias das familias que para ali vão fazer a estação balnear, e um edificio pequeno para banhos, mandado construir pela camara municipal da villa. A estrada que dá ingresso para este sitio, não tem edificio algum. No fim estão localisadas as caldeiras, a um lado as casas de habitação, e em toda a roda extensas e verdejantes mattas. Encanta a vista. Uns dos sitios pittorescos que tem este logar são as *Lagrimas* e o *Salto do cabrito*. Aquelle tem a configuração de uma gruta, apresentando uma cascata com uma naturalidade encantadora. Este ponto está situado na encosta de uma montanha tendo em sua frente elevados montes, com um opulento plantio de pinheiros. Entre estas elevações, corre uma ribeira. A cascata, que é alimentada por uma nascente de agua, apresenta constantemente uma abundante chuva, que lhe dá um tom captivador. Por isso, naturalmente, o povo na sua linguagem simples e despretenciosa chamou-lhe : — *As lagrimas*. Uma variedade de musgo, perfeitamente adequado á humidade que reina na cascata, a aformosea, estendendo-se com uma robusta seiva por todos os seus arredores, e guarnecendo todas as

concavidades. Vê-se que o homem não tem cuidado d'aquelle sitio, e que tudo que o torna galanteador é puramente expontaneo, natural. O *Salto do cabrito* é um ponto de vista que deixa admirar a formosura do logar. As caldeiras teem a sua historia, uma nota curiosa, a existencia de uma fabrica de pedra hume, desde 1564 a 1574. Em 1553 um dr. Gaspar Gonçalves, habitante da Ribeira Grande, examinando alguns veios de pederneira proximo das Caldeiras, julgou que era salitre, e n'esta conformidade fez algumas experiencias. Recolhendo porém provas negativas, deu a posse da pederneira a um Heitor Fernandes, o qual conheceu ser pedra hume. Em 1557, falando com o dr. um aragonez, João de Torres, planeava-se o estabelecimento de uma fabrica para a exploração da pedra hume. O aragonez, desenvolvendo actividade, tirou uma quantidade da pedra e em 1561 levou-a ao governo, solicitando para si e para o dr. o privilegio da exploração; depois estabeleceu residencia proximo das Caldeiras para o que fez construir algumas casas, e só deu começo aos ensaios. Do reino tinha já ido ordem para ser contractado em Carthagena um mestre para dirigir e montar a fabrica, e isto motivou que chegasse, depois, um operario hespanhol, Caravaca, para estabelecer a fabrica, a qual se começou a construir em setembro de 1560. O operario hespanhol extrahiu a pedra, mas segundo um historiador, por a ter falsificado, inutilisou grande parte, compromettendo assim a exploração logo no seu principio. Por alvará de 19 de agosto de 1561, era nomeado Francisco de Mariz para provedor da ilha e inspector da fabrica. Em tal anno, recolheram-se 680 quirtaes que foram enviados para o governo, sendo então nomeado mestre da fabrica o aragonez João de Torres. Este operario demonstrou muito zelo, chegando a preparar 1:603 quintaes de pedra hume. A fabrica florescia, e o almoxarife Francisco de Andrade, fascinado pela conveniencia de administrador, contratou-a e tomou posse da gerencia. Isto durou, porém, pouco tempo, por que faltando ás clausulas do contracto foi suspenso. Por esse tempo, alcançou o aragonez que o feitor Diogo Lopes Espinosa tomasse por sua conta a extracção de pedra. A este succedeu apenas Jorge Dias, porque a fabrica deixou então de funccionar. O aspecto das Caldeiras por tal epoca, devia ser agradavel com a exploração que a fabrica fazia á pedra hume. Hoje apresenta bons edificios e abundantes flores; condições estas que captivam o espirito das pessoas que procuram o campo para veranearem. Distante d'estas caldeiras está em sitio selvatico, junto de um rochedo trachytico, uma outra nascente denominada *Caldeira velha*. Affigura-se-nos que nas proximidades d'ella é que se fez a exploração da pedra hume a que acabamos de nos referir. O naturalista mr. Fouqué, chimico distincto de Pariz, que veiu de visita ao archipelago, analysou a agua d'estas nascentes. (Vid. *Les Eaux Thermales de l'île de San-Michel*, (*Açores*), (1 vol. 1873. Lisbonne). N'alguns pontos de

emergencia Fouqué encontrou nas primeiras caldeiras 95,° de temperatura e na da *Caldeira velha*, 67,° contendo grande abundancia de acido sulfurico, que a torna capaz de ser considerada como um typo das aguas acidas emanadas de vulcões. No exame deu-lhe o illustre naturalista 1.115 gr. de residuo solido por 1.000, mostrando conter:

	grammas
Sulfato de soda	0,155
Sulfato de protoxydo de ferro	0,610
Silica	0,350
Acido sulfurico	0,680
Acido chlorhydrico	0,010
Acido sulphydrico	0,003

Os banhos d'estas aguas teem muito apreço na ilha, especialmente para doenças de pelle).

Caldeira Velha, (Vid. *Caldeiras da Ribeira Grande.*

Calháu, logar pertencente á freguezia da Ponte da Piedade, ilha do Pico. E' muito povoado e os seus habitantes distinguem-se pela sua actividade.

Calháu, logarejo pertencente á freguezia da Candelaria, ilha do Pico. E' situado á beira mar, tendo alguns barcos que se occupam na carreira entre o porto e a visinha cidade da Horta no Fayal. E' pouco habitado.

Calhau miudo, logar da freguezia e concelho de Santa Cruz, da ilha Graciosa. E' pouco habitado.

Calheta, pequena villa, creada por carta de lei de 3 de junho de 1534, na ilha de S. Jorge, districto administrativo de Angra do Heroismo. Tem uma unica freguezia da invocação de Santa Catharina. Tem 456 fogos e 1.714 habitantes. E' situada n'uma planicie á beira mar, proximo de altas montanhas. Tem um porto a que dá o nome. Possuia em tempo um estaleiro onde se construiram navios. Desde 1800 até 1868, fizeram-se 27 navios e muitos barcos grandes. Os seus habitantes occupam-se em construcções navaes, pesca, cultura de cereaes, vinho e criação de gados. Tem o seu porto 3 barcos de cabotagem, 6 de pesca e 32 pescadores matriculados. Aquelle concelho tem ao todo 125 pescadores. Tem tambem um posto de despacho de 2.ª classe.

Calheta, sitio pertencente á freguezia de S. Pedro da cidade de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel. Está alí estabelecido o gazometro. Tem um varadouro e uma população maritima de 94 pescadores, que possuem 22 barcos para a exploração piscatoria. Tem um posto fiscal que cobra imposto de pescado, e um pequeno caes que serve principalmente para exportar pozzolana.

Calheta de Nesquim, freguezia de S. Sebastião, concelho das Lagens, comarca do Pico, districto administrativo da Horta, ilha do Pico. Tem 305 fogos e 1.139 habitantes. E' situada á beira mar, voltada para o Sul. Os seus habitantes dedicam-se á vida do mar, criam gados e cultivam cereaes. Possue tambem um posto fiscal.

Calhetas, povoação pertencente á freguezia do Pico da Pedra, concelho da Ribeira Grande, ilha de S. Miguel. Tem ermida dedicada a Nossa Senhora da Boa

Viagem. E' estação de verão para muitas familias michaelenses. Uma carruagem ás Calhetas com 2 pessoas, de Ponta Delgada, custa rs. 1$875 insulanos, levar e trazer. Tem porto de mar com 3 barcos de pesca e 9 pescadores matriculados. Tem uma escola official do sexo masculino.

Caloura, logar pertencente ao concelho da Lagoa, ilha de S. Miguel. Tem fama de produzir o melhor vinho da ilha. E' porto de mar tendo 11 barcos de pesca e 44 pescadores recenseados.

Caminho da Igreja, povoação pertencente á freguezia do Guadalupe, ilha Graciosa.

Caminho da Igreja. povoação pertencente á freguezia das Bandeiras, ilha do Pico.

Caminho de Baixo, logar pertencente ás freguezias de S. Pedro e S. Matheus, do concelho de Angra do Heroismo, ilha Terceira. E' situado á beira-mar e é estação de verão para muitas familias terceirenses.

Caminho de Cima, povoação pertencente á freguezia da Luz, ilha Graciosa. Tem grande numero de habitantes.

Caminho do calhau, logar pertencente á freguezia da Candelaria, ilha do Pico.

Caminho do Meio, povoado pertencente á freguezia de S. Pedro, concelho de Angra do Heroismo, ilha Terceira. E' situado entre esta freguezia e o agradavel sitio denominado S. Carlos. E' logar de bons pomares e estação de verão.

Campanario, logar pertencente á freguezia das Lagens, ilha das Flores.

Campo raso, logar pertencente á freguezia da Candelaria, ilha do Pico.

Canada da Esperança, pequeno povoado na freguezia de Guadalupe, ilha Graciosa. O sr. Alberto Telles, na sua excellente *Chorographia geral dos Açores*, diz com grande verdade que «em linguagem vulgar dos açorianos o termo *canada*, tomado n'esta accepção, significa *azinhaga*». A canada da Esperança é pois um caminho povoado.

Canada dos Morros, logar pertencente á freguezia dos Altares.

Canada Longa, sitio pertencente á freguezia da Luz, ilha Graciosa. E' pouco habitado.

Candelaria, freguezia de N. Senhora das Candeias, do priorado de Santa Luzia das Feteiras, concelho, comarca e districto administrativo de Ponta Delgada. Tem 286 fogos e 1.181 habitantes. Cultiva cereaes e cria gados. Tem duas escolas officiaes, uma para cada sexo. Fica para o interior da ilha.

Candelaria, freguezia de N. Senhora das Candeias, concelho da Magdalena, comarca do Pico, districto administrativo da Horta, ilha do Pico. Tem 427 fogos e 1.674 habitantes. E' situada em terreno pedregoso. A sua população cultiva cereaes e vinhas; criam gados, e occupam-se da pesca. Relativamente aos costumes populares d'esta freguezia, recortamos de um trabalho do nosso sempre chorado amigo o sr. Ernesto Rebello, illustre escriptor fayalense, a seguinte curiosa nota sobre os casamentos n'aquella fre-

guezia : «Na manhã do dia do consorcio, reunidas as testemunhas para o casamento e numerosos convidados, em casa da noiva, tem logar o almoço dos futuros conjuges. Compõe-se esta refeição de pão, sôpa de carne de vacca, e vinho, ou então simplesmente de carne guizada, a que dão o nome de *molha*. Alentadamente almoçados os convivas, o mestre de cerimonias trata de os *engeirar*, isto é, por o prestito em devida ordem para marchar até á egreja. A comitiva forma-se da seguinte maneira : Em frente vae a noiva, a pé, no centro de duas testemunhas, que denominam madrinhas, seguidas á pouca distancia por todas as mulheres que tomam parte na anterior refeição. Medeia um breve espaço de caminho, — e vem na mesma ordem o noivo, com duas testemunhas, e seguido tambem dos seus amigos e parentes. O mestre de cerimonias, munido de uma immensa bengala, adornada com fitas, é incansavel em manter a boa ordem na comitiva. E ora indo ao grupo das mulheres, ora ao dos homens, ouve-se muita vez a sua voz com desespero bradando, se alguma mulher mais curiosa sahiu das fileiras : *engeire-se, engeire-se*, minha senhora ! A mãe, pae ou irmãos dos noivos são os primeiros do prestito, mas isto nos seus respectivos grupos, conforme o sexo a que pertencem. Na egreja, apenas chegam, oram todos : e depois confessam-se e commungam os noivos, seguindo o casamento e missa cantada ou rezada, segundo as possibilidades pecuniarias dos contrahentes. Durante a missa, já ao noivo é permittido tomar logar ao lado da escolhida do seu coração. A volta para casa é mais simples. Os noivos marcham juntos na frente, seguindo-se indistinctamente todo o acompanhamento. Durante o caminho sobem ao ar foguetes, e de todas as casas por onde passa o prestito é atirado sobre os noivos e convidados muito trigo, que os nubentes recebem em guardanapos. Por vezes, quando chegam a casa, se esta fica longe da egreja, vem cada um carregado com mais de um alqueire d'aquelle grão, representativo da abundancia. Deixar de atirar trigo aos noivos é tomado como desfeita e um signal de grande inimizade. Segue-se, mais tarde, no domicilio dos novos conjuges um jantar aos amigos das duas familias que se ligaram, retirando-se todos logo em seguida.»

Capellas, freguezia de Nossa Senhora da Apresentação, concelho, comarca e districto administrativo de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel. Tem 661 fogos e 2.851 habitantes. Está situada n'um terreno baixo e pedregoso á beira-mar. Tem muitos pomares e vistosas casas de residencia para os habitantes da cidade que para ali vão passar o verão. O padre Cordeiro, na sua *Historia Insulana*, diz que era o terreno onde está esta freguezia um biscouto de matto a que se chamou *Capellas*, ou por ali as fazerem pelo S. João, ou por chamarem *capellas* ás vacas malhadas que ali andavam a pastar no principio da installação do povoado. E' abundante de fructa, tem um porto de mar e os seus habitantes occupam-se na pastoreação de gados, cultura de ce-

reaes, vinhas, pomares e pescaria. Tem duas escolas officiaes, sendo uma para cada sexo, e sociedades recreativas com duas bandas de musica. No seu porto tem um posto para a pesca da baleia. A estatistica maritima dá como existente n'esta freguezia 12 barcos de pesca com 49 maritimos matriculados. Tem um posto fiscal que cobra imposto de pescado.

Capellinhos, nome dado a uns ilheus proximos da ilha do Fayal, naturalmente por terem a configuração de um capuz que usam as mulheres d'aquella ilha, e a que se chama *capello*.

Capello, freguezia da Santissima Trindade, concelho, comarca e districto administrativo da Horta, ilha do Fayal. Tem 353 fogos e 1.413 habitantes. Está situada sobre uma rocha á beira-mar. Cultiva cereaes e produz vinho. Tem um posto fiscal.

Carapacho, sitio pertencente á freguezia da Luz, ilha Graciosa, onde existe uma nascente de aguas thermaes, conhecida desde cerca de 1750. Estas aguas teem grandes virtudes therapeuticas, sendo de grande valor nas affecções rheumaticas e molestias cutaneas e nervosas. E' local muito concorrido por doentes que se aproveitam dos seus beneficios. Mr. Fouqué que viajou pelos Açores, escreveu (*Voyages geologiques aux Açores*) : Uma nascente de agua quente que brota proximo da escarpada rocha da Restinga, na costa sudoeste, attesta a unica actividade persistente do foco de calor a que a ilha deve a sua origem. Um caminho desagradavel conduz da Praia até áquella nascente, seguindo as sinuosidades da costa, ora atravessando ravinas que as aguas profundam todos os annos, ora subindo escarpas de lava ou montões de escorias. Na ponta da Restinga começa-se a descer uma comprida ladeira talhada em um massiço de pomes e obsidian.. Rolam debaixo dos pés pedaços d'esta pedra, negros e brilhantes, que retinem como fragmentos de louça, tendo as cavidades atravessadas de filamentos vitreos. Proximo da nascente avistamos uma aldeia composta de pobres cabanas collocadas á beira do caminho, nas quaes os banhistas acampam por alguns dias, accommodando-se ali o melhor possivel. Forram os tectos com lençoes, fazem repartimentos e improvisam quartos. A sala de conversação é o caminho, e as provisões são na maior parte repartidas em commum. O prazer que reina n'esta reunião contribue para a cura dos doentes, talvez tanto como a agua. Todavia esta agua deve ter poderosas propriedades therapeuticas, porque é pura, sulfurada e notavelmente alcalina, e misturada como está quasi sempre com a agua do mar, que invade interiormente a nascente quando a maré enche, reune ás suas as propriedades da agua salgada. A 8 de junho de 1878, o sr. C. van Bonhorst, digno assistente de chimico no Laboratorio do Instituto industrial e commercial de Lisboa, analysou estas aguas thermaes, dando o seguinte resultado, n'um litro :

	Grammas
Residuo fixo a 180.°	4,6916
Chloro	2,1084

	Grammas
Acido sulphurico	0,1460
Silica	0,0872
Ferro e aluminia	0,0208
Cal	0,2000
Magnesia	0,3592
Potassa	0,1572
Soda	1,7902

Existe no logar das thermas uma casa de banhos que ainda não está completa, mas que presta já ao publico, um bom serviço.

Carmo, pequena povoação pertencente á freguezia do Livramento de Rasto de Cão, ilha de S. Miguel.

Carreira, logar do concelho da villa do Porto, ilha de Santa Maria. E' pouco povoado.

Carreira, sitio pertencente á Fajã de Cima, ilha de S. Miguel Denomina-se tambem por Monte dos Padres, por haver ali uma matta, semeada pelos annos de 1750, de pinheiros maritimos pelos padres da companhia de Jesus. Em 25 de agosto de 1779 foi esta matta destruida por um furacão.

Carreira de S. Francisco, logar da freguezia de S. Pedro, concelho de Villa Franca do Campo, ilha de S. Miguel.

Casa da Ribeira, povoação pertencente ao concelho da villa da Praia da Victoria, ilha Terceira. Tem uma pequena ermida dedicada a S. João Baptista.

Casa da Salga, nome dado a uma bahia distante de Angra do Heroismo legua e meia e outro tanto da villa da Praia da Victoria, ilha Terceira. Foi onde houve a batalha com a armada commandada por Valdez, que fez desembarcar forças no dia 25 de julho de 1581, para fazer a ilha reconhecer Filippe 2.º. Os terceirenses, depois de muita lucta, valeram-se do expediente de reunir o gado bravo, que é abundante na ilha, e espalhal-o de forma que tomando o campo occupado pelos castelhanos, vindo todo enfurecido e aguilhoado pelo povo que trazia atraz, poz em confusão os soldados de Valdez, sendo a carnificina medonha. Assim se desfez a expedição hespanhola, com perda de mais de 200 homens.

Casa Telhada, pequeno logar, pertencente á freguezia de Nossa Senhora da Ajuda da Bretanha, ilha de S. Miguel. Tem uns 20 habitantes. O nome de casa telhada, parece ser dado pela existencia de algum edificio coberto de telha, porquanto no principio das povoações a maior parte das casas eram cobertas de palha.

Casas Telhadas, logarejo da freguezia de Rabo de Peixe, ilha de S. Miguel. Tem poucos habitantes.

Castelletes, povoação pertencente á freguezia da Urzelina, ilha de S. Jorge. Tem fama de produzir bom vinho.

Castello, assim se denomina um ilheu situado a leste da ilha de Santa Maria.

Castello Branco, freguezia de Santa Catharina, concelho, comarca e districto administrativo da Horta, ilha do Fayal. Tem 544 fogos e 2.059 habitantes. E' situada a leste da freguezia do Capello. Os seus habitantes dedicam-se á cultura de terras e a pescaria. O seu nome, na opinião de antigos historiadores, é devido á apparencia de acastellados torrões, com

que os tufos calcareos se ennovellam uns sobre os outros nos penhascos da beira-mar. N'esta freguezia ha annualmente uma romaria á corôa de santa Catharina, que é orago da localidade. N'um escripto curioso vimos que na egreja todo o romeiro ou romeira ajoelha de mãos postas, e um padre da freguezia, proferindo uma oração propria d'aquelle acto, põe-lhe por alguns instantes na fronte a corôa da Santa, que para os devotos tem sobrenaturaes virtudes. Ao retirar-se deixa o romeiro uma esmola para costeio da egreja. Tem um posto fiscal que cobra imposto de pescado.

Caveira, freguezia das Bemditas almas, concelho de Santa Cruz, comarca das Flores, districto administractivo da Horta, ilha das Flores. Tem 54 fogos e 197 habitantes.

Cedros, freguezia de Santa Barbara, concelho, comarca e districto da Horta, ilha do Fayal. Tem 803 fogos e 3.396 habitantes. E' a maior freguezia da ilha. E' de terreno fertil. A esta freguezia costuma haver uma grande romaria annual, a uma corôa de prata do imperio *chamado Real*, que é differente das outras espalhadas pela ilha. A respeito d'este artefacto corre, segundo um distincto escriptor, a seguinte lenda : Pertencia aquella magnifica corôa de prata, infeitada ao redor com ramos lavrados e aberta como uma corôa ducal, a um rei mouro que n'esta ilha, esteve durante o dominio de Castella. Fosse lá como fosse, Sua Magestade esqueceu-se de levar a sua coroa quando sahiu do Fayal; e dias depois, arribando a esta ilha foi em busca d'aquelle regio emblema á freguezia dos Cedros, primeira povoação d'esta terra. Foram, porém, passadas perdidas : a corôa havia desapparecido, e El Rei, desesperado, embarcou de novo e proseguiu na sua derrota para as longiquas paragens dos infieis. Ora quem havia roubado a coroa tinha sido uma mulher dos Cedros, que para maior cautella a infiára n'uma perna, como n'um dedo se infia um annel, obstando por esta forma a que fosse descoberta. Depois da definitiva ausencia do rei mouro, a roubadora offereceu a corôa á egreja da sua freguezia, mandando-lhe collocar um emblema do Divino Espirito Santo, servindo desde então nas respectivas festividades. Tem de altura 0m,13 e de peso 1:500 grammas, contendo ainda, engastada, uma gemma de côr, da qual se ignora a verdadeira valia. Tem a freguezia um posto fiscal a que cobra imposto de pescado.

Cedros, freguezia de Nossa Senhora do Pilar, concelho de Santa Cruz, comarca das Flores, districto da Horta, ilha das Flores. Tem 87 fogos e 337 habitantes. E' situada sobre uma rocha á beira mar.

Chão Frio, logar pertencente á freguezia da Praia do Almoxarife, ilha do Fayal. O terreno d'este logar é considerado o mais frio da ilha, pelo que lhe vem o nome de chão frio. E' por isso muito fresco no verão. Tem uma bonita arborisação e pontos de vista deliciosos, especialmente a *Lomba dos Frades*, onde na ilha se construiu o primeiro convento de Franciscanos. N'estes sitios ti-

nha uma propriedade para onde ia veranear o nosso chorado amigo e distincto escriptor fayalense, Ernesto Rebello.

Charco da Cruz, logar pertencente á freguezia de Santa Cruz, da ilha Graciosa. E' pouco habitado.

Charco da Madeira, sitio entre a Carreira e as Capellas, ilha de S. Miguel. Tem uma pequena lagôa.

Charco Velho, logar pertencente á freguezia de Santa Cruz, da ilha Graciosa. E' pouco habitado.

Cinco Ribeiras, freguezia de Nossa Senhora do Pilar, concelho, comarca e districto de Angra do Heroismo, ilha Terceira. Tem 241 fogos e 1.020 habitantes

Conceição, freguezia de Nossa Senhora da Conceição, comarca de Angra, concelho e districto administrativo de Angra do Heroismo, ilha Terceira. Tem 877 fogos e 3.424 habitantes. Tem 23 pescadores matriculados, 4 barcos para a pesca ordinaria e 6 para a da baleia. Está ali um posto fiscal que cobra imposto de pescado.

Conceição, logar pertencente á freguezia das Capellas, concelho de Ponta Delgada, na ilha de S. Miguel.

Conceição, logar pertencente á freguezia Matriz, do concelho do Nordeste, ilha de S. Miguel.

Corvo, a mais pequena ilha de todo o archipelago açoriano. Tem uma unica freguezia, de Nossa Senhora dos Milagres, concelho e villa do Corvo, districto administrativo da Horta, comarca das Flores, ilha do Corvo. Tem 187 fogos com 806 habitantes. Está situada na latitude de 39° 42', e na longitude de 21° 54' a O. de Lisboa, 3 leguas a NNE. da ilha das Flores. O seu comprimento é de 5,5 kilometros, tem 3 de largura e uma superficie de 13 kilometros quadrados. A ilha é percorrida pelos contornos de uma grande montanha, que se eleva no centro, abrindo no cume uma cratera oval, tendo approximadamente 250 metros de profundidade e 5.500 de circumferencia. A costa é quasi no geral alta e escarpada. O melhor porto é o sitio conhecido por *Porto da Casa*. A ilha produz cereaes, legumes, alguma fructa e cria gados. N'ella e na ilha das Flores, ha uma raça bovina que forma um typo no archipelago, é de pequena estatura, corpulenta, bem armada, couro macio e pello fino. Segundo uma descripção que merece as honras de fidedigna, as vaccas teem a altura media de um metro, são mansas e muito fecundas; o boi, de constituição forte, tem a estatura um pouco elevada, e é mais bravo. Acredita-se que esta raça é proveniente de Portugal, provavelmente do Algarve, e foi modificada pela acção do clima local. N'esta ilha não consta haver terremotos, nem erupções vulcanicas. A villa tem casas cobertas de telha e é toda cortada de ruas estreitissimas. Candido Lusitano (Padre Francisco José Freire) na «Vida do Infante D. Henrique, Lisboa, 1758», diz que a ilha do Corvo foi descoberta antes de 1447. Em documento conhecido, a carta de D. Affonso V, de 20 de janeiro de 1453, é feita doação da ilha do Corvo a D. Af-

fonso, duque de Bragança. E' provavel que o descobrimento d'esta ilha e da das Flores, que lhe fica proxima, se realisasse no mesmo tempo, pelo verão de 1452. A sua colonisação foi demorada. Valentim Fernandes, allemão, que viveu em Portugal, na *Descripção das ilhas do Atlantico*, que faz parte de uma *Collecção de relações*, manuscriptas, diz que em 1507, data em que escrevia o seu trabalho, não eram povoadas as ilhas do Corvo e Flores. Em um mappa antigo, tem esta ilha a denominação de *Corvi Marini*. D'aqui se pode concluir a origem do seu nome. O historiador açoriano Fructuoso, diz que o nome lhe veiu por apresentar á primeira vista a configuração de um corvo, ou pelos descobridores terem encontrado ali algum corvo. Tambem lhe chamaram a ilha de *Marco*, porque uma alta rocha semelhava ao longe um cavalleiro indicando para o poente, como a mostrar a existencia da America. Isto deu origem a uma tradição fabulosa de que existia ali uma estatua, mas a critica da historia condemnou-a ha muito. Chamou-se tambem ilha de Santo Antão, porque no principio da colonisação foi para lá doutrinar e parochiar o padre Antão Vaz, primeiro parocho da ilha das Flores; e como começasse a invocar o santo do seu nome, deu por algum tempo aquelle nome á ilha. Os habitantes do Corvo são, como os das Flores, de pequena estatura e muito pobres. Dedicam-se a cultivar a terra para sua alimentação e a criarem gado. Em 1870 o Corvo tinha 5.602 propriedades com o rendimento collectavel de 4.391$417 réis, sendo a contribuição de 590$592 rs. O funccionalismo administrativo é representado por um administrador do concelho, com 250$000 rs. annuaes; um escrivão com 225$000 rs.; e um official de diligencias com rs. 6$000. O thesoureiro municipal tem 19$000 rs. annuaes, e 2 professores a 125$000 rs. cada um, tudo moeda insulana. O Corvo foi victima do ataque de corsarios quando elles infestavam o mar açoriano. Em 1714 desembarcaram na ilha a tripulação de quatro navios argelinos. Os corvinos tiveram uma idéa então engraçada, para se defenderem do ataque. Contam as chronicas, que foram aos pastos buscar uma manada de bois bravos e, espantando-os e espicaçando-os, os metteram pelas ruas estreitas da ilha, que formam um pequeno labyrintho. Os touros, em vertiginosa carreira, investiram contra a turba, obrigando-os a largarem a povoação. E' original este methodo de defeza. Almeida Garrett, na *Memoria historica de J. Xavier Mousinho da Silveira*, descrevendo esta ilha, diz: O Corvo é um pequeno rochedo de basalto, nos intersticios de cujas pedras negras crescem pelas fendas vulcanicas abundantes pastos verdejantes sempre com a humidade da athmosphera, na feracidade prodigiosa d'aquella pouca mas preciosissima terra vegetal que mantém a perpetua primavera nos Açores. Os moradores do Corvo eram no principio uns servos de gleba. Pobres e abandonados, pagavam ao donatario da corôa o fôro annual de 40 moios de trigo e 80$000 rs. em dinheiro, encar-

go enorme para uma ilha que mal produzia para o satisfazer. Não tinham direitos, não experimentavam regalias. Era uma simples freguezia desde 1674, mais nada. Em 1832 estava em Ponta Delgada organisado o ministerio constitucional do reino e então os corvinos resolveram dar signal de si. Um velho respeitavel, Manuel Thomaz d'Avellar, foi encarregado da missão de pedir ao duque de Bragança, a diminuição do pesado encargo, da oppressão secular que os vexava. A 13 de maio de 1832, na cidade de Ponta Delgada, recebia D. Pedro IV, das mãos do velho, que ostentava um vestido de grosseiro panno de lã, a representação dos corvinos, acompanhada de um pedaço de pão de centeio, e com as palavras : —*d'este mesmo, senhor, poucos o têm em abundancia*. Comprehendeu a amargura d'aquelle pedido o grande ministro Mousinho da Silveira, e gostou immenso da franqueza com que fôra feito, e fazendo um relatorio em que descrevia o estado da ilha, publicou o decreto de 14 de maio de 1832, extinguindo o fôro em dinheiro e reduzindo a metade o fôro em trigo. Em 21 de julho de 1832 elevou a villa a pequena povoação, com camara municipal independente. Almeida Garrett conta d'esta forma o enthusiasmo com que Mousinho da Silveira viu assignada a carta de Alforria para os corvinos : «Lembra-me, diz o grande escriptor, como se fôra hoje o dia 14 de maio — vio sahir triumphante do despacho como se trouxesse para si — como outro trazia para si — um ducado. O imperador sorriu de o vêr tão feliz do que a outros parecia tão pouca cousa. Fazer homens, fazer cidadãos cem ilhotas do Corvo! «Toda a vida Mousinho se recordou com a mais pura satisfação d'este dia em que resgatou os seus cem homens do Corvo. E quando antes de partirmos para o continente uma deputação d'aquella pequena ilha veiu agradecer ao Imperador e ao ministro o immenso beneficio que receberam, com as lagrimas nos olhos, cheio de justa ufania, se deixou abraçar pelos deputados e os abraçou.» Captivou tanto esta prova de reconhecimento o grande ministro, que deixou escripto desejar ser sepultado no Corvo. No seu testamento, de 12 de março de 1849, diz : «Quero que o meu corpo seja sepultado no cemiterio da ilha do Corvo, a mais pequena das dos Açores, e, se isto não poder ser por qualquer motivo, ou mesmo por não querer o meu testamenteiro carregar com esta trabalheira, quero que o meu corpo seja sepultado no cemiterio da freguezia da Margem, pertencente ao concelho do Gavião; são gentes agradecidas e boas, e gosto agora da ideia de estar cercado, quando morto, de gente que na minha vida se atreveu a ser agradecida, etc.» Sobre o Corvo temos ainda a registar as seguintes notas do considerado escriptor, nosso amigo, o finado sr. Ernesto Rebello : «A egreja de Nossa Senhora dos Milagres, orago da parochia, é o unico templo existente em toda a ilha, e que hoje tem vigario e cura, ao contrario do que n'outro tempo acontecia, em que só pela quaresma ali ia um sacerdote da

ilha das Flores para as confissões e solemnidades proprias d'aquella epocha do anno. Para quem vive, ainda mesmo actualmente, no Corvo, a existencia, além de tranquilla, encontra variedade e grande abundancia de viveres, os quaes não são vendidos para consumo publico, mas simplesmente trocados uns por outros generos. A quem sobra trigo, por exemplo, troca-o por feijão, e vice-versa. Grandes são ali as creações de gado, especialmente suino, havendo tambem grande fartura de gallinhas, variada e excellente fructa, melancias e melões, peras e figos, agua nativa e afamado leite. Não ha familia alguma na ilha do Corvo, por muito pobre que seja, que pelas festas não mate o seu porquinho; e nas casas que teem cosinha maior vão dependurar, até mais não poder, as suas bandas de toucinho, que ali ficam ao fumo, assignaladas, e das quaes, diariamente, vão cortando a porção que precisam para gasto domestico. A carne de vacca é tambem muitas vezes defumada e com especial sabor. Accresce ainda que a hortaliça é boa, abundante, e que nas terras baixas a plantação da beterraba para os animaes, assegura-lhes sempre farta alimentação. O viver dos corvinos é o mais simples possivel. Erguem-se ainda de madrugada, indo em seguida todos os homens, diariamente, ouvir missa. Vão depois para o trabalho: e ali, das nove para as dez horas, almoçam leite mungido das vaccas, com pão de milho e centeio. Nada mais. Perto da noite regressa o trabalhador ao seu domicilio, aonde então o espera, pela primeira vez, comida de panella, geralmente legumes, couves, nabos, ou outros productos da terra. Esta refeição serve-lhes de jantar e ceia. Chá e café, de que nas outras ilhas do Archipelago fazem tão largo uso as classes pobres, é ali quasi desconhecido: e, se alguem possue uma pequena porção d'aquelles generos, é tão sómente para remedio de algum incommodo de saude, servindo-se, porém, em algumas casas ponches de cevada torrada. Botica e medico tambem ali não ha, nem um unico estabelecimento de vendagem, —encontrando-se não obstante, em muitas moradias, frascos de remedio americano *Pain-killer*, importado pelos rapazes da ilha que andam nas baleeiras, ou que teem vindo dos Estados-Unidos. Quatro moinhos de vento e algumas atafonas trabalham na moagem dos cereaes para consumo; e tambem, de presente, chegam da America, enviadas pelos naturaes da ilha ali estabelecidos, barricas de farinha, camisas de lã, peças de chita, etc. O maior favor que poderiam fazer á população do Corvo era nunca lá lhe apparecer navio ou barco que levasse noticias de Portugal, que só conhecem pelas exigencias do fisco, para o que reservam o pouco dinheiro existente na ilha. E, não obstante os reditos d'aquella terra (uns 500 ou 600 mil rs., approximadamente) não dariam para a sua despeza com o vigario, cura, thesoureiro, escrivão de fazenda e respectivo escripturario, se as remissões de recrutas não viessem saldar o *deficit*. O escrivão de fazenda e escripturario não residem na ilha,

mas sim nas Flores, em Santa Cruz, que é a cabeça de toda a comarca, indo porém ali amiudadas vezes o segundo d'estes empregados. Occorre, com relação á ilha do Corvo, um caso singular: quasi todos os que se veem obrigados, por qualquer circumstancia, a ali ir, vão de má vontade, como para um desterro, com a perspectiva de estar, ao menos seis mezes do anno, sem a minima noticia do exterior, nem saber o que se passa por esse mundo de Deus. Demorem-se, porém, ali meia duzia de dias: e a difficuldade será fazel-os sahir d'aquella pequena ilha. A vida descuidosa que então se gosa, a abundancia que reina em tudo, a liberdade no trajar, a sincera e carinhosa hospitalidade dos seus habitantes, as magnificas perspectivas do logar, tudo nos faz esquecer que, alem d'aquelle insignificante ponto, perdido no meio de um immenso oceano, haja grandes, ricas e populosas cidades. Aos navios que então vemos passar ao largo, dizemos, recostados na crista de algum penedo: «Ide-vos com Deus, que eu estou bem aqui!» E em seguida subimos ás cumieiras da formosissima caldeira do Corvo, que mede 5:500 metros de circumferencia e 250 de fundo, para contemplar aquelle magico panorama, cujo seio é um grande lago povoado de pequenas ilhotas e cujas incostas de frondante verdura são exuberantes de vida e encantos. As raparigas da ilha, formosas e de cutis finissima, cantam na primavera por entre as giestas e urzes; um sol esplendido incende ardentemente o lago; o ar do matto tem salutifera fragancia, milhões de flores nos cercam por toda a parte: e bemdizemos á Providencia que ali nos deixa gosar horas de tão tranquilla existencia.» Como complemento a estas notas, vamos estampar as seguintes linhas publicadas em tempo n'um jornal de Lisboa, sobre a imprensa nos Açores: «No Corvo, porém, não entrará jámais um prelo. E para que se a população é limitadissima, e o viver ali segue os antigos moldes dos tempos patriarchaes? Os corvenses só tratam do amanho da terra, que lhes foi redimida por Mousinho da Silveira, o grande e immortal ministro de D. Pedro IV; da creação do gado, nas suas ferteis e verdes pastagens; da manufactura dos pannos pesados e grossos, preparados com as lãs das suas ovelhas. Santo e salutar viver. A Junta Geral da Horta representou ao governo em 1888 para que o paquete que fizesse a carreira nos Açores, tocasse no Corvo, para que a pequena ilha não continuasse incommunicavel com o archipelago, como acontecia, passando-se mezes sem se saber noticias d'ella. A representação já foi deferida. Tem duas escolas, uma para cada sexo. Para a sua exploração piscatoria tem 4 barcos com 35 pescadores. Tem posto fiscal que cobra imposto de pescado.

Covas, logar pertencente á freguezia e concelho de Santa Cruz, ilha Graciosa.

Covoada, logar pertencente á freguezia da Relva, concelho de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel.

Creação, povoação pertencente á freguezia dos Fenaes da Ve-

ra Cruz, ilha de S. Miguel. E' muito habitada.

Creação de cá, logar pertencente á freguezia dos Fenaes da Ajuda, concelho da Ribeira Grande, ilha de S. Miguel.

Creação de lá, logar pertencente á freguezia dos Fenaes da Ajuda, concelho da Ribeira Grande, ilha de S. Miguel.

Creação Velha, freguezia de Nossa Senhora das Dores, concelho da Magdalena, comarca do Pico, districto administrativo da Horta, ilha do Pico. Tem 241 fogos com 958 habitantes. E' situada em terreno elevado. Os seus moradores criam gados, cultivam cereaes e empregam-se na pesca.

Cruz, povoação pertencente á freguezia de Santa Luzia, ilha do Pico. E' muito habitada.

Cruz do Marco, pequeno logar pertencente á freguezia de Santa Cruz da villa da Praia da Victoria, ilha Terceira.

Cruzeiro, logar pertencente á freguezia da Urzelina, ilha de S. Jorge.

Cuada, logar pertencente á freguezia da Fajãzinha, ilha das Flores.

D

Dois caminhos, logar pertencente á freguezia de S. Pedro, ilha Terceira. Vem-lhe o nome da encrusilhada que faz n'este sitio o *caminho de Baixo e o do Meio.*

Dores, logar pertencente á freguezia de Santa Cruz, ilha Graciosa. E' pouco habitado.

Doze Ribeiras, freguezia de S. Jorge, concelho, comarca e districto administrativo de Angra do Heroismo, ilha Terceira. Tem 302 fogos com 1.326 habitantes Está situada sobre a ponta de ONO. em terreno alto, á beira mar. Produz cereaes, legumes e cria gados. Tem duas escolas officiaes, uma para cada sexo.

E

Egypto, pequeno logar pertencente ao concelho de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel. Tem alguns edificios onde familias michaelenses vão veranear.

Espalhafatos, logar pertencente á freguezia dos Cedros, ilha do Fayal. E' muito habitado.

Esperança, povoação pertencente á freguezia do Guadalupe, ilha Graciosa. Tem uma ermida dedicada a Nossa Senhora da Esperança.

Estrella, sitio do *Caminho de Baixo*, na ilha Terceira. E' muito agradavel e consta de um largo irregular com casas nobres que servem de habitação no tempo dos banhos de mar, para algumas familias terceirenses.

F

Faias, pequeno logar pertencente á freguezia da Ponta da Piedade, ilha do Pico. Veiu-lhe o nome do grande plantio de faias que teve no começo da installação dos primeiros casaes.

Fajã, logar da freguezia de Santo Amaro, ilha de S. Jorge. E' situado a 5 kilometros da villa das Vélas. Tem uma ermida da invocação de Nossa Senhora do Desterro. E' muito habitado.

Fajã, logar da freguezia da Luz, ilha Graciosa.

Fajã, logar da freguezia de Santo Amaro, ilha do Pico.

Fajã, logar da freguezia da Fajãzinha, ilha das Flores.

Fajã da Caldeira, logar da freguezia da Ribeira Secca, ilha de S. Jorge. E' sitio pittoresco. Devido á iniciativa particular, em 28 de outubro de 1833 se escolheu o terreno para a edificação de uma ermida sob a invocação do Santo Christo dos Milagres. Em 1835 foi benta a egreja e um pequeno cemiterio, satisfazendo-se assim os desejos do povo. A ermida é administrada por uma commissão administrativa composta de cinco pessoas. (Vid. *Fajã da Caldeira do Senhor Santo Christo.*)

Fajã de Baixo, freguezia de Nossa Senhora dos Anjos, do priorado de S. Sebastião de Ponta Delgada, a cujo districto, concelho e comarca pertence, ilha de S. Miguel. Tem 232 fogos e 1.026 habitantes. E' situada n'uma agradavel planicie. Os seus moradores dedicam-se á cultura de cereaes, fructas, etc. Pelas suas proximidades da cidade, tem muitas estufas onde se cultivam ananazes (*ananassa sativa.*)

Fajã de Cima, freguezia de Nossa Senhora da Oliveira, priorado de S. Sebastião de Ponta Delgada, a cujo districto, comarca e concelho pertence, ilha de S. Miguel. Tem 570 fogos e 2.459 habitantes. E' uma povoação agradavel e, como a Fajã de Baixo, muito productora.

Fajã do Bello, logar pertencente á freguezia da Ribeira Secca, ilha de S. Jorge. E' situado á beira-mar.

Fajã do Calhau, logar pertencente á freguezia das Manadas, ilha de S. Jorge.

Fajã dos Bodes, logar pertencente á freguezia da Ribeira Secca, ilha de S. Jorge.

Fajã dos Cubres, logar pertencente á freguezia da Ribeira Secca, ilha de S. Jorge.

Fajã dos Tijolos, logar pertencente á freguezia da Ribeira Secca, ilha de S. Jorge. E' situado á beira-mar, ao norte da ilha.

Fajã dos Vimes, logar pertencente á freguezia da Ribeira Secca, ilha de S. Jorge. E' povoação importante e onde se produzem os melhores inhames da ilha. Tem uma ermida dedicada a S. Matheus. E' muito povoado. No seu porto tem dois barcos para a pesca e 8 pescadores matriculados. Tem um posto fiscal que cobra imposto de pescado.

Fajã Grande, freguezia de S. José, concelho das Lagens, comarca das Flores, districto administractivo da Horta, ilha das Flores. Tem 340 fogos, e 1.097 habitantes.

Fajã Redonda, logar pertencente á freguezia da Ribeira Secca, ilha de S. Jorge. E' situada na costa do Norte da ilha e é pouco povoada.

Fajãsinha, freguezia de Nossa Senhora dos Remedios, concelho da villa das Lagens, comarca das Flores, districto da Horta, ilha das Flores. Tem 215 fogos e 710 habitantes. E' situada em terreno plano á beira mar. Produz boas madeiras para construcção.

Fanéca, logar pertencente á freguezia de S. Pedro, ilha de Santa Maria.

Farrobo, logar pertencente á freguezia dos Flamengos, ilha do Fayal.

Farrobo, logar pertencente á freguezia das Bandeiras, ilha do Pico.

Farropo, logar pertencente á freguezia dos Fenaes da Luz, concelho de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel.

Fayal, uma das ilhas do archipelago. E' a quinta ilha em grandeza. Já teve o nome de ilha dos *Flamengos* ou *Flandrica*, por ter sido seu donatario, por carta de 1509, o flamengo Jorge d'Utra, ou Jobs Van Huerter, que trouxe para a povoar muitos de seus compatriotas. O Fayal está na latitude de 38° 33' N. e na longitude de 19° 31' ao O. de Lisboa. Mede 19 kilometros de comprimento, 11 de largura e 178 kilometros quadrados de superficie. A sua população é de 23.521 habitantes com 5.865 fogos. Tem 13 freguezias. E' montanhosa. Não está assente a data do seu descobrimento, mas pela sua situação proxima de outras ilhas é de acreditar a versão que corre que em 1453 alguns habitantes de S. Jorge começaram a povoal-a. O nome de *Fayal*, veiu-lhe do grande numero de faias *(myrica faia Ait.)* que encontraram vegetando no seu solo. A sua principal povoação é a cidade da Horta. E' a ilha mais populosa do grupo occidental e a sua séde. Gosa de um clima temperado em todas as estações. E' abundante em producção de cereaes, legumes, vinho e laranjas, de que chegou a ter uma enorme exportação no archipelago. Esta ilha, em fins de 1692, foi encorporada da Corôa; até ali pertencia a donatarios. Não apresenta grandes estabelecimentos fabris, mas na pequena industria avantaja-se ás outras ilhas dos Açores. Pelas suas povoações ruraes são activos os trabalhos na manufacturação de bordados brancos, de tecidos de palha e pita, de chapeus de palha, de esteiras, cestos e outros muitos objectos que constituem uma galanteria e que são muito apreciados pelos viajantes estrangeiros. Ha notaveis trabalhos de bordados de palha, bordados brancos e de algodão; rendas de pita, delicados artefactos feitos dos fios da folha da *piteira*, e que são conhecidos nos Açores desde 1852, com grande apreço da parte dos estrangeiros que visitam as ilhas; meias de algodão, bordadas, que teem alimentado algum commercio com

os Estados Unidos, calculando-se em cerca de 400$000 rs. o valor da sua exportação; e lavores finissimos em miolo de figueira (data de 1847 o estabelecimento d'esta industria no Fayal, sendo hoje generalisada por mais ilhas do archipelago.) Os artefactos que representam ramos, cestos com flôres, figuras, navios, emblemas, etc. teem uma perfeita execução. Os navios baleeiros americanos, que costumam exercer a industria da pesca da baleia nos mares dos Açores Occidentaes, abastecem-se de refrescos n'esta ilha, e fazem n'ella os seus depositos de azeite. — O Fayal pertence ao districto administrativo da Horta e forma um unico concelho que tem egual nome, com 13 freguezias, a saber: Matriz — Conceição — Angustias — Feteira — Castello Branco — Capello — Praia do Norte — Cedros — Salão — Ribeirinha — Pedro Miguel — Praia do Almoxarife — e Flamengos. A primeira povoação d'esta ilha foi no sitio de Porto-Pim, denominação derivada de um rico hebraico que ali residia, por nome Samuel Pim. Constava de colonos das ilhas S. Jorge e Graciosa, que se dedicaram á cultura do pastel no sitio contiguo, que ficou denominado por *Pastelleiro*. O 1.º donatario dizem que chegou á ilha no dia 3 de maio, em que a egreja celebra a invenção da Santa Cruz, e por isso deram o titulo de Santa Cruz ao logar onde desembarcou. O donatario mandou fazer a egreja de Nossa Senhora das Angustias. Teve esta ilha homens notaveis, taes como o padre Francisco Furtado, que nasceu em 1588, indo missionar para o Japão, vindo fallecer em Macau a 21 de novembro de 1653. — Compoz muitas obras na lingua chineza, que conhecia a fundo. (Vid. Barbosa, na sua *Bibliotheca Lusitana*), fr. João Baptista, theologo insigne, e padre Antonio Alvares. Em setembro de 1792, aportou a esta ilha uma embarcação em que vinha o grande poeta Chateaubriand, tendo ali uma excellente recepção. Levou-o ali um grande temporal que acossou o navio em que elle vinha da America para a Europa. No *Genio do Christianismo*, no cap.º 8.º do primeiro volume, (traducção de Camillo Castello Branco), vem uma referencia de Chateaubriand ao archipelago, quando se occupa das aves aquaticas: Um dia encontramos nos Açores, um bando de cercetas azues, forçadas pelo cançaço a pousarem n'uma figueira. Não tinha folhas esta arvore, mas pendiam d'ella fructos encarnados e travados dois a dois como crystaes. Quando a toldou a nuvem das aves, cujas azas pendiam lassas de fadiga, era singular o espectaculo da figueira; os fructos pareciam de uma purpura vivissima por sobre os ramos assombrados, ao tempo que a arvore parecera desabrochar, como por encanto, uma folhagem azul. Eram provavelmente aves de arribação e na opinião de um illustrado escriptor esta scena dever-se-ia ter dado na ilha do Pico. Um dos pontos de vista do Fayal, mais importante é a *Caldeira*. (Vide *Caldeira*). Em 1672 rebentou um vulcão na praia do Norte, d'esta ilha, correndo a lava por cima de terra que era productissima. Os habitantes da

ilha, são no geral altos, de boa presença, hospitaleiros, trataveis e muito alegres. Entregam-se muito aos divertimentos. Tem a ilha 39 barcos de pesca e 245 pescadores matriculados. Por uma nota que temos presente, as maiores alturas acima do nivel do mar são:

Cumieira da Caldeira.	1:021	m.^es
Pico do Fogo	566	»
Cabeço da Fonte . . .	492	»
Cabeço do Norte . . .	349	»
Monte Carneiro . . .	270	»
Lomba dos Frades . .	214	»
Monte do Pilar	181	»
Monte	179	»
Ermida de S. Antonio	168	»
Monte da Guia	148	»
Ponta dos Cedros . .	146	»
Monte do Norte . . .	143	»
Monte da Espalamaca	128	»
Egreja de S. Antonio.	89	»
Monte da Artilheria .	85	»
Monte Queimado . . .	81	»
Monte das Moças . .	63	»

Fayal da Terra, freguezia de Nossa Senhora da Graça, priorado de S. Miguel de Villa Franca do Campo, concelho e comarca da villa da Povoação, districto administrativo de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel. Tem 356 fogos com 1.350 habitantes. Deu-lhe o nome o ter muita *faia* quando foi povoada. E' situada em terreno baixo e aprazivel, á beira mar. E' muito abundante em cereaes, fructas e pesca. O seu porto tem 1 barco de cabotagem com 8 maritimos e 2 de pesca com 12 pescadores.

Fazenda, logar do concelho do Nordeste, ilha de S. Miguel. Tem uma ermida da invocação de Nossa Senhora da Conceição.

Fazenda, pequeno logar do concelho das Lagens, ilha das Flores. E' pouco habitado

Fenal, logar da freguezia da Praia, ilha Graciosa.

Fenaes da Ajuda, vid. *Fenaes da Vera Cruz.*

Fenaes da Luz, freguezia de Nossa Senhora da Luz, priorado de Nossa Senhora da apresentação das Capellas, districto, concelho e comarca de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel. Tem 524 fogos e 1.968 habitantes. Foi denominado *fenaes*, por ser um sitio de muita producção de feno. E' abundante no producção de vinho. N'esta freguezia nasceu, a 2 de agosto de 1626, o veneravel padre Bartholomeu do Quental. Estudou em Ponta Delgada, passando para a cidade de Evora, onde antes dos 20 annos de idade foi graduado mestre em artes pela universidade e ornado com a borla de doutor em philosophia em 30 de julho de 1648. Em 1652 concluiu o curso de theologia, ordenando em presbytero. Morreu em 1698. Clemente XI deu-lhe o titulo de *Veneravel*. Deixou alguns sermões impressos e notabilisou-se por ser o fundador da Congregação do Oratorio e dos irmãos congregantes de Nossa Senhora das Saudades e S. Filippe Neri. Tem duas escolas de ensino official, uma para cada sexo.

Fenaes da Vera Cruz, freguezia dos Santos Reis Magos, priorado de Nossa Senhora da Estrella da Ribeira Grande, concelho e comarca da Ribeira Grande, districto administrativo de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel. Tem 548 fogos e 1.919 habitan-

tes. Tambem é conhecido na ilha por *Fenaes da Ajuda*. Os seus moradores cultivam cereaes e criam gados. Tem posto fiscal que cobra imposto de pescado.

Fenaes e Portella, logar da freguezia da Praia, ilha Graciosa.

Ferraria, sitio de nascentes de aguas quentes á beira mar, assente em cima de rocha, pertencente á freguezia dos Ginetes, ilha de S. Miguel. Mostra claros vestigios da sua origem. E' coberto de lava, ora compacta, ora crivada de orificios, de coloração escura, pelo qual o povo chamou *ferraria*. Em cavernas banhadas pelo mar tem nascentes de aguas, que apresentam varias composições. Ainda não foram analysadas mas parece serem sulfureas, alcalinas e saliciosas. Em 3 de julho de 1638 em frente d'este sitio, onde os pescadores costumavam ir pescar, rebentou do fundo do mar, a cerca de uma legua de distancia, uma cratera que lançando com furia pedras, areia e torrentes de fogo, formou uma ilhota que, segundo uma descripção manuscripta, media 60 braças de alto e mais de largura e comprimento. As furias da tempestade arrazaram a ilhota. Em 1810 sentiram-se tremores de terra na ilha e em 1811 manifestou-se uma violenta erupção submarina, em frente da ponta da Ferraria, rebentando de novo o vulcão que arrojou ao ar cinza, pedras, areia, formando um ilheu quasi de forma circular com cerca de meia legua de circumferencia e com uma cratera de agua fervendo no meio. Contam que o capitão de uma fragata da marinha ingleza, vendo a ilhota, desembarcou n'ella e, erguendo uma bandeira da sua nação, a tomou como descobrimento seu, dando-lhe o nome de *Sabrina*, com que era designado o navio. O mar, porém,despedaçou pouco a pouco o ilheu, até o desfazer de todo. Segundo uma carta d'este capitão, a ilha tinha de 60 a 400 pés de altura. As aguas da *Ferraria* gosam de virtudes therapeuticas. As obras publicas edificaram na pequena planicie do sitio uma casa para banhos e residencia dos doentes que quizerem ir experimentar a efficacia de taes aguas. O sitio é de aspecto lugubre, porquanto a lava ardente que o cobriu e bem assim a alta montanha que o abriga (pico das Camarinhas), não permittindo a cultura, apresenta a pedra vulcanica em grande quantidade. Na estação do verão, quando alguns doentes pobres vão habitar na casa, costumam os habitantes das freguezias proximas, reunirem-se em grupos, com violas e outros instrumentos, e então lá vão passar um dia santificado, com folguedos, o que amenisa o logar. Para se penetrar na Ferraria é mister descer parte do pico que lhe fica na frente, o que é perigoso, e se faz com difficuldade. Trata-se de fazer ali uma estrada rasoavel.

Fetaes, logar da freguezia da Ponta da Piedade, na ilha do Pico.

Feteira, freguezia do Espirito Santo, concelho, comarca e districto administrativo da Horta, ilha do Fayal. Tem 575 fogos e 2.218 habitantes. E' situada em terreno ingreme e é muito fertil.

Feteira, logar pertencente á

freguezia da Ribeirinha, ilha Terceira. Tem uma ermida dedicada a Nossa Senhora das Mercês.

Feteira, logar pertencente á freguezia do Porto Judeu, ilha Terceira.

Feteira, logar pertencente á freguezia de S. Pedro, ilha de Santa Maria.

Feteira, logar pertencente á freguezia da Achada, ilha de S. Miguel.

Feteira, logar pertencente á freguezia da Calheta de Nesquim, ilha do Pico.

Feteira de Cima, logar pertencente á freguezia da Feteira, ilha do Fayal. E' muito povoado.

Feteiras, freguezia de Santa Luzia, priorado da ilha de S. Miguel, concelho, comarca e districto administrativo de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel. Tem 546 fogos e 2.096 habitantes. O nome *Feteiras*, na opinião dos primeiros chronistas, vem derivado do muito feto que tinha o local quando foi povoado. E' situado á beira-mar sobre uma rocha. E' terreno fertil e os seus habitantes se dedicam tambem á pesca, para o que têm 3 barcos e 16 pescadores matriculados. Tem duas escolas de ensino official, uma para cada sexo. Tem posto fiscal que cobra imposto de pescado.

Figueiras, logarejo pertencente á freguezia de Santa Cruz, ilha Graciosa.

Flamengos, freguezia de N. Senhora da Luz, concelho, comarca e districto administrativo da Horta, ilha do Fayal. Está situada no interior da ilha em terra chã e agradavel. Tem 525 fogos e 2.043 habitantes. Esta freguezia foi a primeira da ilha. O seu nome deriva-se dos primeiros povoadores que eram flamengos, e que vieram com o donatario da ilha João Van Heurter.

Flores, uma das ilhas do archipelago. E' a sexta em grandeza. Tem 18 kilometros de comprimento, 11 de largura e 160 kilometros quadrados de surperficie. Está situada na latitude de 39° 28' N. e na longitude de 22° 3' a O. de Lisboa. Tem 2.303 fogos e 8.847 habitantes. E' montanhosa e tem a sua costa muito escarpada. Esta ilha deve o seu nome á grande quantidade de flores que cobriam o solo quando foi encontrada. O seu principal porto é a bahia de Santa Cruz, onde se acha edificada a villa do mesmo nome, que é a principal da ilha. Esta ilha foi visitada entre 1439 a 1460 pelo seu primeiro povoador Guilherme da Silveira, sendo doada a D. Maria de Vilhena. Não se sabe ao certo a data do seu descobrimento. A ilha tem um excellente clima, ar puro e secco, boas e abundantes aguas, e apresenta uma luxuriante vegetação. Tem algumas aguas mineraes. Produz boas madeiras, cereaes, legumes, batatas, inhames, laranjas, etc. Cria muito gado, notando-se uma raça bovina a que já nos referimos na ilha do Corvo. O seu commercio é pequeno. Exporta madeiras, gado, manteiga e queijo. Os seus habitantes fabricam pannos de linho e de lã para seu uso, e colchas de merecimento, que são exportadas. Os seus moradores são de mediana estatura, com bellas cores e de habitos simples. Tem esta ilha um

bom hospital, fundado por iniciativa do benemerito florentino Antonio Vicente Peixoto, que falleceu em Lisboa em 1881. Este caridoso açoriano doou para o hospital o edificio de um convento que lhe pertencia, grangeou donativos para a sua fundação, assegurou-lhe rendimentos, e na villa de Santa Cruz fundou uma bibliotheca popular. A primeira povoação da ilha das Flores, foi a villa das Lagens, composta de colonos de Portugal e Madeira. O primeiro parocho foi o padre Antão Vaz, que levou comsigo um irmão, Lopo Vaz, que se estabeleceu deixando o seu nome ligado a um pequeno sitio a que chamam Fajã. Esta ilha e a do Corvo teem sido as mais poupadas no archipelago aos phenomenos do vulcanismo, que muitas vezes reduz á miseria populações inteiras. A ilha tem dois concelhos, o de Santa Cruz, com 4 freguezias: Matriz, Cedros, Carreira e Ponta Delgada; e a das Lagens com 6: Matriz, Lomba, Lagedo, Mosteiros, Fajanzinha e Fajã Grande.—Pertence ao districto da Horta. Com a ilha do Corvo constitue uma comarca de 3.ª classe. Tem delegação da alfandega e capitania da Horta e uma secção da guarda fiscal. O seu porto tem 39 barcos de pesca e 228 pescadores. Nasceu n'esta ilha, em 1809, o conselheiro Camillo Aureliano da Silva e Souza, que foi juiz da relação do Porto até 1878. Escreveu em varios jornaes politicos e dedicados á agricultura. Publicou alguns dramas que foram representados nos theatros de Santa Catharina e de S. João do Porto. Em 1873 publicou o codigo civil Portuguez ordenado alphabeticamente.» Dedicou-se muito á horticultura. Falleceu no dia 15 de julho de 1883, no Porto. (Vid. volume XIV do «Jornal de Horticultura Pratica», 1883 Porto).

Fogo, logar da freguezia do Livramento de Rasto de Cão, ilha de S. Miguel. E' proximo do pico do Fogo, nome que lhe foi dado por ter em 19 de outubro de 1652 aberto crateras vulcanicas nos picos denominados do Paio e de João de Ramos. O nome Paio foi desde então substituido pelo de pico do Fogo.

Folga, denominação dada a um porto proximo da Ponta Branca, na ilha Graciosa. Vão ali pescar muitos maritimos da ilha do Pico. O porto da Folga offerece abrigo ás embarcações. Tem um posto fiscal.

Folhadaes, logar pertencente á freguezia dos Altares, ilha Terceira.

Fontainhas, vid. *Fontinhas*.

Fontinhas, freguezia de N. Senhora da Pena, concelho e comarca da villa da Praia da Victoria, districto administrativo de Angra do Heroismo, ilha Terceira. Tem 327 fogos e 1.290 habitantes. E' situada em terreno elevado um pouco para o interior da ilha. E' sitio abundante em agua, d'onde lhe veiu o nome *fontinhas*. Os seus habitantes cultivam cereaes, legumes e criam gados.

Fonte Bastarda, (vid. *Fonte do Bastardo*, por que é conhecida).

Fonte do Bastardo, freguezia de Santa Barbara, concelho e comarca da villa da Praia da Victoria, districto administra-

tivo de Angra do Heroismo, ilha Terceira. Tem 199 fogos e 651 habitantes. E' situada em terreno alto. Produz abundantes cereaes e cria muitos gados.

Fonte do Matto, logarejo pertencente á freguezia da Praia, ilha Graciosa.

Fonte da Faneca, sitio proximo da freguezia da Terra Chã, ilha Terceira.

Fontes, logar pertencente á freguezia de Santa Cruz, ilha Graciosa.

Fontes, logarejo pertencente á freguezia do Guadalupe, ilha Graciosa.

Fontinha, sitio proximo do logar do Cabouco, concelho da Lagoa, onde se diz foram edificados os paços das camaras, depois do terremoto que destruiu villa Franca do Campo.

Formigas, rochedos que se estendem por mais de meia legua, distante cinco leguas ao Nordeste da ilha de Santa Maria. Quando os argonautas portuguezes procuraram descobrir as ilhas do Oceano Atlantico, encontraram na sua primeira viagem, em 1431, estes penedos e, como por entre elles entrava e sahia continuadamente o mar, puzeram-lhe o nome de formigas. Este baixio é ponto de pescaria para os maritimos de Santa Maria. E' muito abundante em mariscos. E' perigoso para a navegação.

Fóros, logar pertencente ao concelho da villa da Ribeira Grande, ilha de S. Miguel.

Funchal, logar pertencente á freguezia de Santa Cruz, ilha Graciosa.

Furna, logar pertencente á freguezia de Santo Antonio, ilha do Pico.

Furna do Carvão, situada nas pastagens denominadas do Carvão, na ilha Terceira, districto de Angra do Heroismo. Esta furna foi explorada no dia 26 de janeiro de 1893, pelo sr. Candido Corvello, que desceu cerca de 80 metros pelo boqueirão, accendendo archotes e verificando que no fundo era uma extensa sala formada de *stalactites* e *stalagmites*. O jornal o *Academico*, n.º 19, 1.º anno, descrevendo esta exploração, diz o que com a devida venia, reproduzimos : «São estas columnas de calcareo d'um aspecto maravilhoso, semelhantes a cristaes brancos e finissimos. São em forma de pyramides conicas, tendo as stalactites a base preza ao tecto da gruta, e as stalagmites a base preza ao solo. As stalactites e stalagmites são formadas pelo calcareo, dissolvido pela agua contendo acido carbonico (anhydrido carbonico). Pela infiltração, a agua perdendo o seu carbonio deposita no tecto da gruta o calcareo (porque, como todos sabem, o calcareo é insoluvel na agua pura); assim pelo addicionamento de novas quantidades do mesmo se vão formando as stalactites. As stalagmites são formadas do mesmo modo, mas acham-se prezas ao solo. Este phenomeno dá-se nos logares vasios. As stalactites chegam muitas vezes a unir-se ás stalagmites, formando lindas columnas de marmore, o mais puro, e d'um aspecto bellissimo. O sr. Candido Corvello, depois de ter estado alguns momentos em contemplação deante d'estas maravi-

lhas da natureza, que reflectiam a luz purpurea do archote, dando á gruta um aspecto sublime, lindo, passou a um outro compartimento, mas com muita percaução, porque podia haver mais alguma furna por onde se precipitasse. Effectivamente não se enganou, pois havia um outro boqueirão. Accendeu uma porção d'estopa de que ia munido a lançou-a pelo precipicio. Esperou alguns momentos e viu que a estopa cahira n'agua, que poderia ser proveniente ou do mar, ou d'algum lago, ou ribeiro que ali corresse. Pelo tempo decorrido desde o começo da queda até ao seu final, pareceu-lhe que a nova furna devia ter uns 40 metros de profundidade».

Furna do enxofre, é situada na caldeira da Praia, ilha Graciosa. A caldeira mede de extensão da sua circumferencia 3.870 metros. A furna de enxofre é descripta pela seguinte forma pelo sr. Antonio Borges do Canto Moniz, (*Ilha Graciosa - Açores— descripção historica e topographica, 1884.* «E' n'este logar (caldeira da Praia) que existe a curiosa *furna do enxofre*, phenomeno geologico digno de ser visitado, cujo exame bem demonstra a importante manifestação vulcanica que ha seculos teve logar n'esta ilha, apesar das suas pequenas dimensões. A contemplação d'aquella vasta caldeira é de um espectaculo sobre modo imponente. Um circo immenso rodeado de rochedos negros de diversas formas, alguns declives formados de lava e escoria vulcanica, no fundo um extenso valle com um lago de que se servem as lavadeiras dos arrebaldes; por entre as aberturas da rocha basaltica e trachitica, dividida em prismas verticaes, brotando viçosos fetos e varias especies de hepaticas para modificarem algum tanto a aridez d'aquelle logar; os flancos da caldeira apresentando um aspecto muito singular, tudo isso desperta uma profunda impressão no espirito do visitante. Imagine-se uma grande elipse com 3 kilometros de diametro no sentido do grande eixo, e 2 no do pequeno eixo. Caminhando para o lado sul vamos encontrar no fim d'esta ampla bacia a curiosa furna onde existem duas cavidades ou aberturas, semelhando um abysmo, cuja entrada é dividida em duas partes desiguaes, dando uma d'ellas ingresso á maravilhosa *furna do enxofre*. Para effectuar a descida são porém necessarias duas cordas presas a umas estacas que se collocam no rebordo superior d'esta abertura. O visitante segurando-se a uma e preso por debaixo dos braços na outra, vae descendo em posição horisontal, formando anglo recto, com o rochedo, e os guias com todo o cuidado vão arriando lentamente a segunda corda, repetindo-se o mesmo simples processo na subida. Mede esta profundidade cerca de 90 metros. Inspira tal pavor a simples vista d'este enorme abysmo, que é indispensavel revestir-se o homem de não vulgar coragem para emprehender tal descensão. Chegando ao fundo encontra-se um grande lago e em cima uma abobada, cujo arco mede cerca de 40 metros, com suas stalactites. Tem esta cavidade 180 metros na sua maior lar-

gura e 120 em toda a extensão. Logo ao principio da entrada observa-se ao lado esquerdo uma pequena cavidade d'onde constantemente sae um pronunciado cheiro de enxofre, sentindo-se tambem o ruido semelhante ao vapor condensado n'uma caldeira. Encontra-se mais por ali grande porção de enxofre hydralado e differentes productos mineraes, que imprimem n'aquella agua o desagradavel sabor de enxofre, apesar de se conhecer a sua qualidade de agua doce, que ali dorme eternamente tranquilla. Pombas bravas esvoaçam, e fogem ao visitante que vem perturbar o socego, invadindo-lhes os dominios.» Muitos estrangeiros notaveis teem visitado esta furna, taes como o naturalista Henri Drouet, o geologo mr. Fouqué, em 1872, e em 1879 o principe herdeiro de Monaco. Tem 119 metros a extensão da furna até ao lago.

Furnas, pequeno logar pertencente á freguezia da Luz, ilha Graciosa.

Furnas, freguezia de Santa Anna, do priorado de S. Miguel de Villa Franca do Campo, concelho e comarca da Povoação, districto administrativo de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel. Tem 640 fogos e 2.039 habitantes. As *Furnas* são hoje o delicioso valle onde as familias michaelenses vão passar a estação calmosa. Bonito, pittoresco, abundante em vegetação e em agua, bastante acidentado e com bellezas naturaes que encantam, offerece aos viajantes, nas suas visitas artisticas ou de *prazer*, uma encantadora paizagem. As Furnas estão situadas no interior da ilha, n'um espaçoso valle, cercado por altas montanhas, deixando ver na sua apparencia que foi o resultado de uma forte erupção vulcanica. No fundo apparecem as caldeiras com as beneficas aguas sulfuricas e nas voltas e fraguedos açudes, correm abundantes regatos de excellente agua, cahindo muitas vezes em deliciosas cascatas. No fundo do valle, ao vêr a profusão opulenta da vegetação rustica, os montes fluviosos, as longas serras dentadas, apresentando uma paisagem mesclada do ameno e do grandioso : o viajante sente-se impressionado. Por isso quem visita a ilha de S. Miguel não pode deixar de fazer esta tentadora viagem. O valle tem 7 kilometros de comprimento e uns 5 de largura, circumdado por montanhas de cerca de 300 metros de altura. As caldeiras occupam uma area de cerca de 500 metros de circumferencia. Os habitantes pobres do valle costumam collocar cestos cheios de inhames ou de batatas, em aberturas feitas no terreno, proximo das caldeiras, para coser, o que se realisa em pouco tempo. Em qualquer abertura que se faz no solo, logo escapa vapor e apparece agua a ferver. No valle existem bons hoteis, especialmente o hotel *Furnense*, que apresenta jantares á portugueza, finamente cosinhados. Este valle foi no principio habitação de erimitas. Contam que os padres Diogo de Barros e Manuel Fernandes, no anno de 1614, sahiram de Lisboa e por conselho do padre Luiz Ferreira, oriundo da ilha de S. Miguel, embarcaram para esta ilha

no 1.º de maio de 1614, desembarcando em Villa Franca do Campo, d'onde seguiram para o valle das Furnas. Hospedados ali por um ermitão que se abrigava n'uma antiga choupana proxima á ermida da Senhora da Consolação, mandada construir em 1613 pelo governador da ilha D. Manuel da Camara, fizeram construir um pequeno convento, onde dizem ter estado de visita o bispo D. Agostinho Ribeiro. Na noute de 2 para 3 de setembro de 1630, uma valente erupção derrubou a egreja e os ermitas fugiram espavoridos, indo estabelecer-se no valle de Cabaços, da villa de Agua de Pau, onde permaneceram em convento que fizeram até á suppressão das ordens monasticas em 1834. Em 1745, segundo tradicção, os padres jesuitas estabeleceram uma ermida da invocação de Nossa Senhora da Alegria, e começaram a attrahir alguns enfermos ao uso das aguas thermaes. A ermida passou depois de 1760, quando sahiram os jesuitas da ilha, a ser dedicada a Santa Anna, augmentando-se e estabelecendo-se n'ella a parochia. Dizem que esta egreja está edificada no mesmo logar em que os ermitas fundaram o seu convento e que a erupção de 1630 desmoronou. Parece portanto, que de 1613 deve datar o começo da povoação d'este pittoresco logar, por ser n'aquelle anno a edificação da primeira ermida que ali houve. O valle até ali era só frequentado pelos guias dos gados que pastavam nos mattos. Já em 1615 começaram a haver algumas cabanas para moradia. Dizem que ainda por 1782, os banhistas armavam com ramos de arvores as choupanas onde os doentes tomavam banhos em caixões de madeira, que se enchia d'agua. Depois com o decorrer do tempo começou a edificação de estabelecimentos proprios para os banhos e de casas de moradia por se ir estendendo a população. A administração municipal da Villa Franca do Campo, tomou á sua conta alguns dos estabelecimentos balneares, os quaes passaram depois para a camara da Povoação, quando foi em 1839 elevada a villa. Muitos proprietarios ricos do logar encanaram tambem a agua para casas que construiram proprias para banhos. Hoje tem um grande edificio balnear que começou a edificar-se em 1863. E' formado de duas alas tendo cada uma a extensão de 33,m6 por 21.m de largura, com 14 casas com banheiras de marmore. Tem um corpo central de 17.m8 de comprimento por 15.m de largura occupado por diversas dependencias do edificio. Este estabelecimento está franco ao publico, bem como os dos particulares que ali existem. As aguas das Furnas são de variada mineralisação, de temperatura diversa, alcaninas, ferreas, etc. As principaes nascentes são as denominadas por *Caldeira Grande*, *caldeira do Padre José*, de *Pedro Botelho*, de *Asmodeu*, a mais moderna pois data de 1840 ou 1841, a *Agua Azeda*, a *Agua Santa*, *Quenturas*, *Sanguinhal*. N'estas nascentes reconhece-se as aguas *alcalinas*, *sulfuradas*, *sulfatas*, *ferruginosas*, *chloretadas* e *sodicas*, segundo Fouqué, analysta francez. No local existe um hospital, onde

se recolhem os doentes nos mezes de julho e agosto de cada anno, que são sustentados pela misericordia de Ponta Delgada, e outros da ilha. Em 1870 a Junta Geral do districto creou um logar de director da Estação Medica do valle, durante o tempo em que permanecem ali os doentes. As observações medicas das virtudes therapeuticas das aguas, parece datar de 1862. Em 1826, Luiz Mousinho de Albuquerque, analysou chimicamente as aguas. A situação topographica do valle não favorece muito a salubridade do logar, que é pouco lavado de ares. Existem muitos jardins pertencentes a opulentos proprietarios que os franqueam ao publico. As aguas d'este logar apresentam variada composição. Segundo *Fouqué* a AGUA AZEDA, (*fria hyposalina, bicarbonatada sodica, gazocarbonica, silicatada,*) tem 16.° de temperatura e é muito gazosa. Em cada 1.000 grammas ha os seguintes gazes:

Acido carbonico . .	890 centig.
Azote	35 »
Oxigenio	5 »
	930

Tendo um residuo solido de gr. 9,334 formado por

Bicarbonato de soda .	o, gr. 170
Bicarbonato de cal . .	o, » 010
Bicarbonato de ferro ..	o, » 008
Chloreto de sodio . . .	o, » 067
Sulfato de soda	o, » 040
Sulfato de sodapotassio	o, » 091
Silica	o, » 090

Deixando de parte a apreciação das outras aguas do valle, indicaremos apenas as analyses da Caldeira Grande e de Pedro Botelho. A agua da Caldeira grande é altamente alcalina, e segundo Fouqué, contem gazes livres, em cada mil partes das quaes ha o seguinte:

Acido carbonico	988 gr. 90
Acido sulphydrico . . .	9 » 50
Azote	1 » 46
Oxigenio	0 » 14

Fouqué em 1:000 grammas obteve um residuo solido, pesando 1,818 grammas, composto de:

Carbonato de soda . .	o, gr. 707
Chloreto de sodio . . .	o, » 646
Sulfato de soda . . .	o, » 025
Sulfato de potassa . .	o, » 016
Silica	o, » 285
Silicato de soda . . .	o, » 074
Saes ammoniacaes materia organica	vestig.

Sobre a Caldeira de Pedro Botelho, diz Fouqué, (*Les Eaux Thermales de L'Ile de S. Miguel. Açores*, Portugal, 1873.): «Esta nascente não lança quantidade alguma de liquido fora do seu deposito natural.—Os gazes e os vapores, que se desenvolvem no fundo do sorvedouro, borbulham com grande violencia no meio d'um pequeno deposito de liquido lamacento que tem uma temperatura muito proxima de 100 graus. — Fiz tirar em um balde uma pequena porção d'aquella lama, na qual mergulhei immediatamente o thermometro, o qual indicou uma temperatura de 98,5. A lama filtrada produzio uma agua levemen-

te amarellada. Esta agua torna o papel de girasol pronunciadamente vermelho. Dá um abundante precipitado com a mistura do nitrato de barytre, e diminuto com o nitrato de prata, ambos acidulados. Um litro d'este liquido evaporado produz um residuo secco pesando 1 gr. 003. Dados immediatos da analyse :

Acido sulphurico	447
Acido chlorrhydrico . . .	12
Soda	296
Aluminia	18
Cal	14
Oxido de ferro . .	vestigios
Silica	300
	1.087

Quadro interpretativo :

Sulfato de soda (peso do sal	651
Pedra hume (supposto aulydre	87
Sulfato de cal	34
Sulfato de ferro . .	vestigios
Silica	300
Acido chlorhydrico . .	12
Acido sulphurico . . .	3
	1:087

O valle das Furnas tem nos seguintes pontos, conforme uma nota de credito, as seguintes alturas:

Pavimento da bocca da estrada da Lagoa das Furnas para o Sanguinal, metros acima do praia-mar 287

Pavimento da estrada junto á fonte das 3 bicas no valle das Furnas 203,m76 (ou 83,m24 inferior á precedente)

Pavimento da estrada no alto da Chã da Caldeira (estrada que se dirige para a Povoação) 358.m

Pavimento da Ponte sobre a Ribeira dos Tambores da mesma estrada 177.m7

Ponto culminante do pavimento da estrada para Villa Franca, no alto da Gaiteira 497,m5 (ou 293m acima da fonte das Furnas.)

São numerosos os passeios e pontos de vista que os viajantes teem n'este valle. Entre muitos citam-se o passeio do tanque ou parque, formoso jardim, os jardins dos srs. conde de Fonte Bella, barão de Fonte Bella, dr. Caetano d'Andrade Albuquerque, marquez da Praia e de Monforte e outros michaelenses opulentos. As excurções em carruagem ou em burricadas são á Ponte dos Tambores, á Lagoa das Furnas, que mede 2.275 metros de extensão e onde ha agradaveis passeios em barcos, e as escurções ao Echo, e picos da Vigia, do Ferro, dos Canarios, e da Vara, o maior da ilha, que tem 1.700 metros de altura, e ao sitio da Ribeira Quente, e Pedras da Salga. A villa da Povoação tambem é digna de se vêr e offerece um bom panorama aos viajantes. Para as Furnas ha boas estradas desde Ponta Delgada. O percurso que é de 45 kilometros faz-se de carruagem, aproximadamente 4 horas, pelo preço de 7$500 rs. levar e trazer 2 pessoas, de 10$000 rs. levar e trazer 4 pessoas. Pelo norte da ilha é preciso em alguns sitios o auxilio de bois

para tirar o carro e então o carreto é de 8$250 rs. para 2 pessoas e de 10$750 para 4, tudo moeda insulana. No valle encontra-se todas as commodidades precisas, um local em que se possa passar agradavelmente a estação calmosa. Ali apparecem todas as fructas, o melhor peixe, e tudo que póde captivar os *touristes*. Na verdade nada falta no valle das furnas. O hotel Furnense da familia Jeronymo de Carvalho, é bom e satisfaz perfeitamente a todas as exigencias. Em tempo cuidou-se do saneamento e aformoseamento do valle, para o que se nomeou uma commissão especial, pela Junta Geral do districto. Esta commissão fez o seu relatorio, mas a Junta não pôde fazer todos os trabalhos por conhecer que o seu dispendio era superior aos meios ordinarios de que podia dispor. O valle teem estabelecimentos de mercearias e casas particulares que recebem hospedes por ajuste convencional. Tambem n'este valle houve uma fabrica de *pedra-hume* que foi abandonada e por ultimo destruida pela erupção de 1630. Edificada pelo mestre João de Torres, em que gastou setecentos e tantos mil réis, produziria a fabrica, segundo os melhores authores, 580 quintaes de *pedra-hume*. São numerosos os trabalhos em que se fáz referencias a este valle. O melhor que existe sobre a hydrologia furnense é o de mr. Fouqué, onde estão importantes relatorios do sr. dr. Philomeno da Camara Mello Cabral. Como curiosos mencionaremos, entre outros os seguintes: — «*Les Eaux Termales de L'île de S. Miguel* (Açores) Portugal, 1873, — 1 vol. Lisbonne. — *Uma viagem ao Valle das Furnas na ilha de S. Miguel em junho de 1840, por Bernardino José de Senna Freitas.* — Lisboa, Imprensa nacional, 1845. 1 vol. — *A Estação Thermal das Furnas em 1889 — Relatorio apresentado á Junta Geral do districto de Ponta Delgada.* (E' escripto pelo clinico sr. dr. Mont'Alverne de Sequeira). Ponta Delgada, 1890, — 1 vol. As sessões e mais trabalhos da Junta Geral do districto de Ponta Delgada, que estão publicados e onde vêm os relatorios dos medicos que annualmente iam dirigir a estação medica do valle. — *Observações sobre a ilha de S. Miguel, recolhidas pela commissão enviada á mesma ilha em agosto de 1825, e regressada em outubro do mesmo anno, por Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque e seu ajudante Ignacio Pitta de Castro e Menezes.*

Furnas, na ilha Graciosa existem curiosas furnas, que vamos descrever; baseados na memoria sobre aquella ilha escripta pelo sr. Antonio Borges do Canto Moniz, a que já nos referimos n'este trabalho. Estão situadas nos recortes interiores da caldeira da Praia, e suas proximidades.

Furna da labarda, é de alta aboboda e tem 7,^{m}40 de comprimento e 4,^{m}40 de largura.

Furna do gato, o seu aspecto indica a origem do seu nome. E' negra e afunilada a rocha, aboboda de que é formada, para o centro da terra. Tem 11,^{m}10 de comprimento e 6,^{m}60 de largura.

Furna furada, é um arco de aboboda, com 3,^{m}40 de compri-

mento, 6,ᵐ20 de altura e 8,ᵐ10 de largura.

Furna dos bolos, baixa, cria no seu solo musgo que é utilisado para encher colchões. Tem 8,ᵐ de comprimento e 6,ᵐ50 de largura.

Furna do annel, é de alta aboboda, medindo o comprimento 8,ᵐ20 e a largura 10ᵐ.

Furna de Manuel d'Avila, é uma grande caverna com 14,ᵐ70 de comprimento e 8,ᵐ10 da largura.

Furna do Luiz, é bonita, de aboboda regular, medindo 12 metros de comprimento e 9 de largura.

Furna da Lembradeira, segundo descripção do author que vamos seguindo, é um simples e elevado rochedo liso, com ligeira inclinação, sem formar todavia cavidade alguma. Tem 26 metros de comprimento.

Furna do queimado, caverna de agradavel aparencia, mas de perigoso accesso. Tem 12,ᵐ50 de comprimento e 12,ᵐ80 de largura.

Furna do cardo, é de aspecto encantador. Tem 15 metros de comprimento e 2,ᵐ20 de largura.

Furna do cão, tem 5,ᵐ50 de comprimento e 8,ᵐ60 de largura.

Furna do canto, é de fundo regular e a aboboda goteja continuos pingos de agua. Tem 11,ᵐ30 de comprimento e 10,ᵐ80 de largura. Tem este nome por ser a ultima do *canto* nordeste da caldeira.

Furna do castello ou da Maria Encantada, situada na encosta do sul, junto á cumiada da caldeira. E' uma furna grande e de tradicções. Apresenta trez aberturas, sendo uma voltada ao O. e as outras a L. A primeira tem a largura de 4,ᵐ50, a segundo 5,ᵐ60 e a ultima 13,ᵐ80. Tem o comprimento de 56,ᵐ50 e a largura entre 2,ᵐ50 a 5,ᵐ70. Diz o author a quê nos temos referido que a entrada d'esta furna é embaraçosa pelos calháus que tem, a aboboda tem logares de boa regularidade, sendo a parede no fim da caverna bastante sonora, dando diversos sons nos varios logares em que é ferida, e tem cavidades irregulares, pelo que o povo tem feito uma lenda, considerando como pertences domesticos da *Maria encantada*. Ainda nas proximidades da Caldeira existem outras furnas, mas de pequena importancia.

G

Gaivotas, nome dado a uns ilheus situados ao S. da ilha Graciosa.

Ginetes, freguezia de S. Sebastião, priorado de SantaLuzia das Feteiras, concelho, comarca e districto administrativo de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel. Tem 577 fogos e 2.297 habitantes. E' situada sobre uma rocha á beira mar. Produz muito cereal, legumes e cria gados. Tem duas escolas de ensino publico.

Gingeira, logar pertencente á freguezia de S. Matheus, ilha do Pico. E' muito povoado.

Ginjal, logar pertencente á freguezia de Santo Antonio, ilha do Pico.

Gloria, logar pertencente á freguezia do Livramento de Rasto de Cão, ilha de S. Miguel. E' muito povoado.

Graciosa, uma das ilhas do archipelago. A oitava em grandeza. Tem 13 kilometros de comprimento, 7 e meio de largura media e 98 kilometros quadrados de superficie. Está situada na latitude de 39°6' septentrional, e longitude de 18°56' a O. de Lisboa. E' menos montanhosa do que qualquer outra ilha dos Açores; corre de noroeste a sueste e deve o seu nome ao aspecto gracioso do seu conjunto, que levou os povoadores a darem-lhe o nome de Graciosa. Os seus montes de formas variadas estão cobertos de luxiriante verdura. A sua costa que tem um desenvolvimento de 36 milhas, é escarpada e alta, apresentando porêm no lado norte entre as bahias da Praia e Santa Cruz uma pequena enseada. Dizem que em 1451 foi esta ilha visitada por uns mareantes da ilha Terceira, sendo pouco depois povoada por Vasco Gil Sodré, com colonos d'aquella ilha. Foi seu primeiro capitão donatario Duarte Barreto, depois Pedro Correia da Cunha, cujos descendentes a possuiram até 1580, data em que foi doada a D. Fernando Coutinho, passando por fim a ser encorporada na corôa. Esta ilha avista-se da Terceira N'ella se encontram vestigios de um vulcão que rebentou, antes de ser povoada, dando origem á grande caldeira que está no seu monte. (*Vid. caldeira da Praia.*) Os montes mais elevados da ilha são o Quintadoiro, o Facho e a Caldeira. A ilha tem algumas fontes de aguas mineraes. A cratera da caldeira é um dos bons pontos de visita para os *touristes*, onde admirarão a *furna do enxofre*. O solo da Graciosa é muito fertil e a agricultura ali tem grande desenvolvimento. Não é raro a ilha soccorrer os Açores com a sua abundante producção. No campo vinicola do archipelago gosa de creditos. Antes de se manifestar o *oidium tuckeri*, que foi em 1853, produzia cerca de 7:000 pipas por anno. A sua industria é limitada. Exporta alguma louça, tijolos, e sabão, para as outras ilhas do archipelago. A fabrica de sabão foi montada em 1872 e os fornos de telha e cal que existem na ilha, datam de 1873. Fabrica pannos de linho e lã para vestuarios de seus habitantes. Os seus moradores vivem com abundancia e dedicam-se á lavoura e á pesca. A povoação mais importante da ilha é a villa de Santa Cruz. A ilha tem adjacentes, o ilheu da *Praia* ao nordeste, o dos *Homisiados* a leste e o das *Gaivotas* ao sul. Na cratera da caldeira no dia 13 de junho de 1730, houve um grande terramoto. No sitio do *Carapacho* (*vid. Carapacho*), existe uma nascente de aguas thermaes descobertas em 1750. Na agricultura os habitantes da Graciosa utilisam como adubo para o solo, o sargaço (*fucos vericulosus de Lin.*) especie de alga que o mar, com certos ventos arroja á costa da ilha. A primeira povoação da ilha dizem ter sido proxima do porto do Ca-

rapacho em 1453. Esta ilha foi atacada pelos piratas quando andavam nos mares dos Açores. Em 1623 foi visitada pelos argelinos, mas os habitantes repelliram com astucia a sua entrada; outro tanto não aconteceu porém, em 16 de fevereiro de 1691. N'este dia um navio inglez fez desembarcar 35 homens os quaes dominaram a ilha, convertendo os seus moradores em carregadores, pois eram elles que levavam para bordo as melhores provisões que os inglezes iam tomando. Concluido o saque, conduziram para bordo, como prisioneiros o padre Antonio Fogaça, e os dois irmãos, o capitão Aleixo Corrêa e Sebastião Corrêa. Esta escolha patenteou que estes tres habitantes da ilha, gosavam de particular affeição entre a gente de bordo. Contam então que em 12 de novembro de 1689, dera á costa n'aquella ilha, uma embarcação ingleza, carregada de bacalhau, e tripulada por 14 homens. Salvou-se tudo, inclusivé o casco do navio que os tripulantes resolveram vender. Foi logo de prompto arrematado pelos taes tres irmãos, os quaes de combinação com o escrivão, que fez o auto da arrematação, pagaram em *patacos*, enganando facilmente os desgraçados vendedores, que desconheciam o valor d'aquella moeda, corrente na ilha. Além d'isto, venderam os generos de primeira necessidade, aos pobres tripulantes, por um preço exagerado, a ponto de gastarem em menos de tres mezes tudo quanto haviam recebido pela venda. Foi um proceder em extremo condemnavel, e que comprometteu os rudimentares deveres da hospitalidade. Naturalmente a bordo do navio dos piratas, estava algum ou alguns dos tripulantes a quem elles exploraram tão deshumanamente, e a assaltada não era talvez estranha a este facto. Depois do navio se afastar da ilha, contam os chronistas, começaram os habitantes a fazer algum fogo. Os inglezes mandaram depois lançar em terra o padre Antonio Fogaça, com a condição de lhes mandar resgatar os outros dois prisioneiros, pela quantia de duzentos patacos e quatro pipas de vinho. O padre, porém não estava pela proposta, e assim que se apanhou em terra pouco se importou com resgates. O mais que fez foi tentar embaçar os homens de bordo, enviando-lhes umas pipas vasias, mas elles não cahiram, e fazendo-se de vela o navio, seguiu viagem com os dois captivos que cheios de desespero e talvez suppondo que chegassem a terra, se lançaram ao mar, indo os seus cadaveres apparecer nas costas da ilha do Fayal. Eram d'esta forma os costumes maritimos no seculo XVII. Quando os corsarios corriam os mares dos Açores, veiu parar a esta ilha o padre Antonio Vieira. Em junho de 1654, sahia do Maranhão (Brazil) com destino a Lisboa, o eloquente orador, na companhia de dois religiosos e diversos passageiros, tudo em numero de quarenta e uma pessoas. O navio trazia um carregamento de assucar e outros generos. Com 60 dias de viagem foi assaltado por uma tormentosa tempestade nos mares da ilha do Corvo, a ponto de sossobrar. O perigo de vidas era eminente, mas como se

lançasse mão de todos os meios para o salvamento, conseguiu-se que o navio fluctuasse, ficando assim alguns dias, sem rumo e entregue ao capricho das ondas. N'esta situação appareceu um navio hollandez de piratas. Aproximou-se da embarcação, tomou tudo que lhe apeteceu, despojou os naufragos de tudo, e tomando-os, lançou-os, passados nove dias, na Graciosa. Assim o padre Antonio Vieira e os quarenta companheiros do naufragio, permaneceram por espaço de dois mezes na ilha. Da Graciosa passou o grande orador sacro para a Terceira, d'onde depois de enviar os seus companheiros para Lisboa, seguiu para S. Miguel, partindo d'aqui para a metropole em 24 de outubro de 1652. Em 1791 esteve tambem n'esta ilha o glorioso author do *Genio do Christianismo*, Chateaubriand. Na sua *Voyage en Amerique*, escreve: «Embarquei em direcção a St. Malo, como disse; fizemo-nos ao mar, e no dia 6 de maio de 1791 pelas 8 horas da manhã, descobrimos o Pico, uma ilha dos Açores: algumas horas depois largamos ferro em um logar máo com fundo de pedra em frente da ilha Graciosa, cuja noticia se encontra no *Ensaio historico*. Ignora-se a data precisa do seu descobrimento. Foi a primeira terra estranha a que aportei; por essa razão deixou-me uma saudade, que conservo em meu peito a impressão e a alegria da juventude.» N'esta ilha foi onde o benemerito açoriano Padre Jeronymo Emiliano de Andrade, durante a sua estada de tres annos, pois chegou a 24 de agosto de 1828, regressando á Terceira em 15 de agosto de 1831, prestou immensos serviços á instrucção popular. Ali escreveu a *Topographia da ilha Terceira*, e escreveu a maior parte dos seus compendios de ensino. (Vid. *Angra do Heroismo*. A Graciosa foi a patria dos dois unicos açorianos que acompanharam o grande Fernão de Magalhães, na sua viagem de circumnavegação do globo 1519-1521. Chamavam-se um Gaspar Dias, dispenseiro da nau *Santiago*, o outro João da Silva, marinheiro da nau *Conceição*. N'esta ilha nasceu Antonio Gil, um escriptor distincto, que falleceu na ilha Terceira. O visconde de Almeida Garrett, esteve n'esta ilha, na edade de 15 annos, pouco mais ou menos, de visita a seu tio o bacharel em direito João Carlos Leitão, que era então juiz de fóra da Graciosa, cargo para que foi provido por carta de 6 de agosto de 1810. N'esta ilha compoz Almeida Garrett os primeiros versos e prégou um sermão na egreja matriz de Santa Cruz, episodio curioso na sua vida. Conta-se que achando-se aquella egreja repleta de fieis, n'um dia em que um padre celebrava a primeira missa, o estudante Almeida Garrett, que era aspirante ao sacerdocio, trajando capa preta, subiu ao pulpito e ali fez um discurso que agradou muito. O sr. Antonio Borges do Canto Moniz, escreve: «Acabado o eloquente e celebrado improviso, desceu do pulpito, passando pelo dissabor de ser severamente reprehendido pelo juiz de fóra, seu tio, que tambem se achava na egreja, e que sendo homem de genio impetuoso e forte, mostrado

em algumas occasiões de enfado, ficara assaz encolerisado com este caso, a ponto de dirigir-se logo ao vigario da matriz, pedindo lhe com instancia que participasse a occorrencia ás auctoridades para seu sobrinho ser castigado. Felizmente não houve procedimento judicial e o caso passou em graça, devido á benevolencia do revd.º vigario.» No dia 1.º d'Abril de 1879, fundeou na villa da Praia o *yacht* de recreio *Hirondelle*, com o principe Alberto, herdeiro de Monaco, o qual visitou a ilha, examinando o vulcão extincto da caldeira. Existem na ilha excellentes pontos de vista que merecem a attenção dos viajantes. O primeiro e mais interessante é o *Monte da Ajuda*, d'onde se descobre uma grande parte da ilha. D'ali se avista tambem em dias claros a ilha Terceira. Este monte está situado a um lado da villa de Santa Cruz, (vid. *Monte da Ajuda*.) Depois d'este monte está a *Cruz do Quitadouro*, que offerece á vista um panorama encantador, deixando vêr as alvejantes vivendas por entre uma formosa vegetação. A villa da Praia vista d'este ponto apresenta um quadro agradavel. O sitio das *Chãs* é tambem bom ponto de vista. D'ali se descobre, em tardes claras, as ilhas Terceira, S. Jorge, Pico e Fayal. A Caldeira, que conforme já dissemos, é tambem de agradavel aspecto e o sitio denominado por *Boa Vista*. (Vid. *Boa Vista*.) A altura dos principaes montes da ilha, segundo nota publicada pelo sr. Antonio Borges do Canto Moniz, é a seguinte:

Pico do Facho	473 m.
Pico do Timão	428 m.
Cumiada da Caldeira . . .	397 m.
» para o Carapacho	411 m.
Serra Branca	395 m.
Pico do Agulhinho	364 m.
Affonso do Ponto	297 m.
Monte Vermelho	160 m.
Pico Negro	157 m.
Fundo da Caldeira	118 m.
Cratera.	86 m.
Serra da Boa Vista	314 m.
Monte da Ajuda	280 m.

No anno que decorre de 1891 a 1892, a exportação effectuada pelos portos da ilha Graciosa deu os seguintes dados estatisticos:

Trigo	172:611	litros
Cevada	357:967	»
Milho	1.720:228	»
Feijão	56:525	»
Tremoço . . .	16:047	»
Chicharão . .	1:659	»
Vinho	80:122	»
Telhas	421:700	—
Tijolos	4:835	—
Gado vaccum	111	cabeças
Gado suino. .	601	»
Gado asinino	8	»
Couros	1:120	kg.
Azeite de baleia	1:950	litros

VALORES

Trigo	6:980$600
Cevada	5:204$220
Milho	37:939$500
Feijão	2:493$680
Tremoço	331$000
Chicharão	73$200
Vinho	6:662$500
	59:684$700

Transporte ...	59:684$700
Telhas	2:108$500
Tijolos	48$300
Gado vaccum	3:260$000
Gado suino	1:502$050
Gado asinino	120$000
Couros	220$000
Azeite de baleia ..	300$000
Dinheiro em oiro .	13:809$970
Total	81:118$779

A exportação pelo posto de despacho de Santa Cruz foi no valor de	34:393$825
Idem pelo posto de despacho da Villa da Praia ...	46:724$944
	81:118$770

A imprensa foi introduzida n'esta ilha em 1866 pelo sr João José da Graça, considerado escriptor que foi para aquella ilha continuar a publicação do *Futuro*, sahindo a 4 d'agosto d'aquelle anno o n.º 12 por ser o immediato ao ultimo que havia sahido na ilha Terceira, em 15 de fevereiro. Este jornal que foi o primeiro da ilha, terminou com o n.º 17, por se retirar para o Fayal o seu proprietario e redactor. Desde então não houve mais jornal algum. A primeira phylarmonica que se estabeleceu n'esta ilha, segundo descripção d'um author, era composta de negros captivos que um graciosense proprietario trouxera do Brazil, em 1818. Os escravos estiveram na ilha cerca de dois annos retirando-se depois com o seu senhor para o Brazil. Na occasião, porém, do embarque da caixa com os instrumentos de musica, rebentou o cabo que a suspendia e cahiu no fundo do mar, d'onde não foi possivel tirar. Depois houve em 1857 outra philarmonica de naturaes da ilha, que durou alguns annos. A que hoje existe é que se denomina *Graciosense*, foi organisada em 1868, e abrilhanta os arrayaes da ilha. Sobre os habitantes da ilha escreve um author: «Os graciosenses não apresentam geralmente estatura elevada: são laboriosos, dados á agricultura e alguns exercem a profissão maritima. Não exhibem uniformidade no vestuario. Uma calça branca de linho, ás vezes de estopa tecida na terra; uma jaqueta de panno azul ou preto; na cabeça o seu invariavel chapeu de palha; um *paletot* de cotim ou panno preto, mas tudo respirando certa decencia e aceio, eis o trajo vulgar do camponez graciosense. Caso notavel. A carapuça tão geral e variada n'estas ilhas, não se usa na Graciosa. Um chapeu de palha ou feltro, outras vezes um barrete, são os seus substitutos. As camponezas usam ordinariamente chale e lenço; apresentam-se outras vezes de capote e capello eguaes aos da Terceira para o que vulgarmente empregam muito fino panno preto. O manto tanto em voga no passado, não se encontra hoje na ilha. Desappareceu para nunca mais.» Quanto a festas populares diz o mesmo author: «As festas populares de mais concorrencia n'esta ilha, são: a da Victoria na segunda-feira depois do Espirito Santo; a da Luz a 5 de setembro; a de Santo Christo a 2 de setembro e a da Ajuda

em 15 de agosto. N'estes dias festivos concorre immensa multidão de povo de todas as freguezias, queimando-se na vespera á noite algum fogo de artificio. Varios grupos se entretêm aqui e ali cantando ao som alegre da viola, a amiga inseparavel do romeiro, até que acabada a festa, começam a debandar para as suas habitações com a alma a trasbordar d'alegria. Os festejos proprios da epocha do carnaval vão caindo em desuso n'estes ultimos annos e ultimamente só apparecem em tal epoca curiosos ranchos de mascaras, que á noite visitam algumas casas. Exhibem-se tambem bonitas danças para distração publica, que geralmente agradam, percorrendo as ruas da villa. Ainda n'esta ilha se conserva tambem o antigo costume de cantar as *janeiras* ou bons annos, os Reis, e o dia 1.º de abril, não sei porque motivo, denominado aqui, de *calotes*, nunca passa desapercebido, remettendo-se grande numero de presentes, escrevendo-se bilhetes, cartas, convites e uma infinidade de surprezas que não passam de engraçadas e chistosas petas, trocadas geralmente entre pessoas de amisade, justamente o que se observa nas outras ilhas, desconhecendo-se até hoje a razão porque o uso popular consagrou este dia a mystificações reciprocas.» Relativamente á alimentação, continua o mesmo author: «O povo graciosense no genero e forma da sua alimentação differe muito dos demais açorianos, porquanto é o unico que se sustenta de pão de cevada, de milho cosido com couves, depois de primeiro triturado entre os dentes.» Supersticioso como todo o povo açoriano, diz o referido author o seguinte, que com pequenas variantes se applica ás mais ilhas do archipelago:... Classe pobre, que é trabalhadora e pacifica, infelizmente vivendo nas espessas trevas da ignorancia e por isso muito supersticiosa e imbuida em crenças absurdas do paganismo, que até hoje se não tem conseguido exterminar, tanto n'esta ilha como em outras, senão abrindo escolas, derramando a luz da instrucção pelas classes populares. Acreditam religiosamente na efficacia dos votos que costumam geralmente fazer nos seus momentos afflictivos, e por isso é trivial ver homens e mulheres percorrerem os adros das egrejas, descalços e de joelhos nús, levando sobre a cabeça porções de cera, e algumas vezes por tempo da festa da Senhora da Ajuda subirem de joelhos aquelle empinado monte para irem depor no altar a sua offerta. O povo geralmente crê tambem no mal de olhado, na malignidade do quebranto, nos effeitos do sortilegio e varias outras superstições proprias do gentilismo. Não só na gente do campo, mais ainda em algumas outras pessoas — o que hoje bastante surprehende — a crença nas feiticeiras e bruxos é quasi um dogma; assim não é raro, é mesmo pratica estabelecida nos individuos do campo, irem consultar velhas benzedeiras para livrarem creanças embuxadas, officio relativamente lucrativo para quem o exerce; sendo tal a ignorancia, o fanatismo e a crendice, que a causa primaria de todas as doenças é quasi sem-

pre um malificio diabolico ou feitiçaria.» A ilha é comarca antiga de 3.ª classe, pertencente ao districto de Angra do Heroismo. Tem um só concelho, cuja séde, bem como a da comarca é na villa de Santa Cruz, que tem quatro freguezias a saber: Santa Cruz com 2.232 habitantes; Guadalupe, com 2.674; Nossa Senhora da Luz, com 1.770, e S. Matheus com 1.734. Ao todo 8.410 habitantes que tem a ilha com 2.540 fogos. A ilha tem delegações da alfandega e da capitania do porto, da cidade de Angra do Heroismo, e tem uma secção da guarda fiscal. A população maritima é de 61 individuos que exploram a pesca em 15 barcos de pesca, tendo além d'estes 14 barcos de catraiar e 2 de cabotagem. Tem 4 escolas do sexo masculino e 4 do sexo feminino, distribuidas do seguinte modo:

Local da escola	Escolas S. M.	S. F.
Santa Cruz	1	1
Guadalupe	1	1
S. Matheus	1	1
S. Matheus	1	2
Senhora da Luz	1	

Esta ilha é uma das mais favorecidas de estradas, o que é devido em parte á sua configuração e topographia. Tem dois clubs na séde do concelho e um na villa da Praia. Duas bandas de musica em Santa Cruz e uma na Praia. Exerce á clinica n'esta ilha o esclarecido facultativo e nosso presado amigo sr. dr. João de Deus Vieira, digno sub-delegado de saude no concelho.

Gorreana, logar pertencente á freguezia da Maia, ilha de S. Miguel.

Grammas, logar pertencente á freguezia Matriz da Ribeira Grande, ilha de S. Miguel.

Granja, logar pertencente á freguezia da Feteira, ilha do Fayal. Situado no interior da ilha é pouco povoado.

Guadalupe, freguezia de N. Senhora do Guadalupe, concelho de Santa Cruz, comarca da Graciosa, districto administrativo de Angra do Heroismo, ilha Graciosa. Tem 819 fogos e 2.674 habitantes. E' situado um pouco ao interior da ilha. A creação d'esta freguezia data de 1644, sendo a egreja parochial fundada em 15 de maio de 1713, concluindo-se em 1756. A freguezia é de aspecto agradavel. Dizem que houve ali uma antiga ermida anterior á parochia actual. Existe n'esta freguezia uma pastagem denominada a *Serra Branca*, que confina com a freguezia da Luz, servindo de logradouro publico.

Guarda, pequeno logar pertencente á freguezia de Guadalupe, ilha Graciosa.

H

Homisiados, ilheus a L. da ilha Graciosa. São assim denominados segundo o Padre Antonio Cordeiro (*Historia Insulana*) por terem ali, em 1541, ido um dia uns rapazes brincar, e como não po-

dessem voltar para terra pelo grande mar que fazia, ali ficaram até que no dia seguinte foram 5 pessoas seus parentes buscal-os pelo que chamaram *homisiados*. Como acontecesse porém que o tempo peorasse, uma vaga do mar virou o barco arremessando-o sobre uma baixa do que se salvou um apenas, que regressou com os outros que ali estavam. Este sinistro deu o nome ao ilheu de *Homisiados* ou *Homesidos*.

Horta, cidade, capital da ilha do Fayal e do districto administrativo da Horta. E' situada á beira mar, em amphitheatro apresentando bons edificios e uma excellente doca. Dos edificios está em primeiro logar o antigo collegio dos Jesuitas, que tem uma frente de 101 metros de comprimento e onde se encontram estabelecidas as repartições publicas districtaes. Ao centro do edificio fica a egreja Matriz. Tem a cidade 6.790 habitantes, a saber:

Matriz	2.998
Conceição	1.633
Angustias	2.159
	6.790

Tem um lyceu central, delegação de 1.ª classe da alfandega de Ponta Delgada e uma capitania do porto. E' séde de comarca de 1.ª classe. Descrevendo esta cidade escreve o nosso querido amigo sr. Visconde de Castilho, Julio—*Ilhas Occidentaes do Archipelago Açoriano, n.º 139 da Bibliotheca do Povo e das escolas*: «Imagina um quadro pintado a capricho por um pintor de amenidades, em horas de bons humores, em dia de sol claro...e á espera da sua namorada! Se deixassem que o pintor espandisse á vontade a phantasia, sahia-lhe o retrato da cidade da Horta vista da banda do mar. E' deveras um encanto! Ao fundo, as montanhas toucadas de nevoeiros, mosqueadas de casaes, sombreadas de verdes amenos e variegados, que estão a dizer cultivo, abundandancia, esmero. Aos dois lados da enseada, a ponta da Espalamaca e o monte da Guia; dois observatorios, dois miradoiros, duas sentinellas. Em baixo, ao rez das aguas verdes-negras, o lençol branco da casaria da cidade, entresachada de jardins, mirantes, praças arborisadas, e com o seu aspecto americano,—isto é, hospitaleiro, saudando a quem chega, e sorrindo! E' um quadro, é; e ainda que o viajante se sentisse por acaso carregado de melancolias profundas, ainda que tivesse perdido tudo quanto possuisse mais querido n'este mundo ainda que visse o porvir cerrado como portal de mausoleu . . ao aproximar-se do ancoradoiro havia de sorrir, havia de vêr sol dentro n'alma, havia de voltar-se todo para a formosissima Horta, e enviar-lhe um anhelo de gratidão, pelo afan com que ella desce até á praia a dar-nos as boas vindas. Sim; tal é o encanto da capital fayalense vista da banda do mar». O sr. visconde de Castilho, esteve no Fayal como governador civil, deixando o seu nome vinculado a uma administração sabia. Desenvolveu a instrucção, e promoveu uma exposição industrial. Este cavalheiro nomeou

uma commissão, por alvará de 9 de dezembro de 1887, para promover no districto uma exposição industrial e agricola. Entre as difficuldades que se oppunham á sua inauguração havia a falta de meios, pois que só existia a verba da junta geral, que se limitava a réis 200$000. A commissão porém, não descurou de cuidados e pôde alcançar a realisação de uma recita particular que produziu 162$945 réis. Ha a notar que o espectaculo, que foi realisado no theatro *União Fayalense*, constou do drama : — *Entre dois deveres*, trabalho da distincta fayalense sr. D. Hermenegilda de Lacerda, e por esta senhora e outras damas e cavalheiros posto em scena. Com este producto e a boa vontade, tratou-se da inauguração da exposição. O dia marcado foi 2 de junho de 1878. O numero de expositores chegou a 184, sendo distribuidos pelos seguintes concelhos açorianos :

Horta	98	expositores
Magdalena	10	»
S. Roque	9	»
Lages	7	»
Santa Cruz . . .	43	»
Lages	6	»
Corvo	4	»
Ilha Terceira ...	7	»

O aspecto da exposição, segundo um relatorio da commissão, foi excellente, calculando se a concorrencia em 2.000 pessoas. Venderam-se bilhetes em numero de 897. Nos ultimos dias foi permittida a entrada gratuitamente. O fructo d'este certamen para os expositores, foi a concessão de 17 premios na quantia de 12$000 rs. e de 100 menções honrosas. Da receita cresceu um saldo que foi deposto na caixa Economica Fayalense. O governo subsidiou esta exposição animando assim os premios a distribuir. O nome de *Horta* dado a esta cidade, segundo o padre Cordeiro, é originado de ter ella, cada casa com seu quintal onde havia uma pequena *horta*. O illustrado escriptor sr. visconde de Castilho é de opinião que : *villa de Utra*, se chamaria primeiro; depois o povo alterou a pronuncia, e chamou lhe de *Urta*, d'ahi corrompou-se com facilidade em *Horta*.» Isto devido ao nome do primeiro povoador e donatario, o flamengo *Jorge d'Utra*. A Horta foi elevada á categoria de villa em 1498, cidade em 13 de julho de 1833 e capital de districto em 1836. Por decreto de 3 de maio de 1865 foi concedido á Horta um brazão d'armas com o titulo de muito leal. O brazão é «um escudo esquartelado, tendo no primeiro quartel, em campo de prata, as quinas de Portugal; no segundo, em campo azul, o busto de prata de S. M. I. o sr. D. Pedro IV, de muita saudosa memoria e no contra chefe a corôa e sceptro d'ouro, allusivo ao facto da sua abdicação; no terceiro, em campo azul, um livro de prata tendo escripta em lettras azues a data de 29 de abril de 1826, em allusão á carta constitucional da monarchia, e no quarto, em campo de purpura, um castello de prata e pousado sobre elle um açor tambem de prata. Orla azul com a legenda em lettras d'oiro : *D. Luiz I á muito leal cidade da Horta*. Corôa

ducal, e por timbre um braço de prata armado d'uma espada do mesmo metal.» A cidade nos seus arredores produz cereaes, legumes e fructas. A sua industria principal, como vimos quando tratamos da ilha do Fayal é a caseira, a do fabrico de chapeus de palha, bordados, cestos e obras de vime, tecidos de fio de piteira, bordados e obras muito delicadas de miolo de figueira, que teem muito apreço na America do Norte. A cidade da Horta tem 36 ruas, 14 travessas e 6 largos. No centro da cidade eleva-se a egreja matriz, dedicada ao Santissimo Salvador, edificada em 1670, que mede 101,m2 d'extensão. Tem obras de arte de muito valor, especialmente alguns retabulos dos altares. Entre os edificios a vêr está tam-a egreja do Carmo, que é elegante, alegre e bem situada. Foi fundada por Helena de Boien, viuva de um capitão-mór do Fayal e data de 1698, sendo o frontespicio completo em 1797, segundo uma inscripção de pedra que tem. O quartel da força militar que ali existe, que é um destacamento de caçadores 11 de Ponta Delgada, é situado no convento dos carmelitas, tendo em sua frente o largo do conselheiro Barbosa, notavel por perpetuar o nome de tão illustre fayalense e offerecer uma boa vista. No convento dos franciscanos está estabelecido o hospital, desde 1835. Esta Santa Casa tem o rendimento de réis 5.192$718, e de cerca de 2.000$000 réis de receita extraordinaria. Em 1867 os seus bens foram avaliados em 102.018$000 rs. N'este mesmo edificio está o *Asylo de Mendicidade*, creado em 13 de junho de 1843. No extincto convento de Santo Antonio, construido por 1599, está o *Asylo de Infancia Desvalida*, fundado em 28 de dezembro de 1858. A egreja de Nossa Senhora da Conceição, séde de freguezia, é um bom templo. Dizem que foi edificada no mesmo local em que existia uma pequena ermida que em 1597, foi queimada e saqueada pelos inglezes. Esta egreja tem duas pequenas ermidas que lhe dão obediencia a saber: a de Santo Amaro, na estrada para a aldeia dos Flamengos e a da Senhora do Pilar, na lomba da Espalamaca. Esta ultima é situada n'um encantador ponto de vista. A egreja Matriz possue tres ermidas que são: Boa Viagem, Livramento e a de Santa Anna, que pertence ao sr. visconde de Santa Anna. A egreja de Nossa Senhora das Angustias, edificada em 1800, tem duas ermidas, a de Santa Barbara e a de Nossa Senhora da Guia. Contam que a ermida das Angustias que existia antes d'este templo era coeva com a donataria da ilha, Brites de Macêdo, sendo o pequeno edificio então coberto de palha. Ali se disse a primeira missa que houve na ilha. A cidade tem uma excellente bahia e um porto artificial, começando a construir-se a 20 de março de 1876, que está muito adiantado offerecendo abrigo a muitos navios. Existem ali depositos de carvão para fornecer aos vapores que procuram o porto e um bom arsenal, com artistas de merecimento para quaesquer trabalhos. Este porto é muito visitado por navios que nave-

gam entre a Europa e a America. N'este porto está a fortaleza de Santa Cruz, pequeno reducto, pertencente ao grande numero de construcções militares feitas na ilha desde 1567 a 1582, por causa dos continuos ataques dos corsarios Argelinos. Tem este porto um hiate de recreio *Bay dere*, pertencente a uma sociedade. A introducção da imprensa n'esta cidade data da epoca approximada a 1857, pois que no dia 10 de janeiro d'aquelle anno, appareceu o 1.º numero do *Incentivo*, semanario. Actualmente o movimento periodico d'este districto é relativamente muito animador. Os seus jornaes são bem impressos e bem escriptos. A Horta tem tido periodos de honrar a litteratura açoriana, elevando-a, e nobilitando-se. A sua imprensa impõe-se pela forma de apresentação. O jornal mais antigo da cidade é o *Fayalense*, seguindo-se-lhe o *Atlantico*. Na Horta manifesta-se um espirito de sociabilidade que muito encanta. Ha ali a verdadeira comprehensão do espirito associativo. Attesta esta asserção o numero de associações existentes. Existem quatro sociedades litterario-recreativas. A sociedade *Amor da Patria*, fundada em 28 de novembro de 1859 e hoje uma das mais importantes das ilhas. Estabeleceu uma Caixa Economica Fayalense, que inaugurada em 3 de agosto de 1862, tinha no anno de 1872 entradas no valor de réis 298.574$785. A sua séde é um bom edificio, excellentemente mobilado. Subsidia cursos nocturnos na cidade e freguezias ruraes e acode com donativos aos estabelecimentos de caridade da Horta. Tem um club onde tem havido bailes. O *Gremio Litterario Fayalense*, instalado a 22 de novembro de 1874, é tambem uma sociedade de grande utilidade pelos seus fins civilisadores. Tem dado saraus litterarios, bailes e representações dramaticas. Tem uma bibliotheca com mais de 3.000 volumes. Este Gremio realisou sumptuosas festas em junho de 1880, por occasião de commemorar o tricentenario de Luiz de Camões. Manteve uma revista litteraria, quinzenal, primorosamente redigida, intitulada: *Gremio Litterario*, que viveu de 15 de maio de 1880 até novembro de 1884. O Gremio tem luctado com difficuldades mas o enthusiasmo dos seus fundadores e socios o tem levado a conservar e fazer prosperar, o que muito honra o estado civilisador da cidade. No edificio em que está localisado este gremio funcciona a secção da *Sociedade de Geographia de Lisboa*, e a benemerita sociedade *Luz e Caridade*, installada a 28 de janeiro de 1886. A *Sociedade Humanitaria de Litteratura e Agricultura*, installada no 1.º de dezembro de 1879, tem mantido escolas para o povo e procurado diversões instructivas para os seus socios. O *Gremio Litterario Artista Fayalense*, utilissima associação, sympathica sob todos os pontos de vista e que demonstra o estado de instrucção da classe artistica na ilha. Foi inaugurado a 29 de março de 1878. Já sustentou aulas-officinas e cursos nocturnos. Possue uma excellente bibliotheca, com numero superior a 5.000 volumes de obras escolhi-

das, que lhe offereceu o fayalense commendador João Francisco Rebello, residente em Lisboa. Nas suas salas tem dado bailes, apresentando-se as familias dos socios, que são artistas no maior numero, de maneira distincta, manifestando uma fina educação. Como vemos, a classe artistica da Horta tem uma orientação civilisadora que muito a honra. Informam-nos que independente do espirito de sociabilidade que ali se vê, os artistas cuidam com esmero da instrucção e educação de suas filhas, entrando nos seus programmas o ensino do piano e da lingua franceza. E' isto muito para louvar. Cremos que por iniciativa d'este Gremio se estabeleceu ali no 1.º de março de 1882 o *Monte-pio artista fayalense*. Abençoada associação. A secção da *Sociedade de Geographia de Lisboa*, a que já nos referimos, estabelecida n'esta cidade, em 20 de fevereiro de 1881, tem prestado bons serviços: creou um posto de soccorros a naufragos e possue um posto meteorologico. A benemerita sociedade de Geographia, offereceu-lhe uma bandeira que ella arvora nos dias solemnes. A Horta tem boas bibliothecas. A da camara municipal abriu-se ao publico em fins de 1886, com cerca de 1.353 volumes, devido ao auxilio do distincto fayalense o dr. Antonio José d'Avila (duque d'Avila e de Bolama) e visconde de Castilho, Julio, que foi governador civil do districto. A do lyceu da Horta, foi installada em julho de 1862, com 3.000 volumes concedidos pelo governo, provenientes das livrarias dos extinctos conventos. Em 1878, sendo bibliothecario o professor Silveira Macedo, nosso illustre amigo, hoje fallecido, que conseguiu elevar o numero dos volumes da livraria a 4.000. Existem tambem as bibliothecas dos Gremios *Litterario* e *Artistico* de que já fallámos, e o distincto cavalheiro sr. Thomaz José Brum da Terra, apresenta um gabinete Camoneano, de riquissimo merecimento, apresentando numero superior de 3.500 especies. O gabinete é facultado a qualquer individuo que queira consultar obras ou vêl-o. Este cavalheiro tem tambem uma collecção Pombalina. A Horta tem um theatro denominado *União Fayalense*, inaugurado em 16 de setembro de 1856. Foi construido por um particular. Tem 15 camarotes de 1.ª ordem, egual numero de 2.ª; 12 frisas, 80 cadeiras de platéa superior e 104 logares de platéa geral. Os fayalenses gostam de theatro, e concorrem aos espectaculos. O primeiro theatro que ali houve foi em 1814, em casa do morgado José Francisco da Terra Brum, depois barão da Lagoa. O jardim publico da Horta, feito em 1857, é situado na cerca do demolido convento de S. João. E' pequeno, mas de excellente aspecto, com bella vista. Tem um kiosque, estatuas etc. A Horta tem bons hoteis, com excellente mesa, commodidades e tratamento. O nosso amigo Ernesto Rebello, n'um seu trabalho, (*Notas Açorianas*), diz: «Para os poetas, artistas e pintores, a Horta tem bellas vistas, bonitas raparigas e formosas aleas povoadas de arvoredo e jardins replectos de flores e de silencio. Para os ho-

mens maduros e pacatos, varios pontos de palestra, charutos e tabaco de contrabando e excellentes vinhos do Pico. E finalmente para uns e outros uma população pacifica, hospitaleira e que recebe sempre com jubilo qualquer estrangeiro.» Ernesto Rebello, nasceu a 26 de abril de 1842 em Lisboa e falleceu a 15 de novembro de 1890 na Horta. Reunindo todos os meios dispersos, rodeou-se dos homens de estudo e animando o desenvolvimento do progresso na Horta, impulsou o jornalismo, abrilhantou poderosamente a litteratura, auxiliou o amor pela associação, e dedicou-se a tudo que respeitasse á historia d'este formoso archipelago. Nasceu na Horta a 22 de maio de 1736, o bispo de Malaca e por ultimo de Angra do Heroismo, D. Frei Alexandre da Sacra Familia (Alexandre Ferreira da Silva), tio e mestre do visconde de Almeida Garrett, que se nobilitou na litteratura portugueza. No anno de 1706 a 22 de julho, nasceu aqui D. Antonio Taveira de Neive Brum da Silveira, arcebispo de Goa, morrendo na viagem para Portugal em 2 de junho de 1775. Prestou grandes serviços ao Fayal, desempenhando por forma honrosa o seu logar. E' filho d'esta ilha o duque d'Avila e de Bolama, que nasceu a 8 de março de 1806, filho de paes modestissimos, chegando a ser ministro d'estado, par do reino, socio e vice-presidente, por muito tempo, da «Academia Real das Sciencias». Em 11 de setembro de 1818 nasceu n'esta cidade, então villa, o commendador Antonio Lourenço da Silveira Macedo, que escreveu a *Historia das quatro ilhas do Fayal, Pico, Flores e Corvo.* Entre esta cidade e a ilha do Pico, costuma a haver um regular movimento de barcos, transportando carga e passageiros. A Horta é séde do districto administrativo d'este nome e é composto das ilhas:

Fayal, com 1 concelho, 13 freguezias com 5:865 fogos e 23:521 habitantes.

Pico, com tres concelhos, 16 freguezias com 6.308 fogos e habitantes 25 436.

Flores, com 2 concelhos, 10 freguezias com 2.303 fogos e habitantes 8 847.

Corvo, com 1 concelho, 1 freguezia com 187 fogos e 806 habitantes. O correio da Horta aos domingos e quintas-feiras, expede malas para os seguintes logares, ás 8 e meia da manhã: Pastelleiro—Feteira—Castello Branco—Capello—Praia do Norte—Santo Amaro—Flamengos—Santa Barbara—Cedros—Salão—Ribeirinha—Pedro Miguel—Praia do Almoxarife e Lomba do Pilar. Todos os dias ás 10 e meia da manhã: Magdalena—Candelaria—S. Matheus—S. João—Lages—Ribeiras—Calheta—Piedade—Santo Amaro—Prainha do Norte—S. Roque—Santa Luzia—Bandeiras

I

Ilhéu, é na linguagem açoriana um monte de pedras sitas no

mar, mais ou menos proximo da terra.

Ilhéu da Magdalena Está situado ao noroeste da ilha do Pico.

Ilhéu da Mina. Situado ao norte da ilha Terceira.

Ilhéu da Prainha. Fica a nordeste da ilha do Pico

Ilhéu da Ribeira Secca. Está a oeste da ilha de Santa Maria

Ilhéu das Calvas, vid. *Calvas.*

Ilhéo das Formigas, vid. *Formigas.*

Ilhéu da Praia. Situado a nordeste da villa da Praia, ilha Graciosa, distante um kilometro.

Ilhéo das Gaivotas, vid. *Gaivotas.*

Ilhéo das Lagoinhas. Situado ao norte da ilha de Santa Maria.

Ilhèo de Baixo. Fica a sueste da ilha Graciosa.

Ilhéo de Rasto de Cão. Está a sueste de Ponta Delgada, na ilha de S. Miguel. Segundo os primeiros chronistas recebeu o nome de *Rosto de cão* por se assemelhar ao focinho d'um cão. Deu o seu nome ao logar que lhe fica proximo e que tem duas freguezias: a de S. Roque e Livramento.

Ilhéo de Villa Franca do Campo. Ao sul da ilha de S. Miguel em frente da villa de que toma o nome. Este ilheo tem terreno de cultivo e forma uma bahia para abrigo de navios. Em varios annos cuidou o governo de melhorar este logar, adoptando-o para porto em que podessem parar embarcações. Em 1691 foi mandado ao provedor da fazenda nos Açores para informar sobre as obras a fazer no dito ilhéo. Formularam-se planos, mas nunca passou d'isto. O ilhéo é um dos pontos a visitar na antiga villa. Por carta de 13 de junho de 1537, D. Manuel da Camara, capitão e governador da justiça em S. Miguel, deu este ilheu a João da Gram, cavalleiro da ordem de Aviz, para si e herdeiros. Este ilheo passou depois para Fernão Corrêa de Souza, que tomou posse pelo seu procurador, Jordão Jacome Rapozo, da villa do Nordeste, aos 8 de março de 1616. Em 1703, passou o ilhéo para Pedro da Ponte Raposo, capitão-mór na Ribeira Grande e no anno de 1708, a seu filho Manuel Raposo Corrêa, depois ao filho d'este e por sua morte a Francisco Manuel Rapozo Corrêa. O ilhéo passou d'este a ser aforado por Ildefonso Climaco Rapozo Bicudo Corrêa, a Simplicio Gago da Camara, passando, por fallecimento d'este, aos seus herdeiros.

Ilhéo do Castello. Situado a leste da ilha de Santa Maria.

Ilhéo do Monchique. Fica a oeste da ilha das Flores.

Ilhéo do morro de Castello Branco. Está situado ao sul da ilha do Fayal.

Ilhéo do Rodrigues. Situado a leste da ilha das Flores.

Ilhéo dos Capellinhos. Este ilhéo é adjacente á ilha do Fayal, e recebeu o nome pela sua configuração de *capellas.*

Ilhéo dos Mosteiros. Está ao oeste da ilha de S. Miguel, em frente da freguezia dos Mosteiros.

Ilhéo dos Remedios. Fica ao norte da ilha de Santa Maria.

Ilhéo dos Romeiros. Pro-

ximo do porto de S. Lourenço, da ilha de Santa Maria, a primeira descoberta do archipelago.

Ilhéo do Topo. Está situado na ponta de sueste da ilha de S. Jorge.

J

João Bom. Logar pertencente á freguezia da Bretanha. Está situado entre esta freguezia e a dos Mosteiros. Os seus moradores obedecem á egreja suffraganea de Nossa Senhora do Pilar. N'esta freguezia foi onde, pela primeira vêz, em 1550, se começou a cultura do tremoço (*Lupinus albus Lin.*) hoje tão importante nas ilhas. Os historiadores coevos dizem que um barão Fernandes morador n'este sitio foi o primeiro que fez a experiencia d'esta cultura. N'este sitio está uma pequena ermida pertencente ao sr. conde de Fonte Bella. N'este sitio tambem se cultiva em muita quantidade o *inhame*, importante *Arum* que serve de alimento ás classes pobres.

João Dias, pequeno logar pertencente á freguezia da Luz, ilha Graciosa.

Jorge Gomes, pequeno logar pertencente á freguezia de Guadalupe, ilha Graciosa.

L

Ladeira da Velha. Nome dado a uma estrada que vae do Porto Formoso á Villa da Ribeira Grande. Aberta entre barreiras verticaes e correndo em plano inclinado a estrada denominada *Ladeira da Velha*, constitue uma valente posição militar. Ali estacionaram as forças miguelistas que guarneciam a ilha quando entrou a divisão sob o commando do conde de Villa Flor depois duque da Terceira, que desembarcou nos rochedos da Achadinha. No dia 2 de agosto de 1831 deu-se ahi o combate entre as duas forças do que resultou grande honra para a força que viera da Terceira estabelecer os principios liberaes. Por este acontecimento é dia de grande gala na ilha de S. Miguel. N'esta ladeira existe uma agoa que sahe das fendas d'um rochedo com 30 ° de temperatura, reação acida, abundante de acido carbonico livre, dando pela evaporação um residuo solido de 0,141 por 1.000 e contendo, segundo Fouqué, (*Les Eaux Thermales de L'ile de San Miguel*):

Chloreto de sodio.	0,120 gr.
Silica	0,021 gr.
Acido chlorhydrico. . . .	0,002 gr.
Acido sulphydrico.	vestigios

Ladeira Grande, logar pertencente á freguezia de Santa Cruz, ilha das Flores. E' pouco povoado.

Lagedo, freguezia de Nossa Senhora dos Milagres, concelho

das Lagens, comarca das Flores, districto administrativo da Horta, ilha das Flores. Tem 82 fogos e 336 habitantes. Tem duas escolas de ensino official.

Lagedo, sitio proximo da cidade de Ponta Delgada, pertencente á freguezia de S. José, ilha de S. Miguel.

Lagens, freguezia de S. Miguel, concelho e comarca da Villa da Praia da Victoria, districto administrativo de Angra do Heroismo. Tem 715 fogos e 2.556 habitantes. E' situada em terreno baixo, á beira mar, 5 kilometros, pouco mais ou menos, do concelho a que pertence. Esta povoação cuidou a principio, com grande interesse, da viniculturra, hoje produz cereaes, legumes, vinho e dá abundante pesca. Tem duas escolas officiaes.

Lagens, villa popular, e séde do concelho de egual denominação, pertencente á comarca do Pico, districto administrativo da Horta, ilha do Pico. Tem 2.461 fogos e 10.104 habitantes. Possue 5 freguezias a saber: Matriz, Ponta da Piedade, Ribeiras, Calheta, e S. João Baptista. A séde do concelho é da invocação da Santissima Trindade. A villa está situada em terreno plano, encostada a uma alta rocha que a cerca pelo lado do norte. Em 1876 foi inaugurado n'esta villa um gabinete de leitura, por iniciativa d'um filho da localidade, Manuel Joaquim d'Azevedo e Castro. O talentoso lagense dr. João Paulino d'Azevedo e Castro, illustrado lente do Seminario de Angra, patrocinou muito este gabinete, angariando durante o tempo que cursou a universidade de Coimbra, importantes donativos de volumes. Passa por ter sido a primeira povoação do Pico. Foi seu primeiro parocho fr. Gigante, franciscano que introduziu a cultura da vinha, que depois veiu a sêr a grande riqueza da ilha. A imprensa periodica d'esta villa data de 1874, e veiu do Fayal. (Vid. *Pico*, ilha.) E' posto de despacho de 2.ª classe e tem posto fiscal. Tem 6 sociedades para a pesca da baleia e uma para a exploração da pedra de cal.

Lagens, villa pequena, desde 1515, séde do concelho do mesmo nome, pertencente ao districto administrativo da Horta, comarca das Flores, ilha das Flores. A sua freguezia principal, séde do concelho, é da invocação de Nossa Senhora do Rosario. Tem 1.389 fogos e 5.009 habitantes. Conta 6 freguezias: Matriz, Lomba, Lagedo, Mosteiros, Fajãsinha e Fajan Grande. E' situada na costa da ilha, em terreno plano, distante cerca de 10 kilometros, da villa de Santa Cruz. Foi esta villa a primeira povoação da ilha, colonisada por individuos de Portugal e Madeira. O primeiro parocho, que para ali foi, chamava-se Antão Vaz, que levou comsigo seu irmão Lopo Vaz, que ali se estabeleceu, e deixou o seu nome ligado a um sitio a *Fajã de Lopo Vaz*.

Lagido, pequeno logar pertencente á freguezia das Bandeiras, ilha do Pico.

Lagido, pequeno logar pertencente á freguezia de Santa Luzia, ilha do Pico. E' um dos sitios de melhor producção de vinho, n'aquella ilha.

Lagoa. grande villa, séde do

concelho do mesmo nome, districto administrativo de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel. Tem 3 freguezias: Matriz de Santa Cruz, Rosario e Nossa Senhora dos Anjos. Pelo ultimo recenseamento tinha 2.704 fogos e 11.545 habitantes. E' situada á beira mar, n'uma planicie que dista 10 kilometros para leste da cidade de Ponta Delgada. Foi elevada á cathegoria de villa por D. João III, por carta de lei de 11 de abril de 1522. Tem dois curato, suffraganeos da freguezia do Rosario, a Atalhada e Cabouco. Estabeleceu-se n'esta villa uma fabrica de distillação de batata doce para alcool, que começou a sua laboração em 19 d'outubro de 1882. Em 13 de setembro de 1883 installou-se o instituto de João de Rego Borges, n'esta villa, para subsidiar os desamparados da sorte. (Vid. *Atalhada*). Segundo um antigo chronista, o nome *Lagoa* ou *Alagoa* vem derivado de uma grande *lagoa*, que teve, de agua nativa, defronte da porta da egreja principal e que depois se extinguiu, formando terra lavradia. Teve esta villa um convento de religiosos creado em 1642, que hoje serve para repartições publicas. E' séde d'um julgado judicial subordinado á comarca da Villa Franca do Campo. Parte da sua população emprega-se na pesca, para o que tem bons pontos maritimos. A estatistica dá 179 pescadores e 46 barcos. A villa da Lagoa, sob o ponto de vista industrial, é uma das mais importantes do archipelago. A fabrica de distillação de alcool, tem dado emprego a muitos braços da localidade. A villa é abundante na producção de pannos de linho e d'algodão, chales e cobertores, para o que existem muitos teares; em Agua de Pau, existem cesteiros que fornecem grande quantidade de ceirões de vimes e cestos de diversos tamanhos e feitios. Fazem tambem grande variedade de capachos de junco e de espadana e cordas de diversas grossuras. Ha ainda a industria de curtimento de coiros, grande numero de moinhos para moagem de cereaes, e fabricas de ceramica. N'esta villa a industria ceramica tem tido uma excellente direcção. Na ultima exposição agricola de Lisboa, apresentaram-se tres fabricas de louça d'esta villa. Uma do sr. João Leite Pereira, que expoz differentes garrafas, com seu prato e copo, jarros, moringuas, urnas e vasos de flores. A outra, do sr. Manuel Leite Pereira, representou-se, por louça de faiança vermelha, serviço de meza, peças diversas para differentes usos, azulejos para rodapés, tudo revelando gosto e arte. Esta fabrica estabelecida em 1872, occupa 24 operarios e 12 aprendizes. Tem o capital empregado de 12:000$000 produzindo annualmente 25:000$ réis sendo 15:000$000 réis em faiança vermelha e 10:000$000 em faiança insulana, conforme as informações dadas na exposição. O seu mercado para consumo da producção são as ilhas do archipelago. Esta acreditada fabrica tem premios nas exposições do Porto e S. Miguel, 1882; Boston, 1883; e Londres, em 1884. Os seus productos são apreciados pelo esmero e gosto da sua fabricação. A terceira do sr. Bernardino da Silva, que mostrou serviços de

meza, louças para serviços de cosinha (20 peças) e tubos para encanar agua, de varios diametros. Este estabelecimento, fundado em 1862, occupa 30 homens e 10 creanças Segue o processo manual. A materia prima vae-lhe de Lisboa e da ilha de Santa Maria, e as drogas do estrangeiro. Tem o capital empregado de 10:000$ e a producção ascende a 9:000$ réis. São os seus mercados de consumo as ilhas do archipelago A villa e Agua de Pau, têm communicações telegraphicas com as principaes povoações da ilha. N'aquella villa a instrucção popular tomou grande incremento, quando esteve na ilha de S. Miguel o visconde de Castilho. Os habitantes da Lagoa, dedicam-se tambem á cultura musical, e por isso a villa tem tido sempre bons cantores. A villa tem boas ruas, elegantes edificios, um agradavel jardim e estabelecimentos de commercio bem fornecidos. Tem duas philarmonicas, sociedades recreativas e um jornal *A Gazeta da Lagoa.* Tem um posto fiscal que cobra imposto de pescado. Sobre estabelecimentos de caridade, vid. *Atalhada.*

Lagoa do Fogo, pittoresco sitio, pertencente ao concelho da Lagoa, ilha de S. Miguel. E' uma cratera extincta, mostrando um valle de cerca de 2 kilometros de comprimento e de um de largura, circumdado por montanhas graciosamente dentadas com cerca de 600 metros de altura. Uma vegetação opulenta, espontanea e de um verde encantador reveste as montanhas. Tem no fundo um lago de agua limpa, com algas musgos e confervas. E' digna de ser visitada. Do alto descobre se grande parte da ilha.

Lagoas, logar pertencente á freguezia da Praia, ilha Graciosa.

Lameirinho, logar pertencente á freguezia da Conceição, cidade de Angra do Heroismo, ilha Terceira. E' muito povoado.

Limeira, logar pertencente á freguezia da Luz, ilha Graciosa.

Lomba, freguezia de S. Caetano, concelho das Lagens, comarca das Flores, districto administrativo da Horta, ilha das Flores. Tem 160 fogos e 687 habitantes. E' situada entre as duas villas a de Santa Cruz e Lagens. O seu terreno é abundante na producção de madeiras, cereaes e pastagens.

Lomba, logar pertencente á freguezia de Santo Antonio, ilha de S. Miguel.

Lomba, logar pertencente á freguezia dos Fenaes de Vera Cruz, ilha de S. Miguel.

Lomba do Alcaide, logar pertencente ao concelho da Povoação, ilha de S. Miguel.

Lomba do Arraiado, pequeno logar pertence ao concelho do Nordeste, ilha de S. Miguel.

Lomba da Assumada, logar pertencente ao concelho do Nordeste, freguezia do Nordestinho, ilha de S. Miguel.

Lomba de Baixo, logar pertencente á freguezia dos Fenaes da Ajuda, ilha de S. Miguel.

Lomba do Botão, logar pertencente ao concelho da Povoação, ilha de S. Miguel.

Lomba do Carro, logar pertencente ao concelho da Povoação, ilha de S. Miguel.

Lomba do Cavalleiro, lo-

gar pertencente ao concelho da Povoação, ilha de S. Miguel.

Lomba da Cruz, logar pertencente ao concelho do Nordeste, ilha de S. Miguel.

Lomba da Cruz, logar pertencente á freguezia das Feteiras, ilha de S. Miguel. E' o ponto até onde vão as carruagens com os viajantes para o valle das Sete Cidades. D'ali vae-se a cavallo, por não permittir o caminho o transito de trens. A Lomba da Cruz é um sitio de agradavel aspecto.

Lomba do Espigão, logar pertencente á freguezia do Nordestinho, ilha de S. Miguel.

Lomba do Facho, logar pertencente á freguezia da Conceição, cidade da Horta, ilha do Fayal.

Lomba da Fazenda, logar pertencente ao concelho do Nordeste, ilha de S. Miguel. E' muito povoado.

Lomba da Feteira, grande logar pertencente á freguezia da Achada, ilha de S. Miguel.

Lomba da Feteira pequena, logar pertencente á freguezia da Achada, S. Miguel.

Lomba do João Loução, logar pertencente ao concelho da Povoação, ilha de S. Miguel. Tem uma ermida dedicada a Santa Barbara, e um cura. (Vid. *Monte de Santa Barbara*. Tomou o nome de um homem possuidor de fortuna que ali estabeleceu residencia.

Lomba da Lazeira, pequeno logar pertencente ao concelho do Nordeste, ilha de S. Miguel.

Lomba da Maia, logar pertencente á fregezia da Maia, ilha de S. Miguel. Tem uma ermida da invocação de Nossa Senhora do Rosario, com um cura d'almas.

Lomba do Meio, logar pertencente á freguezia dos Fenaes da Ajuda, ilha de S. Miguel.

Lomba de Nazareth, pequeno logar pertencente ao concelho do Nordeste. Tem uma ermida da invocação de N. S. de Nazareth, tendo na frente a inscripção lavrada:

N. S.ª D-
E NAZA-
RETH
1825.

Lomba da Pedreira, logar pertencente ao concelho do Nordeste, ilha de S. Miguel. E' muito popular.

Lomba do Pomar, logar pertencente ao concelho da Povoação, ilha de S. Miguel

Lomba dos Pos, ou Poços, logar pertencente ao concelho da Povoação, ilha de S. Miguel.

Lomba da Ribeira, logar pertencente á freguezia dos Fenaes da Ajuda, ilha de S. Miguel.

Lomba da Salga, vid. *Salga*.

Lomba de Santa Barbara, logar pertencente á freguezia de Santo Antonio, ilha de S. Miguel.

Lomba de Santa Barbara, logar pertencente á freguezia da Ribeira Secca, ilha de S. Miguel.

Lomba de Santo Amaro, pequeno logar pertencente á freguezia de S. Pedro, de Villa Franca do Campo, ilha de S. Miguel.

Lomba de Santo Antonio, logar pertencente á freguezia do Nordestinho, ilha de S. Miguel.

Lomba de S. Pedro, logar pertencente á freguezia dos Fenaes da Vera Cruz, ilha de S. Miguel.

Lombadas, sitio pertencente ao concelho da Povoação, onde brota uma nascente de agua medicinal, que se vende engarrafada em Ponta Delgada, ilha de S. Miguel. Em 1886 foi analysada esta agua em Paris, pelos srs.: Alfred Riche, professor de chimica da Escola Superior de Pharmacia de Paris, e Charles Bardy, perito adjunto aos tribunaes do Sena, dando o seguinte resultado: A agua engarrafada contém 1,748 gr. de acido carbonico, e produz pela evaporação um residuo solido de 0,225 gr. por 1 000, e pela calcinação um residuo fixo de 0,168. A analyse do residuo mostrou:

Carbonato de soda . .	0,0405 gr
Carbonato de Cal . . .	0,0132 gr.
Chloreto de sodio	0,0187 gr.
Chloreto de potassio ..	0,0047 gr.
Peroxydo de ferro . . .	0,0037 gr.
Peroxydo de manganez	0,0030 gr.
Silica.	0,0890 gr.
Materias organicas, vestigios de acido borico, arsenico e outros compostos . . .	0,0470 gr.

Não é azotada a materia organica nem mostrou germens que se desenvolvessem na gelatina. (Vid. *Agua mineral das Lombadas*, ilha de S. Miguel, Açores) Analyse, etc. Typ. Popular. Ponta Delgada, S. Miguel, 1888. Esta agua é recommendada para as dyspepsias, lithiase biliar, engorgitamento hepatico, etc.

Lombega, logar pertencente á freguezia de Castello Branco, ilha de S. Miguel.

Lombinha da Maia, logar pertencente á freguezia da Maia, ilha de S. Miguel.

Loreto, logar pertencente á freguezia de N. Sr.ª dos Anjos da Fajã de Baixo, ilha de S. Miguel. Tem uma pequena ermida de Nossa Senhora do Loreto, que annualmente costuma ter uma romaria.

Loreto, pequeno logar pertencente á freguezia de S. Pedro, da cidade de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel.

Louraço, logar pertencente á freguezia da Calheta, ilha de S. Jorge.

Louraes, logar pertencente á freguezia da Ribeira Secca, ilha de S. Jorge. E' muito povoado e tem uma ermida dedicada a Nossa Senhora do Livramento e um cura d'almas.

Luz, freguezia de Nossa Senhora da Luz, concelho de Santa Cruz, comarca da Graciosa, districto administrativo de Angra do Heroismo, ilha Terceira. E' situada em terreno baixo, voltada ao sul. Produz muito vinho e cereaes.

Lurias, pequeno logar da freguezia do Capello, ilha do Fayal.

M

Magdalena, freguezia de Santa Maria Magdalena, séde de concelho e julgado do mesmo nome, districto administrativo da Horta, comarca do Pico, ilha do Pico. Tem 2.116 fogos e 8:702 habitantes

nas suas 6 freguezias - Matriz, Bandeiras, Creação Velha, Candelaria, S. Matheus e S. Caetano. Situada sobre a ponte de Oeste da ilha, fronteira á cidade da Horta d'onde dista 4 milhas, está em terreno baixo e pedregoso. - Foi elevada a villa por carta regia de 8 de março be 1723. Os seus habitantes empregam se muito na pescaria e são bons marinheiros. O seu porto é muito desabrigado. Tem a villa duas escolas officiaes, uma para cada sexo. Tem posto fiscal, que cobra imposto de pescado.

Maia, freguezia do Espirito Santo, priorado de Nossa Senhora da Estrella da Ribeira Grande, concelho e comarca da Ribeira Grande, districto administrativo de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel. Tem 819 fogos e 3462 habitantes. E' bem situada em terreno plano á beira mar, 10 kilometros ao O. de Fenaes da Vera Cruz. Segundo os primeiros historiadores esta freguezia tomou o nome da sua primeira povoadora que foi uma mulher chamada Ignez *Maia* que ali estabeleceu a primeira casa. Tem posto fiscal que cobra imposto da pesca: os pescadores matriculados são 26, com 6 barcos

Manadas, freguezia de Santa Barbara, concelho das Vellas, comarca de S. Jorge, districto administrativo de Angra do Heroismo, ilha de S. Jorge. Tem 283 fogos e 1.038 habitantes. E' situada em terreno ingreme, fertil de cereaes e grande creação de gado. E' logar de abundante pesca. (Vid. *Terreiros*, logar pertencente a esta freguezia onde nasceu o dr. João Teixeira, distincto açoriano).

Manuel Gaspar, logar pertencente á freguezia de Guadalupe, ilha Graciosa.

Maratéca, logar pertencente á freguezia da Candelaria, ilha do Pico.

Milagres, logar pertencente á freguezia dos Arrifes, ilha de S. Miguel. Tem uma pequena egreja da invocação de Nossa Senhora dos Milagres, com um cura d'almas. E' muito povoado.

Mina, denominação dada a um ilheu situado a N. da ilha Terceira.

Miragaya, logar pertencente á freguezia das Bandeiras, ilha do Pico.

Moinhos, pequeno logar pertencente á freguezia do Porto Formoso, ilha de S. Miguel.

Monte, logar pertencente á freguezia da Candelaria, ilha do Pico.

Monte, logar pertencente ao concelho das Lagens, ilha das Flores

Monte da Ajuda, pittoresco ponto de vista, situado a um lado da villa de Santa Cruz, ilha Graciosa. N'este encantador sitio, arborisado espontaneamente, estão as ermidas de S. João e d'Ajuda. Esta ultima tem junta a si uma casa para receber os romeiros, que annualmente vão ali em piedosa devoção e em cumprimento de votos. Esta casa foi feita por subscripção aberta entre os graciosenses. Situada mais distante d'estas ermidas está a de S. Salvador. Da ermida da Ajuda, descobre a vista um excellente panorama, descobrindo-se o que ha de mais bello na ilha. D'ali se avista em tardes claras de verão as ilhas Terceira, S. Jorge e Fayal.

Monte de Santa Barbara, alto monte que deita sobre a villa da Povoação a que pertence, entre as lombas do Carro e do Botão. Tem uma ermida, com frente ao sul, primeira da ilha onde se disse a primeira missa Foi edificada pelos colonisadores que se estabeleceram na Povoação, mas os abalos de terra de 1881 que a villa soffreu, a derrocaram, cuidando-se ultimamente da sua reedificação. A junta de parochia da freguezia da Mãe de Deus, tomou a peito a reedificação da ermida, conseguindo para tanto a quantia de 1:000$000 de rs. do governo. A corporação fez um plano subordinado áquella quantia e pensou em pol-o em execução. A 15 de fevereiro de 1883, alguns moradores da villa representaram á junta pedindo mais larga ampliação do plano adoptado, por ser elle insufficiente para o numero de fieis que concorriam ao acto da missa, e concluiram por pedir á junta sustasse a sua execução, para se promover os meios precisos para a organisação de outro em maiores condições. A junta condescendeu com a pretenção, e concedeu que até março seguinte apresentassem novo plano e orçamento para a reedificação da egreja. Em 8 de abril foi presente o plano na importancia de 2.147$460 rs., pedindo-se á junta authorisasse a formação de uma commissão encarregada de obter donativos para cobrir o deficit, o que succedeu Decorreu mais de um anno sem que se cuidasse da organisação da commissão, resolvendo então a junta começar os trabalhos. Em sessão de 3 de agosto de 1885 é presente á junta uma representação de moradores das lombas do Carro e Cavalleiro contra as dimensões e plano adoptado pela junta para a reconstrucção da ermida. Em acta d'este dia a junta historia o andamento dos trabalhos e toma conhecimento de uma representação assignada por muitos cavalheiros da villa, applaudindo a sua attitude. Parece que a reedificação está quasi concluida. Segundo informações que recebemos já por tres vezes se cuidou da construcção d'esta ermida. A 1.ª pouco depois do descobrimento da ilha, ahi por 1448 a 1560, foi para se alargar a fim de satisfazer ás exigencias do culto. Passados annos foi augmentada de novo ficando apenas da primeira edificação a torre. Os abalos de terra de 1881, desmoronaram, porêm, o pequeno templo e então pela terceira vez se trata em o reedificar, para o que se activam os trabalhos. Até 1881 celebrava-se missa n'esta ermida todos os domingos a que concorriam os povos das lombas proximas. A ermida está collocada ao lado oriental da lomba do Carro, n'um alto d'onde se descobre uma bella vista. Dista da séde da villa uns 2 kilometros.

Morato, logar pertencente á freguezia das Bandeiras, ilha do Pico.

Morros, logar pertencente ao concelho das Lagens, ilha das Flores.

Mosteiros, freguezia de Nossa Senhora da Conceição, priorado de Santa Luzia das Feteiras, districto administrativo, comarca e concelho de Ponta Delgada, ilha

de S. Miguel. Tem 338 fogos e 1.485 habitantes. E' situado na ponte d'O. da ilha, n'uma formosa planicie á beira-mar. Tem um bom porto, onde já houve um pequeno castello. O local, abrigado pelo *Pico de Mafra*, é povoado por bons edificios. Os seus habitantes empregam-se na cultura de cereaes, vinhas, pomares, criação de gado e na pesca, que é um dos sitios da ilha mais abundantes em pescaria. São de nomeada as cracas (*Umbelicus marinus*) que se pescam nas suas rochas.— O nome Mosteiros é derivado, segundo opinião dos primeiros historiadores, de ter a freguezia em sua frente 4 ilheus com proporções entre si que offerecem á primeira vista a configuração de *mosteiros*, e tambem por ter na costa concavidades na rocha, semelhando pequenos *mosteiros*. Na rocha á beira-mar tem algumas nascentes de agua quente, que parecem ser sulfureas, alcalinas e siliciosas. São utilisados para banhos Fica proximo d'esta freguezia o sitio da Ferraria. Tem 8 barcos de pesca e 56 pescadores matriculados. Tem um posto fiscal que cobra imposto de pescado.

Mosteiros, freguezia da Santissima Trindade, comarca das Flores, concelho das Lagens, districto administrativo da Horta, ilha das Flores. Tem 64 fogos e 225 habitantes. Produz cereaes, legumes e cria gados.

N

Nordeste, antiga villa, séde do concelho e districto de paz do Nordeste, comarca da Povoação, districto administrativo de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel. Priorado de S. Jorge. Tem 2 306 fogos e 10.008 habitantes, divididos pelas seguintes freguezias : — S. Jorge, 4.178; S. Pedro, 1.992; Annunciação, 1.850; Rosario, 1 988. Está situada na ponta da ilha, d'onde lhe vem o nome, sobre uma rocha á beira-mar, distante 50 kilometros da cidade de Ponta Delgada O seu porto é uma pequena enseada, com natural defeza. Foi creada villa por D. Manuel em carta de 18 de julho de 1514, e elevada a concelho em 1839.— O Nordeste tem soffrido tambem das erupções vulcanicas que têm havido na ilha. Segundo os primeiros historiadores, em 1522, um violento terramoto prejudicou a egreja matriz de S. Jorge, fazendo outros muitos prejuizos, e em 1563, uma valente erupção vulcanica, lançando terra, cinza e pedra pomes, a grande distancia, por sobre a villa, quasi que a soterrava. - O Nordeste é lavado de bons ares, é saudavel e o seu clima temperado. A divisão da propriedade n'este concelho é diversa da de toda a ilha. No Nordeste a superficie cultivavel está dividida e sub dividida, reconhecendo-se facilmente a pequena propriedade. Dizem que ali pela primeira vez na ilha se cultivou o tabaco e que os frades existentes na villa o fabricavam para seu uso. (*José de Torres, Ensaios.*) — O Nordeste por ser antiga villa da ilha, apre-

senta uma instituição abençoada. Referimo-nos ao *Monte de Piedade* ou *celleiro commum*. E' antiquissimo este util estabelecimento e esta circumstancia não deixou, de, em algumas epocas proximas, se ter cuidado da sua restauração por ser um padrão levantado á memoria dos antigos moradores da villa. Esclarecimentos obtidos obsequiosamente, habilitam nos a traçar a historia d'esta util instituição, a qual tem por base a tradição popular. Examinando-se em 1846 em tão remota villa, tudo que se podesse levar a, com exactidão, determinar a fundação de tal estabelecimento, não se obteve cousa alguma sobre a sua origem, fundos e fins da creação, a não ser a tradição recolhida em 1770. Em tal anno procedeu-se a uma justificação no juizo da Correcção e Provedoria da ilha, para substituir a primitiva instituição. Pela tradição recolhida, obtem-se que este estabelecimento fôra instituido na referida villa com o titulo de *Monte de Piedade*, por uma matrona, por nome Maria do Rosario, natural da villa e que o dotou com sessenta moios de trigo, de fundos, para serem distribuidos, como emprestimo, pelos pobres da villa e seu termo, que carecessem para seu sustento nos mezes de maio, junho e julho de cada anno, onde se sentia carestia, com a condição de os tornar a entregar na primeira colheita seguinte com o premio de um *cabacinho* (pouco mais de uma maquia), que era tirado de cada alqueire de trigo no acto da sahida e outro de egual medida deveria pagar, além de cada alqueire na occasião da entrega do cereal. Ficava o premio em dois *cabacinhos* de trigo por alqueire, que era applicado nas despezas de granelagem, guarda e conservação dos referidos sessenta moios, conservando-se, estes, sempre n'este fim e sem soffrerem diminuição alguma. A sua administração foi confiada pela instituidora, de como já ficou dito a tradição não guardou o nome aos vereadores da camara da villa. A principio, por muitos annos, foi a sua administração privativa dos vereadores, como desejo da fundadora, os quaes nomearam graneleiros, administradores que por terem pouco cuidado e nenhuma attenção, descuraram a fiscalisação do Monte, e assim dando o trigo por meros e limitados apontamentos, contentaram-se apenas a haver por alguns annos dos devedores o trigo dos *cabacinhos*, que era o premio que correspondia a cada alqueire, convertendo esse premio, depois a vereação, em 3 reis por alqueire. Com este descuramento perdeu-se mais de dois terços dos fundos do Monte, pelo desconhecimento dos devedores e pela sua fallencia de meios. Este estado caminhava para o completo desmoronamento de tal instituição; porém em 1768 indo á villa o corregedor e provedor dos residuos na ilha, indagou em que estava a administração do Monte, e vendo que não mantinha o movimento annual de entrada e sahida pelas rasões expendidas, obrigou os graneleiros do referido tempo, a entregar na primeira colheita todo o trigo existente para ser distribuido com o primeiro premio, como acontecia a principio e era

vontade de sua instituidora. Porém, apesar das recommendações de tal provedor e seus successores, só em 1810 se conseguio, que o graneleiro d'aquelle anno, se responsabilisasse pelo trigo existente, que era então sómente desenove moios e meio. Ainda assim para tal numero, os graneleiros dos annos anteriores tiveram de pagar na falta dos devedores. Continuou esta administração na forma estabelecida até 1817, epoca em que soffreu alteracões mandadas fazer pelo corregedor e provedor dos residuos da ilha, dr. João José da Veiga. Ordenou que o trigo dos fundos existentes, que era desenove moios e meio, se não désse senão no tempo das sementeiras e aos lavradores pobres, que o carecessem para semear e que para o receberem se haviam de affiançar a entregal-o na primeira colheita, com o premio unicamente de uma maquia por alqueire, vendendo-se o accrescimo das sementeiras nos mezes de junho e julho, pelo maior preço, empregando essa receita no mesmo producto, diligenciando obter o de menor preço; o que desde então começou a vigorar. Assim ficou desviado o estabelecimento de corresponder ao mandado da fundadora, segundo a tradicção corrente e recolhida. Dirigio-se d'esta fórma o estabelecimento até 1827, em que se arrecadaram por cada alqueire de trigo meia quarta de premio, com que se pagavam todas as despesas, sobrando ainda avultada quantidade de trigo que foi annexa ao fundo do estabelecimento. Subiram até pouco mais de 20 moios, dos quaes por ordem do juiz de Fóra e provedor na villa, em 1828, se vendeu mais de 6 moios pela quantia de 190$450 reis, para ser emprestada por escriptura publica á camara da villa, o que se realisou, e aquella corporação ainda hoje tem em seu poder. Ficou assim o fundo reduzido a quatorze moios de trigo, 37 alqueires e 1 oitavo, que em 1840 existiam junto com a divida do municipio. O graneleiro, ou depositario dos fundos, foi nomeado pela camara da villa, como era costume, havendo ainda o accrescimo de um escrivão encarregado da escripturação regular do Monte. Em 1846 que se agitou o interesse por erguer este instituto, pensamento que já em 1845 presidiu ao chefe do districto, a auctoridade administrativa do concelho, encarregada de obter dados sobre este Monte, confessou que nunca até aquella data se recolheu um só anno todo o trigo no granel, e isso tambem era motivado por não haver na villa granel que o podesse convenientemente accomodar. Lembrou até por isso a construcção de um celleiro para tal fim. Para isto calculava 400$000 reis, que disse se poderiam tirar dos fundos, os quaes ainda ficavam com 7 ou 8 moios de trigo que se augmentariam successivamente. Em julho de 1849, identica auctoridade do concelho, dando parte ao governador civil do movimento do Monte-pio, reclamava tambem como urgente a construcção d'um apropriado granel. Mostrou o seu estado lamentavel a que havia chegado, ignorando a causa de não se haver tomado as contas ha per-

to de sete annos, isto é desde 1842, pouco mais ou menos, até áquella data. Em 1850, por um mappa, vê-se que deveria ter mais de 14 moios de trigo. N'este anno e no immediato, tornou a agitar-se a idéa de restaurar este estabelecimento Em 1851, achava-se interrompido de funccionar o Monte e então os desejos convergiram para que a superior auctoridade administrativa exigisse que se recebesse as contas ao ultimo depositario do Monte e a outros devedores, que fosse este depositado com segurança e que a camara entrasse com a sua divida. Apresentou-se então difficuldades na sua rehabilitação e peior no haver dos fundos extraviados Em 1853, por ordem do chefe do districto, passou o monte com 14 moios, 37 alqueires e 1 oitavo, a ser administrado por uma commissão especial, composta do administrador do concelho, juiz de paz e parocho da villa. Então foi elevado o premio dos empaestimos a um oitavo por alqueire, applicando-se metade d'este premio a augmento dos fundos do Monte e a outra metade ás despezas de granelagem e conservação. Assim, conseguio a commissão que em dezembro de 1865 subisse o Monte a vinte e um moios quatro alqueires e cinco oitavos de trigo e 283$560 reis, que a commissão entregou á camara municipal do concelho, em virtude da lei de 25 de junho e instrucções de 9 de dezembro de 1864, acompanhado de um officio do governo civil de 13 de dezembro do mesmo anno. Desde então tornou a administração do Monte á camara municipal, recipiente na conformidade da indicada lei. Em 1884 a camara fez capitalisar os lucros dos annos de 1865 a 1884 na importancia de 15.540 litros, subindo então por isso os fundos a 32.140 litros de trigo, que a tanto monta o seu activo actual. A nota que se segue e que nos foi obsequiosamente fornecida, demonstra o movimento e fundos do Monte em 31 de dezembro de 1887:

Fundos primitivos	40:000	litros de trigo
» perdidos	14:000	» » »
» actuaes mutuados	34:000	» » »

A tradicão determina a fundação do Monte, ha tres para quatro seculos. Assim deve ser. Em algures vimos que na cidade de Evora existia um celleiro commum em 1584, e o artigo que a isto se referia dizia existirem outros em algumas cidades do reino, sendo muitos instituidos por particulares. O seu fim é exposto no artigo pela seguinte fórma: «De maneira que quando os lavradores tinham precisão de cereaes, iam pedil-os emprestados áquelles estabelecimentos, mediante certas seguranças, e pagando depois das colheitas, em epocas estipuladas, não só os generos que recebiam por emprestimo, mas de mais a mais uns tantos por cento, tambem em generos, como premio ou juro do emprestimo. «Continua por lamentar que faltando os devedores a pagar o seu debito, se definhassem estes celleiros. Como se vê, são identicos os fins e talvez emmoldurado, o estabelecimento do Monte de piedade, nos celleiros estabelecidos n'aquella epoca, no reino. Póde-se pois assegurar

que data approximadamente de tal tempo a sua fundação. A falta de um celleiro proprio para receber o cereal tem prejudicado desde o principio do seu estabelecimento a administração do monte. No relatorio proferido pelo governador civil de Ponta Delgada na abertura da sessão extraordinaria da Junta Geral do districto, a 8 de maio de 1854, dizia: — «Pelo artigo 9.º do decreto de 14 de outubro de 1852, incumbe ás Juntas Geraes de districto o confeccionarem um regulamento para os celleiros communs ou Montes de Piedade que se desenvolvão, as regras d'administração, fiscalisação e contabilidade em relação aos estabelecimentos d'esta ordem que existirem nos seus districtos. Existindo um celleiro commum no concelho do Nordeste, tendes de confeccionar, na conformidade da disposição do supra citado Decreto. Para este fim vos darei todos os esclarecimentos que possuo a respeito d'aquelle estabelecimento, bem como vos farei sciente dos passos que dei para evitar a sua total anniquilação.—No relatorio datado de 12 de junho de 1854, d'esta Junta ao Governo, lia-se: «Esta Junta tambem consulta V. M. sobre a conveniencia de a conceder ao monte-pio da villa do Nordeste, o arruinadissimo convento e a sua pequena cerca dos extinctos franciscanos da mesma villa, para ali se construir um granel de que aquelle carece.»—Que saibamos, nunca se cuidou de arranjar edificio proprio e só em fins do corrente anno, 1892, a camara municipal fixou em orçamento verba para a compra de uma casa para servir de granel ao monte. N'esta villa, a 12 de agosto de 1839, estabeleceu-se o primeiro comicio rural que houve no archipelago, sob a presidencia do digno prior Manuel Pereira de Rezende, e composto de sete pessoas da villa, com o fim de desenvolver a agricultura local, assim a exploração do commercio, divulgar as boas praticas agricolas e defender os interesses locaes. Este *comicio*, acabou, depois de prestar uma serie de importantes serviços A instrucção no Nordeste está atrelada a estreitos limites, e o povo, como quasi toda a população rural do archipelago, acredita em feiticeiras, etc. O nosso querido amigo sr. dr. José Machado de Serpa, no seu primeiro trabalho: *Noticia sobre a villa do Nordeste*, 1889, conta um caso que dá testemunho eloquente da crendice popular n'aquelle concelho. A introducção da imprensa periodica n'esta villa data de 1888. O primeiro jornal d'ali foi o *Nordeste* que sahiu no 1.º de agosto de 1888, impresso na Povoação e distribuido na villa. Depois, a 5 do mesmo mez, sahiu o *Informador*, folha semanal, impressa na cidade de Ponta Delgada, a qual depois sahiu de typographia estabelecida na villa, pois que fez o seu proprietario acquisição de typos e prélo da typographia *Açoriana*, uma das antigas existentes na cidade. Pelo decreto de 17 de fevereiro de 1887, foi creado um julgado municipal no concelho, inaugurando-se a 7 de agosto do mesmo anno, sendo nomeado juiz o nosso illustrado amigo sr. dr. José Machado Serpa, que escreveu a bri-

lhante memoria sobre a villa, a que já nos referimos Os nordestenses festejaram com immensa alegria a administração da justiça na sua area, coisa que de ha muito apeteciam, continuando, porêm, a instar por uma comarca. O anno de 1888, fornece boas paginas á chronica d'esta villa: deu-lhe a imprensa, estabeleceu-lhe um julgado e fez com que o seu historiador contemporaneo fosse um primoroso escriptor, um distincto açoriano. A villa tem bons edificios. A casa da camara é um dos melhores paços do concelho, no archipelago. E' bem construida e bem planeada. O seu projecto e orçamento foram feitos pelo illustrado engenheiro michaelense, sr dr. Marianno Augusto Machado de Faria e Maia. As obras começaram em setembro de 1875, realisando a camara a sua primeira sessão, nos novos paços, em 26 de abril de 1877. Na frente, um pequeno largo ajardinado, rodeado das melhores casas da villa, onde desembocam as ruas principaes. Deixa bem impressionados os viajantes. Como sitios pittorescos indica-se o logar em que está a ermida de Nazareth, edificada em 1825. A' entrada da villa está o Viaducto, grande ponte, o primeiro no seu genero, nos Açores, que mede 122 metros de comprido com 7 arcos de cantaria de 8 metros de diametro cada um e 13 d'altura, sendo guardado por um gradeamento de ferro na extensão de ambos os lados. As bellezas do Nordeste são muito preconisadas pelo povo e com justiça. Cabe aqui reproduzir uma trova popular que cantam sempre enthusiasticamente os nordestenses:

O Nordeste é minha terra,
Minha terra é o Nordeste;
Todo o mais não vale um caracol!
Tudo o mais é uma peste.

O porto do Nordeste com o seu varadouro, que ainda não está de todo concluido, foi começado a construir em 13 de junho de 1875. N'aquelle anno, em 29 de fevereiro, por deligencias do então deputado sr. conde de Jacome Corrêa, illustre michaelense, o governo votou a verba de 3.120$000 rs. insulanos, para o caes e varadouro. A verba esgotou-se e então o digno ministro das obras publicas o sr. conselheiro Hintze Ribeiro, mandou ampliar as obras, approvado o orçamento no valor aproximado de 20 contos. A este porto concorrem barcos das villas e logares proximos. Os bateis de pesca, que a exploram na proximidade da costa, teem tambem ali permanencia. O maritimo nordestense, como todo o das ilhas, tem devoção pelo seu S. Pedro Gonçalves, que está n'uma capella da egreja Matriz de S. Jorge. Pela estatistica que conhecemos, no anno de 1892 existiam n'esta villa, 17 pescadores e 2 barcos para a exploração da pesca. N'esta villa está situado o pharol mais importante do archipelago, e, quasi por assim dizer, o unico de nomeada. O pharol é lenticular, e de rotação; tem a media em alcance de luz fixa, de 19 milhas, e em alcance de luz de rotação, em clarões de dois em dois minutos, de 24

milhas. O seu machinismo e lanterna é da casa L. Santter Lemonnier & C.ª, de Paris. Assistiu á sua collocação o empregado da fabrica da sua construcção mr. P. Charles Trepardon. O pharol é de primeira classe. O seu projecto e orçamento é trabalho do engenheiro sr. dr. Ricardo Julio Ferraz, em 25 de maio de 1866. Tem dois andares e edificio. Começou a funccionar em 24 de novembro de 1876, tendo-se começado as obras em 1870. Segundo o sr dr. Serpa, cuja descripção vamos seguindo n'estas notas, o edificio assemelha-se com o do pharol d'Agde (Herault) segundo uma photographia da revista portugueza «A' volta do mundo». Na estação existe um livro para se inscreverem os nomes e apreciações dos visitantes. O edificio assenta na Ponta do Arnel, a mais saliente do litoral norte, da ilha de S. Miguel. Junto ao edificio do pharol está um posto semaphorico, ligado telegraphicamente com a cidade de Ponta Delgada. O semophoro do Nordeste corresponde-se com os navios, tendo prestado bons serviços. Esta estação foi aberta ao serviço publico a 20 de setembro de 1886. Como vemos o Nordeste tem o primeiro pharol dos Açores, um posto semaphoro e telegrapho. Tem algumas sociedades de recreio e bandas de musica. Os costumes populares na villa assemelham-se aos dos outros povoados de S. Miguel. A estação telegraphica do Nordeste foi inaugurada a 24 de dezembro de 1883, para o que muito concorreu o illustre ministro das obras publicas o sr dr. Hintze Ribeiro. A agricultura na villa e a industria têm pequeno adiantamento. N'ella se preparam as melhores peças de estamanha e de linho, para vestuario da população rural da ilha. Tem um posto fiscal que cobra imposto de pescado; ha matriculados 17 pescadores.

Nordestinho, freguezia de S. Pedro, priorado de Nossa Senhora da Estrella da Ribeira Grande, comarca da Povoação, concelho do Nordeste, districto administrativo de Ponta Delgada, ilha S. Miguel. Tem 481 fogos e 1.992 habitantes. E' situado n'uma rocha á beira mar, 5 kilometros da villa do Nordeste. E' terra abundante na producção de cereaes e na creação de gados.

Norte Grande, freguezia de Nossa Senhora das Neves, comarca de S. Jorge, districto administrativo de Angra do Heroismo, ilha de S. Jorge. Tem 500 fogos e 1.953 habitantes Está situada quasi ao meio da ilha, na costa do N. N'esta freguezia se fabricam bons queijos de leite de vacca, considerados os melhores do archipelago, exportando-se em grande quantidade para Portugal e ilhas. Tem posto fiscal que cobra imposto do pescado

Norte Pequeno, freguezia de S. Lazaro, concelho da Calheta, comarca de S Jorge, districto administrativo de Angra do Heroismo, ilha de S. Jorge Tem 117 fogos e 507 habitantes. Os seus moradores occupam-se na cultura de cereaes, criação de gados e exploração da industria de lacticinios. Tem um posto fiscal que cobra imposto de pescado.

Norte Pequeno, logar pertencente á freguezia do Capello, ilha do Fayal.

Nossa Senhora da Conceição, vid. *Conceição*.

O

Oiteiro, logar pertencente á freguezia da Candelaria, ilha do Pico.

P

Pampulha, pequeno logar pertencente á freguezia e concelho de Santa Cruz, ilha das Flores.

Papa terra, pequeno logar pertencente á freguezia de S. José, ilha de S. Miguel. E' situado ao norte da cidade de Ponta Delgada.

Pastelleiro logar pertencente á freguezia das Angustias, da cidade da Horta, ilha do Fayal. O seu nome é derivado da cultura de pastel (*Isatis tinctoria*), que ali se cultivou em larga quantidade.

Pateira, logar pertencente á freguezia de Santa Luzia, ilha Terceira.

Pé do Cabeço, logar pertencente á freguezia das Bandeiras, ilha do Pico.

Pedras Brancas, logar pertencente á freguezia da Luz, ilha Graciosa.

Pedro Miguel, freguezia de Nossa Senhora da Ajuda, concelho, comarca e districto administrativo da Horta, ilha do Fayal. E' séde de um districto de paz. Tem 412 fogos e 1.663 habitantes. Está situado á beira mar. E' terreno fertil, produzindo cereaes, legumes, fructas e abundantes creações de gado.

Pico, terceira ilha em grandeza do archipelago. Méde 45 kilometros de comprimento, 13 de largura media e 496 kilometros quadrados de superficie. Está situada na latitude N. de 38°23, e na longitude 19°11 ao O. de Lisboa. E' a mais montanhosa de todas e a origem do seu nome é divido á grande montanha do *Pico* que se eleva a 2 600 metros, segundo os melhores calculos. O seu cume está sempre coberto de neve e é visto do mar a mais de 100 milhas de distancia. A costa da ilha tem um desenvolvimento de 62 milhas formando o pequeno porto da Magdalena. A população da ilha é de 6:308 fogos e 25.436 habitantes, distribuidos pelos seguintes concelhos:

Magdalena . . .	8:702 habitantes
S. Roque	6:630 »
Lagens	1:6104 »

A montanha do pico é um vulcão que ainda está em actividade. A sua costa tem pequenas enseadas.

A ilha é toda de forma plutonica. Em 21 de setembro de 1562, depois de grandes e repetidos tremores de terra, houve n'esta ilha, no pico do Cavalleiro, uma cratera vulcanica, d'onde sahiram pedras grandes e uma chuva de pedra e areia, que derrotou tudo, arruinando as propriedades proximas. Depois, passados dias, abriram-se duas crateras na Serra da Ventosa, sahindo ribeiras de fogo que correram para o mar. Em 1 de fevereiro 1718, tremeu a terra fortemente, rebentando um vulcão entre a falda da montanha do Pico, entre as freguezias de Santa Luzia e Bandeiras, correndo ardente lava para o mar. No dia 2 manifestou-se novo vulcão no sitio da Bragada, entre as freguezias de S. Matheus e S. João. A 10 de julho de 1720, no vulcão central da ilha, rebentou uma erupção. As lavas correram largamente, arruinando as propriedades e casas que alcançaram. A quantidade de pedras e cinzas foi grande e era expelida com tal violencia que chegou a cahir, segundo dizem os chronistas, na ilha de S. Jorge. A melhor producção d'esta ilha era de vinho que gosava de muito credito no archipelago e que, enviado para a ilha fronteira do Fayal, era ali preparado convenientemente e exportado em grande quantidade. O *oidium* accometteu, porêm os vinhedos e reduziu consideravelmente a producção. Antes chegava a ser de 70:000 hectolitros por anno. Em 1884 produzia só 1.338. Não satisfaz ao consumo local a producção de cereaes, mas em compensação, a ilha produz muita fructa, que exporta para as ilhas, madeiras, queijos, gados e outros artigos. Foi colonisada esta ilha por gente do Fayal e Terceira. A primeira povoação foi a villa das Lagens, onde edificaram uma egreja ao apostolo S. Pedro. Foi seu primeiro padre fr. Pedro Alvaro Gigante, franciscano, que mandou vir bacellos de vinha para ensaiar a cultura na ilha, d'onde depois veio a riqueza da mesma. Além do Pico, as principaes montanhas da ilha têm a seguinte altura, segundo um author :

Cabeço da Granja .	445	metros
Pico do Topo	1.633	»
Monte, perto da caldeira de Santa Barbara	1.067	»
Pico das Cabras . . .	803	»
Pico da Lança	704	»
Pico do Silvado . . .	242	»
Monte	311	»

Os habitantes d'esta ilha empregam-se na pesca e na criação de gados e cultura de vinhas. A industria caseira é a fabricação de panos de linho e lã para seu uso. Os inglezes tiveram de 1793 a 1801 uma casa commercial no Fayal dedicada á compra e exportação de vinhos, exportando milhares de pipas, annualmente, para as Antilhas e outros portos. A aguardente sahia tambem em grandes porções para o Brazil. O sr. Costa Rebello, n'um seu artigo, conta, que n'aquelle tempo o trafico dos vinhos, na cidade da Horta, então villa, era tal que os vinhos se trafegavam nas ruas, por não chegarem os armazens; e ali se conservavam até ao embarque,

guardados por gente de serviço; sendo tantos os compradores, que adiantavam dinheiro aos vendedores para obterem o serem preferidos. A primeira imprensa que houve na ilha foi montada na villa das Lagens em setembro de 1874. A ilha tem hoje um bom movimento jornalistico. Esta ilha pertence ao districto da Horta, e está dividida em tres concelhos, que, como vimos já, são: Lagens, com 5 freguezias; Magdalena, com 6 e S. Roque, com 5. Constitue uma comarca de 3.ª classe. Tem delegações da capitania do porto e alfandega da Horta e uma secção da guarda fiscal. — Tem 24 escolas publicas, sendo 9 no concelho das Lagens 7 no da Magdalena, e 8 no de S. Roque. Na ilha do Pico veem-se os mesmos usos e costumes das outras ilhas açorianas. As festas do Espirito Santo povoam as suas aldeias, as representações dramaticas realisam-se e o povo, que é hospitaleiro e trabalhador, lá vae commerciando festas de sabor puramente açoria- com o Fayal, e fazendo as suas no. A ascenção ao Pico é um dos melhores pontos de recreio para os visitantes da ilha. A estatistica maritima dá á ilha 130 barcos de pesca, cerca de 20 de cabotagem, com uns 100 maritimos e 881 pescadores. Existem n'esta ilha nada menos de 12 sociedades de pesca da baleia que no anno de 1892 exportaram azeite em importancia superior a 24 contos de réis. Tem esta ilha 6 bandas de musica.

Pico da Pedra, freguezia de Nossa Senhora dos Prazeres, priorado de S. Jorge, do Nordeste, concelho e comarca da Ribeira Grande, districto administrativo de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel. Tem 587 fogos e 2.300 habitantes.

Pico dos alhos, logar da freguezia de S. Matheus, ilha Graciosa.

Pico do Mafra, logar entre a Bretanha e Mosteiros, pertencente a esta ultima freguezia. Ilha de S. Miguel. E' pouco povoado.

Pico Negro, logar pertencente á freguezia e concelho de Santa Cruz, ilha Graciosa.

Pico da Vara, a montanha mais alta da ilha de S. Miguel. Tem 1.700 metros de altura. E' situado proximo do valle das Furnas.

Pico Vermelho, logar da freguezia e concelho de Santa Cruz, ilha Graciosa.

Pico Vermelho, logar pertencente á freguezia da Bretanha, ilha de S. Miguel.

Piedade, logar pertencente á freguezia dos Arrifes, ilha de S. Miguel E' muito povoado. Tem uma egreja, cura e duas escolas de ensino official.

Piedade, vide *Ponta da Piedade.*

Pilar, Freguezia de Nossa Senhora do Pilar, na ilha Terceira, concelho e districto administrativo de Angra do Heroismo. Tem 1.020 habitantes e 241 fogos.

Pilar, logar pertencente á freguezia de Nossa Senhora da Conceição da Horta, ilha do Fayal.

Pilar, logar pertencente á freguezia da Bretanha, ilha de S. Miguel. Tem uma egreja suffraganea á parochial de Nossa Senhora da Ajuda. E' assente sobre

uma rocha á beira-mar. A egreja tem tido importantes concertos.

Pocinho, pequeno logar pertencente á freguezia da Candelaria, ilha do Pico. Tem muitas casas de campo, que são habitadas de verão.

Ponta, logar pertencente á freguezia da Fajãsinha, ilha das Flores.

Ponta Alta, ou da ROCHA ALTA, situada ao sul da ilha das Flores.

Ponta de Albernaz, situada a oeste da ilha das Flores.

Ponta da Ajuda, situada na ilha de S. Miguel, voltada ao norte.

Ponta do Arnel, situada na ponta norte da ilha de S. Miguel, onde está estabelecido o melhor farol do archipelago. (*Vid. Nordeste*)

Ponta dos Arrifes, situada ao sul da ilha do Pico.

Ponta do Baixio, situada a oeste da ilha das Flores.

Ponta da Bahia, de NEGRITO, situada ao noroeste da ilha Terceira.

Ponta dos Baixios, situada a leste da ilha Terceira.

Ponta da Barca, situada a oeste da ilha de Santa Maria.

Ponta do Barro vermelho, situada na ilha Graciosa.

Ponta dos Bredos, situada a oeste da ilha das Flores.

Ponta da Bretanha, situada no norte da ilha de S. Miguel, na freguezia de que toma o nome. E' um bom porto de mar.

Ponta do Cabrito, situada ao sul da ilha do Pico.

Ponta do Calhau Grosso, situada a lessueste da ilha do Pico.

Ponta da Calheta, situada na ilha de S. Jorge.

Ponta das Calhetas, situada ao norte da ilha de S. Miguel

Ponta da Calla, situada ao sul da ilha do Pico.

Porta da Candelaria, situada a oeste de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel.

Ponta do Capello, situada a oesnoroeste da ilha do Fayal.

Ponta do Carapacho, situada a sueste da ilha Graciosa Foi o ponto onde desembarcaram os povoadores da ilha.

Ponta dos Carneiros, situada ao norte da ilha Terceira.

Ponta do Castellete, situada a leste da ilha de Santa Maria

Ponta dos Castelletes, situada a sueste das Vélas, ilha de S. Jorge.

Ponta do Castello, situada na ilha de Santa Maria. D'esta ponta até á do Baixio, na ilha das Flores, dizem que tem o archipelago o comprimento de 336 milhas.

Ponta do Castello Branco, situada ao sul da ilha do Fayal.

Ponta da Caveira, situada a leste das ilha das Flores.

Ponta do Citrão, situada ao norte da ilha de S. Miguel.

Ponta dos Coelhos, situada na ilha Terceira.

Ponta do Comprido, situada na ilha do Fayal.

Ponta das Contendas, situada a sueste da ilha Terceira.

Ponta da Cruz, situada a oeste de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel.

Ponta da Cruz, situada a leste da ilha das Flóres.

Ponta Delgada, a oeste da cidade d'este nome, ilha de S. Miguel. Deu o nome á cidade açoriana

Ponta Delgada, cidade, capital do districto administrativo de Ponta Delgada, séde da Relação dos Açores, por decreto de 16 de maio de 1832, concelho e comarca de 1.ª classe, na ilha de S. Miguel. O seu nome é derivado de uma pequena ponta que sahe no sitio do bairro de Santa Clara, pelo mar. Nas suas proximidades se começou a construir a doca.— Ponta Delgada foi elevada a villa em 1499 e a cidade a 2 de abril de 1546 — Até 1499 a séde da administração da ilha era em villa Franca do Campo Eleita villa n'aquelle anno, foi confirmada a 29 de maio de 1507.—Situada ao longo da costa, em terreno aprazivel e voltada ao sul, está dentro da sua enseada entre a ponta Delgada a O. e ponta da Galé ou Galera a L. Tem 4.476 e 17.079 habitantes, distribuidos pelas tres freguezias da cidade:

Matriz	5.075 hab.
S. Pedro	4.780 »
S. José	7.224 »

A cidade de Ponta Delgada é séde do commando oriental dos Açores, e a sua guarnição é feita pelo regimento de caçadores n.º 11 e pela companhia n.º 2 d'artilheria de guarnição. A cidade começou a ter illuminação publica em 4 de abril de 1839 e a gaz em 1 de abril de 1884. A fabrica que está montada nos lados da Calheta, é dirigida pelo sr. Eduardo Augusto Kopke. Tem um lyceu nacional e um museu de historia natural, inaugurado officialmente a 10 de junho de 1880, em homenagem a Camões e pelo qual muito se interessa o seu director o illustrado capitão do exercito sr. Francisco Affonso de Chaves. Protegeu fidalgamente este estabelecimento o illustre michaelense sr. conde de Fonte Bella. Ultimamente foi enriquecido com parte do espolio do fallecido capitão do porto sr. Craveiro Lopes, espolio onde estava um curioso museu de armas, corças e outras curiosidades africanas. O sr. conde comprou tudo e offereceu ao museu, o que é uma preciosa collecção. A bibliotheca publica, inaugurada em 1843, com 5.000 volumes, tem tomado ultimamente grande desenvolvimento. Por carta de lei de 12 de março de 1845, foi posta a cargo do municipio. Acha-se aberta ao publico, desde 1851. Ultimamente foi enriquecida com a livraria do illustre poeta, filho de S. Miguel, sr. Anthero de Quental, que falleceu a 11 de setembro de 1891, n'esta cidade, a qual se inaugurou no dia 1.º de janeiro de 1893. Está collocada em estante especial e tem o busto em marmore do notavel açoriano. Tem um posto meteorologico. Em 24 de fevereiro de 1883 inauguravam-se as estações telegraphicas e telephonicas na ilha, estando a cidade ligada, com as villas mais importantes, pelo telegrapho Morse e telephone. A séde n'esta cidade, que é a estação principal, de 1.ª classe, é telegraphica e telephoni-

ca. O serviço telegraphico é assim distribuido :

Ponta Delgada—Principal e de 1.ª classe — Telegraphica e Telephonica.

Ribeira Grande— 3.ª classe — Telegraphica e Telephonica.

Villa Franca—4.ª classe— Telegraphica.

Povoação—4.ª classe—Telegraphica.

Lagoa—5.ª classe—Telephonica.

Nordeste—5.ª classe—Telegraphica.

Agua de Pau—5.ª classe —Telegraphica.

Capellas—5.ª classe—Telephonica.

Maia—5.ª classe—Telephonica.

Achada—5.ª classe — Telephonica.

Ponta do Arnel — Electro-semaphorica.

Ponta da Ferraria — Electro-semaphorica.

O correio da cidade expede malas diarias para as seguintes villas e freguezias : — S. Roque, villa da Lagoa, Agua de Pau, Ribeira Chã, Agua d'Alto, Villa Franca, Ponta Garça, Furnas, Povoação (que expede malas para o Fayal da Terra e Lombas), Rabo de Peixe e Ribeira Quente — Todos os dias, á excepção de quintas e domingos, para o Nordeste. — A's segundas, quartas e sabbados, para : Arrifes, Relva, Ginetes, Feteiras, Mosteiros, Fajã de Baixo, Fajã de Cima, Capellas, Santo Antonio, S. Vicente, Fenaes da Luz e Bretanha. Além dos navios que fazem viagem entre as ilhas, existe uma carreira quinzenal de vapores, subsidiados pelo governo, que tocam n'esta cidade, da sua volta de Lisboa, nos dias 8 e 25, seguindo depois para as ilhas d'oeste, d'onde regressam a 18 e 30 de cada mez, salvo mau tempo, que é vulgar existir no archipelago. — Na sala do correio são affixados annuncios, designando a sahida dos navios que levam malas. O porto tem regulares carreiras de vapores entre os Estados Unidos da America, Lisboa, Porto e ilhas, pertencentes ás casas commerciaes Bensaude & C.ª e J. Andersen. D'esta ultima casa é agente na ilha de S. Miguel o sr. commendador Clemente Joaquim da Costa. Tem uma capitania de porto, onde teem estado officiaes de distincção A sua alfandega tem como delegações de 1.ª classe as de Angra do Heroismo e Horta. Tem um hospital de 1.ª ordem onde se tratam muitos doentes, dirigido pela Santa Casa da Misericordia que tem os seus primeiros estatutos approvados por decreto de 22 de abril de 1834. Este pio estabelecimento tem um rendimento approximado a 40.000$000 rs. por anno. Tem um «Asylo de Mendicidade», fundado em 23 de julho de 1876 pelo então governador civil o illustre terceirense sr. conde da Praia da Victoria, que falleceu a 20 de janeiro de 1889, na ilha da Madeira. Um de «Infancia Desvalida», onde se educam creanças do sexo feminino, sustentado pela beneficencia publica. Um hospicio denominado *Maria Thereza*, fundado por uma caridosa senhora da familia Canto e destinado a receber mulheres indigentes. Uma escola intitulada dos

Filhas de Maria, que dá educação e vestuario a creanças desvalidas, sustentada pela piedosa *Associação das Filhas de Maria*, e um *Albergue Nocturno*, que abriga os abandonados da sorte. Este caridoso estabelecimento foi fundado por D. Margarida de Chaves, que nasceu em Ponta Delgada a 15 de dezembro de 1804 e falleceu a 13 de outubro de 1884, deixando os bens sufficientes para a sustentação de tão caridosa casa. Tem um «Monte Pio dos Artistas Michaelenses», que data de 1 de março de 1860; uma «Sociedade de Beneficencia Ecclesiastico-Michaelense», desde 17 de janeiro de 1872; No anno de 1892 teve a receita de 314$800 rs. e a despeza de 246$920. Esta sociedade tem de capital em cofre 3.012$600 rs.; uma «Sociedade de Beneficencia», desde 24 de dezembro de 1839 e uma «Sociedade de Soccorros», que data de 28 de outubro de 1879. Tem uma Caixa Economica, de que é um dos directores o sr. João de Mello Abreu. Tem uma companhia de seguros açoriana, fundada em 2 de abril de 1892, com o capital de rs. 1.000:000$000 insulanos, dividido em 10:000 acções a 100$000 rs Em fins d'este mesmo anno, estabeleceu-se as bazes para um banco hypothecario com capitaes d'esta ilha. Para a creação de ambos estes estabelecimentos de utilidade publica e onde encontra emprego o dinheiro que de S. Miguel ia enriquecer as companhias estrangeiras, influiu poderosamente o genio activo e emprehendedor do sr. João de Mello Abreu. A 5 de abril de 1891, inaugurou-se por iniciativa particular uma *Sociedade de Avicultura e Aclimação Michaelense*, sendo o capital subscripto para a sua fundação de 4.000$000 rs. A 8 de dezembro chegou á ilha a primeira importação de aves para criação. Ainda por iniciativa do sr. Mello Abreu estabeleceu-se uma *Fabrica de Refrigirantes*, que tem apresentado, ao consumo publico cerveja e um numero de variadas bebidas proprias para a estação calmosa. A cidade tem um bom theatro, que foi aberto ao publico com um concerto, a 2 de junho de 1864 e solemnemente inaugurado a 25 de março de 1865, por uma companhia dramatica *Gil Vicente*, que representou o drama a *Leitora*. N'essa noute cantou-se um hymno dedicado áquella casa de espectaculos, o qual foi executado por 40 cantores e 30 instrumentalistas. Este theatro tem sido visitado por artistas celebres. A 19 de abril de 1866, representou n'elle o actor portuguez Taborda. Em diversos annos, o empresario Cesar Augusto Casella, trouxe a este theatro companhias lyricas de apreciado merito. Em 1877, esteve ali uma companhia dramatica portugueza, sob a direcção da actriz Emilia Adelaide Pimentel, apresentando bons artistas e um escolhido repertorio. A 11 de maio de 1885, apresentou-se ao publico o pianista capitão Voyer, que vinha de Lisboa. O seu concerto foi muito apreciado e concorrido. Seria longo ennumerar todas as companhias e ordem de espectaculos que ali se teem dado. O publico é enthusiasta por theatro e costuma concorrer ás suas récitas.

Ali teem estado companhias dramaticas portuguezas, de opera comica, companhias de zarzuela e companhias lyricas. O theatro é feito, modelo do de D. Maria de Lisboa. A imprensa n'esta cidade tem grande desenvolvimento. Existem typographias montadas com os mais modernos utensilios da arte, que satisfazem com promptidão e commodos preços todos os serviços que lhes são confiados. Tem tambem estabelecimentos lythographicos De 1832 data a introducção da imprensa n'esta cidade. N'aquelle anno a 24 de abril chegava a Ponta Delgada, a typographia que se achava na ilha Terceira e que se havia estabelecido em Angra do Heroismo, para fazer serviço á regencia em nome de D. Maria que estava n'aquella ilha. Em Ponta Delgada imprimiu os n.^{os} 39, 40, 41 e supplemento de : *A chronica, semanario dos Açores*, continuação do jornal : *A chronica semanario da Terceira*, que se publicava em Angra. Em seguida a esta typographia montou-se a do *Açoriano Oriental*. Esta folha tem uma bonita historia. Em 1822 a mocidade da universidade de Coimbra, alcançava com o producto d'uma subscripção um pequeno prelo e typo, e ás escondidas imprimiram, sob o titulo *A Voz da Rasão*, as tres epistolas de José Anastacio da Cunha, a *Anelio*. Em casa do editor que era um estudante fayalense, ficaram esquecidos os utensilios typographicos, e no fim de 3 annos, o caixão que continha a typographia tinha vindo para Ponta Delgada, na companhia do editor estudante, já medico. Em 1835 teve de ausentar-se para Lisboa o dr. Antonio Ferreira Borralho, para tomar assento em côrtes, confiando a sua livraria a pessoa de intimidade. Por acaso um dia dando se ar aos livros encontrou-se o caixão do typo, pregado, sem indicação alguma. Excitou isto enthusiasmo, despertou-se a idêa de fundar-se imprensa na ilha, e d'ahi pouco installava-se a pobre officina, publicando no sabbado 18 d'abril de 1835, o primeiro numero do *Açoriano Oriental*, que era uma meia folha quasi illegivel. Com o andar do tempo a typographia foi melhorando de material. O *Açoriano*, conta hoje 58 annos de publicidade e é dirigido pelo nosso amigo sr. José Ignacio de Souza. O n.° 2 d'este jornal appareceu com uma gravura em madeira, representando um *Açor* com um papel no bico, que diz : *Carta*, e nas asas abertas, d'um lado, a palavra — *Açoriano*, do outro *Oriental*, que se diz ter sido gravado por Manuel Antonio de Vasconcellos. O movimento jornalistico na cidade é presentemente muito animador. Tem dois jornaes diarios, um trisemanal, sete periodicos semanaes e dois mensaes. Nos ultimos annos tem sido feitos importantes melhoramentos na cidade, taes como o mercado do peixe e a *Avenida Anthero de Quental*, passeio pela realisação do qual muito se empenhou o vereador sr. Luiz Soares de Souza. Era n'este tempo presidente da camara municipal o illustre michaelense sr dr. Caetano d'Andrade Albuquerque. O mercado do peixe foi installado na praça do Corpo Santo, feita em tempo

para a venda de cereaes e carnes. O novo mercado foi inaugurado a 2 de março de 1892. A praça custou na sua construcção 38.907$656 rs., gastando-se na adaptação para o fim em que se acha, réis 1.847$130. Tem duas galerias, uma a nascente e a outra a poente, com o comprimento de 31m,40 cada uma e 6m,20 de largura. Cada uma d'estas galerias abriga uma mesa de marmore de 28,m5 de comprido e 1,m20 de largura, com quatro torneiras de grande jorro. Os pescadores pagam pela exposição do peixe á venda, a taxa de 125 rs. por meio metro occupado em qualquer dos balcões, o que dá um rendimento annual aproximado de 5.130$000 rs. A praça tem quatro pavilhões que rendem annualmente 551$400 rs. N'esta cidade existem consulados de diversas nações do mundo. As companhias de seguros mais acreditadas nas praças commerciaes, teem tambem os seus agentes, sendo dos seguros de companhias inglezas, o sr. George Hayes & C.a. Na cidade existem muitas sociedades de recreio taes como: *Club michaelense*, *Sociedade Recreativa*, *Rival das Musas*, *Promotora do Progresso* e *União Fraternal*. As tres ultimas teem philarmonicas compostas de artistas. A cidade tem um templo com cemiterio para a colonia ingleza, sito na rua da Mãe de Deus, e um cemiterio nos fins do bairro de Santa Clara, para os israelitas. A synagoga israelita, que occupa a casa da rua do Brum n.º 11, foi installada em 1830 por Abrahão Ben Saude e Salon Busaglo. A instrucção publica em Ponta Delgada tem tomado algum incremento. Em 18 de outubro de 1891, realisou-se n'esta cidade, pela primeira vez nos Açores, a festa das creanças, com um imponente cortejo civico, publicando-se um jornal sob o titulo: *Festa das Creanças*, com artigos em prosa e verso. As creanças approvadas nos exames finaes receberam no theatro michaelense, onde se dissolveu o cortejo, diplomas de honra e premios em presença de uma multidão enthusiasta de espectadores. Foi uma festa que encheu de alegria a alma de todos os que a presenciaram. Iniciou esta civilisadora manifestação o então inspector da circumscripção escolar dos Açores, sr. José Antonio Simões Raposo. Em 15 de dezembro de 1891, foi publicado o programma para o primeiro certamen litterario pedagogico e artistico, que se inaugurava nos Açores. Este certamen deu em resultado uma exposição escolar, de escolas officiaes da ilha, que se abriu a 6 de março de 1892, na sala da *Sociedade Recreativa*. (Vide *Civilisador* n.º 1.º da 2.ª serie, tomo 2.º 1892.) O decreto de 22 de agosto de 1889, creou uma escola de desenho industrial intitulada *Velho Cabral*. Principiou a funccionar no 1.º de outubro de 1890, n'uma casa da rua do Castilho, prestando bons serviços á classe artistica. Além das escolas officiaes a cidade tem excellentes e numerosos collegios particulares em que se ensinam as disciplinas exigidas pelo programma official. Em pontos de vista e passeios tem a cidade o campo de S. Francisco, a avenida Anthero de Quen-

tal, onde nas noites da estação calmosa toca a banda regimental, o pittoresco alto da Mãe de Deus, que em 1826 mereceu tantos disvellos de um governador militar que teve a cidade, e outros. Em breve, e em conformidade com o decreto de 2 de janeiro de 1833, que manda á camara de Ponta Delgada, fazer a alameda de D. Pedro IV ou da Liberdade no sitio do Relvão, ficará tambem aquelle sitio sendo um dos bons passeios da cidade. N'aquelle campo, em 23 de junho de 1832, formou o exercito libertador e assistiu a uma missa celebrada n'um altar de campanha, embarcando em seguida para Portugal onde foi desembarcar nas praias do Mindello. Ainda como diversões, existe na rua Formosa com o titulo *Recreios Hygienicos*, d'esde 1891, um estabelecimento de variados entretenimentos ao ar livre, havendo jogos diversos e todos os aprestes para o leccionamento da gymnastica hygienica. Em fins de 1892 ficou completo um pequeno theatro, n'este logar. Os preços da entrada, estão ao alcance de todos. E' seu proprietario o sr. João Maria Sequeira. As festas do Espirito Santo são muito queridas em Ponta Delgada e teem muita voga, havendo mais de um imperio annualmente em certas ruas. A data d'estas festas na cidade parece ser de 1665, por iniciativa da Santa Casa da Misericordia, que estabeleceu uma irmandade, que em 9 de abril de 1673 realisou a primeira coroação. Concorreu muito para isso uma epidemia que se manifestou tão intensamente que deixou o anno conhecido pelo *anno das doenças*. O imperio que então se realisou teve a denominação do *imperio dos nobres*, por ser feito pelas pessoas mais qualificadas da localidade. Esta festividade deu origem a uma tradição popular. Contam que na segunda-feira da Paschoa, cantando-se missa do Espirito Santo no altar de S. Roque da egreja Matriz, em acção de graças entrou uma pomba, pousou por algum tempo sobre a capella, e sahiu depois por uma fresta da egreja. Um chronista cuevo, conta da seguinte forma este facto: «N'esta tão espantosa consternação recorreram as pessoas mais nobres d'esta cidade á Terceira Pessoa da Santissima Trindade, o Divino Espirito Santo, e se alistaram em numerosa irmandade, fazendo o imperio da Misericordia, a que o vulgo, com razão, chamou o *imperio dos nobres*, porque, se pelas melhores obras se alcança a melhor nobreza, é certo que esta illustre irmandade fez uma das melhores, e por isso ficou sendo da melhor nobreza, porque, com o se irmanarem com o Divino Amor os que já eram irmãos da Misericordia, conseguiram esta do recto Juiz para os afflictos e angustiados moradores d'esta cidade. Foi tão estupenda a maravilha com que o Espirito Santo levantou o açoute da agonisante cidade, que a todos foi manifesta. Chegou o primeiro sabbado depois da Paschoa, vespera do primeiro domingo do Espirito Santo, e o mesmo foi ouvir-se pelas ruas o tambor da folia do Espirito Santo, que o seu tom afugentava as malignas enfermidades

em tal fórma, que se observou que nenhuma pessoa mais d'ella adoeceu; e o grande numero dos que até aquelle ponto estavam doentes, e as mais nos paroxismos da morte, todas cobraram alentos de vida, e em breve tempo todas convalesceram sem que contasse morrer d'aquellas doenças d'aquelle dia por deante nenhuma pessoa sendo até esse mui raras as que d'ellas escapavam com vida. Para maior testemunho d'este portento, permittiu o Divino Espirito Santo que, na segunda-feira da Paschoa, cantando-se missa do Espirito Santo no altar de S. Roque na Matriz d'esta cidade, em acção de graças, e fazendo se festa e sermão, a tudo quiz assistir uma *pomba*, fórma em que se pinta essa Divina Pessoa, que estando á vista de todos, pousada parte do tempo sobre o pulpito, e parte sobre o frizo de uma capella, a tudo assistiu, e depois de tudo concluso sahiu por uma fresta da dita egreja, que, podendo ser isto acaso, é para se fazer caso e grande reparo que nunca se visse n'aquella egreja, nem antes nem depois, similhante pomba. Em memoria d'este successo se celebra todos os annos uma missa cantada no dito altar de S. Roque em o dito dia, a que nos primeiros annos se ajuntava grande numero de assistentes. Em signal de agradecimento de tão grande mercê, continuaram com grande devoção aquelles nobres e primeiros irmãos o imperio, que em memoria d'ella erigiram.» Uma illustre familia da cidade realisa a expensas suas esta festividade em egual dia, como commemoração do acto, a que o povo chama a *Festa da Pombinha*. O prégador narra esta tradicção, alimentando nas classes populares o amor pelos festejos do Espirito Santo. O mesmo imperio dos *nobres*, embora sem o methodo do festival primitivo, dá ainda signaes de existencia. No domingo da Trindade, na egreja parochial de S. Pedro, a expensas de cavalheiros distinctos, tem a sua festividade, distribuindo-se esmolas pelos necessitados. Para descrever a realisação dos imperios n'esta cidade, servimo-nos do que já escrevemos no n.º 174 da *Bibliotheca do Povo e das Escolas*, *Fastos Açorianos*: «E' confiada a sua realisação a uma commissão composta de *mordomos* e *imperador*. *Mordomos* denominam-se os encarregados da distribuição do bodo aos pobres, offertas aos irmãos do *imperio*, e direcção do mesmo. *Imperador* é o que corôa, que é geralmente uma creança. O pae tem tambem esta denominação. Muitas das coroações são determinadas por votos feitos por diversas familias. As irmandades compõem-se das pessoas que contribuem para a realisação do *imperio*, o qual tem os seus limites em certas ruas. O *irmão* tem direito a uma pensão, composta de pão, carne, vinho e massa sovada. A ordem dos festejos na cidade de Ponta Delgada póde se resumir na seguinte escripção: Comecemos por notar que estes festejos teem o periodo da sua realisação marcado desde a Paschoa até ao dia de S. Pedro (o mais tardar). Dois dias antes do dia indicado para a festa, realisa-se de noite «a mu-

dança da bandeira». Consiste isto na sahida processional de uma bandeira de damasco, com uma pomba bordada no centro, a qual sáe da casa do *Imperador* para a *dispensa* (edificio onde se encontram as eguarias que teem de ser distribuidas pela irmandade e o bodo dos pobres). A «mudança», costuma ser apparatosa. Fórma-se um prestito de muitos devotos e alguns convidados, todos com tochas acesas na mão; e assim desfilam, por entre um concurso de povo que se apinha pelas portas a observar o cortejo. A creança que corôa, leva o estandarte no meio do prestito e é precedida de um grande numero de creanças vestidas com opulencia. A rua apresenta illuminação veneziana, e as janellas acham-se todas recheadas de curiosos. Concluida esta mudança são as eguarias bentas pelo parocho da freguezia, promovendo alguns *mordomos*, por esta occasião, a celebração de um *Te Deum*, que tambem costuma acompanhar o prestito. A casa onde se realisa a collocação da bandeira, e que, como já notámos tem a denominação de «dispensa» está apropriadamente adornada com profusas flores e diversos ornatos; o mesmo succede na residencia do *Imperador* que conserva, n'um throno elegante, a corôa. No dia seguinte, vespera do da festa, ha a distribuição das *pensões* e do bodo aos pobres. Isto realisa-se ao som de uma philarmonica — porque é opportuno dizer, que tanto este acto, como o da «mudança» e «coroação», costumam ser acompanhados, na maioria das vezes por uma musica. As ruas, onde se effectuam as distribuições, representam um verdadeiro arraial; estão vistosamente embandeiradas, e as janellas são occupadas por familias, que anciosas aguardam a passagem do *Imperador*, e seguem curiosamente o andar dos festejos. O dia immediato é esperado com grande anciedade. Ha n'este dia visitas a receber e graciosos vestidos para se apresentarem em publico. Guarda-se tudo para esta festa. Logo que desponta a aurora, os *mordomos* lançam ao ar alguns foguetes, e tratam activamente de encetar os trabalhos para o aformoseamento da rua. Collocam-se mastros, içam-se bandeiras, e dispõem-se as coisas de molde a que a illuminação, á noite, seja agradavel. Approximada a hora da missa conventual na freguezia, chegam os convidados, os devotos, e a philarmonica: e assim, depois de tomarem tochas ou ramalhetes, que ultimamente teem adoptado (de preferencia), formam duas alas, como na «mudança da bandeira» e desfilam ao som do hymno do Espirito Santo, composição feita para taes actos. Abrilhanta o prestito um elevado numero de creancinhas vestidas ricamente, e com açafates cheios de rosas, que vão desfolhando e espargindo pelo transito. No fim marcha o *Imperador* ladeado por duas meninas ou meninos, e em seguida parentes da familia e convidados. Depois da coroação, regressa o prestito na mesma ordem. Aguardam n'o anciosos os habitantes da rua, e com o maior enthusiasmo lançam flores na passagem do *Imperador*. Acabada

esta ceremonia, recebe a familia da creança, que coroou, as maiores felicitações dos conhecidos. A' tarde ha o arraial e toca uma musica; porém na generalidade só isto tem logar á noite. Notam-se, por esta occasião, arrematações de offertas. A concorrencia de curiosos que passeiam na rua, é elevada. Acabada a hora designada pelos *mordomos* para o arraial, ha a mudança da corôa e bandeira para casa do *Imperador* do anno futuro, o qual ou é determinado por sortes, ou por voto que tenha feito. Esta ceremonia que se regula pelas anteriores é ainda apparatosa. Nas freguezias ruraes estes festejos soffrem alteração na ordem porque são realisados. N'estas povoações apparece a *folia* que são, em S. Miguel, uns quatros homens vestidos com uma capa de chita enramada e trazendo na cabeça um gorro da mesma fazenda. Um d'elles traz uma bandeira de damasco, de seda encarnada, com uma pomba bordada no centro, e os outros, diversos instrumentos, taes como rabeca, viola, pandeiro e alguns, tambor, ao som dos quaes cantam trovas apropriadas ao acto. O cancioneiro da *folia* é longo, (vid. introducção) porque o *folião*, no geral é improvisador. No concelho de Ponta Delgada, isto é nas freguezias ruraes, como : Arrifes, Bretanha, Fajans, Feteiras, Mosteiros, etc., ha o costume das representações populares, ao ar livre. (Vid. introducção). Além do passeio publico de S. Francisco, que está arborisado, tendo no centro um elegante kiosque, orlado por um largo, guarnecido com relva e flores; o largo da Conceição em frente do palacio do sr. conde de Fonte Bella; o alto da Mãe de Deus, etc. que são passeios publicos; tem a cidade opulentos jardins, onde a flora apresenta todos os seus encantos e attractivos. Os viajantes consideram os jardins de Ponta Delgada como os dos melhores da Europa, e superiores aos do continente. Alguns d'estes jardins teem residencias imponentes. O do sr. conde de Jacome Corrêa é uma aposentação encantadora. O palacio onde s. ex.ª reside, domina a cidade, os campos e o oceano. Destaca-se entre os opulentos massiços de um grande jardim que o circumda, tendo em continuação, no fundo, uma quinta, verdejante pomar, com uma rua espaçosa, ajardinada, por onde se póde passeiar de trem. Em frente do edificio, que é espaçoso, de estylo das construcções modernas da Europa, está um formoso lago. No frontespicio do palacio, em nichos, nos pannos da parede ou nos angulos dos contornos, veem-se estatuas, tendo como remate no alto, um grupo de figuras. O interior superiormente dividido, tem ricos aposentos e soberbos salões de baile, tudo luxuosamente mobilado. O sr. conde patenteia a entrada franca a todas as pessoas que desejem visitar o jardim ou que queiram ir ali passeiar. Tem a cidade, pois, d'estes encantos e quando apparece um dia agradavel, o viajante sentirá prazer ao atravessar por entre uma engrinaldada de variadas plantas que nos prendem os sentidos e elevam o espirito, pelo colorido variadissimo da sua folhagem, pelo mimo

das suas elegantes flores e pela opulencia da sua robusta vegetação, por entre os tapetes do macio musgo. E' pois um agradavel passeio o que se effectua n'estes recintos, ao mesmo passo que se dá largas ao amor pelas flores, estes pequenos seres que tão generosamente retribuem as caricias e os desvellos que lhes dedicamos. N'estes jardins onde se vê o bom gosto e a intelligencia do proprietario encontram se plantas exoticas importadas dos melhores centros de floricultura. Vem a proposito uma nota historica. Em 28 de julho de 1866, o concelho da faculdade de philosophia, sobre o estudo de botanica e agricultura na universidade de Coimbra, resolveu enviar um jardineiro (o sr. Edmond Goeze) aos Açores, para se aproveitar da offerta generosa de algumas plantas para o jardim botanico da universidade. Realisada esta determinação, em 8 de setembro era já o concelho informado das valiosas collecções de plantas que da ilha de S. Miguel tinham chegado. Estes donativos foram calculados em valor superior a 2:500$000 rs. N'esta offerta, figura honrosamente um distincto michaelense, o sr. Antonio Borges da Camara, que muito se empenhou pelo progresso da agricultura n'esta ilha. Em 6 de fevereiro de 1867, lia-se em sessão do referido concelho, uma portaria do governo, louvando os serviços prestados pelos cavalheiros michaelenses ao jardim botanico da universidade. Assim calcula o leitor, decerto, como Ponta Delgada patenteia a cada passo o aformoseamento dos jardins, o concurso das bellas e apreciadas flores. Entre as festas religiosas mais populares da cidade e como principal e primeira nos Açores, está a festividade do sr. Santo Christo dos Milagres, que se venera na egreja do mosteiro da Esperança, fundado a 23 d'abril de 1540. Dizem que a imagem, que é tanto da devoção do povo açoriano, veiu de Roma quando as religiosas do convento foram impetrar do Papa a bulla para a fundação do mesmo. A imagem está n'uma capella que lhe mandou construir a Madre Thereza da Annunciada. Annualmente faz-se a festividade a que concorre povo de quasi todas as freguezias do districto e muito das ilhas d'oeste. A cidade tem um bom porto de abrigo, inaugurado a 30 de setembro de 1861, começando os trabalhos em janeiro de 1862, sendo a primeira pedra lançada para a construcção do molhe, em 28 de outubro d'aquelle anno, na presença de numerosa multidão, que enthusiasticamente saudou aquella data. Até então o porto, sendo muito batido pelos ventos, dava com frequencia logar a occorrencias lamentaveis, tanto mais que o commercio da ilha era grande pela exportação da laranja. Ha muitos annos que os michaelenses faziam diligencias pela realisação da doka. Em 1522, no reinado de D. João III, tiveram começo estas diligencias para a construcção. Em 1654 apenas aliviadas as lides da restauração foi encarregado o governador Luiz Mendes de Vasconcellos, e um engenheiro, de delinear um molhe na ilha. Em 1691 egual encargo foi feito ao governador da ilha,

conde da Ribeira Grande. Em 1768 durante o ministerio do marquez de Pombal, se procedeu a novos estudos. No reinado de D. Maria I, foi mandado á ilha um capitão de mar e guerra, para explorar o sitio em que se devia fazer o molhe. Em 1799, chegava á cidade com a mesma incumbencia, novo engenheiro. Em os annos de 1811 e 1812, veiu de novo ás ilhas outro engenheiro confeccionando um plano em 1813. Pelos annos de 1812 e 1813, um engenheiro, o capitão Francisco Borges da Silva, fez varias memorias e um plano para a doca. Em 1819 dirigia a cidade supplica ao poder central para se fazer a obra e desde 1834 nunca mais descançou um anno de pedir pela urgencia do porto de abrigo. De 1835 a 1836 pensou-se em fazer uma doca no recinto do ilheu de Villa Franca do Campo, chegando-se a fazer apenas o plano. Em 1837 a iniciativa particular poz-se em campo e alguns habitantes da cidade, vendo a falta prejudicial de um porto maritimo, convidaram o engenheiro hydraulico, sir John Rennie para examinar a costa da ilha e formar o plano e orçamento de uma doca adaptada ás necessidades commerciaes. A 27 de dezembro de 1838 apresentou sir Rennie o relatorio dos trabalhos baseado nas observações de mr. Fucher, commissario que veiu á ilha. Em 1845 tentaram começar alguns trabalhos que foram interrompidos em 1847. A junta geral do districto, conseguiu por carta de lei de 27 de julho de 1850 que fosse creado um imposto de 1 p. c. sobre o valor de toda a importação e exportação da ilha. Por esse tempo foi approvado o plano do tenente de engenheria Francisco Maria Montano e nomeado para dirigir a construcção dos trabalhos, creando-se uma commissão administrativa do respectivo imposto. O conde de Lavradio, pela commissão creada pelo decreto de 26 de outubro de 1850 para administrar o imposto da doca, escreveu o seguinte, em data de 9 de março de 1852, para o governo: «O archipelago dos Açores, uma das primeiras descobertas dos Portuguezes, e notavel na antiga e contemporanea historia da monarchia pelos soccorros que nas mais arriscadas conjecturas sempre e dotado de bom grado prestou á mãe patria, é de um solo e clima de rara fertilidade, e em tal latitude situado que outra mais feliz se não poderá deparar para estancia de todo o commercio transatlantico. Frequentada esta paragem, desde os mais remotos tempos de nossas navegações, pelas frotas que carregadas de especiarias, voltavam da India, China e Brazil, foi desde então desejado n'estas praias um porto onde achassem segura guarida as embarcações desprovidas e cançadas de longas e tormentosas viagens. E da urgencia de tal abrigo restam vivos documentos nas frequentes, pôsto que frustadas tentativas, que desde o sr. D. João III até ao presente seculo quasi todos nossos monarchas intentaram.» A carta de lei de 9 de agosto de 1860, authorisou a construcção do molhe e procurou receitas para elle entre os recursos da ilha. Hoje tem a sua construcção adiantada

e abriga de todos os ventos grande numero de navios, ainda os de maior lotação. Em 18 de agosto de 1887, foram mandadas concluir por empreitada as obras do porto, tendo a direcção d'ellas uma empresa franceza que tem desenvolvido muito os trabalhos. Para o melhor andamento das obras mandaram vir o guindaste *Titan* de construcção franceza. Pesa 550.000 k. e depois de montado o seu custo ascendeu a cerca de 100 contos. Para a sua montagem vieram 4 operarios da Belgica, os quaes começaram a trabalhar nos principios de novembro de 1889 e concluiram nos ultimos de fevereiro de 1890. Tem a altura de 18 metros, comprehendendo a base e o braço que tem de comprimento 84 metros, sendo de 28 o do seguimento mais pequeno e de 56 o do maior, onde está collocado o carro de suspensão dos blocos. Foi adquirido especialmente para o assentamento dos blocos de alicerce da doca, os quaes teem 35.000 k. cada um. A força motriz da machina do *Titan* é de 60 cavallos. No porto existem importantes depositos de carvão de pedra, para fornecimentos dos vapores que o demandam; tem fontes com abundante agua doce para abastecimento das embarcações; e uma doca fluctuante de madeira, em que pódem entrar navios de 1:200 tonelladas. Existem officinas onde se teem feito concertos importantes a navios de vella e vapores, a fabrica de pregos michaelense, dirigida pelo habil artista sr. Ignacio Ribeiro Alves e a fundição dos srs. José Antonio Gomes da Cruz e Francisco Paula Moura, artistas intelligentes e que muito honram a terra pelos seus trabalhos. Existe n'este porto o primeiro navio de recreio do archipelago e um dos melhores do continente. E' o hiate *Aquila*; tambem n'este porto ha um vaporsinho de recreio, *Cachalote*. O porto tem além d'estes navios de recreio, dois hiates mercantes, *Santo Antonio* e *Lidador*; 43 barcos para carga e passageiros, 53 para pesca, com um numero de 145 maritimos e 259 pescadores. Além d'estas embarcações tem escaleres de recreio que só de verão permanecem na bacia da doca, estando resguardados em armazens durante o inverno. Na bahia d'este porto está a fortaleza de S. Braz, mandada construir em 1552 por D. João III, sendo feito á custa de impostos lançados na ilha. A sua construcção foi morosa porque parece que só em 1580, estava em estado de servir. O castello de S. Braz começou a ter historia sua em 1582. Quando Filippe II se apossou do reino, S. Miguel acceitou de boamente a sua entrada, em opposição á ilha Terceira que regeitou e resistiu valentemente. D. Antonio, prior do Crato, que se refugiara em França, pôde reunir uma armada, sob o commando de Filippe Strone, e resolveu vir submetter S. Miguel a obediencia sua. N'este proposito a sua armada apresentou-se em meados de julho de 1582 em frente de Ponta Delgada. Parece que o proposito de D. Antonio era ter por si as ilhas dos Açores, estabelecer-se n'ellas e por fim partir a tomar a corôa de Portugal, plano em que contava com o auxilio dos governos de

França e Inglaterra. Quando appareceu em frente de Ponta Delgada a armada de D. Antonio, que era de 60 velas com 8.000 soldados, estava no porto uma pequena armada de cinco vellas, de que era capitão Pero Peixoto da Silva, que ia guardar as náos da India, e quatro náos armadas de Giuprescon com quatro companhias de soldados hespanhoes, mandados para defenderem a terra. Os commandantes hespanhoes vendo a impossibilidade de resistirem á armada de D. Antonio, aproximaram-se da fortaleza, metteram no fundo cinco navios, e com o que d'elles salvaram e gente de todas as embarcações se refugiaram no castello de S. Braz. D. Antonio desembarcou no areal de Rasto de Cão no dia 16 de julho do referido anno, sem opposição alguma. No castello haviam-se tambem refugiado o capitão d'ella, o governador da ilha Martin Affonso, o bispo D. Pedro de Castillo, o corregedor Christovam Soares d'Albergaria e mais capitães e tropas. Ali se prepararam para resistir a quaesquer ataques. D. Antonio escreveu ao capitão da fortaleza para lh'a entregar, compromettendo-se a dar passagem a elle e a toda a sua gente. A carta teve resposta negativa. As tropas francezas, saquearam a cidade e dando cerco ao castello começaram a fazer trincheiras nas proximidades para um ataque que tomasse a fortaleza. N'este tempo chegara á ilha o marquez de Santa Cruz, que partira de Lisboa com o fim de vir render a Terceira. Os francezes, levantaram logo o cerco do castello e embarcaram nos seus navios para dar combate á armada do Marquez. N'este combate sanguinolento ferido a 26 de julho, cinco legoas ao sul de Ponta Delgada, ficaram perdidas 14 náos francezas, 300 prisioneiros, muitos feridos e 3.000 mortos. D. Antonio não viu a batalha, porque seguiu em sua ligeira embarcação para a ilha Terceira. O cerco do castello foi pequeno, como se vê. Depois d'isto nada mais de notavel offerece a historia d'este castello, a não sêr outro pequeno cerco feito em abril de 1835. Havia terminado ha pouco tempo a guerra liberal e com grande difficuldade se havia limpado a ilha dos guerrilhas que haviam ficado depois da sahida da expedição para o Porto. Muitos d'elles, os mais celebres pelos seus actos, eram por apellidos Forjaque e Cercal, os quaes eram frequentemente capturados. Estavam estes homens nas prisões do castello de S. Braz, com outros criminosos por crimes civis e politicos de gravidade. Na madrugada de 23 de abril de 1835 foi a cidade sobresaltada pela noticia de que os presos do castello, sob a direcção do celebre guerrilha, Sebastião Francisco Forjaque, se haviam levantado: suspenderam a ponte levadiça do castello, rasgaram a bandeira azul e branca, hastearam a bandeira de D. Miguel e dando continuados vivas dispararam tiros de peça, convidando o povo á revolta. A ilha estava despovoada de grandes forças, mas reunido o batalhão civico, foi logo posto cêrco ao castello e tomadas medidas de forma a que a revolta não ganhasse terreno. Os rebeldes desanima-

dos pela lucta em que estavam, sem comedorias, encerrados no castello, rodeados de tropa, sem verem ninguem que os coadjuvasse, começaram a abandonar a fortaleza, lançando-se pelo lado do mar e fugindo pelo calhau de Santa Clara. N'este calhau estava postada uma linha de soldados civicos, porque se suspeitava do abandono da fortaleza e da fuga por aquelle lado, o unico accessivel. N'um ponto em que estavam dois civicos, um d'elles viu junto ao mar, passar um vulto do que deu parte ao camarada. Este dissuadiu-o do caso, mas, como passassem mais, o civico apontou a arma e fez fogo. Em resposta vieram dois tiros que feriram os liberaes. D'aqui resultou investirem contra elles, prenderam-os e trazidos ao campo de S. Francisco, em frente do castello, foram fusilados e retalhados os corpos d'alguns, que foram sepultados na esplanada do castello. São estes os unicos factos historicos da fortaleza. Hoje pela construcção do molhe as baterias nauticas estão totalmente anulladas. A cidade de Ponta Delgada foi a primeira açoriana e ilha que se fez independente em 1640 e no 1.º de março de 1821 fez a revolução liberal. A cidade tem numerosos estabelecimentos de carruagens, e como a ilha é cortada por boas estradas é facil a visita de trem a quasi todos os pontos. Além das carruagens tem uma carreira de omnibus, devido á iniciativa do commerciante da praça, sr. Luiz Soares de Souza. Estes omnibus de carreira diaria, levam a 20 rs. por kilometro a cada pessoa. Andam entre a cidade Lagoa e Villa Franca do Campo. Antes d'esta carreira já existiam omnibus diarios entre a Ribeira Grande e cidade. Hoje ha tambem entre Pico da Pedra e Rabo de Peixe. A cidade tem muitos campos dedicados á horticultura pelo que é variada a sua producção. Já em 1717 o padre Antonio Cordeiro, disia ser muito abundante em hortaliças. A industria michaelense tem muito desenvolvimento. A manufacturação do pão, rivalisa com a melhor da Europa. A «Padaria Lisbonense», do sr. José Maria Caetano de Mattos, é no genero o primeiro estabelecimento dos Açores e o melhor do continente. Fabrica pão de diversas qualidades e bolachas com marca especial. N'esta cidade nasceu em 1522 o primeiro chronista açoriano, Gaspar Fructuoso, que morreu a 24 de agosto de 1591 na villa da Ribeira Grande. (*Vid. Ribeira Grande.*) Nasceu tambem aqui fr. Braz Soares, religioso domiciniano nas ilhas Philippinas e reformador da sua ordem, pelas suas virtudes. Foi 1.º prelado do convento graciano que houve n'esta cidade, onde hoje está o lyceu. Falleceu em 1613. Entre outros estudos biographicos escreveu a vida da *Veneravel Margarida de Chaves*, que mereceu ser traduzida em italiano. Nasceu tambem aqui fr. Manuel das Chagas, litterato que falleceu em 1637. Em 1530 nasceu a veneravel Margarida de Chaves, que morreu a 8 de setembro de 1581. O bispo de Angra em 27 de março de 1596, julgou a santidade d'ella. Em 1685 nasceu Francisco Affonso de Chaves e Mello,

espirito culto, que morreu em 1741. Escreveu *Margarita Annunciada*, ou biographia da veneravel Margarida de Chaves, seguida de uma *Descripção da ilha de S. Miguel*. Estes trabalhos reunidos em volume foram publicados em Lisboa em 1723. N'esta cidade teem sido realisadas festas civicas que o povo ama e muito aprecia. Além das manifestações pelo tricentenario de Luiz de Camões, a 10 de junho de 1880; do Marquez de Pombal a 8 de maio de 1882, está o cortejo civico em honra de Capello e Ivens, dois exploradores africanos, realisado com brilhantismo a 6 de dezembro de 1885. Roberto Ivens é filho d'esta cidade, pois nasceu a 12 de junho de 1850 na rua do Meio, freguezia de S. Pedro. No dia 6 de novembro de 1884, houve tambem um cortejo funebre da municipalidade ao jazigo da benemerita fundadora do *Albergue Nocturno*, e por essa occasião a rua onde está este estabelecimento, e que era denominado de Santo André, passou a ser rua de *Margarida de Chaves*. Em 1 de agosto de 1886 houve um cortejo promovido pela camara para collocar uma lapide commemorativa na casa onde morou o visconde de Castilho, durante o tempo que esteve n'esta cidade (1847-1850) onde prestou tantos serviços á instrucção local A rua que se chamava do Lameiro passou a ser de Castilho. Ainda em 18 de outubro de 1891 houve a festa das creanças, a que já nos referimos.

Ponta Delgada, freguezia de S. Pedro, concelho de Santa Cruz, comarca das Flores, districto de paz, districto administrativo da Horta, ilha das Flores. Tem 218 fogos e 907 habitantes. E' situada em terreno alto sobre uma rocha á beira mar.

Ponta do Espartel, situada ao norte da ilha Terceira.

Ponta do Espartel, situada ao sul da ilha do Pico.

Ponta do Espirito Santo, situada na Praia da Victoria, ilha Terceira.

Ponta da Esplamaca, situada a lessueste da cidade da Horta, ilha do Fayal.

Ponta do Fayal, situada ao sul da ilha de S. Miguel.

Ponta dos Fenaes, ou do **João Conde**, situada a oeste da ilha Graciosa.

Ponta dos Fenaes, situada a oeste da ilha das Flores.

Ponta da Ferraria, situada na ilha de S. Miguel. Está ali um posto semaphorico que communica com a cidade de Ponta Delgada, dándo noticia dos navios que por ali passam. (*Vid. Ferraria.*)

Ponta da Ferraria, situada ao nordeste da ilha Graciosa

Ponta da Feteira, situada ao norte da ilha de Santa Maria.

Ponta da Feteira, situada a oeste da cidade de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel.

Ponta da Feteira, situada ao sul da ilha do Fayal.

Ponta do Fogo, situada ao sudoeste da ilha Graciosa.

Ponta da Forca, situada a oeste da ilha de Santa Maria.

Ponta da Forcada, situada a sueste das Vélas, ilha de S. Jorge.

Ponta do Frade, situada a oeste da ilha Graciosa.

Ponta dos Frades, situada a oeste da ilha de Santa Maria.

Ponta Furada, situada ao norte da ilha de S. Jorge

Ponta das Gaivotas, situada ao norte da ilha de S. Jorge.

Ponta da Galera, situada a leste da cidade de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel.

Ponta do Gallego, situada ao norte da ilha de S. Jorge.

Ponta Garça. (*Vid. Ponta Garça.*)

Ponta Garça, freguezia de Nossa Senhora da Piedade, concelho e comarca de villa Franca do Campo, priorado da egreja de S. Miguel, da mesma villa, districto administrativo de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel. Chamam-lhe *Ponta Garça* por assim o parecer, diz o padre Cordeiro. (*Historia Insulana.*) E' situada em terreno á beira mar. Tem 704 fogos e 2:800 habitantes. Foi em tempo uma freguezia rica quando os seus habitantes cultivavam pastel e fabricavam assucar. Hoje cultivam cereaes, criam gados e produz vinho.

Ponta do Gomes, situada a sudoeste da ilha Graciosa.

Ponta Gorda, situada a oeste de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel.

Ponta da Graciosa, situada onde está assente o logar do Fenal, ilha Graciosa.

Ponta do Garajau, situada a sudoeste da ilha de S. Jorge.

Ponta da Guia, situada a sueste da ilha do Fayal.

Ponta da Ilha, sitio onde está assente a freguezia da Ponta da Piedade, ilha do Pico.

Ponta dos Ilhéos, sitio ao sul da ilha das Flores.

Ponta das Lagens, situada a leste da ilha das Flores.

Ponta das Lagoinhas, situada ao norte da ilha de Santa Maria.

Ponta da Lobreira, situada ao sul da ilha de S. Miguel.

Ponta da Lomba, situada a leste da ilha das Flores.

Ponta da Má Ferramenta, situada ao norte da ilha Terceira.

Ponta da Má Merenda, situada a leste da Praia da Victoria, ilha Terceira.

Ponta da Magdalena, situada a sueste da ilha do Pico.

Ponta da Maia, situada ao norte da ilha de S. Miguel.

Ponta da Malbusca, situada á sueste da ilha de Santa Maria.

Ponta da Malta, situada ao norte da ilha de Santa Maria.

Ponta da Marqueza, situada a leste da ilha de S. Miguel.

Ponta do Marvão, situada a sueste da ilha de Santa Maria.

Ponta de Matagos, situada a leste da ilha de S. Miguel.

Ponta do Matrucal, situada a leste da ilha de S. Miguel.

Ponta da Merenda, situada ao sul da ilha de S. Miguel

Ponta da Mina, situada a leste da ilha Terceira

Ponta do Monte, sitio a sueste da ilha do Pico.

Ponta do Monte Brazil, situada a oeste da cidade de Angrado Heroismo, formando um dos lados da bahia, ilha Terceira.

Ponta do Morro Grande,

situada ao noroeste das Velas, ilha de S. Jorge.

Ponta do Morro Grande, situada na ilha das Flores. Eleva-se a 957 metros acima do mar.

Ponta dos Mosteiros, situada ao oeste da ilha de S. Miguel. Assenta na freguezia dos Mosteiros.

Ponta dos Mosteiros, situada a sueste da villa das Velas, ilha de S. Jorge.

Ponta do mysterio, situada a leste da villa de S. Roque, ilha do Pico.

Ponta de Nesquino, situada ao sul da ilha do Pico.

Ponta do Nordeste, situada ao nordeste da ilha de S. Miguel, onde assenta a villa d'este nome.

Ponta do peneireiro, situada ao norte da ilha Tercei-ra

Ponta da pesqueira, situada a leste da ilha Graciosa.

Ponta do pesqueiro, situada ao sul da ilha do Corvo.

Ponta da piedade, freguezia de Nossa Senhora da Piedade, comarca do Pico, concelho das Lagens, districto administrativo da Horta, ilha do Pico. Tem 579 fogos e 2.250 habitantes. Esta freguezia está bem situada, em uma planicie lavada de bons ares A apicultura esteve muito desenvolvida n'esta freguezia sendo mel o seu principal commercio Decahindo este ramo os seus habitantes empregaram-se na cultura de cereaes, criação de gado etc.

Ponta do pico negro, situada ao norte da ilha Gaciosa.

Ponta do pinto, situada ao norte da ilha Terceira.

Ponta do porco, situada a oeste da ilha Graciosa.

Ponta do porto, situada na villa da Praia da Victoria, ilha Terceira.

Ponta da prainha, situada ao sul da ilha do Pico

Ponta da Qeimada, situada a sudoeste da ilha de S Jorge.

Ponta Rosa, situada ao norte da ilha de S. Jorge.

Ponta do restigão, situada a sueste da ilha Graciosa.

Ponta da Ribeira Grande, situada ao norte da villa d'este nome, ilha de S. Miguel

Ponta da Ribeirinha, situada a nordeste da ilha do Fayal.

Ponta dos Rosaes, situada ao noroeste da ilha de S. Jorge.

Ponta da Riveira, situada a leste da ilha de S. Miguel.

Ponta Ruiva, logar situado ao norte da ilha das Flores, pertencente á freguezia da Fajãsinha.

Ponta da Salga, situada a leste da ilha Terceira. Proximo d'este sitio no logar da *Casa da Salga*, desembarcou a expedição hespanhola em 25 de Julho de 1581 que soffreu uma grande derrota. (Vid *Casa da Salga*)

Ponta de Santa Catharina, situada a oeste da Praia da Victoria, ilha Terceira.

Ponta de Santa Catharina das Mos, situada ao poente de uma bahia, tendo á entrada uma cadeia de ilhéos chamados da *Mina*. N'esta Ponta é que desembarcaram as tropas do marquez de Santa Cruz, a 26 de julho de 1583, enviado por Filippe II, para reduzir a ilha á sua obediencia.

Ponta de Santa Cruz, situada na ilha Graciosa.

Ponta de Santo Antonio, situada ao norte da ilha de S. Miguel.

Ponta de S. João, situada na ilha do Pico. Dizem que d'esta ponta até á do Barro Vermelho da ilha Graciosa se mede 48 milhas que é a largura do archipelago.

Ponta de S. Jorge, situada a oeste da ilha Terceira.

Ponta de S. Lourenço, situada ao norte da ilha do Fayal.

Ponta de S. Matheus, situada ao oeste de Angra do Heroismo, ilha Terceira.

Ponta de S. Matheus, situada ao sul da ilha do Pico

Ponta de S. Pedro, situada ao norte da ilha de S. Miguel

Ponta de S. Sebastião, situada a leste da ilha Terceira. Dizem que é d'ali que se projecta lançar um quebra-mar, com a extensão de 540 metros, em direitura ao monte Brazil. (Vid. *Chorographia Geral dos Açores* pelo sr Alberto Telles.)

Ponta de Tursaes, situada ao norte da ilha do Corvo.

Ponta da Vermelha, situada a nordeste da ilha Graciosa.

Ponta da Vieira, situada ao norte da ilha de S. Jorge.

Ponta de Villa Nova, situada ao norte da ilha Terceira.

Pontal, logar pertencente á freguezia do Guadalupe, ilha Graciosa.

Pontas Negras, logar pertencente á freguezia das Ribeiras, ilha do Pico.

Populo, pequeno logar pertencente ao concelho da Lagoa, ilha de S. Miguel, em que ha uma ermida da invocação de Nossa Senhora do Populo. Costuma haver uma romaria annual a esta ermida. Diz o sr. Alberto Telles na sua *Chorographia geral dos Açores*: «Pouco tempo antes de desembarcarem em S. Miguel as tropas liberaes a duqueza da Terceira, que estava nos Açores em companhia de seu marido, dava sempre com a vista na ermida do Populo, quando elle abria o mappa d'aquella ilha a estudar os pontos de ataque. Por esse motivo fez promessa á Senhora do Populo pelo bom exito da empresa do exercito libertador. E, tomada a ilha de S. Miguel, depois da gloriosa acção da *Ladeira da Velha*, a duqueza da Terceira, acompanhada de algumas damas e dos principaes chefes do exercito, foi ao Populo pagar sua promessa.»

Portella, logar pertencente á freguezia da Praia, ilha Graciosa.

Porto dos Carneiros, logar onde assenta a freguezia do Rosario da villa da Lagoa, ilha de S. Miguel. O seu nome é originado de haverem sido ali lançados pelos povoadores os primeiros carneiros que trouxeram para criação na ilha.

Porto Formoso, freguezia de Nossa Senhora da Graça, priorado de Nossa Senhora da Estrella da Ribeira Grande, concelho e comarca da Ribeira Grande, districto administrativo de Ponta Delgada, ilha de S Miguel Tem 427 fogos e 1.496 habitantes. E' situado em terreno plano, á beira-mar. O seu porto que é formoso deu-lhe o nome· Cultiva cereaes, cria gados e é abundante em pesca Tem um posto fiscal que cobra imposto de pescado.

Porto Judeu, freguezia de Santo Antonio, concelho, comarca e districto administrativo de Angra do Heroismo, ilha Terceira Tem 426 fogos e 1.611 habitantes. Parece que o nome foi devido ao ruim aspecto do seu porto de mar, pouco accessivel a desembarque. E' situado á beira-mar. Produz cereaes, legumes e vinho Os seus habitantes dedicam-se tambem á pescaria. Dizem ter sido ali que desembarcou Jacome de Bruges, donatario da ilha, com a gente que trouxe para a colonisar, indo estabelecer-se no sitio onde está localisada a villa da Praia Tem um posto fiscal que recebe imposto de pesca

Porto Martim, logar situado ao nordeste da freguezia do cabo da Praia, a que pertence. Tem uma ermida dedicada a Santa Margarida.

Porto Pim, situado na cidade da Horta E' uma pequena angra, onde ha armazens para guarda do azeite de peixe, das emprezas e navios baleeiros

Posto Santo, logar pertencente á freguezia de Santa Luzia, da cidade de Angra do Heroismo, ilha Terceira. Tem uma ermida da invocação de Nossa Senhora da Penha.

Povoação, villa antiga considerada do districto administrativo de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel. Deve o seu nome a ter sido o logar onde desembarcaram os descobridores da ilha e fizeram assento os seus povoadores em 1445, segundo dizem os chronistas. N'esta villa entre as lombas do Carro e do Botão, construiram os povoadores a primeira ermida em que se disse missa na ilha. A egreja principal d'esta villa é a Santa Mãe de Deus, que tem 1.572 fogos e 6.494 habitantes. E' a segunda freguezia no districto mais populosa e de todo o archipelago. Nas quatro freguezias que formam o concelho tem 2.802 fogos e 10.986 habitantes a saber: Mãe de Deus, 6.494; Santa Anna, 2.039; Nossa Senhora da Graça, 1.350; Nossa Senhora da Penha de França, 1 103. A villa tem a séde na primeira freguezia, que pertence ao priorado de villa Franca do Campo. E' séde de comarca por decreto de 12 de novembro de 1875. Esta villa soffreu immenso com os terramotos do dia 8 de fevereiro de 1881, que a arruinaram muito, derrubando muitas casas. Por essa occasião foi lançada por terra a ermida de Santa Barbara. Esta villa é abundante em caça. Conta um chronista cuevo que indo á Povoação, o bispo D. Frei Lourenço de Castro, lhe pediram os habitantes da villa elle excommungasse uma praga que tinham, e perguntando-se-lhes que praga era, responderam ser perdizes. A industria n'esta villa tem algum adiantamento. O terreno é fertil, especialmente na producção de castanhas, que constitue um commercio annual com diversos pontos da ilha. A imprensa é representada por dois jornaes semanaes a *Aurora Povoacense* e a *Lide*. No dia 26 de julho de 1879, appareceu n'esta villa o primeiro numero do *Povoacense*, redigido pelo nosso amigo sr. Antonio d'Amaral Vasconcellos, qne falleceu em 1893, e que, cremos, foi o primeiro jornal da localidade. Tem a villa

um posto fiscal que recebe imposto de pesca.

Praia, logar pertencente á freguezia de S. Pedro de villa Franca do Campo, ilha de S. Miguel.

Praia do Almoxarife, freguezia de Nossa Senhora da Graça, concelho, comarca e districto da Horta, ilha do Fayal. Tem 264 fogos e 1.061 habitantes. E' situada á beira-mar, em terreno plano e aprasivel. Dista da cidade pouco mais de dois kilometros. Produz cereaes e fructas. E' de abundante pesca.

Praia da Graciosa, villa desde 1546, com uma unica freguezia da invocação de S. Matheus, concelho de Santa Cruz, comarca da Graciosa, districto administrativo de Angra do Heroismo, ilha Graciosa. Tem 548 fogos e 1 734 habitantes. E' situada á beira-mar, tendo uma pequena bahia. E' de aspecto agradavel, como toda a ilha. Vista do mar é encantadora. Uma linha de casaria alvejante, estende ao longo da costa tendo por detraz uma cordilheira de montes e outeiros de variadas formas. Esta villa tem fontes de aguas mineraes, onde ha casas de banhos. Tem uma delegação postal de Angra do Heroismo. Produz vinho e cereaes. N'esta villa inaugurou-se a 17 de setembro de 1888 uma missão escolar pelo methodo do dr. João de Deus, que habilitou 127 alumnos. Tem posto de despacho de 2.ª classe.

Praia de Lobos, sitio da ilha de Santa Maria, onde aportou Gonçalo Velho Cabral, no dia 15 de agosto de 1432, quando a descobriu.

Praia do Norte, freguezia de Nossa Senhora das Dores, concelho, comarca e districto administrativo da Horta, ilha do Fayal. Tem 152 fogos e 646 habitantes. Tem um posto fiscal e posto de despacho de 2.ª classe.

Praia da Victoria. (Vid. *Villa da Praia da Victoria*).

Q

Quatro Ribeiras, freguezia de Santa Beatriz, concelho e comarca da villa da Praia da Victoria, districto administrativo de Angra do Heroismo, ilha Terceira. Tem 163 fogos e 671 habitantes. Foi a primeira povoação da ilha. E' situada á beira-mar sobre uma rocha. Esta freguezia floresceu no periodo em que produziu abundante pastel (*Isatis tinctoria*).

Queimada, logar pertencente á freguezia de Santo Amaro, ilha de S. Jorge. Está ali uma ermida dedicada a Nossa Senhora da Boa Hora.

Quietação, pequeno logar pertencente á villa da Ribeira Grande, ilha de S. Miguel.

Quitadouro, pequeno logar pertencente á freguezia e concelho de Santa Cruz, ilha Graciosa.

R

Rabo de Peixe, freguezia do Bom Jesus, do priorado de Nossa Senhora da Apresentação das Capellas, concelho e comarca da villa da Ribeira Grande, districto administrativo de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel. Tem 969 fogos e 3.977 habitantes. E' situada em terreno plano e muito fertil a 10 kilometros da cidade de Ponta Delgada. Como todos os nomes dos logares açorianos eram postos n'um relance d'olhos por quem seguia o seu caminho, absorvido unicamente na idéa de arrotear e povoar, o de *Rabo de Peixe*, dizem ter sido motivado, ou por assim o parecer a ponta que faz ao mar, ou, como diz Fructuoso, por se ter encontrado ali um grande peixe desconhecido e com tal cauda que os mouros que estavam no sitio a penduraram em logar alto, respondendo aos que perguntavam d'onde elles vinham que era de—*Rabo de Peixe*. Tem esta freguezia 28 barcos de pesca e 92 pescadores matriculados. Existe ali um posto fiscal que cobra imposto de pescado.

Ramalho, logar pertencente á freguezia de S. José da cidade de Ponta Delgada, ilha de S Miguel. E' muito povoado

Raminho, freguezia de S Francisco Xavier, concelho, comarca e districto administtativo de Angra do Heroismo, ilha Terceira. Tem 743 fogos e 2.812 habitantes.

Rasto de Cão, (Vid. *Rosto de Cão*.)

Rebentão, logar pertencente á freguezia de S. Pedro, ilha de Santa Maria.

Rebentão, pequeno logar pertencente á freguezia e concelho de Santa Cruz, ilha Graciosa.

Rego d'Agua, pequeno logar pertencente á freguezia do Rosario na villa da Lagoa, ilha de S. Miguel

Relva, freguezia de Nossa Senhora das Neves, concelho, comarca e districto de Ponta Delgada, priorado de S. Sebastião, ilha de S Miguel. Tem 595 fogos e 2.521 habitantes. E' freguezia bem situada á beira mar, 5 kilometros distante da cidade. O nome de *Relva* foi derivado dos grandes relvados que tinha no principio do povoamento.

Relvão, campo extenso, proximo das muralhas do Castello de S. João Baptista, em Angra do Heroismo, ilha Terceira. E' um dos bons passeios da cidade.

Relvão, campo proximo da Mãe de Deus, pertencente á cidade de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel Pertence á municipalidade que em virtude da portaria de 2 de janeiro de 1833 vae fazer n'aquelle logar a alameda da Liberdade ou de D. Pedro IV. Em 23 de junho de 1832, formou o exercito libertador e ahi assistiu a uma missa celebrada n'um altar de campanha, embarcando em seguida para Portugal, onde desembarcou nas praias do Mindello. D

Pedro assistiu a esta missa, pois havia chegado á ilha no dia 16 de fevereiro de 1832. Quem a celebrou foi o padre Marcos, capellão do imperador.

Relvas, logar pertencente á freguezia de S. Matheus, ilha do Pico.

Remedios, logar pertencente á freguezia da Bretanha, concelho de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel. Tem uma ermida da invocação de Nossa Senhora dos Remedios.

Remedios, logar do concelho da Lagoa, ilha de S. Miguel.

Restinga, logar da freguezia e concelho de Santa Cruz, ilha Graciosa.

Ribeira das Astingas, logar de villa Franca do Campo, ilha de S. Miguel.

Ribeira da Areia, logar da freguezia do Norte Grande, ilha de S. Jorge. Tem uma ermida da invocação de S. Miguel archanjo.

Ribeira do Cabo, logar pertencente á freguezia do Capello, ilha do Fayal.

Ribeira Chã, logar pertencente á freguezia de Agua de Pau, ilha de S. Miguel. Tem uma ermida com um capellão. E' muito habitado.

Ribeira Funda, logar pertencente á freguezia dos Fenaes da Vera Cruz, ilha de S. Miguel. Tem uma ermida de Nossa Senhora da Applicação. E' sustentada por patrimonio.

Ribeira Funda, logar pertencente á freguezia dos Cedros, ilha do Fayal.

Ribeira Grande, villa rica e populosa, séde do concelho e comarca d'aquelle nome, districto administrativo de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel. Tem duas freguezias na séde, a de Nossa Senhora da Estrella, que é priorado, e Nossa Senhora da Conceição. O concelho tem ao todo 8 freguezias, com 6.291 fogos e 25.207 habitantes, a saber: Nossa Senhora da Estrella, 6.087; Nossa Senhora da Conceição, 2.385; Fenaes da Vera Cruz, 1 919; Maia, 3.462; Porto Formoso, 1.596; S. Pedro, 3.481; Rabo de Peixe, 3 977; Pico da Pedra, 2.300 A villa tem a população nas duas freguezias principaes, de 8.472 habitantes. E' uma das villas mais ricas e importantes dos Açores. Está situada na costa setemptrional da ilha de S Miguel, a 15 kilometros da cidade de Ponta Delgada, n'uma planicie agradavel e lavada de bons ares. O seu nome é derivado de uma grande ribeira que lhe passa pelo meio. Foi erecta villa em 4 de agosto de 1507. Esta villa teve um grande periodo de florescimento com as fabricas de assucares que utilisaram a canna doce *(saccharium officinales)* e fabricas de pannos de lã e de algodão, fornecendo o vestuario aos habitantes da ilha. Era tão abundante na producção de linho que o padre Cordeiro, diz passarem de 1.000 os teares em toda a villa, exportando para o Brazil e continente N'esta villa abriu-se uma fabrica de lacticinios. Fundou-a o sr. Caetano José Velho de Mello Cabral S. ex.ª emprega na fabricação os mais modernos processos industriaes. E' para louvar o impulso que os proprietarios dão á agricultura, o que virá sem duvida fertilisar os cam-

pos e enriquecer as povoações açorianas. Tem um porto naturalmente defendido. Nasceu n'esta villa em 1658 a madre Thereza da Annunciada, que professou no convento da Esperança de Ponta Delgada e foi devota da imagem do Senhor Santo Christo, que ali se venera. O padre José Clemente, presbytero do oratorio de S. Filippe Nery, escreveu a sua vida. No cemiterio d'esta villa está sepultado o dr. Gaspar Fructuoso, historiador açoriano, que nasceu em 1522 em Ponta Delgada, fallecendo n'ella em 24 d'agosto de 1591 Deixou muitos trabalhos seus de incontestavel importancia, especialmente o manuscripto : *Des cobrimento das ilhas ou saudades da terra*. Tem soffrido muito com os terramotos Em 1563, vespera do dia de S. João, tremeu a terra valentemente accentuando-se os prejuizos na villa. Pertence a esta villa o sitio das Caldeiras. (Vid. *Caldeiras*). Actualmente a sua imprensa periodica está representada pelo jornal a *Estrella Oriental*, que sahiu em 26 de setembro de 1869. O primeiro periodico parece ter sido o *Campeador*, que sahiu no dia 18 de agosto de 1864, e de que era redactor o sr. Augusto d'Arruda Quental. O movimento jornalistico desde então até hoje tem sido importante. Tem esta villa sociedades recreativas, bandas de musica, etc. Ha carreira de omnibus diaria, entre a villa e a cidade. Tem um hospital. O municipio sustenta uma bibliotheca. E' comarca de 2.ª classe. A 11 de janeiro de 1881 falleceu n'esta villa Augusto Cesar Ferreira Cabido, legando alguns bens para a sustentação de um asylo de Mendicidade. Em 18 de junho de 1882 falleceu na mesma villa outro irmão legando parte da sua fortuna para a sustentação do pio estabelecimento. Este concelho tem 58 barcos e 227 pescadores. Tem posto fiscal que cobra imposto de pesca. A 11 de fevereiro de 1629 nasceu n'esta villa o chronista franciscano e historiador insulano frei Agostinho de Mnot Alverne.

Ribeira Grande, logar pertencente á freguezia da Calheta de Nesquim, ilha do Pico.

Ribeira Grande, logar pertencente á freguezia das Ribeiras, ilha do Pico.

Ribeira do Nabo, logar pertencente á freguezia da Urzelina, ilha de S. Jorge. No pequeno porto d'este logar foi onde a 9 de maio de 1831 desembarcou a força liberal que foi tomar a ilha fazendo-a reconhecer os principios constitucionaes. O logar tem uma ermida dedicada a Nossa Senhora da Encarnação.

Ribeira Quente, freguezia de S. Paulo, concelho e comarca da villa, da Povoação, districto administrativo de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel. Tem 20 barcos de pesca e 144 pescadores. E' ella que abastece de peixe o valle das Furnas, quando tem a população do verão. Tem posto fiscal que cobra imposto de pescado.

Ribeira da Salga. (Vid. *Salga*).

Ribeira Secca, freguezia de S. Pedro, priorado de Nossa Senhora da Estrella, concelho e comarca da Ribeira Grande, districto administrativo de Ponta Del-

gada, ilha de S. Miguel. Tem 915 fogos e 3 481 habitantes. Annualmente, pelo dia de S. Pedro, orago da freguezia, realisam-se ali as *Cavalhadas*, costume popular proprio da localidade, a que costumam concorrer muitos curiosos E' uma diversão pouco agradavel, como veremos, pela descripção que apresentamos. Ao raiar a aurora do dia de S. Pedro, um grupo de homens tocando instrumentos percorrem as ruas da villa, annunciando o festival. O sr. Joaquim Candido Abranches, descrevendo este costume michaelense, contanos da seguinte fórma o que elle é: «Findou a festa na egreja. Põe-se a multidão em ordem e desfila. Na frente marcha o maioral, vestido a capricho, em bem enfeitado cavallo; o rosto do cavalleiro é vendado por densa mascara; na cabeça avulta-lhe immenso chapeu, ornado de grande numero de cordões de oiro, brincos e outras joias do mesmo metal, que tudo junto fórma um valor sempre excedente a 600$000 réis. Seguem-n'o quinze ou vinte cavalleiros, adornados como elle, mas sem mascara. Atraz caminha a multidão, mascarada e a pé; uns conduzindo uma récua de lazarentas e infezadas burras, outros uma parelha das mesmas, puxando um arado, ou uma grade similhando lavrar a terra, emquanto outros semeiam baganha, mimoseando ao mesmo tempo as pessoas presentes com mãos cheias d'esta, lançada com força contra todos. Alguns, ordenhando as burras, offertam do mesmo modo o leite aos assistentes. O bando sempre alegre, e sempre tocando a sua musica monotona e sem variante alguma, pulando continuamente e recitando estrophes, ora picantes e allusivas a particulares e auctoridades locaes, ora sem significação conhecida, dirige-se a todas as ruas onde mora algum, ou alguns, dos que fazem parte da cavalhada (isto é, dos quinze ou vinte que marcham na frente). Chegados que são passam e repassam cinco vezes em frente da casa que vão cumprimentar. D'ahi dirigem-se a outra, e do mesmo modo a todas. O mesmo praticam nas egrejas onde haja algum santo que fosse discipulo de Christo. Se o adro é accessivel á cavalhada, ahi sobem e dão cinco voltas á roda do mesmo; se não, contentam-se em fazer o cumprimento que já descrevi. Pelas seis horas recolhe a cavalhada ao largo da egreja de S. Pedro, onde dá cinco voltas á roda do mesmo, encaminhando-se depois para um sitio distante, onde dispersa O auctor a que nos acabamos de referir, investigando o que motivava esta festa, colheu o seguinte: «Christo, Redemptor nosso, ao enviar o apostolo S. Pedro a prégar o Evangelho, disse-lhe: — Vae e préga a minha lei, mas com prudencia. Para que consigas o fim da tua missão, é preciso que primeiro te insinues na amizade dos habitantes das terras que percorreres. Não entres, pois, a prégar logo que chegues, mas sim diverte-te, com elles; e, quando conheças a sua amizade, converte-os então.» S. Pedro obedeceu, e os primeiros com quem travou conhecimento foram uns ricos que folgavam. Convertidos á fé, ajuda-

ram-n'o; e, marchando juntos, dirigiram-se aos campos onde o povo se entregava á lavoura das terras e ao cuidado de seus rebanhos. Ahi poude o santo fazer magna colheita de almas para a Bemaventurança. O maioral é o representante do santo apostolo; os outros quinze ou vinte, que são sempre os «imperadores» do Espirito Santo no anno futuro dos diversos «imperios» de toda a villa, os ricos que, illuminados por Deus, se convenceram da verdade do apostolo; a restante multidão é a que, trabalhando nos campos, foi convertida. A concorrencia a este festejo é sempre notavel, e o dia da sua realisação, aguardado com interesse.»

Ribeira Secca, freguezia de S. Thiago, concelho da Calheta, comarca de S. Jorge, districto administrativo de Ponta Delgada ilha de S. Jorge. Tem 725 fogos e 3 131 habitantes.

Ribeira Secca, logar pertencente á freguezia de S. Pedro de Villa Franca do Campo ilha de S. Miguel.

Ribeira Secca, logar pertencente á freguezia do Porto Formoso, ilha de S. Miguel. Situado no fim da Ladeira da Velha.

Ribeira Secca, ilheu situado ao Oeste da ilha de Santa Maria.

Ribeira das Tainhas, logar pertencente á freguezia de S. Miguel em villa Franca do Campo, ilha de S. Miguel. Tem uma ermida dedicada ao Menino de Deus. E' muito povoado.

Ribeiras, freguezia de Santa Barbara, concelho das Lagens, comarca do Pico, districto administrativo da Horta, ilha do Pico. Tem 491 fogos e 2.262 habitantes. E' situado em terreno um pouco elevado. Tem posto fiscal que cobra imposto de pescado.

Ribeirinha, freguezia de S. Pedro, concelho, comarca e districto administrativo de Angra do Heroismo, ilha Terceira. Tem 743 fogos e 2 812 habitantes. E' situada em terreno á beira-mar. Produz cereaes, e cria muitos gados.

Ribeirinha, freguezia de S. Matheus, concelho, comarca e districto administrativo da Horta, ilha do Fayal. Tem 310 fogos e 1.111 habitantes. E' situada n'uma rocha á beira mar. Tem posto fiscal que cobra imposto de pescado.

Rodrigues, denominação dada a um ilheu a Leste da ilha das Flores.

Ribeirinha, logar pertencente á freguezia de Nossa Senhora da Estrella, ilha de S. Miguel. E' muito povoado. Tem uma egreja e um cura

Ribeirinha, logar pertencente á freguezia do Guadalupe, ilha Graciosa.

Ribeirinha, logar pertencente á freguezia da Ponta da Piedade, ilha do Pico.

Rocha, pequeno logar pertencente ao concelho da Lagoa, ilha de S. Miguel. Tem fama de produzir bom vinho.

Rosaes, freguezia de Nossa Senhora do Rosario, concelho da villa das Vellas, comarca de S. Jorge, districto administrativo de Angra do Heroismo, ilha de S. Jorge. Tem 513 fogos e 1.552 habitantes. E' localisada n'uma ponta do Noroeste da ilha, á beiramar. Esta freguezia abastece toda

a ilha com a sua producção de cereaes.

Rosario, freguezia de Nossa Senhora do Rosario, concelho da Lagoa, comarca de Villa Franca do Campo, districto administrativo de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel. Tem 980 fogos e 4.248 habitantes.

Rosto de Cão, Denominação dada ao logar onde estão situadas as duas freguezias do Livramento e S. Roque, na ilha de S. Miguel. Este nome, segundo os antigos chronistas, foi derivado do ilheu que lhe fica em frente e que tem a configuração do rosto de um cão. Outros querem que seja *Rasto de Cão*, originado por terem os primeiros povoadores encontrado pelo caminho, rasto de um cão. E' mais admissivel a primeira versão e tanto que nos documentos officiaes o nome designado é *Rosto de Cão*. Ainda assim o povo chama *Rasto de Cão*.

Rosto de Cão, freguezia de Nossa Senhora do Livramento, priorado de S. Sebastião, comarca e districto administrativo de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel. Tem 388 fogos e 1.516 habitantes.

Rasto de Cão, freguezia de S. Roque, priorado de S. Sebastião, concelho, comarca e districto administrativo de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel. Localisada á beira-mar. Com a freguezia do Livramento, que lhe fica para o interior, occupa o logar de Rasto de Cão.

S

Salão, freguezia de Nossa Senhora do Soccorro, concelho, comarca e districto administrativo da Horta, ilha do Fayal. Tem 262 fogos e 1.121 habitantes. E' situada em terreno plano sobre uma rocha. N'esta freguezia costuma haver uma romaria á Senhora do Soccorro, onde apparece uma *dansa*, engraçada. Como é um costume popular caracteristico d'este logar, vamos reproduzir a descripção feita por um illustre author: «Só faltava a *dansa dos Arquinhos* que vinha de uma proxima freguezia, e a senhora mordoma dos Mangericões, que tambem não podia tardar. A *dansa* chegou primeiro. Eram uns vinte rapazes mascarados, metade d'este numero em trajos femininos: — a vestimenta é a capricho, predominando em todos a côr branca, com laços de fita côr de rosa e na cabeça uma especie de gôrros com galão doirado; as mangas dos vestidos das mulheres são de tufos, presas de distancia em distancia por largas fitas, das quaes tambem teem rosetas no corpete e nas saias, que não passam abaixo dos joelhos. Completam este luxo muitos cordões de oiro no pescoço, meias bem alvas, luvas brancas de algodão, e sapatos de bôcca em baixo com rosetas tambem côr de rosa. Cada mulher sustenta a extremidade de uma vara, curva, enfeita-

da de cassa branca e fitas de variadas côres, cuja extremidade opposta está na mão do seu par masculino. Differem d'estes uniformes trajos quatro figuras da dansa, a saber: o tocador da rabeca, o tocador do pifano (ao som de cujos instrumentos vêm marchando), e duas figuras grutescas, vestidas a capricho e armadas de ferrugentas espadas nuas, para enxotar o immenso rapazio que cerca os mascarados. O tocador da rabeca representa, invariavelmente, um militar: traz chapeu armado, com muitos galões, cabelleira com rabicho, farda toda abetoada reluzentemente, calça branca e botas até ao joelho O pifano, menos qualificado, póde vir vestido como quizer, comtanto que o seu trajo seja diverso do dos dansantes O bando dirigiu-se, com pompa, para o adro, parando em frente da porta principal da egreja, onde se agglomerou muita gente; os dois mascarados das espadas começaram então, a muito custo, a arrumar o povo para abrir espaço para o *brinco*, o rapazio tornou-se mais irrequieto, a rabeca e o pifano redobraram de enthusiasmo; e ao toque de um apito do *mestre* começaram os dansantes nas suas evoluções de ha muito ensaiadas, cruzando os arcos e fazendo figuras variadas, n'um movimento alegre e continuo, n'uma especie de batuque que durou aproximadamente um quarto de hora O enthusiasmo dos assistentes é grande ante aquelle espectaculo; nem ha diversão para o povo fayalense que possa rivalisar com uma boa *dansa de mascarados* Afinal, a um combinado apito do *mestre* todos estacaram, ficando, como antecedentemente, em duas alas, sustentando cada par o seu arco, mas os homens todos a um lado e as mulheres defronte. Do sitio em que então me achava impoleirado na banqueta do adro, via bem á minha vontade a physionomia alegre dos camponezes, com olhares trasbordando de prazer, e não sei como se aguentavam que, n'um transporte de regosijo, não investissem contra o bando, abraçando vehementemente dansantes e dansarinas. Foi providencial n'aquelle momento a entrada no adro de uma outra personagem, a senhora Mordoma dos Mangericões. Era uma rapariga de umas vinte primaveras, alta, formosa e robusta, toda vestida de branco e com enfeites azues, uma grinalda de flores na fronte, e destacando-se-lhe no peito, presa a grosso cordão d'oiro, uma imagem de Nossa Senhora, feita do mesmo metal. Os seus braços alvissimos e bem torneados vinham nus de qualquer adorno, e uns fios de contas brancas lhe cingiam os pulsos. Sustentava nas mãos um canéco de loiça pintada, no qual vegetava exuberantemente um copado pé de mangericão, com a sua flor miudinha e branca como uma poeira de neve por cima das verdes folhas. Ladeando a senhora Mordoma, umas vinte creanças da freguezia, todas vestidas e calçadas de branco, cabellos soltos e cintos azues, uns verdadeiros cherubins frescos e rosados, traziam cada uma uns pucaros de mangericões, de menores dimensões que o da Mordoma, e seguiam processionalmente, acompanhadas de

muito povo, dos paes e das mães, que se reviam n'aquelle esplendido quadro. São estes mangericões, a planta dilecta do povo fayalense, cuidadosamente cultivados, durante muitos mezes, para n'aquelle dia adornarem o altar de Nossa Senhora Os *dansantes* formaram, como uma guarda de honra, ao lado da porta da egreja; e a Mordoma, que é nomeada cada anno pelo parocho, seguiu com a sua infantil comitiva para o interior do templo, onde tambem entraram os mascarados e depois todo o povo. A egreja ficou litteralmente cheia; o altar da Virgem converteu-se n'um brilhante e odorifero camarim, replecto de luzes e flores; e a Missa da festa começou no meio do maior recolhimento e devoção,—sendo do adro, por essa occasião, lançados ao ar alguns foguetes e *respostas* bombas, bem como quando o Vigario subiu ao pulpito, e no solemne momento da elevação da Hostia Finda a cerimonia religiosa, o edoso parocho proclamou, do altar, quem no anno seguinte seria a senhora Mordoma dos Mangericões; o povo sahiu da egreja para vêr, mais uma vez, no adro, dansar os mascarados; e o prestito da Mordoma cessante, acompanhado do Vigario, dirigiu-se processionalmente até á casa d'esta, d'onde havia sahido, - tendo, porém, deixado no altar da Virgem as suas floridas offerendas Os mascarados foram então visitar diversas moradias da gente mais grauda da povoação, dansando ora n'um, ora n'outro sitio, e comendo á farta por todas aquellas casas; isto ajudado por frequentes libações. E eis o que é a festa da romaría da Senhora do Soccorro. Depois de partir a *dansa*, reunem-se os rapazes, apparece o melhor tocador de viola, e tem então logar na casa da Mordoma um baile que dura até á madrugada seguinte.

Salga. Vid. *Ribeira da Salga.*

Sanguinhal. logar pertencente á freguezia da Ribeira Secca, ilha de S. Jorge.

Sant'Anna. logar da freguezia de Santo Antonio, ilha do Pico. Tem uma ermida dedicada a Sant'Anna.

Santa Barbara. freguezia pertencente ao concelho da Villa do Porto, comarca da ilha de Santa Maria, districto administrativo de Ponta Delgada, ilha de Santa Maria Tem 253 fogos e 1.057 habitantes.

Santa Barbara. freguezia pertencente ao concelho, comarca e districto administrativo de Angra do Heroismo, ilha Terceira. Tem 471 fogos e 2.060 habitantes.

Santa Barbara. vid. *Manadas.*

Santa Barbara. logar pertencente a freguezia de Santo Antonio, ilha de S. Miguel. Tem ermida, com um cura

Santa Barbara. logar pertencente á freguezia de Nossa Senhora das Angustias da Horta, ilha do Fayal

Santa Clara. logar pertencente á freguezia de S. José, concelho de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel. Tem uma ermida e um cura. N'este bairro está o sitio d'onde sahe uma pequena ponta delgada ao mar, que deu o nome á cidade Os seus habitantes são

na maioria maritimos, empregando-se na pesca do porto e nos navios que vão ao bacalhau, nos bancos da Terra Nova. Segundo a ultima estatistica maritima tinha 31 barcos de pesca e 165 pescadores.

Santa Cruz. logar pertencente á freguezia das Bandeiras, ilha do Pico. No porto d'esta pequena povoação foi onde desembarcou a divisão constitucional da Terceira. Tem uma ermida dedicada ao Senhor Bom Jesus.

Santa Cruz da Graciosa. villa grande, cabeça do concelho de Santa Cruz, séde da comarca da Graciosa, e povoação principal da ilha Graciosa, onde é unico concelho. Tem uma só freguezia na séde com 641 fogos e 2.232 habitantes e tres ruraes a saber: Guadalupe, com 2.674 habitantes; Nossa Senhora da Luz, com 1.770; e S. Matheus, com 1.734 Ao todo conta o concelho e ilha 8.410 habitantes. E' assente á beira mar, em terreno baixo, voltada ao norte O seu porto é pouco seguro. Parece que o nome Santa Cruz dado á villa foi devido a ter sido a ilha descoberta ou começada a povoar a 3 de maio de 1450 (*Historia Insulana*, do padre Cordeiro), dia este em que a egreja festeja a Invenção da Santa Cruz. E' admissivel esta versão, comquanto não se possam apurar, com seguro juizo, as datas precisas dos descobrimentos açorianos. A egreja Matriz foi fundada em 1500, anno em que foi elevada a povoação de Santa Cruz a villa. N'esta villa existe uma cruz historica, que está collocada ha mais de tres seculos em frente do porto da Barra. O illustrado author da memoria a *Ilha Graciosa, descripção Historica e topographica*, diz o seguinte: «Em volta d'esta cruz, que parece á primeira vista feita de pedra, ha um gradeamento de madeira, de forma octogona e dentro um pedestal da mesma forma, com cinco degraus, medindo todos 2,m17 de altura. Em um d'estes lê-se o seguinte: Foi posta em 15 o Removida em 1867 O. P —D'aqui eleva se uma haste de 3,m64 de altura, tendo na parte superior uma esphera, parecendo tambem de pedra, com 0,m50 de diametro, onde está gravado este nome: Antonio de Freitas. E' sobre esta esphera que se ergue uma cruz de primoroso lavor artistico medindo 1,m38 em todo o seu comprimento. Como dissémos, este elegante e antigo monumento parece á primeira vista feito de pedra, porém julgamos ser outra a sua natureza, parecendo-nos mesmo uma massa talvez composta de talco com alguns productos mineraes; porquanto, segundo ouvimos, corta se como zinco, e em dias de sol vêem reluzir n'ella milhares de particulas metalicas, como brilhantes escamas douradas. Tem-se visto tambem vergar com os grandes vendavaes.» Esta villa tem uma delegação da alfandega, capitania do porto e estação postal. E' posto de despacho de 2.ª classe, e tem postos fiscaes.

Santa Cruz das Flores. villa, cabeça da antiga comarca das Flores, séde do concelho de Santa Cruz, districto administrativo da Horta, ilha das Flores. E' uma villa bonita, situada á beira mar, e com um bom porto. Tem

só uma freguezia na séde da villa, com 555 fogos e 2.397 habitantes. O concelho tem ao todo quatro freguezias a saber: Matriz, séde da villa, com 2.397 habitantes; Cedros com 337; Carreira, com 197 e Ponta Delgada, com 907. Ao todo 3839 habitantes que tem o concelho. A egreja da Matriz dizem que é d'um apurado gosto architectonico. A villa é de aspecto pittoresco, especialmente o espaçoso valle da Cruz, que existe nos seus arredores. Tem sido poupada pelos terramotos tão frequentes no archipelago. Como já dissemos as ilhas Flores e Corvo, teem sido isemptas de explosões vulcanicas E' de clima excellente, de solo abundante de cereaes e de boas aguas. Tem uma delegação da alfandega e da capitania da Horta. N'esta villa morreu o fr. Diogo das Chagas, prestante açoriano, politico, theologo e historiador. Tomou parte activa na expulsão dos hespanhoes da Terceira, em 1641, deixando um manuscripto sobre este acontecimento, o qual foi publicado em 1858 no jornal o *Panorama*. Data de 1885 a introducção da arte typographica n'esta villa. (Vid. *Flores ilha das*). Tem posto de despacho de 2.ª classe e postos fiscaes.

Santa Cruz, logar pertencente á freguezia das Ribeiras, ilha do Pico. E' muito habitado.

Santa Luzia, freguezia pertencente ao concelho, comarca e districto administrativo de Angra do Heroismo, ilha Terceira. Tem 663 fogos e 2.565 habitantes.

Santa Luzia, freguezia pertencente ao concelho de S. Roque, comarca do Pico, districto administrativo da Horta, ilha do Pico. Tem 283 fogos e 1.016 habitantes Nos seus arredores produz os melhores vinhos da ilha. E' situada em terreno elevado.

Santa Maria, a primeira ilha descoberta do archipelago. Pertence ao districto administrativo de Ponta Delgada com séde na ilha de S. Miguel. E' a setima ilha em grandeza. Está situada na latitude de 36°,58 N e na longitude 16°,3 a O. de Lisboa. Mede 18 kilometros de comprimento e 10 de largura, sendo de 117 kilometros quadrados a sua superficie. Gonçalo Velho Cabral, commendador de Almourol, sendo encarregado de descobrir este archipelago, deu com esta ilha (segundo os primeiros historiadores) a 15 de agosto de 1432, e que por resar em tal dia a egreja, de Nossa Senhora, lhe foi pelo descobridor posto o nome de *Santa Maria*. Gonçalo Velho desembarcou na ilha pela parte do oeste em uma pequena praia a que chamam de Lobos, por assim o parecerem as pontas que tinha no mar. Ali fundaram a primeira povoação. O infante D. Henrique fez mercê do logar de donatario d'esta ilha a Gonçalo Velho, o qual se encarregou de povoal-a, fazendo-o com pessoas de suas relações e de escolhida estirpe. O ponto mais elevado da ilha é o *Pico Alto* que mede 570 metros. Esta ilha é montanhosa, como todo o archipelago, não tendo bons portos, sendo o principal a bahia de Santa Maria onde está a villa do Porto. A costa da ilha é bastante profunda e de rocha tem um desenvolvimento de 28 milhas. Esta ilha

chama-se tambem de *fr. Gonçalo Velho*, por ser elle o seu descobridor, povoador e donatario A ilha tem pequenos baixios na sua proximidade. E' abundante em caça, coelhos, perdizes e patos bravos. E' abundante de pesca, e seria muito para apreciar o estabelecimento de uma fabrica de conservas ali, pois que aproveitaria o excellente peixe que superabunda do consumo local. Assim figura no commercio só com peixe salgado, que é exportado para as outras ilhas. As suas industrias principaes são a ceramica, existindo ali olarias rasoaveis e bons artifices, e a de lacticinios. Exporta tambem pedra calcarea e argilla parda A ilha tem 4 ilheus, o das Lagoinhas, dos Remedios, Ribeira Secca e do Castello N'esta ilha esteve Christovam Colombo na sua viagem do regresso da descoberta da America, aportando ali em 17 de fevereiro de 1493. (*Collecion de los Viages y descubrimentos, que hicieron por mar los Españoles .. por D. Martim Fernandes de Navarrete.*) Vid. *Os Açores a Calombo*, 1892, publicado em Ponta Delgada. A ilha exporta tambem gado. Os festejos mais populares são os do Espirito Santo que datam do povoamento da ilha. Estes festejos são ali solemnisados com grandes rasgos de caridade. Nasceu n'esta ilha a 12 de agosto de 1544, o bispo da Madeira D. Luiz de Figueredo de Lemos. Tendo sido vigario da freguezia de S. Pedro da cidade de Ponta Delgada, passou a deão da Sé d'Angra, sendo d'ali elevado a bispo da Madeira. Falleceu em 1608. A introducção da imprensa n'esta ilha data de 1885. No dia 9 d'abril de 1885 publicou-se o jornal o *Mariense*, e no dia 3 d'outubro do mesmo anno o *Correio Mariense*, que tiveram curta vida. Era redactor do ultimo, João Climaco do Reis, um typographo distincto. A ilha é de clima sadio, temperado e pouco humido, e os seus habitantes são muito amantes da sua terra. Constitue a ilha uma comarca, com um unico julgado, um concelho com 4 freguezias, e uma delegação da capitania do porto e alfandega de Ponta Delgada Tem um hospital de muito poucos recursos. A ilha tem a população de 6.232 habitantes, e 1.614 fogos. Distribue-se assim a população:

Matriz..........	2.507 hb.
S. Pedro............	820 »
N. S. da Purificação.	1.848 »
Santa Barbara........	1.057 »

A instrucção popular está pouco desenvolvida. Tem apenas 6 escolas de ensino publico official. O seu posto tem a matricula de 76 pescadores e 17 barcos de pesca. Os costumes populares do povo mariense, são eguaes com poucas variantes, aos das outras ilhas. As romarias, os bailaricos, os descantes e as festas do Espirito Santo. O domingo da Trindade é sempre esperado com alvoroco. E' costume, segundo nos informam, nas ruas ou sitios em que ha imperios do Espirito Santo os *mordomos*, (nome dado aos directores da festa), e conjuntamente com o *imperador*, (que é o pae da creança que corôa), fazer um grande jantar e distribuil-o de porta em por-

ta, por todas as pessoas pobres da localidade. No dia do imperio grandes cestos com fatias de pão de trigo e garrafões de vinho trazem os influentes pela rua, distribuindo aquillo com o mais santo enthusiasmo por todos os transeuntes.

Santa Quiteria, logar pertencente á freguezia de S. Matheus, villa da Praia, ilha Graciosa. Tem ermida dedicada a Santa Quiteria e um cura.

Santa Rosa, logar pittoresco nos suburbios da Fajã de Baixo, ilha de S. Miguel. Ultimamente construiu-se ali uma elegante ermida dedicada a Nossa Senhora de Lourdes que é a unica existente actualmente na ilha com esta invocação. Ha ali bons predios e está convertida n'uma deliciosa estação de verão.

Santo Amaro, freguezia pertencente ao concelho das Vélas, comarca de S. Jorge, districto administrativo de Angra do Heroismo, ilha Terceira Tem 288 fogos e 1.063 habitantes. E' situada em Terreno alto. Tem muitos pomares. A divisão liberal desembarcou n'esta no dia 9 de maio de 1831, sob o commando do conde de Villa Flor, depois duque da Terceira, n'uma bahia entre os Mysterios e a Fajã d'esta freguezia, pelo que os liberaes chamaram áquelle sitio: *Salto de Villa Flor*.

Santo Amaro, freguezia pertencente ao concelho de S. Roque, comarca do Pico, districto administrativo da Horta, ilha do Pico Tem 244 fogos e 809 habitantes. E' situada á beira mar. Tem posto fiscal.

Santo Amaro, logar pertencente á freguezia de Nossa Senhora da Conceição, cidade da Horta, ilha do Fayal.

Santo Antão, freguezia pertencente ao concelho da Calheta, comarca de S. Jorge, districto administrativo de Angra do Heroismo, ilha de S. Jorge. Esta freguezia pertencia á de Nossa Senhora do Rosario do Topo, de que era curato suffraganeo. O decreto de 6 de junho de 1889, determinou a creação da freguezia com este nome. A sua população está incluida na freguezia a que pertencia porque, no ultimo recenseamento, não foi separada. (Vid. *Topo*)

Santo Antonio, freguezia pertencente ao concelho, comarca e districto administractivo de Ponta Delgada, priorado de Santa Luzia das Feteiras, ilha de S. Miguel. Tem 538 fogos e habitantes 2.339. E' situada em rochedos á beira mar, pouco mais de 2 kilometros da freguezia das Capellas. Seus habitantes cultivam cereaes e criam gados.

Santo Antonio, freguezia pertencente ao concelho de S. Roque, comarca do Pico, districto administrativo da Horta, ilha do Pico. Tem 400 fogos e 1.417 habitantes. Assenta á beira mar.

Santo Espirito, freguezia de Nossa Senhora da Purificação, concelho da villa do Porto, comarca de Santa Maria, districto administrativo de Ponta Delgada, ilha de Santa Maria. Tem 451 fogos e 1 848 habitantes. E' situada em terreno alto á beira mar. E' terreno fertil e os seus moradores dedicam-se muito á pesca.

São Bartholomeu, freguezia pertencente ao concelho, co-

marca e districto administrativo de Angra do Heroismo, ilha Terceira. Tem 531 fogos e 1.998 habitantes. Está situada em terreno alto voltado ao sul.

São Bento, freguezia pertencente ao concelho, comarca e districto administrativo de Angra do Heroismo, ilha Terceira. Tem 329 fogos e 1.313 habitantes.

São Braz, logar pertencente á freguezia das Lagens, ilha Terceira.

São Braz, logar pertencente á freguezia do Porto Formoso, ilha de S. Miguel.

São Caetano, freguezia pertencente ao concelho da Magdalena, comarca do Pico, districto administrativo da Horta, ilha do Pico. Tem 363 fogos e 1.380 habitantes. E' situada á beira mar Tambem se conhece esta freguezia pela *Prainha do Gabão*

São Carlos, sitio formoso pertencente á freguezia de S Pedro, da cidade de Angra do Heroismo, ilha Terceira. E' povoado por boas casas para passar a estação calmosa, e verdejantes pomares.

São João ou **São João Baptista**, freguezia pertencente ao concelho das Lagens, comarca do Pico, districto administrativo da Horta, ilha do Pico. Tem 321 fogos e 1.227 habitantes E' situada em terreno pedregoso. Cria muito gado e a sua principal industria é a de lacticinios. Ali se fabricam os melhores queijos da ilha. São pequenos, mas de sabor muito agradavel.

São João Baptista, logar pertencente á freguezia de Santo Antão, ilha de S. Jorge Tem uma ermida e um cura E' muito habitado.

São Jorge, ilha do archipelago, a quarta em grandeza. Situada na latitude de 38°,23 N. e na longitude de 19°,7 a O. Mede 45 kilometros de comprimento, e 4 de largura média, tendo a area de 220 kilometros quadrados de superficie. Tem esta ilha dois concelhos o das Vélas com 6 freguezias e o da Calheta com 4. Pertence ao districto administractivo de Angra po Heroismo, e ao grupo central das ilhas do archipelago. Dizem ter sido avistada em 23 de abril de 1450, dia dedicado pela egreja a S. Jorge, do que lhe veiu o nome. Era considerada a quarta na ordem dos descobrimentos açorianos, sendo descoberta pelos habitantes da ilha Terceira, da qual dista 30 milhas. No seu principio foi tambem denominada por ilha *Branca* A ilha é limitada por altos rochedos, talhados a pique em pique em toda a costa do Norte. Foi povoada por Guilherme de Vendaroga, ou William van de Haogen, cognome que pelo decurso do tempo se transformou em Silveira. O povoador com a sua gente aportou ao ponto denominado do Topo, fundando a villa que tem este nome. O pico mais elevado da ilha é o da *Esperança* que tem 1.066 metros de altura. Tem esta ilha soffrido muito terramotos Em 1.580 foi consideravel a erupção vulcanica que ali houve, produzindo grandes estragos. O vulcão manifestou-se entre as freguezias de Santo Amaro e Urzelina. As lavas que correram, verdadeiras ribeiras de fogo, invadiram quatro localidades, destruindo e queimando tudo que encontravam. A activi-

dade d'este vulcão prolongou-se a mais de quatro mezes, calculam se em 4.000 as cabeças de gado que esta catastrophe victimou. Em 9 de julho de 1757 um valente terramoto, prejudicou as localidades da Calheta e Topo, morrendo muitos habitantes. No 1.º de maio de 1808, depois de uns ligeiros abalos de terra que sentiu a ilha, rebentou n'um pico da freguezia da Urzelina, um novo vulcão d'onde sahiram lavas que em alguns pontos attingiram altura superior a 40 palmos, segundo testemunhos oculares. Por muito tempo ficou a ilha sobresaltada por esta erupção. A ilha tem fama de ser a de melhor clima dos Açores, e de terreno fertil, produzindo cereaes em grande abundancia e cria muitos gados. E' abundante na producção da cultura da laranja, exportando em 1864 67, 5:200 caixas no valor de 3.120$000 réis. A sua principal industria é a de lacticinios, sendo o centro dos Açores, onde a sua fabricação é mais considerada e que gosa de melhores creditos. O queijo de S. Jorge, tem já bom acolhimento no continente. Fabrica bons pannos de linho, estopa e algodão. Os seus tecidos são perfeitos de manufacturação. A ilha tem muitos amadores de artes mechanicas. Esta ilha foi a primeira dos Açores que saudou o grito da independencia de Portugal em 1640 O primeiro jornal da ilha, passa por ser o *Jorgense*, que sahiu em 15 de fevereiro de 1871 na villa das Vellas. Collaborou n'elle o dr. João Teixeira Soares (Vid. *Terreiros*) Tem a ilha 6 barcos de cabotagem, 55 de pesca, e 255 pescadores matriculados.

São José, freguezia pertencente á comarca, concelho e districto administrativo de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel. Tem 1.489 fogos e 7.224 habitantes. E' a freguezia mais populosa da ilha. Está situada na cidade de Ponta Delgada e dão-lhe obediencias o logares do Ramalho, Bom despacho e Santa Clara.

S. Matheus, freguezia pertencente ao concelho, comarca e districto administrativo de Angra do Heroismo, ilha Terceira. Tem 552 fogos e 2.090 habitantes. E' situada n'uma rocha á beira mar. Produz muito cereal.

São Matheus, freguezia pertencente ao concelho da Magdalena, comarca do Pico, districto administrativo da Horta, ilha do Pico. Tem 262 fogos, e 1:478 habitantes. Produz boas vinhas e cereaes. N'esta freguezia nasceu o padre mestre, fr. Antonio do Rosario, que deixou de si bom nome, como professor e orador. Era contemporaneo do Padre Emiliano d'Andrade e com este principiou a ensinar as disciplinas philosophicas na ilha Terceira. Tem posto fiscal.

S. Miguel, uma das ilhas do archipelago, primeira em grandeza, e em importancia commercial. E' séde da Relação dos Açores, do districto administrativo de Ponta Delgada e do grupo occidental do archipelago Está situada 37°,44 de latitude N. e em 16,°37 de longitude a O de Lisboa Mede 61 kilometros de comprimento e 14 de largo, tendo 747 kilometros quadrados de superficie. Contam que esta ilha foi descoberta a 8 de maio de 1444 por Gonçalo Velho Cabral, e por ser aquelle dia

o da apparição do archanjo S Miguel, lhe foi dado o nome. Dizem ainda que um escravo da visinha ilha de Santa Maria é que avistou pela primeira vez, e d'aqui veiu a indicação ao aeronauta portuguez. Isto porem é impugnado. O que é certo é que tendo sido descoberta em 1432 a ilha de Santa Maria e em seguida povoada, só em 1445 foi colonisada a de S. Miguel. Os primeiros chronistas dão notas desencontradas sobre o descobrimento d'esta ilha. Gaspar Fructuoso no seu manuscripto *Saudades da Terra*, diz que ella foi descoberta em 8 de maio de 1444 e n'esse mesmo anno em setembro povoada. O padre Cordeiro na *Historia Insulana*, diz tambem ter sido descoberta em egual dia e anno, mas assevera ter sido povoada em 1445. Ora isto cahe por terra, desde que existem publicadas (*Archivo dos Açores*, tomo I, 1884) uma carta de D. Affonso V, datada de 2 de julho de 1439, em que concede licença para D. Henrique povoar *sete* ilhas dos Açores. Quanto ao nome da ilha, Gomes Eannes de Azurára na sua *Chronica do descobrimento e conquista de Guiné*, diz que o infante D. Pedro posera o nome de S. Miguel á ilha pela devoção que tinha por aquelle archanjo O que é assente de tudo como provavel é que Gonçalo Velho Cabral navegando pelo mar dos Açores, avistou primeiro os ilheus a que denominou das *Formigas*, depois Santa Maria, seguiu se em curto ou longo espaço S. Miguel, visivel d'aquella, e depois com o andar dos tempos as outras; de forma que em 1453 havia perfeito conhecimento das 9 ilhas do archipelago. Foram denominadas esta ilha e a de Santa Maria dos Açores, por terem confundido as aves de rapina que viram (*falcobuteo*) com o açor. A ilha é percorrida em toda a sua extensão por duas cordilheiras de montanhas que se elevam no occidente e no oriente, n'este está o Pico da Vara que tem 1.700 metros de altura, e é o ponto mais elevado da ilha. As montanhas deixam entre si cortados magestosos valles, sendo os mais notaveis o das *Furnas*, *Sete cidades e Lagoa do Fogo*. A costa da ilha tem um desenvolvimento de 83 milhas e é em geral elevada. Segundo Francisco Coelho, no seu *Thesouro da nobreza*, volume de pergaminho em folio existente na Torre do Tombo, a fl.s 10, a ilha de S. Miguel, tem o seguinte brazão d'armas: «Em campo de prata, um S. Miguel com a espada levantada e na mão esquerda a balança da justiça, calcando ao pés Satanaz. A ilha tem bons portos naturaes. Tem 119.179 habitantes, divididos pelos 6 concelhos, a saber :

Ponta Delgada	50.959	hab.
Ribeira Grande	25.207	»
Lagoa	11.545	»
Povoação	10.986	»
Villa Franca	10.474	»
Nordeste	10.068	»

Tem uma comarca de 1.ª classe que é Ponta Delgada, uma de 2.ª classe que é Ribeira Grande e duas de 3.ª que são Povoação e Villa Franca. As suas povoações mais importantes são a cidade de Ponta Delgada e os concelhos da Ribei-

ra Grande, Villa Franca do Campo e Povoação. A ilha produziu em tempo muita laranja que alimentou um commercio immenso com a Inglaterra, enriquecendo os proprietarios. A cultura da laranja data de 1580 na ilha, tomando incremento em 1821 com a liberdade do aforamento dos bens vinculados. Quando Fouqué, naturalista francez, visitou a ilha, não poude resistir á tentação de escrever: «S. Miguel, hoje a rainha do Archipelago, apresenta nas terras baixas uma serie quasi ininterrompida de quintas verdejantes onde se colhem todos os annos esses milhões de laranjas que são no inverno objecto de um commercio immenso com a Inglaterra. Um pouco mais acima, nas encostas, ha mattas novas de arvores variadas, oriundas de todas as regiões temperadas do globo; mas são os pontos culminantes da ilha, aquelles a que a Natureza parece haver reservado seus mais esplendidos ornatos» A exportação do fructo data de 1751. Em 1859 a laranja de S. Miguel produzia a sahida de 261:772 caixas, partindo d'ahi a média annual de 240:000 caixas, até que, atacados por diversas doenças os laranjaes, escasseou consideravelmente a producção. Segundo o catalogo da secção portugueza na Exposição de Paris, em 1878, a producção da laranja nos Açores, relativa ao anno de 1873, era na computação de *contos* ou *milheiros*, representada pelos seguintes algarismos:

S. Miguel	164:586	milheiros
Santa Maria .	520	»
Terceira	43:261	»
Graciosa	50	milheiros
São Jorge	6:360	»
Fayal	7:400	»
Pico	445	»
Flores	78	»
Corvo	5	»
Total ..	222:705	»

De 1870 a 1874 o consul portuguez em Londres, attribuiu á laranja das ilhas, os seguintes valores:

1870 ...	281:502	libras esterlinas
1871 ...	338:278	»
1872 ...	329:342	»
1873 ...	257:674	»
1874 ...	322:334	»

Avalia-se por estes dados o valor d'esta exportação para a ilha. A presença das doenças nos laranjaes data de 1834 com a *lagrima*, que em 1842 tomou proporções de epidemia na ilha de S. Miguel. Esta doença, fendia nas laranjeiras a base do tronco, d'onde sahia um liquido gommoso. A marcha da doença era rapida: declarada a sua presença, a casca despegava-se, o lenho e as raizes entravam em podridão, e a arvore succumbia As mattas resentiram-se tambem com a escassez da exportação da laranja. A madeira, pela sua qualidade, era utilisada na maior parte, em construcção de caixaria que conduzia o fructo aos mercados inglezes. A laranjeira doce (*Citrus aurantium*), cultivada nas ilhas, apresenta cinco importantes variedades, conhecidas pelos seguintes nomes populares *branca*, *umbigo*, *comprida*, *selecta* e *tangerina*. Existem tam-

bem nos pomares, a cidreira (*Citrus medica*), a limeira (*Citrus limotta*), o limoeiro (*Citrus limonum*), a laranjeira azeda (*Citrus bigaradia*), e a zamboeira (*Citrus decumana*). Outras culturas prenderam tambem em diversas epocas os cuidados dos michaelenses. Quando a Inglaterra apreciava muito o ananaz, ensaiou-se na ilha de S. Miguel a sua cultura. Foi ella tão proveitosa que o periodico *Tropical Agriculture*, impresso em Londres em 1877, disse o seguinte: «O ananaz está sendo cultivado com energia em S. Miguel. A producção d'esta cultura recente obtem grandes lucros no commercio inglez, e a qualidade do fructo é considerada superior aos ananazes importados de outros paizes; pelo que, se construirão grandes armazens para o guardar. O ananaz grande e de primeira qualidade vende-se por 16 a 20 *shillings*, de onde o agricultor tira um lucro de 35 a 40 por cento. Os ananazes de S Miguel são maiores do que os das Indias Occidentaes; alguns ha que teem o pezo de 12 a 13 arrateis. No embarque do fructo ha grandes cuidados em os remetter para Inglaterra em boas condições. Apanham-se os ananazes com algumas pollegadas de pé ou eixo de fructificação; de ordinario enche-se um vaso de flôres com moinha, e colloca-se o fructo de modo que, á primeira vista, parece que foi alli creado. Cada vaso com o seu ananaz é mettido n'uma grade de pau, feita á medida das dimenções do todo; o fructo é envolvido em papel e seguro para ir direito, sem risco de se tocar e menos ainda de se amolgar. O estabelecimento de estufas para o ananaz (*Ananassa sativa*) tomou grandes proporções; e a sua exportação, que parece datar de 1867-1868, com 427 fructos, elevou-se, no espaço de dez annos, a 34:532 fructos. Ultimamente tem obtido menos apreço. A cultura predominante, no presente, é a da batata doce (*Convolvulus batatas*). Justifica-se pela existencia de fabricas de alcool nas ilhas de S. Miguel e Terceira, que utilisam a batata para distillação. Como tentativas para o progresso agricola, indicaremos apenas e mui succintamente a idéa da implantação da industria do chá no archipelago açoriano. A 8 de março de 1878 chegavam á ilha de S. Miguel dois chinas, Lau-a-pan e Lau-a-teng (o primeiro, mestre manipulador do chá; e o segundo, intreprete e ajudante), contractados para ensaiarem e desenvolverem na ilha a industria agricola do chá. Hoje a ilha produz muito chá que é bem apreciado no continente e se vende na cidade de Ponta Delgada, o chá preto, a 1.500 rs insulanos o kilo. S. Miguel é a séde do commando oriental dos Açores. A ilha de S. Miguel tem a seguinte estatistica maritima: 1 navio mercante, 2 de recreio, 43 barcos de recreio, 10 de cabotagem e 261 de pesca, com 234 maritimos e 1.290 pescadores matriculados.

São Miguel o Anjo, logar pertencente á freguezia de S. Roque, ilha do Pico.

São Pedro, freguezia pertencente ao concelho, comarca e districto de Ponta Delgada, do priorado de S. Sebastião, ilha de S.

Miguel. Tem 1.111 fogos e 4 780 habitantes. E' uma das freguezias da cidade de Ponta Delgada.

São Pedro, freguezia pertencente ao concelho, comarca e districto de Angra do Heroismo, ilha Terceira. Tem 509 fogos e 1.970 habitantes.

São Pedro, freguezia pertencente ao concelho da villa do Porto, comarca de Santa Maria, dis tricto administrativo de Ponta Delgada, ilha de Santa Maria. Tem 232 fogos e 820 habitantes. E' situada n'uma rocha á beira mar. Cria muito gado vaccum.

São Roque, villa desde 10 de novembro de 1542, concelho e comarca de S. Roque que tem a sua séde na povoação do caes do Pico, districto administrativo da Horta, ilha do Pico. Tem a villa 389 fogos e 1 789 habitantes na freguezia Matriz. O concelho de S. Roque tem ao todo 1.731 fogos e 6.630 habitantes, divididos pelas seguintes freguezias: Matriz, 3.226 habitantes; Santo Antonio, 1.417; Santa Luzia, 1.016; Prainha, 1.599; e Santo Amaro, 809 O brazão d'armas da camara d'esta villa é a corôa e escudo nacional, e ao lado a cruz da Ordem de Christo com um açor de cada lado. Informou nos o nosso saudoso amigo sr. Antonio Lourenço da Silveira Macedo, que falleceu em 189... que gual brazão era o da villa das Lagens, da mesma ilha. No dia 8 de maio de 1882, inaugurou-se n'esta villa o «Gabinete de Leitura Marquez de Pombal», com uma solemne e sympathica festa. No dia 1.º de dezembro de 1883 foi estabelecida, junto ao gabinete uma sociedade recreativa. Parece que a imprensa periodica n'esta villa data de 1878 em que sahiu pela primeira vez o *Ecco Picoense* a 20 de outubro. A instrucção está ali muito desenvolvida. Tem esta villa uma sociedade para a pesca da baleia fundada entre 1884 a 85

São Roque, vid. *Rosto de Cão.*

São Sebastião, freguezia pertentente ao concelho de Ponta Delgada, séde do priorado d'este nome, ilha de S. Miguel. E' a freguezia principal da cidade. Tem 983 fogos e 5 075 habitantes.

São Sebastião, pequena villa pertencente ao concelho, comarca e districto administrativo de Angra do Heroismo, ilha Terceira. Tem 459 fogos e 1.826 habitantes. O logar onde ella assenta, chamava-se antes da carta que a elevou a villa em 23 de março de 1503, a Ribeira de fr. João. E' situada em terreno quasi plano, rodeada de montanhas. Produz muito cereal e legumes.

São Thiago, Vid. **Ribeira Secca,** da ilha de S. Jorge.

São Vicente, vid. **São Vicente Ferrer** ou **Ferreira.**

São Vicente Ferrer, ou **Ferreira,** freguezia pertencente ao concelho, comarca e districto administrativo de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel. Tem 456 fogos e 1.574 habitantes. E' bem situada e produz abundante vinho e fructas.

Sé, freguezia do Santissimo Salvador, concelho, comarca e districto administrativo de Angra do Heroismo, ilha Terceira. Tem 695 fogos e 3.108 habitantes. E' a principal freguezia da cidade de

Angra, séde do bispado açoriano. Vid **Angra do Heroismo.**

Serra de São Thiago, logar pertencente á freguezia de Santa Cruz, concelho da villa da Praia da Victoria, ilha Terceira.

Serreta, freguezia de Nossa Senhora dos Milagres, concelho, comarca e districto administrativo de Angra do Heroismo, ilha Terceira. Tem 197 fogos e 801 habitantes. A Serreta está situada no lado occidental da ilha, voltada ao sudoeste, em terreno alto. O seu nome vem derivado de uma pequena serra que lhe fica pelo norte. A invocação de Nossa Senhora dos Milagres, tem origem n'uma tradição popular. O logar da Serreta, pertencia no seu principio á freguezia das Doze Ribeiras. Havia no logar que não era habitado então uma pequena capella que conta a tradição fôra pelos fins do seculo XVI, edificada por um sacerdote, que sendo victima de perseguições se refugiára no logar. O povo começou a poetisar a historia da existencia da pequena capella e em pouco começou a haver uma romaria de devotos ao logar. Ainda hoje a egreja de Nossa Senhora dos Milagres, attrae todos os annos uma grande romaria da ilha. Um escriptor referindo-se a esta freguezia diz: (*Almanach insulano para 1874*). E com muitissima razão que os terceirenses a appellidam a *Cintra da Terceira*, pois embora em ponto mais limitado e sem as bellezas que proporcionam a arte de mistura com o natural, desmudada mesmo dos mais insignificantes monumentos architectonicos, é a povoação situada n'aquella eminencia, a mais formosa e pittoresca aldeia da nossa bella ilha. Possue a Serreta, alem da benignidade do seu clima, tão salutar e da sua agua potavel, reputada muito digistivel, uma ou mais nascentes de agua azeda, que correndo d'entre as rochas, se torna difficil ir buscar, mas ainda assim se procura para d'ella se fazer uso nos casos applicaveis; pois são estas aguas por vezes aconselhadas para molestias d'estomago, e muitos doentes d'ellas teem tirado o maximo proveito.»

Sete Cidades, pittoresco logar da ilha de S. Miguel. Tem uma povoação calculada em mais de 800 habitantes, que pertencem, parte á freguezia dos Ginetes, e parte á dos Mosteiros, ambas do concelho de Ponta Delgada. Dizem os primeiros chronistas, dr. Gaspar Fructuoso e Padre Antonio Cordeiro, que entre a viagem da descoberta da ilha de S. Miguel que marcam ser em 8 de maio de 1444, e o povoamento da mesma em 1445, presumem houvesse uma valente erupção n'esta ilha destruindo uma grande montanha que haviam visto os descobridores na ponta do Oeste na ilha e haviam marcado na configuração da mesma. D'esta erupção resultou ficar a Caldeira das Sete Cidades, que offerece uma encantadora vista, do cimo das montanhas que a rodeam. O nome de Sete Cidades segundo os mesmos historiadores, foi lhe dado n'esse tempo por existirem no fundo das duas grandes lagoas, sete pequenos montes. Que a caldeira das Sete Cidades é resultado de uma erupção vulcanica que destruiu u-

ma gigantesca montanha deixando no seu centro os valles onde se teem accumulado as aguas, formando duas magestosas lagoas, não resta duvida, que entre a viagem do descobrimento e a do povoamento se desse a erupção que fez esta caldeira, admitte-se: o que a historia regista são as datas. Como vimos já no logar competente (vid. *São Miguel ilha.*) não se póde assegurar com verdade o anno do descobrimento da ilha e mesmo os primeiros chronistas não se deram ao trabalho de apurar isto, guiando-se pelas informações que tinham. A cratera das Sete Cidades é formosissima e nenhum viajante que vem a S. Miguel deixa de visitar este logar. Vasta, ornamentada por uma exuberante vegetação, a cratéra deixa vêr o effeito do fogo que retalhou as suas montanhas de 200 a 450 metros de altura. No fundo apparecem as duas lagoas contiguas, cortadas por uma ponte que dá ingresso para o lado opposto do valle onde está um logarejo denominado o *Serrado das Freiras*, nome dado, segundo a tradição, pelos primeiros habitantes que para ali foram, por terem encontrado na terra uma campainha. Alimentam estas lagôas as aguas pluviaes. N'uma margem em posição pittoresca desenrola-se a pequena povoação, formada de casas pobres, a principio cabanas cobertas de palha e ainda hoje pobres e despretenciosas. As lagoas encheram um dia, entraram pelas casas pobres dos moradores, puseram os na rua. Não lhes poderam obstar. Os proprietarios do logar, abriram então uma rua larga em terreno seu e favoreceram a construcção de casas rasoaveis para moradia das pobres familias. Aquella rua chama-se da *Caridade*, nome posto pelo povo. Os seus habitantes, são muito pobres, o logar é fraquissimo de producção, e elles occumpam se na lavagem de roupa São d'ali as lavadeiras da cidade, e os carvoeiros. As mulheres vão para a lagoa lavar os saccos de roupa que semanalmente levam das familias da cidade, os homens vão para as rochas queimar as arvores e plantas silvestres para fazerem o carvão. Pobres, muito pobres. N'este valle ao lado das casas, eleva-se uma bonita egreja construida pelo coronel sr. Nicolau Maria Raposo do Amaral, e onde pela primeira vez em 16 de agosto de 1857 se resou uma missa, havendo na vespera fogo preso A egreja é da invocação de S. Nicolau, bispo de Mira N'este dia de alegria para aquelle pobre povoado um pequeno castello que o mesmo proprietario tinha n'uma margem da lagoa, deu uma salva de 21 tiros. Foi um dia de festa para aquella pobre gente. N'aquella egreja está um padre capellão. O abastado proprietario d'ella o sr. José Maria Raposo d'Amaral, digno par do reino, interessa se muito pela prosperidade d'este logar. Nas lagoas tem lançado o distincto michaelense grandes variedades de salmoides. Existem ali Trutta commum (*salmo fario*) e a Gillarvo trout. Os ovos vieram da Inglaterra, em diversos annos. Por muito tempo tem pensado introduzir ali o *Ombre chevalier* (salmo salvelinus), mas teem si-

do infructiferas as tentativas. As trutas desenvolvem-se muito no valle, tendo apparecido mortas algumas com 0,m60 de comprimento. Não se sabe se se reproduzem nas lagoas Como se vê ao digno par do reino se deve a introducção da industria piscatoria nas ilhas, que a desenvolver-se póde vir a povoar as abundantes lagoas e aguas correntes que existem no archipelago. Sobre este valle e sobre a conveniencia de limitar as aguas das lagoas que avançam de anno para anno sobre a povoação por não terem por onde se esgotem, temos presente nma noticia publicada em 1889 n'um jornal de Lisboa que vamos, com a devida venia, reproduzir: «Na lagoa das Sette Cidades, ilha de S Miguel, procedeu-se ha pouco a uma sondagem da mesma, para base de um estudo de esgoto, afim de que muito terreno que tem sido innundado fique a descoberto e seja aproveitado para cultura. Desde as sondagens de Vidal feitas em 1844 as aguas d'aquella enorme lagoa, ou nivel das mesmas, subiram 8m,02, differença esta assaz consideravel, porque tendo os terrenos das margens, sobretudo, os da lagoa Grande, pequenissima inclinação, uma differença de nivel assim, fez com que fossem muitos terrenos innundados e algumas habitações. Para trazer as lagoas a um nivel determinado ha 3 projectos: — por meio de bombas a vapor, por meio d'um tunnel, ou perfurar o terreno até encontrar uma camada de terra porosa e por grandes encanamentos dar vasante ás aguas. Os dois primeiros são dispensados, o terceiro parece ser o preferido e já proposto ao governo pelo engenheiro michaelense sr. Marianno Machado de Faria e Maia. Quando ha um dia de sol forte, a lagoa desce pela evaporação 0m,010, e quando sombrio apenas 0,002 ou 0,003 por infiltração. O nivel d'esta enorme lagoa, que se acha dividida em duas, está actualmente a 251,m00 do nivel do mar, e o seu maior fundo é de 33,m50 (lodo) e da chamada lagoa Grande e da pequena ou Azul 29,m50 tambem (lodo). A lagoa Grande tem de comprimento 2:600m,00, de largura 2:400m,00, e de superficie tres milhões oitocentos e tantos mil metros. A superficie da lagoa Pequena ou Azul, é de um milhão de metros. Os trabalhos da sondagem foram encarregados pelo engenheiro sr. Marianno Machado de Faria e Maia, ao sr Augusto Cabral. Ainda, em resumo, temos a seguinte nota das dimensões das caldeiras das Sete cidades: Area da lagoa Grande 3:917.764,000 metros quadrados. Area da lagoa Pequena 905.064,000 metros quadrados. Area das outras lagoas 333.280,000 metros quadrados. Area dos terrenos occupados 13:444.668,000 metros quadrados. Area do recinto creteriforme ou cadeira: 18.600:776,000 metros quadrados. Os melhores edificios d'este valle depois da egreja são o pertencente ao illustrado michaelense sr. dr. Caetano d'Andrade Albuquerque, um dos maiores proprietarios do logar, e que muito auxilio tem prestado á pobre população, e a residencia do sr. Joaquim Alvares Cabral, proprietario no sitio da Seára. Ha ali uma casa de hospe-

des, que serve bem os visitantes. Já se póde ir hoje de carro até ao valle, por haver um caminho feito pelo municipio para transitar de trem. Ainda assim, no geral, vão pela Lomba da Cruz, onde fica a carruagem, indo d'ali o viajante a cavallo. Da cidade á Lomba da Cruz um trem por levar e trazer 2 pessoas custa 3$000 rs insulanos; 4 pessoas, 3$750 rs. O valle visita-se n'um dia. Tem uma escola publica, mixta.

Sete Cidades, logar pertencente ao concelho da Magdalena, ilha do Pico. E' muito habitado. N'esta pequena povoação por occasião das festas ao Espirito Santo, costuma haver um *entremez*, que é assim descripto por um distincto escriptor: «Consiste esta demonstração de estima pela arte dramatica n'um estrado levantado sobre pipas, o qual serve de palco. A armação do *theatro* é formada de colchas e dividida em duas partes: uma vedada aos circumstantes, onde se escondem os actores; e a outra, á da frente, exposta aos avidos olhares da multidão, que em volta está agrupada. N'este *theatro* ao ar livre os comicos apparecem de mascara na cara, sendo geralmente homens da arte do mar, ou algum mais intelligente trabalhador da localidade. Ao palco não sobem mulheres. As peças escolhidas nunca vão além do *Doutor Sovina*, *A giria das moças*, *O Velho Zangalho*, ou *O lorpa da aldeia*. São incriveis os curiosos incidentes que acompanham a representação os dialogos que se cruzam entre os actores e os espectadores, e os applausos que recebem aquelles patuscos quanto mais destemperos exhibem: As ovações são continuas, quentes, francas, enthusiasticas; tudo ali agrada, comtanto que faça rir aquella boa gente, que esquece durante uma hora um anno inteiro de provações, de trabalho, e não poucas vezes de miseria.»

Silveira, logar pertencente á freguezia de S. Pedro, ilha Terceira.

Silveira, logar pertencente ao concelho das Lagens, ilha do Pico.

T

Taledo, logar pertencente á freguezia do Norte Grande, concelho das Velas, ilha de S. Jorge.

Terceira, uma das ilhas do archipelago, distincta pela sua historia politica. E' a segunda ilha em grandeza De forma elliptica, tem 31 kilometros de comprimento, 17 de largura e uma superficie de 500 kilometros quadrados. E' montanhosa e accidentada. Está situada em 38°40' de latitude N. e em 18°7' de longitude a O. de Lisboa. O seu nome é derivado de ter sido a terceira na ordem dos descobrimentos açorianos. Primeiro foi Santa Maria, depois S. Miguel e em seguida, pelos annos de 1444 a 1450 a ilha Terceira. Dizem os chronistas ter sido vista

em dia consagrado a Nosso Senhor Jesus Christo e por isso lhe chamaram tambem no principio da colonisação *ilha de Jesus Christo*. Francisco Coelho, no seu *Thezouro da Nobreza*, volume de pergaminho existente na Torre do Tombo, diz que as armas da ilha Terceira são «uma cruz vermelha (cruz de Christo) em campo de prata, com dois Açores um de cada lado da base da cruz.» O primeiro donatario da ilha foi Jacome de Bruges, sendo elle quem colonisou a ilha. A Terceira é a séde do grupo central do archipe lago, que é composto das ilhas Terceira, S Jorge e Graciosa. Tem grandes montanhas sendo os pontos mais elevados o Monte Brazil, o pico de Santa Barbara, que tem 1.066 metros de altura, e o das Contendas. Todos estes sitios são cobertos de grandes florestas e de lagos que fornecem agua para as povoações. A costa da ilha tem um desenvolvimento de 54 milhas e é escarpada tornando a inabordavel a não ser as bahias da cidade de Angra e villa da Praia A população da ilha é de 46.741 habitantes e tem 12.089 fogos. A ilha dedica-se muito á agricultura, produzindo cereaes para consumo local e exportação. Tem muitos baldios que servem de pastoreação ao grande numero de gados que possue, sendo a unica ilha nos Açores onde se cria gado bovino bravo. Em quasi todos os pontos da ilha se encontram vestigios de algum vulcão extincto. Em 1547 um violento terramoto produziu na ilha grandes prejuizos. Em 1647 foram elles tão valentes que o povo denominou o anno, pelo dos *terramotes*. Em 1720, a 10 de outubro, viram sahir do mar uma grande erupção que fez uma pequena ilha que desappareceu em 1723. Em 1761, rebentou o fogo entre o pico Gordo e a Serra de Santa Barbara, havendo uma valente explosão no sitio da caldeira d'aquella serra. Em 1841 foi muito arruinada a villa da Praia da Victoria. Em 1867, deu-se uma erupção submarina a 5 kilometros da costa da ilha. Este phenomeno foi curioso. No principio ficou a superficie do mar coberta de uma substancia amarella que se indicou como enxofre e ao mesmo tempo que se faziam ouvir grandes detonações, notou-se o desenvolvimento de materias gazozas, concluindo por se elevar um jacto d'agua de elevadas dimensões, expellindo grandes penedos. A administração dos capitãesdonatarios acabou em1766, por ser em decreto de 2 de agosto d'aquelle anno, nomeado o capitão general para governar as ilhas do archipelago. Até ali os donatarios gosavam da auctoridade militar, e uma grande parte da civil e criminal, e a faculdade de distribuirem as terras incultas por quem lhes parecesse. O commercio principal da ilha tem sido e é o dos cereaes, laranja, producção de fabricas de moagem, louças, lacticinios, tabaco, alcool, etc. E' tão fertil a ilha da Terceira que um escriptor diz, e com verdade, durante 1828 a 1832 em que houve um bloqueio posto pelas forças de D. Miguel, e achando-se a maior parte dos seus habitantes empregada no manejo das armas, nunca se sentiu carestia dos obje-

ctos de primeira necessidade. Esta ilha pertence ao districto administrativo de Angra do Heroismo. Tem dois concelhos, Angra com 17 freguezias e villa da Praia da Victoria com 9. O primeiro tem uma comarca de 1.ª classe e o outro de 2.ª. Esta ilha segundo a estatistica maritima tem 1 navio mercante, 17 barcos de recreio, 23 de cabotagem, 116 de pesca, com 33 maritimos e 647 pescadores.

Terra Alta, logar pertencente á freguezia de Santo Amaro, ilha do Pico.

Terra Chã, freguezia de Nossa Senhora de Belem, concelho, comarca e districto administrativo de Angra do Heroismo, ilha Terceira. Tem 377 fogos e 1.350 habitantes. Dista pouco mais ou menos 5 kilometros da cidade de Angra.

Terra do Conde, logar pertencente á freguezia de Santa Cruz, ilha Graciosa.

Terra do Pão, logar pertencente á freguezia da Prainha do Galeão, (São Caetano), ilha do Pico. Tem uma ermida dedicada a Santa Margarida.

Terreiro, logar pertencente á freguezia das Ribeiras, ilha do Pico.

Terreiros, logar pertencente á freguezia das Bandeiras, concelho da Magdalena, ilha do Pico.

Terreiros, logar pertencente á freguezia das Manadas (Santa Barbara), ilha de S. Jorge. N'este logar nasceu aos 12 de setembro de 1827 o dr. João Teixeira Soares de Souza, erudito jorgense, que falleceu na cidade de Ponta Delgada no dia 1.º de julho de 1882. Era muito dedicado á historia açoriana. A elle se deve a introducção da imprensa na ilha de S. Jorge. A camara da villa das Vélas accedendo a um pedido da redacção do periodico o *Respigador*, no seu n.º 14, de 20 de janeiro de 1889, dedicado ao illustre jorgense, passou a denominar a rua *Nova* onde havia a casa do finado, por *rua do dr. João Teixeira*. O dr. Teixeira colleccionou grande parte das composições do *Cancioneiro Açoriano*, publicado em 1869 e prefaciado pelo sr. dr Theophilo Braga.

Todes, logar pertencente ao concelho da Magdalena, ilha do Pico.

Topo, antiga villa, freguezia de Nossa Senhora do Rosario, pertencente ao concelho da Calheta, comarca de S. Jorge, districto administrativo de Angra do Heroismo, ilha de S. Jorge. Tem 852 fogos e 2.842 habitantes. Foi o logar onde se assentou a primeira povoação da ilha. Está assente á beira mar, em terreno alto. Tem posto fiscal.

U

Urzelina, freguezia de S Matheus, concelho das Vélas, comarca de S Jorge, districto administrativo de Angra do Heroismo, ilha de S. Jorge. Tem 325 fogos e 1.794 habitantes. Recebeu este nome pela grande cultura de urgella (*rocella tinctoria*) que se en-

controu no principio do povoamento, sendo a sua primeira riqueza de producção. Está situada á beira mar, em terreno baixo e agradavel. Produz bons vinhos. Em 1580 e 1808 soffreu muito das erupções vulcanicas que houve na ilha. Especialmente no ultimo anno o vulcão destruiu quasi toda a freguezia, pelo que ainda hoje se celebra no 1.º de maio, uma procissão religiosa commemorativa de tal phenomeno. Tem um posto fiscal que cobra imposto de pescado.

V

Vallas, logar pertencente ao concelho de Santa Cruz, ilha das Flores.

Valle de Cabaças, sitio pertencente á freguezia de Agua de Pau, ilha de S. Miguel. N'este logar estabeleceram residencia os padres erimitas do valle das Furnas, quando sahiram d'ali impellidos pela erupção da noite de 2 para 3 de setembro de 1630, que derrubou a egreja que elles ali tinham. Trouxeram das Furnas uma imagem de Nossa Senhora da Consolação que poseram n'essa ermida que edificaram no valle de cabaças, onde estiveram até á suppressão dos conventos em 1834.

Valle da Cruz, pittoresco logar da villa de Santa Cruz, ilha das Flores. E' de encantador aspecto pelas encostas que o abrigam ornamentadas de exuberante vegetação e povoado de poeticas cascatas formadas por uma ribeira que se lança dos montes. E' um dos logares digno de ser visitado na ilha.

Valle das Furnas, vid. *Furnas*.

Valle de Linhares, pequeno logar que pertence á freguezia de S. Bento, do concelho de Angra do Heroismo, ilha Terceira.

Valle das Sete Cidades, vid. *Sete Cidades*.

Valverde, pequeno logar pertencente ao concelho da villa do Porto, ilha de Santa Maria.

Varadouro, sitio pertencente á freguezia do Capello, ilha do Fayal. E' porto de mar e povoação de maritimos.

Varzea, logar pertencente á freguezia dos Ginetes, concelho de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel. Tem uma ermida dedicada a Jesus Maria José e um cura.

Vélas, principal villa desde 1517, da ilha de S. Jorge, séde de concelho, comarca de 3.ª classe, pertencente ao districto administrativo de Angra do Heroismo. Tem o concelho das Vélas 2.462 fogos e 8930 habitantes, pertencendo á freguezia de S. Jorge, séde da villa 2.030 habitantes. A povoação é de aspecto agradavel situada na costa do sul da ilha, nas faldas de uma montanha. E' de agradavel clima e o seu solo é de abundante producção. A villa tem um bom caes de desembarque, com delegações da alfandega e capitania do porto de Angra do Heroismo, com uma secção da guarda fiscal. Nasceu n'esta villa, sendo baptisado a 21 de setembro

de 1667 D. frei Bartholomeu do Pilar, 1.º bispo do Pará. Tem representação n'esta villa a imprensa periodica, apresentando jornaes distinctamente redigidos. Tem o concelho seis freguezias. Tem um hospital que se começou a construir em 1708, instituido por legado de D. Beatriz de Mello, que nasceu no primeiro quartel do seculo XVII. O concelho d'esta villa tem 1 barco de cabotagem 33 de pesca e 130 pescadores. E' posto de despacho de 1.ª classe

Victoria, logar pertencente á freguezia do Guadalupe, ilha Graciosa. Existe ali uma ermida feita por esmolas do povo. Contam historiadores que em 19 de maio de 1623, chegara á ilha 8 fragatas d'Argel, com piratas, e ancoraram n'este sitio chamado então de Affonso do Porto. Por tres vezes tentaram desembarcar mas os habitantes da ilha obstaram valentemente. Nos navios vinha um natural da ilha, o qual sendo resgatado em Argel, veiu para Lisboa e com as esmolas que tirou mandou fazer uma imagem de Nossa Senhora da Victoria, fazendo o povo a ermida em que elle viveu como ermitão e morreu. Ali está uma escola mantida e fundada por um illustre graciosense.

Villa Franca do Campo, antiga villa, séde de concelho, cabeça de comarca de 3.ª classe, districto administrativo de Ponta Delgada, ilha de S Miguel. Tem duas freguezias: S. Miguel com 5.080 habitantes, e S Pedro com 2.594. O concelho tem alem d'estas duas a freguezia de Nossa Senhora da Piedade com 2.800 habitantes, ao todo 10.474 habitantes com 2.423 fogos. Está situada n'uma planicie voltada ao sul, 25 kilometros distante, a leste da cidade de Ponta Delgada. E' a villa mais antiga do archipelago, sendo-o já por 1522, onde era a séde da residencia dos donatarios da ilha. Villa Franca foi pois a capital da ilha, desde o povoamento até 1499, em que foi elevada áquelle titulo Ponta Delgada, que em 1507 foi confirmado e só em 2 d'abril de 1546 é que se elevou a cidade. Segundo o padre Cordeiro chamou-se villa do *Campo*, por ser situada em um campo quasi raso com o mar; e *Franca* porque desde o seu principio sempre com franqueza e liberalidade pagou os direitos que lhe exigiam. Em 1522 foi esta villa victima de um cataclysmo que a submergiu. Este phenomeno teve logar ás 2 horas da madrugada do dia 22 de outubro d'aquelle anno, estando o tempo sereno. Do pico do Rabaçal, distante cerca de meia legoa da villa, desligou-se uma grande montanha de terra e rocha, e rolando sobre o povoado o cobriu completamente até ao mar. Calculou-se o numero de victimas em 5.000. As pessoas que escaparam ao desastre e os habitantes de outras povoações da ilha, procederam a grandes excavações alcançando assim salvarem muitas pessoas, que permaneciam debaixo da terra, dentro das suas habitações. Ainda ha poucos annos se encontrou em excavações, vestigios da antiga villa, porque a actual foi construida depois d'aquelle anno. Em 1857, ao abrirem-se alicerces para uma casa, encontraram-se restos de outra, e em

1879 appareceram n'uma excavação *reaes* de cobre dos reinados anteriores a D. Manuel E' possivel que outras curiosidades se tenham encontrado o que seria util para o estudo da archeologia. A musa popular incitada por este cataclysmo, compoz um trabalho que o descreve minuciosamente. O pequeno porto da villa é abrigado. Esta villa foi theatro do barbaro desbarato das derradeiras esperanças do principe portuguez D. Antonio, Prior do Crato. O principe depositou confiança n'uma grande armada que sahiu da Terceira com 60 velas e 8 000 homens de desembarque para a ilha de S. Miguel. Um grande temporal fez com que retrocedesse para o porto da partida, levando alguns navios destroçados e sem noticia de outros que ficaram nos mares das ilhas. Estes ainda em grande numero aproximaram-se da costa de S. Miguel, indo encontrar nas aguas de Villa Franca uma poderosa armada de 40 vellas, do marquez de Santa Cruz que vinha em nome de Filippe II de Hespanha. Em 26 de julho de 1582, entraram as duas frotas em combate, mas com tal desordem o fizeram as forças do Prior do Crato, segundo os melhores escriptores, que dentro em pouco tiveram que se render. N'esta esquadra vinha o fidalgo, conde de Vimeoso, como general do mar, e para capitanear em terra o conde marechal *Filippe Strossy*. As embarcações esbandalhadas, umas retiraram-se para a Terceira e outras fugiram do combate. O marquez de Santa Cruz, triumphante então tratou com requintada barbaridade os vencidos, dando um sangrento espectaculo na villa, mandando decapitar, enforcar e matar os prisioneiros que fez. N'esta villa nasceu em 1562, Bento de Góes, notavel explorador do seculo XVII que atravessou a Asia. Falleceu a 11 de abril de 1607, na China, em serviço da companhia de Jesus, de que era coadjutor temporal. Na villa existe um pequeno largo com o nome d'este villafranquense considerado na historia das viagens e descobrimentos geographicos dos portuguezes. Tem esta villa bonitos passeios, excellentes pontos de vista como o alto da Senhora da Paz, o aterro, o ilheu, etc. A imprensa está representada no jornal *A Liberdade*, que tem 14 annos de existencia e é redigido pelo nosso presado amigo, revd.° Manuel José Pires. Tem duas bandas de musica e a festividade religiosa mais popular é a do *Senhor da Pedra*, que se festeja annualmente. Existe ali um bom hospital, um facultativo e casa para hospedes. Tem carreira de omnibus com a cidade. Produz muitos cereaes e legumes. N'esta villa preparam-se os melhores doces, tendo afamdas *queijadas* que envia para a cidade quasi diariamente. Ha tambem boas floristas, apparecendo flores feitas artisticamente de cabello, linha, pennas de aves, etc. Tem ricos pomares e encantadores jardins Os seus habitantes orgulham-se da nobresa d'esta villa. Em tempo a sua principal producção foi a do assucar, hoje não offerece nada de notavel entre industria geral de S. Miguel. Tem o concelho d'esta villa um grande

movimento maritimo. Segundo a estatistica que temos presente existem 5 barcos de cabotagem com 45 maritimos e 36 barcos de pesca com 132 pescadores. Tem posto de despacho de 2.ª classe. Vid. *Ilheu de Villa Franca do Campo.*

Villa Nova, freguezia do Espirito Santo, concelho e comarca da villa da Praia da Victoria, districto administrativo de Angra do Heroismo, ilha Terceira. Tem 447 fogos e 1.695 habitantes. E' situada em terreno plano Tem porto de mar. E' abundante de pesca. Tem posto fiscal que cobra imposto de pescado.

Villa da Praia. Vid. (*Praia da Graciosa*)

Villa da Praia da Victoria, villa importante, séde de concelho, comarca de 3.ª classe, districto administrativo de Angra do Heroismo, ilha Terceira. Tem só uma freguezia da invocação de Santa Cruz com 841 fogos e 3.104 habitantes. O concelho tem ao todo 9 freguezias com 14.552 habitantes, a saber: Santa Cruz, 3.104; Cabo da Praia, 944; Fonte do Bastardo, 651; Fontinhas, 1.290; Lagens, 2.556; Villa Nova, 1.695; Agualva, 1.661; Quatro Ribeiras, 671; e Biscoutos, 1.980 E' situada na costa de E. em terreno plano, no alto de um extenso areal, que lhe deu o nome. No principio do seu estabelecimento chamava-se simplemente *villa da Praia*, em 12 de janeiro de 1837, pelos seus serviços prestados á causa liberal, recebeu o nome de *Praia da Victoria.* Tem pagina honrosa na historia açoriana. N'esta villa desembarcou a 27 de julho de 1582 o Prior do Crato, D. Antonio, tomando parte na villa na defeza dos seus direitos. Mas o feito que nobilita o seu brazão é o de 11 de agosto de 1829, quando repelliu o ataque das forças de D. Miguel N'este anno, a ilha Terceira estava toda considerada como praça de guerra, na phrase de um voluntario. As forças eram o regimento de caçadores 5 que havia acclamado a constituição, um batalhão *provisorio*, composto das praças emigradas que chegavam de Inglaterra, e que era reforçado por milicias e ordenanças, e um batalhão de officiaes. Ao todo uns 1.793 homens. A expedição que por ordem de D. Miguel vinha tomar a ilha compunha-se da nau *D. João VI*, a *Diana*, *Amazona*, *Perola*, *Princeza Real*, *Urania*, *Galatéa*, *Orestes*, *Princeza da Beira*, *Maia Cardoso*, *Princesa Real*, *Gloria*, *Infante D. Sebastião*, *Providencia*, *Treze de Maio*, *Triumpho da inveja*, *Divina Providencia*, *Bom Despacho*, *Santa Luzia* e dois patachos *Carmo e Almas* e *Bom Jesus*. Estes navios estavam bem guarnecidos de munições e de soldados, trazendo um grande numero de praças para desembarque. O areal da villa, era guarnecido por 6 fortes. O ataque foi sanguinolento para as tropas realistas e ás 5 horas da tarde do dia 11 de agosto de 1829 tinham os liberaes clamado victoria, aprisionando cerca de 400 homens e deixando muitos mortos, afogados e feridos, dos que entraram na acção. Alguns escriptores ao apreciarem este feito d'armas, reconhecem não só o valor incontestavel dos liberaes que defendiam a ilha, mas ajuisam que hou-

ve muito desleixo e incuria de parte das forças realistas, no ataque e má direcção porque ellas eram imponentes Esta batalha, gloriosa para a villa, onde D. Miguel perdeu a flor do seu exercito, e com elle a esperança talvez de entrar na ilha, promoveu que depois em 1837, o ministro Manuel da Silva Passos, por decreto de 12 de janeiro escreveu: «A villa da Praia da ilha Terceira será d'ora em diante denominada *Villa da Praia da Victoria*, e ficará tendo o titulo de—*Muito Notavel*. As armas da Muito Notavel Villa da Praia da Victoria serão um escudo partido em facha: na primeira, em campo vermelho, uma Torre de ouro; na segunda, em campo de prata, um navio negro assentado sobre e um mar de prata azul, e sobre tudo um escudete de prata, com a legenda em lettras azues—Onze de agosto de 1829 — sendo coroado o escudo de uma Corôa Naval, e por timbre uma Torre Negra com bandeira bi-partida de azul e prata.» A villa da Praia está situada a 25 kilometros ao nordeste da cidade de Angra do Heroismo. E' longa a historia do seu vulcanismo. O seu sólo tem sido revolvido em epocas diversas. Em 1614, a 24 de maio, um valente terramoto destruiu a antiga villa, formando o formoso areal que apresenta. Arrasada a villa, começaram os habitantes a edificar outra povoação. Em 15 de junho de 1841, novo terramoto destruiu pela segunda vez a villa. O terramoto demoliu as casas, arrasou a localidade, não victimando porém pessoa alguma. O então governador civil, José Silvestre Ribeiro, cuidou de a reedificar, pelo que lhe foi erguido ainda em vida um monumento na villa, tendo no pedestal as datas do terramoto e do estabelecimento da nova villa. Em 15 de Junho de cada anno, costuma haver a procissão commemorativa do terramoto de 1841, sahindo da egreja da Misericordia. Tem um hospital de Misericordia, com a receita ordinaria de 3.686$404 rs. e eventual de 1.707$786 rs, Asylo de Mendicidade, fundado pelo nobre terceirense conde da Praia da Victoria. A imprensa tem representação no districto. O primeiro jornal da villa parece ter sido o denominado: *O 11 de agosto de 1829*, que se publicou na quinta-feira 26 de março de 1868, sahindo até 1871. O movimento maritimo do concelho d'esta villa, segundo a estatistica é 2 botes de recreio, 36 barcos de pesca e 208 pescadores. E' posto de despacho de 2.ª classe.

Villa do Porto, villa, séde do concelho do mesmo nome, cabeça de comarca de 3.ª classe, districto administrativo de Ponta Delgada, ilha de Santa Maria. E' a unica villa e concelho da ilha. Tem uma só freguezia na séde de que é orago Nossa Senhora da Assumpção. Foi a primeira povoação que houve nos Açores. Tem a freguezia principal 2.507 habitantes e o concelho todo 6 232, distribuidos pelas seguintes freguezias: Matriz, 2 507 habitantes (Senhora da Assumpção); S. Pedro 820, Nossa Senhora da Purificação, 1.848; Santa Barbara, 1.057 Está situada sobre uma encosta, voltada ao sudoeste O seu porto é uma pequena enseada, desabriga-

da. A villa tem boas estradas, é abundante de agua, frutas e caça, especialmente coelhos e perdizes. A sua principal industriaé a ceramica, exportando louça ordinaria para as ilhas proximas. E' abundante de pesca. Como séde da ilha tem sociedades de recreio e uma philarmonica. Está ali uma delegação da alfandega e capitania do porto de Ponta Delgada e uma secção da guarda fiscal. Não tem presentemente jornal algum (Vid *Santa Maria*) E' posto de despacho de 2.ª classe.

Volta, pequeno logar pertencente aos suburbios da Horta, ilha do Fayal

FIM